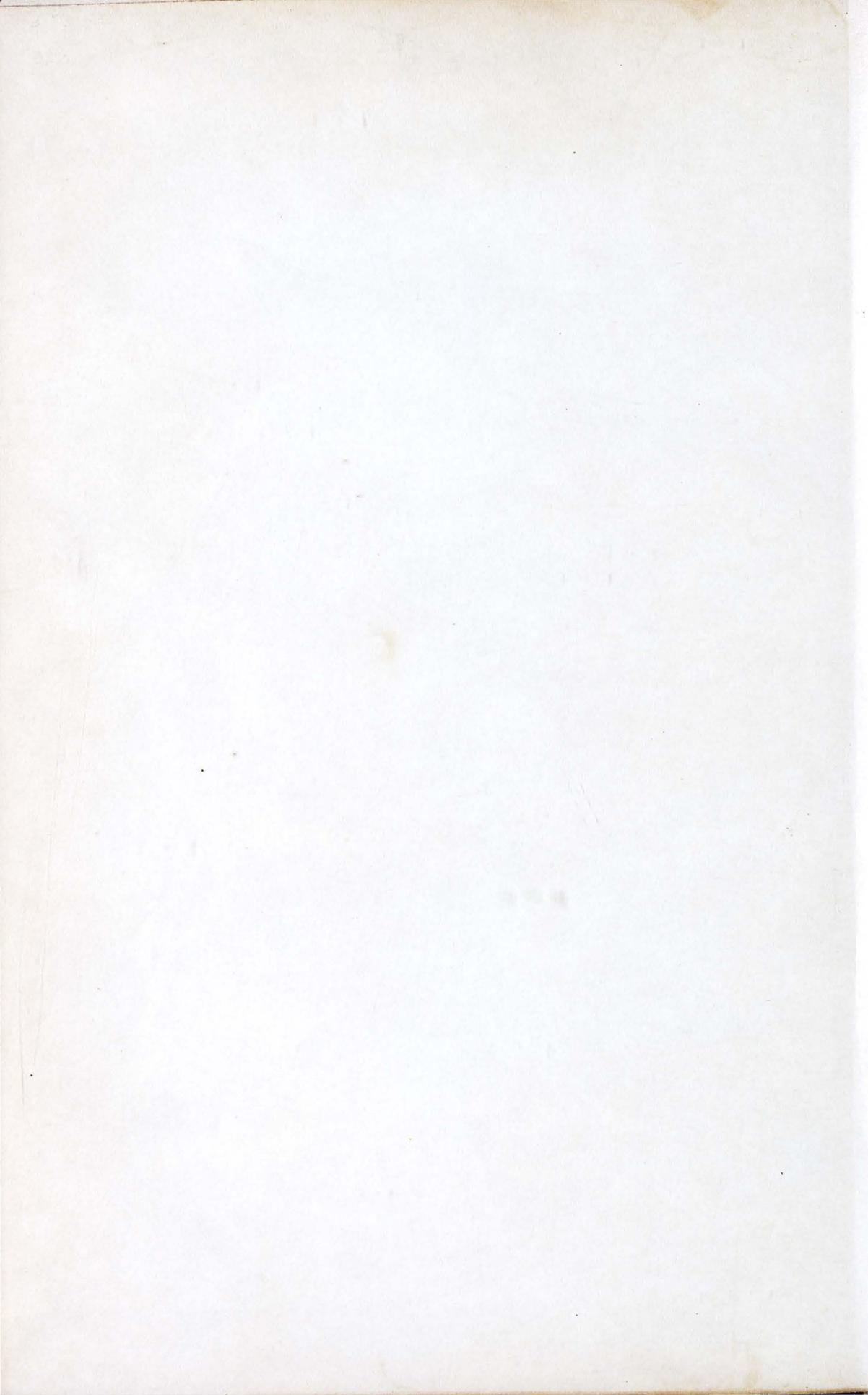


Dep. Q. Netto



HISTORIA OU ANNAES
DOS FEITOS DA
Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes
desde o seu começo até ao fim do anno de 1638

POR

JOANNES DE LAET

Director da mesma Companhia

Traducção dos Drs. José Hygino Duarte Pereira
e Pedro Souto Maior

II

(LIVROS VIII—XIII)



RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional

1925

102829 v. 2

30
março

HISTORIA OU ANNAES

DOS FEITOS DA

Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes

desde o seu começo até ao fim do anno de 1636

POR

JOANNES DE LAET

Director da mesma Companhia

Traducção dos Drs. José Hygino Duarte Pereira
e Pedro Souto Maior

II

(LIVROS VIII—XIII)



RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional

1925

HISTORIA DO ANUAL

DOS TEXTOS DA

Companhia Brasileira de Cartões Postais

Publicado em 1900, no ano de 1900

1900

CONTÉUDO

1. Introdução

2. O Anual e a Companhia Brasileira de Cartões Postais

3. O Anual e a Arte

II

(LIVROS 1-10)



1900 1900 1900

Companhia Brasileira de Cartões Postais

1900

HISTORIA OU ANNAES

DOS FEITOS DA

Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes
desde o seu começo até ao fim do anno de 1636

POR

Joannes de Laet

Director da mesma Companhia

Traducção dos Drs. José Hygino Duarte Pereira
e Pedro Souto Maior

(CONTINUAÇÃO)

SUMMARIO DO LIVRO OITAVO

Continuação da viagem do commandeur Boon-eter: toma um navio hespanhol, vindo de Porto Rico carregado de gengibre, e um outro com negros, o qual deixa seguir viagem. Navega para o cabo Tiburon, para o cabo S. Antonio, na extremidade occidental de Cuba, e depois para a costa das Tortugas. Descrição dessa costa. Por causa de discórdia e motins volta para a Republica. Os feitos no Brasil. Alguns encontros entre os dous partidos. O almirante captura uma barca com 82 caixas de assucar. Trazem ainda uma caravela com farinha e oleo. Julgam impossivel fortificar a cidade de Olinda. Fazem uma outra fortificação no outro lado do rio. O general Pater chega no principio de Abril. A expedição na ilha de Itamaracá; não podem tomar a praça. Fazem alli o forte Orange. A força volta ao Recife. Os cruzadores em frente á Bahia tomam um navio com 700 caixas de assucar e 100 de tabaco. A expedição do tenente-coronel Steyn Callensels em Afogados, derrota e fuga do inimigo. Capturam um navio com vinho. Mandam um indio aos Tapuyas para attrahil-os. Noticia da chegada da armada á Bahia; resoluções tomadas. Resolvem construir novas fortificações. E' capturado um naviosinho com 82 caixas de assucar. Os cruzadores em frente ao Porto Calvo capturam uma caravela vazia. O general Pater navega para a Bahia, avista no mar a armada hespanhola, dá-lhe combate; perece com o seu navio presa do fogo, assim como o navio *Provintien van Uytrecht*; em compensação, dous galeões hespanhoes, um delles a vice-almiranta, são postos a pique e um galeão é capturado. O navio *Amsterdam* chega só junto á armada hespanhola, para algum tempo e volta ao Recife. Varias noticias da esquadra, que dão muito que pensar á Companhia. O almirante Marten Thijsz volta com seus navios ao Recife. Os mortos na batalha naval. O estado da armada real pela relação dos prisioneiros e a lista particular dos navios hespanhoes com suas artilharias. O *Windt-hondt* dá caça na costa a uma caravela. O inimigo desembarca em Porto Calvo. Novas deliberações sobre o que se deve fazer; não se abandona ainda a cidade. Uma embaixada para os Tapuyas. Arrolamento geral; encontram mais de 7.000 homens em terra e mar. A cidade de Olinda é abandonada e destruida. Fica resolvida a expedição á Parahyba. Os preparativos. O *Windt-hondt* dá caça a uma caravela que se despedaça contra a costa. Os nossos desembarcam acima do forte do sul da Parahyba e resolvem assediar-o com approxes; são mal succedidos nos approxes e o inimigo repelle-os. Os motivos por que abandonam o cerco. Atacam as obras externas do inimigo. Reembarcam e voltam ao Recife. Novas deliberações; é resolvida a expedição para o Rio Grande. A viagem do commandeur Smient. A chalupa navega entre os baixios de S. Roque e incendia uma caravela com vinho. Desembarcam os indios; alguns delles voltam. Smient parte para o Recife e o navio segue para o Ceará. O que se passa com os indios. O navio *Nieuw-Nederlandt* parte para a Republica. Relatório de Smient. A expedição para o Rio Grande; chegam perto dalli. Examinam a situação, os motivos por que não dão ataque; desembarcam na bahia de Genipapo; fazem algumas expedições por terra

e obtêm rezes; partem para o Recife. O *Ondt Vlissinghen* captura um naviosinho perto da Bahia. A chegada de navios da Republica. Capturam um pequeno navio com peixe secco. O yacht *Pernambuc* dá caça a um pequeno navio, que vae a pique. Faz ainda uma caravela dar á costa. Viagem do *Brack* e do *Noordt-Sterre*: incendeiam uma barca junto a Hispaniola; visitam as Lucayas, cuja situação examinam: Anxana, Caicos, Maiaguana, Samana, Triangulo, Guanima, Guanahani, ilha dos Pombos, Curateo, Guatao, Cigateo; partem para a Republica. Narração da viagem de Jonáthan de Necker com o *Domburgh*, o *Otter* e o *Phoenix*. Chegam ás ilhas Caraibas; a latitude e conformação de algumas; vão á ilha de Vacca, ao continente, junto ao rio de la Hacha, ao Rio Grande do Magdalena e Zamba. Incendeiam um naviosinho vazio. O *Otter* é levado pela tempestade á Jamaica; dá caça na costa daquella ilha a uma barca; captura um navio com 400 negros; tira delle o que quer e solta-o. Captura uma barca carregada de couros. Toma igualmente uma barca, da qual tira 5.450 couros, e incendeia o restante, com a mesma. O *Domburgh* e o *Phoenix* partem para a Republica. Por varias cartas interceptadas, têm noticia da perda de uma esquadra dupla da Nova Hespanha.

LIVRO OITAVO

1681

Deixámos no anno passado o *commandeur* Jan Gijsberts Boon-eter entre Hispaniola e a ilha de Vacca; vamos agora proseguir na descripção da sua viagem.

Mandou no dia 3 de Dezembro o *Zulphem*, o *Edam* e o *Hart* cruzar na visinhança de Mona, aonde foi ter o yacht *Brack*, da Camara de Amsterdam, partido de Texel no dia 23 de Julho do anno passado, como dissemos no ultimo livro, e deixou dous yachts para vigiar na ilha de Vacca.

Aquelles quatro navios avistaram perto de Mona, no 1.º de Janeiro, um navio hespanhol vindo de Porto Rico; perseguiram-no, sendo capturado e trazido para a esquadra pelo *Edam*. Os yachts, que estavam de vigia perto da ilha de Vacca, capturaram no dia 4 um navio, vindo de Angola com 450 negros; o *commandeur* retirou delle apenas 16 colubrinas e, não sabendo o que fazer dos negros, deixou o referido navio partir com elles. No dia 18 o *commandeur* soube pelo yacht *'t Hart* que o *Edam* capturara um navio e, como não houvesse ainda voltado á esquadra, mandou no dia 20 o yacht *Pegasus* ao cabo Tiburon para procural-o. O *Pegasus*, regressando no dia 24, disse ter encontrado a ambos no cabo Tiburon, pelo que o *commandeur* navegou para lá com toda a esquadra, ancorando no dia 1.º de Fevereiro. Foi dada ordem para descarregar o navio capturado e as fazendas foram distribuidas pela esquadra. Acharam no navio 26.511.464 libras de gengibre, 1.672 couros, 45 caixas de assucar e 8 colubrinas, e, despojado o navio de tudo que tinha algum valor, deixaram-n'o ir dar á costa e afundar-se.

No dia 15 levantaram ferro, diligenciando navegar outra vez para léste, e, por meio de grande bordejo, fundearam novamente na ilha de Vacca. Depois de se abastecerem de agua, limões e porcos, partiram no dia 22 com rumo de oeste. No dia 8 de Março, junto ao cabo de Corrientes, avistaram uma vela estrangeira, que o *Pegasus* e o *Haen* perseguiram em vão, pois desapareceu por

entre os Orgãos. A esquadra tomou depois o rumo, no dia 2 desse mez, da costa das Tortugas. Não obstante já termos falado dessas ilhotas, ás quaes ainda nos referiremos adeante, vamos dar a seguinte descripção, que nos foi fornecida por Galeyn van Stapels, um dos mias abalisados capitães de navio.

As ilhas chamadas Tortugas estão situadas a 24° e $40'$ até $45'$; são ellas em numero de 6 ou 7 e mais parecem bancos de areia do que ilhas, pois, como aquelles, estão sempre seccas e sem nenhum arvoredo, até onde se pôde alcançar com a vista, ainda que os hespanhões affirmem que uma dellas tem arvores. Quando se calcular que essas duas ilhas estejam a duas leguas a nor-noroeste, podem avistar-se do tope do mastro e achar-se-ão então 19 ou 20 braças de agua em fundo fino calcareo; mas a noroeste e oeste-noroeste se prolonga dali um recife pedregoso, e, estando sobre este a 5 braças de agua, necessariamente se poderão ver a nordeste as Martyres. O recife é muito desigual, algumas vezes encontram-se acima do mesmo 15 braças e depois apenas 4, tem a consistencia de rocha e pôde avistar-se o fundo a 12 e 13 braças debaixo da agua. As Tortugas distam das Martyres 9 ou 10 leguas; na maior parte nordeste e sudoeste; ha entre ellas muitos rochedos; mas os hespanhões dizem que existe um canal. Pode-se acostal-as pelo lado de oeste até o sul, sendo o sudeste e leste-sudeste perigoso por causa dos abrolhos; o fundo é muito accidentado do lado do sul; por exemplo: não se encontra fundo a 60 braças e depois fica razo até 6 e 5 braças.

As correntes têm alli um curso variavel, de sorte que não se pôde fazer um calculo seguro.

Vamos agora relatar as occurrencias da viagem dessa esquadra. No dia 10 de Março estavam a $23 \frac{1}{2}^{\circ}$ de latitude. No dia 21 achavam-se a 27° , $16'$ e a sonda indicou 100 braças de fundo e 36 durante o dia; no dia seguinte encontraram 23 braças e ao meio dia estavam a 27° , $45'$ de latitude; depois acharam 19 braças e ancoraram á noite em 12, mas sem ver terra; nos dias seguintes navegaram para o sul, encontrando varias profundidades, 16, 17 e 18, e depois novamente 30, 50, 72 e 90 e depois 40; em seguida não encontraram fundo, no dia 2 de Abril, a 24° , $24'$; e no dia seguinte encontraram 37 braças. Passaram nesse ponto até o dia 12 e então tomaram o rumo do sul; no dia 14 pela manhã avistaram a Corôa situada na ilha de Cuba; no dia 17 estavam bem em frente a Havana e se mantiveram por alli por alguns dias, cruzando.

Avistaram algumas velas estrangeiras, mas não puderam perseguil-as, e no dia 10 de Maio foram para a bahia de Matança, onde ancoraram no dia seguinte a $4 \frac{1}{2}$ braças. Depois de abastecerem os navios de agua, dirigiram-se para terra, no dia 18, com a quarta parte da marinhagem e um terço das tropas, soltaram alli os prisioneiros e internaram-se por umas duas leguas; mas, não encontrando laranjeiras, voltaram para bordo. Essa bahia está situada, pelo calculo da esquadra, a 15 ou 16 leguas a léste de Havana.

Fizeram-se á vela no dia 20 e passaram no dia seguinte em frente a Havana cerca de uma legua da costa, e puderam ver que estavam surtos no porto apenas dous navios e 11 ou 12 barcas. Mantiveram-se por alguns dias cruzando naquelle porto de cá para lá, sem avistarem navio algum hespanhol. Havia na esquadra navios que estavam desde o principio com o *commandeur* e cujas

provisões, especialmente o vinho, começavam a faltar, e o *commandeur*, para não se separar delles antes do tempo, ia tomando as provisões, uma vez ou outra, dos navios que tinham vindo mais recentemente da Republica, para emprestal-as aos outros. Dahi surgiu entre a tripulação uma certa má vontade, e finalmente os do proprio navio do *commandeur* não quizeram mais cedel-as, ainda que tivessem ordem; de sorte que, aborrecido, elle abandonou o seu navio e passou-se para o do *vice-commandeur*.

Receiando que rebentasse finalmente uma insurreição geral em toda a esquadra, resolveu, de accordo com o Conselho de guerra, regressar á patria, justamente na época em que se devia esperar maior numero de navios hespanhões de todos os lados. Navegaram pelo canal de Brahma e seguiram directamente para a Republica, onde chegaram no mez de Agosto, trazendo para a Companhia pouca cousa com que compensar tão grandes despesas feitas com a esquadra.

Voltemos agora ao Brasil e prosigamos a narração do que lá se passou no corrente anno. No principio do mez de Janeiro chegaram com feliz viagem os navios *Voghel Struys*, de Groningen, e *Walcheren*, da Zelandia, com viveres, munições e juntamente uma companhia de soldados com 110 homens. O inimigo, que estava constantemente vigiando os nossos, preparou uma emboscada no dia 3 e, quando os mosqueteiros sahiram do Recife, atacou-os, sendo, contudo, repellido para o outro lado do rio. Os nossos tiveram apenas 3 mortos; o inimigo deixou 6 na praia, além dos que levou consigo e dos que se afogaram. Quatro dias depois repetiu-se o ataque, mas com a perda dos nossos, pois o inimigo se poz em emboscada e, quando o comboio sahiu para buscar alguns refrescos, foi atacado tão de improviso, que os nossos, tomados de surpresa, abandonaram as armas e deixaram atrás poucos mortos, refugiando-se na cidade.

O almirante Marten Thijsz, que sahira para cruzar na costa no dia 25 do anno passado, voltou no dia 11 deste mez, trazendo uma barca carregada de 82 caixas de assucar, e que fôra capturada por uma chalupa num riosinho.

No dia 14 chegou o navio *Amersfoort* de Amsterdam, conduzindo 54 soldados e os necessarios recursos. Tres dias depois chegou mais uma caravela, carregada de farinha e oleo, e que fôra tomada ao inimigo pelos cruzadores.

No mesmo mez chegaram o navio '*t Landt van Beloften*, o *Zeeuwische Jagher* e o pequeno *Galeon*, trazendo 200 soldados. Nesse interim, como viessem ordens da Metropole determinando ao Governador e ao Conselho que conservassem a cidade e não a abandonassem, custasse o que custasse, elles resolveram mandâr examinar com maior escrupulo, por todos os engenheiros, constructores e officiaes entendidos em fortificações, a situação da mesma. Sahindo da cidade, mediram muito rigorosamente toda a circumferencia, observaram todas as circumstancias e juntamente a planta do que se devia fortificar, tomando notas sobre as condições do terreno e dos logares vantajosos ou não; e, finalmente, considerando o numero de tropas, o tempo, as despezas e outras exigencias necessarias para uma tal fortificação, opinaram por unanimidade que sahiria ella excessivamente cara á Companhia e que seria de difficil conservação.

O resultado dos trabalhos dessa commissão foi communicado pelo governo

do Recife á Assembléa dos XIX. Ao mesmo tempo começaram uma nova obra do outro lado do rio, onde haviam tido alguns dias antes escaramuças com o inimigo, com perdas para ambos os lados, apressando-se o inimigo a impedir aos trabalhadores o serviço e a destruir a obra começada. O mez de Março passou-se com a continuação de taes acontecimentos. No dia 14 de Abril chegou o general Pater, que partira do Texel no dia 9 de Janeiro com os navios *Prins Wilhelm*, *Provintie van Uytrecht*, *Windt-hondt*, *Ouwwerkerck* e *Rave*. Como viesse nelles uma grande parte das nove companhias mandadas em reforço ás tropas anteriores, e a Assembléa dos XIX recommendasse a ilha de Itamaracá, afim de ir extendendo pouco a pouco os seus limites mais para o norte, o Governador e o Conselho resolveram finalmente tentar aquella empresa. Foram mandados os seguintes navios para conduzir as forças: *'t Wapen van Hoorn*, *'t Wapen van Medenblich*, *'t Wapen van Delf*, *Swol*, *Vogel Struys*, *Vriessche Jagher*, *Pernambuc*, *Hasewindt*, *Haringh*, *Fortuyn*, *Matanza*, *Ter-Veere*, *Kale* e *Swarte Rave*, e juntamente tres grandes chalupas com convés e mais outros sete botes grandes dos navios. Embarcaram nelles as companhias do tenente-coronel Steyn Callenfels, do major Schutten e dos capitães Mellighen, Ellert, Schuppe, Meppelen, Baecx, Coeck, Pierre le Grand, Artichau, Cormillion e Bayaerdt, sommando ao todo 1.260 homens, com todas as munições de bocca e de guerra. Confiaram a direcção dessa expedição ao tenente-coronel Hartmann Godefrid van Steyn-Callenfels. Estando tudo preparado para a expedição, o tenente-coronel embarcou, juntamente com o almirante, no *Windt-hondt*, depois de se despedir do Governador e do Conselho Politico. A bordo determinou quaes as tropas que deviam embarcar em cada navio e quaes os botes que as deviam levar para terra; e deu ordens e instrucções a cada capitão sobre o modo por que se deviam conduzir em terra, marchar, etc., a saber: Os capitães Pierre le Grand e Meppelen deviam ir na vanguarda com duas companhias de fuzileiros. O tenente-coronel e os capitães Schuppe, Cormillion e Ellert formavam a segunda divisão, sendo o capitão Schuppe o seu commandante e da ala direita com o seu tenente; o tenente do coronel commandava os piquetes, e o capitão Ellert a ala esquerda com o tenente de Cormillion; o capitão Cormillion e o tenente do capitão Ellert deviam marchar á retaguarda dessa divisão. A terceira divisão compunha-se das companhias dos capitães Artichau, Beyardt e Mellighen e estava a cargo de Artichau, que tambem commandava a ala direita com o tenente de Beyart, commandando o tenente de Car os piquetes; o capitão Mellighen e o tenente Palmer marchavam á retaguarda dessa divisão. A quarta compunha-se das companhias do major Scutte e dos capitães Baecx e Couck; o tenente du Busson dirigia a ala direita, e o capitão Couck com o tenente de Baecx a ala esquerda; o capitão Baecx ia á retaguarda dessa divisão. Fizeram-se á vela no dia 22 de Abril com bom tempo e um vento les-sudeste; navegaram assim até cerca de meia noite e, calculando que estavam ao lado da praça, fundearam todos, estando a maior parte deante do canal do sul de Itamaracá. No dia seguinte, ao alvorecer, o tenente-coronel passou-se com cinco companhias para as chalupas e botes e desembarcou sem novidade, pelas 8 horas da manhã, por um pequeno canal; uma parte das companhias foi transportada para o outro lado em botes e chalupas, e o resto atravessou com agua

quasi pela cintura. Achando-se no outro lado, marcharam quasi uma pequena legua por um caminho muito difficil e estreito e quasi todo cheio de arbustos e pantanos, encontrando tudo differente do que lhes fôra informado, e, chegando perto da cidade e do forte, o qual estava situado numa altura muito ingreme, encontraram um mangue alagado, pelo qual não era possível passar.

O tenente-coronel, tendo examinado tudo isso, ficou muito perplexo. O inimigo, nesse interim, atirava furiosamente da fortaleza com mosquetes e canhões carregados de metralha, ferindo gravemente a alguns dos nossos.

Vendo que por esse lado da fortaleza nada podia tentar com vantagem, resolveu, de accordo com todos os capitães, voltar ao rio ou canal e acampar lá á noite e no dia seguinte tentar atacar o inimigo por outro caminho. O almirante, depois da gente ter desembarcado, mandou os yachts *Ter-Veere*, *Kate*, *Rave* e a chalupa até acima da cidadezinha, e collocou dous botes de guarda para impedir que o inimigo atravessasse de um lado para o outro e que com a vasante descessem brulotes postos na corrente contra os grandes navios surtos em frente ao canal a 4 braças de agua.

No dia 24, ao alvorecer, foram mandados pelo tenente-coronel o capitão Pierre le Grand com a sua companhia de fuzileiros e o capitão Artichau com alguma gente mais, em parte para procurarem outro caminho para a cidade, mas o seu fim principal era tomar de improviso alguns prisioneiros, dos quaes se obtivessem maiores informações. Voltaram ao acampamento ao meio dia e trouxeram presos tres portuguezes e cinco negros, tanto homens como mulheres, os quaes, sendo interrogados, declararam que Albuquerque mandara um reforço de 700 ou 800 homens para a fortaleza, que esta estava cercada de pantanos e mangues, e que antes existiam 300 soldados portuguezes e 16 canhões de ferro; que Albuquerque tambem mandara muitos indios; e que havia 14 dias tinham partido dalli um navio e duas caravelas. Os capitães disseram ter visto outros caminhos, mas inconvenientes para se tentar por elles qualquer cousa contra a fortaleza. Por este motivo foi despachado um bote para communicar essas circumstancias ao Governador do Recife.

O coronel e o almirante com duas chalupas a remo foram passar pela fortaleza do inimigo (a qual disparou contra elles quatro tiros, que não lhes causaram damno) para verem se daquelle lado existia alguma passagem melhor para o forte; notaram que o monte estava bem entrincheirado na base e não offerecia possibilidade alguma de ser escalado.

Depois de meio dia veio de bordo dos navios uma turma de marinheiros para cavar um fosso ao redor do acampamento. Enquanto estavam occupados nesse trabalho mandaram os botes subir pelo canal entre a ilha e o continente para explorarem toda a situação por alli, e reconheceram que o inimigo estava muito forte em Iguassú.

✶ O conselheiro politico Johan van Walbeeck veio do Recife ter com elles.

No dia 26 o capitão Artichau subiu com um engenheiro pelo canal e passou pela fortaleza, encontrando um ponto melhor para atacar o inimigo; mas o coronel não achou conveniente fazer cousa alguma antes de se haver communicado com o Governador e com o Conselho e resolveu despachar uma outra chalupa para o Recife.

O almirante e commandante do *Swdl* foram em dous botes bem guarne-cidos de mosqueteiros navegar ao redor da ilha, para sondarem toda a costa e observarem a situação. Para encurtar, como não vissem na sua opinião meio algum de atacar a fortaleza do inimigo, depois de reflectirem e consultarem o Governador e os Conselheiros do Recife (alguns dos quaes foram lá ter), resolveram collocar um forte em frente á entrada do porto, na ilhota onde a força desembarcara primeiro. Em consequencia dessa resolução, no dia 5 de Maio, pelo engenheiro van Buren, foi demarcado o terreno para um forte com 4 baluartes, tendo no contorno, tomado nos pontos mais extremos daquelles, 132 braças.

No dia seguinte os capitães Artichau e Beyer, com suas companhias, foram para a ilhota defender os trabalhadores. Enquanto estavam occupados na construcção do forte, o coronel partiu com a companhia do capitão Meppel e mais alguma força para a extremidade norte da ilha de Itamaracá; encontrou umas casas vazias, não viu gente alguma e matou oito ou nove rezes. Os yachts que estavam mais para o interior do canal voltaram a fundear junto aos outros navios, sem haverem soffrido damno algum dos tiros de canhão do inimigo. Acharam depois conveniente collocar em frente ao forte um hornaveque, cujo plano foi traçado em meados de Junho. Estando quasi tudo acabado no fim do mesmo mez, ficou alli de guarnição o capitão Artichau com Mellingen e Beyer, e o tenente-coronel partiu no dia 1 de Julho com o resto da gente para o Recife. Antes de deixarmos esse forte, vamos referir um facto admiravel: Um pouco ao norte do acampamento havia uma pequena ilhota, distando menos de um tiro de pistola, e que com maré cheia ficava inundada, e estava coberta de pequenos arvoredos e arbustos; nesse matto vinha aninhar-se todas as noites, ás seis horas, uma quantidade extraordinaria de passaros de tamanho regular e pequenos, que, ao chegarem, quasi faziam escurecer o céu como uma nuvem, e no dia seguinte pela manhã, ás 6 horas, retiravam-se. Mas o que causou estranheza foi que, apesar da presença tão proxima da nossa tropa e de todos os tiros e gritos, essas aves nunca deixaram de chegar á hora habitual, até todo o matto ficar arrazado pela nossa gente e a fortificação ser occupada. Todos os navios maiores foram mandados em Abril cruzar no sul, em frente e na visinhança da Bahia de Todos os Santos; o *Windt-hondt*, mandado no ultimo de Maio, juntou-se no dia 5 de Junho, a 12° de latitude a cerca de 15 leguas de terra, ao *Prins Wilhelm*, ao *Provintie van Uytrecht* e ao *Matanza*, e depois, no dia 11, junto á ilha da Vespera de Paschoa (a 13°, 51' de lat.), ao *Mauritius* e ao *Goerce*. No dia 16 o mesmo yacht foi ao Morro de S. Paulo, onde encontrou os navios *Goerce* e *Mercurius*, os quaes tinham comsigo um navio capturado por elles, carregado com 700 caixas de assucar e cerca de 100 caixas de tabaco. Todos esses navios, depois de cruzarem durante o tempo determinado, chegaram ao Recife no principio de Julho. Por esse tempo aportou á Bahia, sob o commando de D. Antonio Oquendo, a esquadra hespanhola, da qual depois falaremos mais amplamente.

No dia 10 de Julho o tenente-coronel fez uma expedição contra o inimigo, partiu do forte Ernestus, situado em Antonio Vaz, com quatro companhias de fuzileiros e de cada companhia alli existente levou 40 mosqueteiros, com seus

commandantes e um grande numero de marinheiros, bem providos de pás e picaretas; do forte Frederick Henderick tomou o caminho para o sul guiado por um indio prisioneiro, e, passando tres pequenos rios, chegou finalmente a Afogados. Encontraram alli um entrincheiramento junto ao rio, com a frente muito alta e solida, provida em cima e em baixo de fortes paliçadas, mas aberto por detrás. Cahiram tão de improviso sobre o inimigo, que este, ao avistar os nossos, após pequena resistencia, abandonou a praça e fugiu, deixando 40 mortos, que foram contados pelos nossos, e levando muitos feridos, tendo quebrado e atirado fóra todas as armas, tanto mosquetes como piques, bem como incendiado algumas casas. O inimigo, nesse interim, sendo avisado da nossa presença e tendo dado alarme aos da planicie, voltou com grande força não só do Real, como de outros pontões, para nos repellir; pelo que o coronel se poz em retirada a tempo e em boa ordem, levando 10 prisioneiros. Os portuguezes voltaram immediatamente para a sua fortificação e fizeram uma valente carga, quando os nossos passaram o rio, mas sem damno sensivel. No mesmo dia o yacht *Ouwerkerck* chegou ao porto do Recife, trazendo um navio carregado com vinho, capturado a 6° ao norte da linha.

Entre os prisioneiros trazidos de Afogados, estava um Pedro Alves, oleiro de profissão, nascido na ilha da Madeira, mas residindo no paiz havia uns 30 annos. Por seu intermedio souberam o seguinte: a fortificação, em que os nossos tinham estado havia pouco, chamava-se Afogados, nome do rio que lhe passa junto e geralmente occupada por 150 homens; cerca de um quarto de hora mais longe, havia um outro lugar chamado Pirange, onde a maior parte do tempo se achavam 90 a 100 homens. Também disse que Pedro da Cunha de Andrade, depois de Albuquerque, era quem maior autoridade tinha sobre as tropas; que podiam levantar um exercito de 4.000 homens, na maior parte brancos; usavam poucos mosquetes, a maioria tinha fuzis, não lhes faltando munições ou materiaes, pois recentemente haviam chegado seis caravelas com recursos. Os nossos tinham desde o principio prestado attenção a uma nação de indios, chamados Tapuias, e julgaram conveniente utilizar-se do auxilio della contra os portuguezes, de quem esses selvagens guardavam odio, sendo por elles muito temidos. Tendo-lhes isso chegado ao conhecimento pela leitura de varias cartas dos portuguezes, da metropole lembraram essa conveniencia ao Conselho Politico, o qual, tomando o facto em consideração, mandou no dia 23 um indio attrahir a referida nação, que habitava na vizinhança do Rio Grande, offerecer-lhe a nossa amizade e pedir o seu auxilio. Além do hornaveque do forte de Frederick Henderick foi planejado um mais leve e começaram a fazel-o, assim como mandaram arrazar um monticulo situado a sudoeste do mesmo forte. O general Pater, tendo sabido pelo yacht *Rotterdam* que duas caravelas com destino a Goa estavam perto da costa do Brasil, partiu com os navios *Zutphen*, *Amsterdam*, *Hollandia*, *Oliphant*, *Griffoen*, *Dordrecht* ou *Sphoera Mundi* e o yacht *Rotterdam*, para procural-as; e, depois de buscal-as por toda parte sem as avistar e tendo descahido até perto da ilha de Fernando de Noronha sem ter noticias dellas, voltou no dia 3 de Agosto para o Recife. A villa do Recife achava-se até agora aberta do lado do rio, não obstante se poder passar o mesmo na vasante com agua pelo Joelho. Para fortificar melhor esse lugar e não precisar de tanta

gente, resolveram arrazar a parte onde estavam os armazens incendiados e cercar e cobrir o resto da casa de pólvora com um bom parapeito com duas banquetas, tapando todas as ruas que davam para o rio com o mesmo. O yacht *Katte*, mandado anteriormente á Bahia para saber quaes os navios chegados ultimamente alli, voltou no dia 19 ao Recife. Declarou ter visto na Bahia 30 navios, entre os quaes, segundo a affirmação de dous negros, que haviam apri-sionado, contavam-se quatro galeões e mais 18 navios bem guarnecidos, além de algumas barcas e caravelas, tendo vindo nelles muitos soldados; ainda era esperada uma esquadra da Hespanha. Houve por esse tempo uma seria disputa no Conselho, para saber o que convinha fazer, porquanto haviam resolvido antes emprehender uma tentativa contra a Parahyba, e ao mesmo tempo deviam prevenir-se contra essa armada.

Sendo consultados, os capitães de navio foram de parecer que, como estavam ainda na estação das chuvas, não era época conveniente para a projectada expedição contra a Parahyba; e que, tomando-se em consideração as noticias da Bahia, urgia dirigir toda a força naval para lá. O Governador e o Conselho approvaram essa opinião, e ficou resolvido que a esquadra com toda sua força se dirigisse para a Bahia, para ver o que podia realizar em prejuizo do inimigo, e, se não achasse prudente atacar os navios dentro da bahia, devia-o communicar ao Conselho, assim como referir toda a situação, por intermedio de um yacht, e aguardar ordens; se julgasse que não podia agora tentar cousa alguma, nesse caso (deixando a costa bem guardada) voltasse. No dia 21 mandaram fazer mais um reducto, além do hornaveque de Frederick Henderick, com quatro meios bastiões, assim como um entrincheiramento ao longo do terreno em Antonio Vaz, do lado do rio, começando na bateria e terminando no forte Ernestus, e encerrar com o mesmo desde a linha do grande hornaveque até o canal do forte Ernestus.

A chalupa do navio *Hollandischen Thuy*n capturou no rio de Catawamba uma barquinha carregada com 82 caixas de assucar, e trouxe-a no dia 28 ao Recife. Os cruzadores em frente a Porto Calvo e Santo Aleixo tinham por esse tempo dado caça junto á costa a uma caravela que conduzia tropas, mas, havendo estas desembarcado, apenas capturaram a caravela vazia.

O general Pater e o almirante Marten Thijsz fizeram-se á vela do Recife, no ultimo de Agosto, com os seguintes navios: *Prins Wilhelm*, no qual ia o general, *Seventien Provintien*, no qual ia o almirante; *Hollandia*, *O'iphant*, *Amersfoort*, *Arca de Noé*, *Provintie van Uytrecht*, *Nieuw-Nederlandt*, *Goeree*, *Walckeren*, *Fortuyn*, *Griffoen*, *Mercurius*, o yacht *Medenblick*, *Maeght van Dordrecht* e *Rotterdam*. Nesses navios havia, além das suas tripulações ordinarias, nove companhias de soldados, sob o commando em chefe do major *Engelbrecht Schutte*. Quando se fizeram ao mar soprava o vento sul. No dia 5 de Setembro, tendo chegado a 12°,45' de latitude ao sul da linha, foram mandados o navio *Arca de Noé* e o yacht *Rotterdam* á Bahia, para espiar o que havia por lá e avisar aos outros navios que estavam cruzando, da ida do general.

No dia 9, a 14° de latitude, chegou o yacht *Vriessche Jagher* e deu noticia ao general de que toda a esquadra partira da Bahia e que a vira no dia 4 de Setembro nessa latitude. O general resolveu, em vista disso, seguir para o sul,

com a esperança de ainda encontral-a. No dia 10 juntou-se-lhe 't *Wapen van Hoorn* na latitude de 14°, 56'.

No dia 11, uma hora antes do pôr do sol, avistaram a esquadra hespanhola a susuêste e sul quarta parte de suêste, e o general deu ordem para que os navios deixassem tremular as suas bandeiras e mandou além disso o yacht *Nieuw-Nederlandt*, que se achava perto, dar ordem a todos ^{os} navios para que se apromptassem para a batalha e se conservassem juntos. Navegaram toda a noite com claro luar para sudeste quarta de sul e no dia seguinte pela manhã tinham a esquadra hespanhola a oêste-sudêste e forte, segundo puderam contar, de 53 velas. O general estando agora na distancia de um quarto de hora do inimigo, convocou todos os capitães de navio a bordo e ordenou que abordassem de dous a cada galeão hespanhol (elle tinha apenas comsigo 16 vasos entre navios e yachts e erroneamente suppunha que na esquadra só havia 8 galeões); em seguida exhortou a cada um, com ardor, a cumprir valorosamente o seu dever, pois dahi dependia a prosperidade da Companhia e a honra da nossa marinha. Todos fizeram bellas promessas, mas poucos as cumpriram. O navio *Walcheren* devia auxiliar o *Provintie van Uytrecht* e o almirante, e assim por deante. Logo que as esquadras se approximaram uma da outra, de maneira que se pudesse distinguir claramente o porte dos navios e contar bem os seus canhões, alguns capitães ficaram desanimados e não ousaram atirar-se á luta. Mas o general Pater, cuja coragem não desfalleceu, apesar de reconhecer bem que a partida era completamente desigual, avançou valentemente e abordou pelas 10 horas da manhã o navio do general D. Antonio de Oquendo, sendo vigorosamente secundado por Jan Mast, capitão do *Walcheren*. Travou-se uma renhidiissima peleja e outros galeões vieram em auxilio da sua capitanea. Nosso Senhor, porém, quiz punir os nossos, pois no meio do combate ateou-se fogo na pôpa do navio do general Pater e, posto que se empregasse toda diligencia para apagar o incendio, elle tomou tal incremento, que a guarnição teve de refugiar-se na parte dianteira do navio, e nenhum outro meio de salvação havia senão ser recolhida pelos outros navios.

Nisto elles se houveram muito mal: não se approximaram, e o general, tendo estado por muito tempo suspenso de um cabo deante da proa de seu navio, desfalleceu de cansaço e afogou-se. Do seu navio salvaram-se poucos, e esses mesmos foram recolhidos pelos hespanhóis. Nesse interim o nosso almirante, auxiliado pelo *Provintie van Uytrecht*, atacara o vice-almirante hespanhol. Após meia hora de combate, o *Provintie van Uytrecht* perdeu o mastro grande; proseguindo a peleja ainda por duas horas, o fogo ateou-se nesse mesmo navio. Debalde se esforçaram por abafal-o. A gente, de desespero, saltou na vice-almiranta hespanhola, donde foi repellida, e alguns tiveram de lançar-se ás ondas. O navio queimou-se, mas de sua guarnição salvou-se um maior numero de pessoas do que da guarnição do *Prins Wilhelm*.

O almirante Marten Thijsz teve melhor fortuna: mettetu a pique a almiranta hespanhola *S. Antonio de Padua*, onde estava D. Francisco de Balezilla, e tomou o galeão *S. Buenaventura*.

O galeão *S. Juan Baptista* foi tambem mettido a pique. Em quasi todos os navios houve mortos e feridos. Foi, pois, um combate renhido, e os vencedores

não puderam rejubilar-se muito pela victoria, tendo soffrido quasi tão grandes perdas quanto os nossos.

A noite fez cessar o combate.

Os nossos tomaram o rumo do norte, de sorte que no dia seguinte não viram mais a armada hespanhola, e, como a maior parte dos navios não estivesse em boas condições, resolveram voltar ao Recife.

No dia 15 de Setembro avistaram a esquadra hespanhola cerca de 4 leguas ao sul; navegaram para nornordêste até o dia 17 ao meio dia; estavam então a 13°, 45' de latitude.

A' tarde avistaram novamente o inimigo a lêste-sueste e diligenciaram por alcançar Pernambuco, deixando 't *Wapen van Hoorn*, um dos navios mais veleiros, junto ao galeão capturado.

No dia 20, ao meio dia, avistaram a ilha de Santo Aleixo e tomaram o rumo de lêste quarta de nordeste. No outro dia achavam-se ao longo da ilha de Itamaracá e avistaram a esquadra hespanhola cerca de cinco leguas, e no dia 22 fundearam no porto do Recife. Tendo o navio *Amsterdam*, procedente da Republica, chegado ao Recife no dia 4, e sendo informado de que o general Pater partira com a esquadra para a Bahia, seguiu immediatamente para lá, e, chegando em frente áquelle porto no dia 17, soube que toda a esquadra hespanhola sahira e que era procurada pelo general, pelo que voltou.

No dia 21, estando, segundo o calculo dos pilotos, na altura do cabo de Santo Agostinho, tomou o rumo de oeste, e pelas 9 horas da manhã avistou uma esquadra de 24 velas; e, como suppoz que fosse a nossa, dirigiu-se para ella; mas, ao avisinhar-se, viu que eram navios hespanhóes; mudou de rumo, procurando escapar; a almiranta hespanhola, quando passava ao seu lado, deu-lhe tres ou quatro tiros, que foram por elle correspondidos; estando a pequena distancia, afastou-se do *Amsterdam*, mas não sem trocarem alguns disparos até o meio dia. Chegaram. Approximaram-se então cinco ou seis galeões grandes, que vinham atrás da esquadra, mas logo viraram de bordo; o capitão do *Amsterdam* voltou-se para elles, conservando-se na sua visinhança durante todo o dia, com bom tempo. A' tarde collocou-se o vice-almirante hespanhol com os seus galeões ao redor dos navios mais atrasados, e o *Amsterdam*, não havendo possibilidade de fazer cousa alguma contra a esquadra, por ser tão desproporcional a luta, depois de disparar a bateria de um bordo contra a vice-almiranta hespanhola (que diminuia as velas para ficar protegendo os seus navios), afastou-se delles e navegou para o Recife, afim de referir ao Conselho esses successos. Não era prudente conservar-se alli por mais tempo, pois, além de que a vice-almiranta hespanhola fazia um fogo violento, tambem os outros galeões atiravam com ardor contra os seus mastros e mastaréus, e um tiro desastrado podia causar a sua ruína. O *Amsterdam* chegou ao Recife no dia 24. Os Conselheiros no Recife souberam pelos yachts *Pernambuc* e *Ter-Vcere* que no dia 17 ultimo a esquadra hespanhola partira da Bahia, e, como receassem que facilmente os poderia vir atacar, foi posto em deliberação se não seria prudente abandonar Olinda temporariamente; mas o Governador ponderou que havia bastante tempo para se saber onde e com que forças o inimigo desembarcara.

Elbert Smient, *commandeur* das chalupas, que fôra mandado ao cabo Santo Agostinho para ver o que o inimigo fazia alli, voltou no dia 19 ao Recife e relatou ter visto cinco pequenos navios surtos no porto; que o fortim que o inimigo possuia alli não era de grande importancia e que mais nada soubera sobre a esquadra hespanhola. Mas no dia 21 chegaram os navios *Oliphant* e *Groeninghen*, trazendo noticias da batalha entre a nossa esquadra e a hespanhoia, dos desastres dos navios e da perda do general e de outros. O Conselho, havendo-se reunido e não sabendo o que devia fazer com os navios que ainda estavam no porto, convocou todos os capitães de navio á sua sessão e perguntou-lhes se não seria melhor para o serviço da Companhia irem com esses navios ao encontro do almirante Marten Thijsz, afim de que com esse novo reforço pûdesse elle atacar novamente a esquadra hespanhola. Ao que o chefe da equipagem e os capitães de navio responderam unanimemente: — que, soprando o vento agora de sùsueste e sul quarta de sueste e a corrente dirigindo-se fortemente para o norte, havia poucos meios de ganhar o sul; e julgavam mais seguro e mais prudente que os navios ficassem no porto e desembarcassem todos os doentes e feridos, recebendo novas guarnições e apromptando tudo para com a primeira mudança de vento aproarem para o sul e reunirem-se ao almirante e em tempo opportuno atacarem a esquadra hespanhola. Os membros do Conselho Político, achando bem fundado este parecer, resolveram unanimemente executar-o:

Como nessa occasião não havia uma autoridade superior no porto, resolveram investir no commando sobre os navios ao chefe da equipagem, Galeyn van Stâpels, encarregando-o de, antes de tudo, dirigir-se a bordo do navio mais conveniente, fazer tremular a bandeira no mastarêu de velacho e em seguida visitar todos os navios e ver qual a guarnição de que precisavam. A tarde chegou o navio *Medenblick*, o qual fôra mandado adeante pelo almirante para cruzar entre a ilha de Santo Aleixo e o cabo de Santo Agostinho e espiar se a esquadra hespanhola fôra alli desembarcar alguma gente. Referiu que vira nêsse mesmô dia, ao longo daquelle cabo, 22 navios grandes, além de alguns menôres, todos os quaes tomaram o rumo oêste-sudoêste. Isso produziu novo alarma no Conselho, que convocou immediatamente todos os capitães de navio que estavam em terrâ e lhes pediu novamente o seu parecer. Elles declararam unanimemente que não podiam achar prudente com os nove navios (tantos eram os surtos no porto) irem procurar e expor-se ao inimigo; deviam esperar que a nossa esquadra estivesse toda reunida, tanto mais quanto já se podia avistal-a do porto, apesar de estar ainda muito distante. Mas, no caso de o almirante não chegar no dia seguinte com os seus navios, então, desembarcados os doentes e sendo os navios providos de guarnições novas, opinavam que fossem ao encontro do almirante. Durante todo esse tempo os conselheiros eram de opinião que a esquadra hespanhola daria desembarque, deixando alguma força ao sul do cabo de Santo Agostinho, e que ainda era tempo de dar-lhe combate. A nossa esquadra surgiu á tarde em frente á cidade de Olinda e no dia seguinte entrou no porto. O Conselho, nêsse interim, estava sempre occupado em deliberar sobre o que convinha fazer. Os capitães de navio tinham pedido na vespera 660 soldados e esperavam recebê-los a bordo á meia noite: o Governador não podia dar o seu assentimento a isso, sem se abandonar antes a cidade, o que o Conselho de Guerra não podia

achar prudente que se fizesse tão bruscamente. Entretanto, o Conselho estava tão satisfeito com a resolução, que, para não perder tempo no desembarque dos soldados, já tinha preparado os botes, e o Governador promettera mandar 150 ou 200 homens.

Nesse interim, o almirante veio á terra e contou que vira á tarde do dia anterior a esquadra hespanhola na altura de Itamaracá, sendo grandes os navios na maior parte e não havendo mais de duas caravelas; pelo que se podia bem calcular que os navios pequenos deviam ter desembarcado a gente ao sul. Disse que era tarde agora para perseguir os navios grandes, tanto mais quanto soubera pelos prisioneiros que os soldados, a artilharia, as munições e outros recursos para terra estavam todos embarcados nas caravelas; que a armada, tendo-os comboiado até o ponto do destino, não se demoraria em parte alguma, mas seguiria directamente para a Hespanha, já devendo estar, portanto, na altura da Parahyba; e que os nossos navios, seguindo-os a tão grande distância, poderiam facilmente ser arrastados para longe da costa e nessa estação soffrer algum temporal. Por esse motivo foi abandonado qualquer projecto contra a armada hespanhola. O galeão capturado juntamente com o *'t Wappen van Hoorn* só entrou no porto no dia 29. Antes de proseguirmos, vamos referir que, além do general Pater, cuja perda foi muito de lastimar pelas suas virtudes e valor, pereceram no mesmo combate: Thomas Sickes, capitão Cormillion, o tenente Steenberghen e muitos outros bravos soldados. A Companhia perdeu dois excellentes navios com muito boa artilharia. Em compensação ganhou o galeão hespanhol, carregado de assucar, tabacos, couros e madeiras preciosas, montado com 24 canhões de bronze pesando ao todo 64.282 libras, e, além disso, uns 240 prisioneiros, na maior parte castelhanos, entre os quaes estava Francisco de Fuentes, nascido em Madrid. Este, sendo interrogado por dous conselheiros e por Steyn Callenfels, declarou: que a armada real se fizera á vela de Lisboa em 5 de Maio, forte de 31 velas; que Don Antonio d'Oquendo era general da mesma e almirante general da Hespanha; que elle prisioneiro era auditor da esquadra, mas seu cargo ordinario era de auditor del terzo viejo; que a armada, quando partiu, tinha 4.000 soldados, sendo tres regimentos, um dos antigos hespanhóes e os outros dos que se tornaram hespanhóes, e a terça parte de italianos; que o commandante dos antigos hespanhóes era Antonio do Tacio, cavalheiro del habito de Santo Yago, o do regimento dos novos hespanhóes, Francisco Messia, tambem cavalheiro da mesma ordem (ambos os quaes tinham ficado na Hespanha) e o dos italianos era o condé de Bagnuolo, o qual vinha agora como chefe de toda a milicia e como Mestre del Campo General; que, além disso, viera como chefe das milicias na Bahia Don Christoval Mexia, que ficou alli. Declarou mais haver na esquadra 19 navios bem armados, a saber: 12 galeões da corôa de Castella e da Corôa de Portugal; os outros eram navios mercantes. De todos os tres regimentos existentes na armada, 2.700 ou 2.800 homens vieram para ficar no paiz. Contou tambem que a armada chegara á Bahia no dia 13 de Julho e que havia muitos doentes. Disse que na Hespanha faziam máu conceito de Mathias de Albuquerque, modificado depois, quando elle queimou os navios e o assucar. Declarou que a armada não era mais forte e não fôra despachada antes, porque Don Carlos e Don Fernando, irmãos do

rei, eram esperados em Lisboa, devendo Don Fernando navegar para os Paizes Baixos em Setembro, para o que foram mandados vir todos os galeões e navios, até os de Dunkerque, e que também os navios inglezes iam juntar-se-lhes, para leval-o a salvo; e por isso Don Frederico de Toledo teve de ficar na Hespanha com a maior parte dos navios. Declarou egualmente que em Portugal corria o boato de que os Hollandezes haviam assediado a Bahia de Todos os Santos, o que era em parte acreditado, porque já havia tempo que não chegava lá navio algum da Bahia; que por isso Don Antonio d'Oquendo fôra mandado na frente da dita armada para fazer levantar o cerco da Bahia e depois prover as praças adjacentes com tropas. Dizia-se na Hespanha que os hollandezes haviam fortificado bem a sua praça, mas entretinham lá muita esperança de expulsal-os ou pelo menos repellil-os do interior. Disse mais que apenas poucos navios da Parahyba haviam chegado a Portugal; que, quando sahiram com a esquadra da Bahia, viram também 24 ou 25 navios carregados de assucar, os quaes não faziam parte da esquadra e seguiram directamente para a Hespanha; que na Bahia deixaram 1.200 soldados e juntamente todas as especies de munições e viveres, de sorte que estavam bem animados e não temiam a esquadra hollandeza, tendo ainda a bordo 1.800 soldados; que, quando partiram, deixaram ainda umas 14.000 ou 15.000 caixas de assucar e juntamente muito páu brasil, couros e outros productos; e que todos os navios, que estavam lá antes da chegada da armada, sahiram com ella bem carregados.

Dissera ainda que Duarte d'Albuquerque viera da Bahia com a esquadra e seguira numa caravela com o conde de Bagnuolo, para ir animar os moradores e provel-os de tudo; mas ninguém sabia se o rei o mandara ou se fôra por conta propria, pois havia ordem de prisão contra elle, qualquer que fosse a sua commissão ou cargo; que lhe mostravam a bordo grande respeito, mas não fez parte de conselho algum. Declarou mais ter estado no navio do vice-almirante Francisco Velerilla, cavalheiro de Santo Yago, antes e na sahida da Bahia, e que estavam nelle embarcadas 100 caixas de assucar; que existiam muitas munições e viveres na esquadra para reforço do Brasil, mas não podia dizer ao certo a quantidade; que a principio tinham idéa de desembarcar gente no cabo de Santo Agostinho, mas acreditava que a ordem da batalha fôra mudada; que as caravelas, tendo desembarcado a gente, haviam cumprido a tarefa e estavam despachadas; finalmente, que elle prisioneiro devia voltar á Hespanha com a esquadra e ainda havia nella um fiscal de el terço novo, o qual voltaria também para a Hespanha. A situação da mesma esquadra hespanhola foi ainda descripta pelo capitão do navio capturado, o galeão *S. Boaventura*. Declarou que havia na esquadra 12 galeões de Castella e dous patachos e cinco galeões da corôa de Portugal, além de 19 navios do rei. Os mesmos estavam artilhados e tripulados como se segue:

GALEÕES E PATACHOS DA CORÔA DE CASTELLA

	CANHÕES	HOMENS
1 Galeão <i>Santiago</i> (navio chefe)	48	400
2 " <i>Santo Antonio de Padua</i> (almiranta)	26	260

		CANHÕES	HOMENS
3	Galeão <i>S. Boaventura</i> (tomado pelos nossos)	22	170
4	" <i>Nossa Senhora do Bom Successo</i>	22	200
5	" <i>Nossa Senhora da Conceição</i>	24	200
6	" <i>Nossa Senhora da Annunciada</i>	22	180
7	" <i>S. Carlos</i>	20	170
8	" <i>S. Braz</i>	20	160
9	" <i>S. Francisco</i>	20	160
10	" <i>S. Pedro de Quadrigillios</i>	20	150
11	" <i>S. Bartholomeu</i> (alguns de ferro)	18	140
12	" <i>S. Martinho</i>	20	160
13	Patacho <i>S. Pedro</i>	{ de bronze 6 de ferro 4	90
14	" <i>Leão Dourado</i>	{ de bronze 6 de ferro 4	90

De sorte que os navios da armada, pertencentes á Corôa de Castella, eram 12 galões e 2 patachos, com 292 canhões de bronze e 2.530 homens.

GALEÕES PERTENCENTES Á CORÔA DE PORTUGAL

		CANHÕES	HOMENS
15	Galeão <i>S. Jorge</i>	22	100
16	" <i>S. João Baptista</i>	22	100
17	" <i>Santiago</i>	22	100
18	" <i>Nossa Senhora dos Prazeres Maior</i>	22	90
19	" <i>Nossa Senhora dos Prazeres Menor</i>	20	90

Portanto, da Corôa de Portugal havia 5 galeões, com 108 canhões de bronze e 480 homens.

Os navios mercantes eram os seguintes:

- 1 — Um navio neerlandez de popa quadrada, 16 canhões de ferro;
- 2 — Um navio de Lubeck, *São Miguel*, 20 canhões de ferro;
- 3 — Um navio flamengo, 12 colubrinhas;
- 4 — Um grande flibote, 10 colubrinhas;
- 5 — Uma chalupa, 6 colubrinhas.

Havia varias balandras, umas tendo seis peças, algumas quatro e outras sem nenhuma. Os restantes eram caravelas e barcas, cheias de soldados; e montavam ao todo 53 velas, quando encontraram a nossa esquadra.

Deviam desembarcar na costa, segundo elle affirmou, em 12 grandes caravelas, Don Duarte de Albuquerque, o Conde de Bagnuolo e Francisco Carreto, napolitano e sargento-mór das tropas, com mais de 1.000 homens das tropas de terra e em cada caravela dous canhões de bronze. Tinham de ir para a Parahyba duas caravelas grandes e tres barcas, levando 250 soldados e 12 canhões para serem montados em um novo fortè que iam construir. A bordo da almiranta havia mais 14 canhões de bronze, que foram com ella para o fundo do mar. No porão do galeão capturado havia dous canhões de bronze de tamanho mediano.

Foi quanto se soube pelos prisioneiros. Proseguimos agora a narração dos successos.

No dia 24 foi decretado um dia santo geral para preces. No dia seguinte chegou o yacht *Windt-hondt*. Estivera cruzando na costa e no dia 9 de Setembro, a cerca de 10°,4' ao sul, estava a uma legua distante da costa; de sorte que depois custaram a safar-se della. Encontraram todas as especies de fundo: de pedra, areia, lama e duro; pelo que puderam observar, não ha moradores por aquella região. Na volta para o Recife, chegaram no dia 24 em frente a Porto Calvo e viram que detrás do recife 13 vasos, entre caravelas e barcas, e barracas armadas junto á praia. Ficou então o Conselho sabendo o que a esquadra haspanhola realizara na costa. O almirante Marten Thijsz foi nomeado para preencher o cargo do fallecido general e tomou posse no Conselho. Como estivessem então certos de que o inimigo desembarcara gente, o Conselho discutiu a necessidade de bloquear rigorosamente Porto Calvo com cinco ou seis yachts, para que as caravelas não escapassem despercebidas dalli; e, como a presumpção geral era que ellas pudessem carregar muito assucar, ficou tambem para resolver se, quando calculassem estarem ellas carregadas, entrariam com pequenas embarcações e procurariam tomal-as.

Mas, como da remessa dos pequenos navios bem podia succeder que, no caso de resolverem tentar alguma cousa contra o inimigo, tivessem delles necessidade na sua ausencia, opinaram alguns ser preferivel, em vez de mandarem os navios cruzar na costa, deliberarem e resolverem primeiro sobre o que se devia emprender em serviço da Companhia. Foram apresentadas pelo Governador muitas objecções, como, por exemplo, que precisavam antes obter alguns prisioneiros para saberem exactamente qual o numero de tropas que o inimigo obtivera de reforço, afim de poderem fazer uma comparação com a nossa força; que as nossas tropas estavam muito diminuidas e o inimigo, pelo contrario, com esse reforço, augmentara a sua gente; que, se elles antes se manifestaram ousados, agora mais ficariam; que aonde fossem, os nossos encontrariam tropas para enfrental-os; que eram precisos uns 2.600 a 2.700 homens para guarnecer bem as fortificações, não contando as tropas de reserva; em summa, que não parecia ser criterioso distrahir as forças noutra parte. Mas, como os conselheiros fossem de opinião que os navios grandes podiam ser utilizados, e era dispendioso e prejudicial á Companhia que ficassem alli tão ociosos, o Governador resolveu fazer no dia seguinte um arrolamento geral dos soldados e da gente da qual se podiam utilizar. No dia 2 de Outubro passou pelo acampamento do inimigo e veio ter com os nossos no Recife um indio, o qual declarou que fôra mandado pelo rei ou chefe dos Tapuias; e, sendo interrogado por dois dos nossos indios, disse: — que nascera na capitania do Rio Grande, mas se passara ás montanhas da Pepetania, onde estivera os ultimos 5 annos e de lá viera havia 5 mezes.

Informou que a dita montanha dista um mez de viagem do Rio Grande e que, comquanto todas as terras no caminho pertençam aos Tapuias, a gente que morava nas montanhas do Rio Grande e na Bahia da Traição, na maior parte Petivares (entre os quaes muitos eram amigos seus), se havia retirado dalli depois da partida do general Boudewijn Hendricksz.

Disse mais aquelle indio que o rei Jandovi e Oquenou o haviam mandado

ver se os *Tapolingas* (nome que dão aos Holandeses) estavam ainda em Pernambuco, pois queriam alliar-se a elles.

Elle viera ao longo do acampamento de Albuquerque e garantiu que os Tapuias, logo que recebessem noticias dos nossos, avançariam para atacar os Portuguezes e que, se os nossos quizessem tentar alguma cousa no Rio Grande, teriam prova da sua sinceridade.

O Conselho de Guerra, sendo consultado sobre a presente situação, assim como sobre a proposta do indio, foi de parecer que se devia manter a cidade de Olinda o mais tempo possível, em todo caso até chegar ordem da metropole; e nesse interim deviam mandar um yacht ao Ceará, para falar com os Tapuias e informar-se de toda a situação do paiz e do povo. Entretanto, alguns officiaes do exercito e conselheiros foram de parecer contrario e opinaram ser preferivel abandonar logo a cidade, pois a maior parte já estava arrazada e servia apenas de obstaculo a outros designios mais uteis e á realização de outras empresas, entre as quaes estava a do capitão Artichau, que tinha em vista toda a ilha de Itamaracá, por muito solidas razões que apresentou por escripto. Entretanto, por maioria de votos foi resolvido conservar-se a cidade e em primeiro lugar despachar um yacht ou dous para irem falar aos Tapuias e informar-se das condições do paiz e de seu povo. Combinaram mandar nessa expedição o *Nieuw-Nederlandt* e uma grande chalupa, devendo commandar a mesma o *commandeur* Elbert Smient e um portuguez, Samuel Cochin; e que juntamente com o tapuya Maximiliano, recém-chegado de lá, fossem tambem enviados os indios que haviam sido levados da Bahia da Traição para a Hollanda e que lá estiveram muito tempo, no intuito de attrahir os patricios do Rio Grande, Ceará e de outros logares a uma alliança com os nossos e excital-os contra os portuguezes; e, como não achassem conveniente abandonar ainda a cidade de Olinda, resolveram tel-a provida de viveres, pelo menos por 14 dias.

No dia 5 chegou o yacht *Pernambuc* e contou que falara com o *Pinas* e o *Ouwerkerck*, deante da barra da Parahyba, e que não vira alli nem a esquadra hespanhola nem outros navios.

No dia 13 de Outubro foram despachados o *commandeur* Smient e o capitão Joost Colster no navio *Nieuw-Nederlandt* para o Ceará, afim de executarem o que fôra resolvido. Falaremos da sua viagem mais tarde.

Depois disso, o Conselho e o Governador estiveram occupados quasi todo o mez discutindo se deviam ou não evacuar a cidade de Olinda; e, como a maioria fosse pelo seu abandono, começaram a transportar todos os materiaes aproveitaveis para o Recife.

No fim do mez fez-se um recenseamento, pelo qual se verificou que na cidade de Olinda, no Recife, nos fortes situados em Antonio Vaz e no continente havia 3.890 soldados validos, 180 doentes, 91 rerutas, 79 tambores e cornetas, 102 negros, algumas pessoas pertencentes ao trem das bagagens e mais alguns paizanos. Assim, no Recife e na cidade havia para os seus serviços 575 naquelle e nesta 223 negros, além de 96 na cidade. A bordo dos navios havia 2.240 homens. Além destes, havia mais no forte de Orange, em Itamaracá, 366 homens. O principio do mez de Novembro foi gasto completamente em remover tudo da cidade de Olinda e arrazal-a. No dia 14 veiu da Parahyba um negro, que informou

verbalmente o Conselho do estado daquela praça. Declarou que havia 16 companhias, mas cada uma tinha apenas 30 ou 40 homens, e uma de milicias; que a villa era tão grande como o Recife e situada a tres leguas do mar; que na foz do rio havia um forte sem obras externas, com um fosso secco ainda em obras, e guarnecido com 25 canhões e duas companhias de soldados; que perto dalli não havia bôa agua, mas a meia legua de distancia havia-a excellente; que havia outro fortim no rio, mas sem importancia; e que, para se ir á cidade sem ser incommodado pelo forte, se devia seguir pela matta uma legua de distancia, por um caminho tão largo, que podem passar por elle tres homens em fila, sendo, entretanto, necessario atravessar um riacho pantanoso da largura de um tiro de pistola; que ao redor da cidade não havia reductos, mas as entradas do rio para a cidade estavam defendidas com tres fortificações, tendo a do meio 9, a outra 6 e a terceira 4 canhões; que havia 40 ou 50 cavalleiros; que em um grande armazem possuíam quantidade de assucar capaz de carregar uns seis ou sete navios, e que aguardavam uma esquadra hespanhola para o despachar; que se podia chegar sem damno algum, depois de passar o forte situado á foz do rio.

Quando retiraram da cidade de Olinda tudo quanto podia servir e ser transportado e removeram a bagagem dos officiaes e dos soldados, o tenente-coronel ordenou que as tropas se apromptassem para mudar de acampamento. No dia 24 de Novembro, pela manhã, o chefe da equipagem foi do Recife para a cidade, com archotes alcatroados e outros meios incendiarios e mandou atear fogo ás casas, sendo tudo devorado pelas chammas. O inimigo, que conjecturara logo qual era o projecto dos nossos pela retirada dos tectos e por outras circumstancias e vendo agora que iam executal-o, estacionou alguns dias ao redor, e, mal a nossa gente sahira, entrou, esperando surprehender alguns retardatarios ou hostilizar a retaguarda; mas os nossos marcharam em tão bôa ordem, que o inimigo não teve coragem de atacal-os. Abandonada a cidade de Olinda e retirada a guarnição, o que até agora impedia que se emprehendesse noutra parte qualquer cousa contra o inimigo, o conselho começou immediatamente a deliberar seriamente, no dia 26, sobre o que se devia fazer da gente que não era precisa á guarnição das fortificações.

A assembléa dos XIX., ainda nas suas ultimas cartas, que foram lidas para esse fim no conselho, ordenava com insistencia que fizessem o possível para desalojar Albuquerque do seu arraial, situado tão perto das nossas fortificações, ou que por todos os meios se apoderassem da Parahyba, pois os do proprio conselho e outros officiaes expunham de tal fórmula a situação, que não julgavam a empreza tão difficil. Só restava agora resolver qual dos dois projectos (visto que deviam satisfazer aos superiores) podiam realizar mais facilmente. Os principaes do exercito, sendo consultados, declararam que bater e desalojar o inimigo do Arraial, o que antes fôra considerado muito difficil, agora era quasi impossivel, pois aquelle se achava actualmente provido de todo o necessario e fôra reforçado, havia pouco tempo, por muitos veteranos experimentados.

A conquista do forte da Parahyba não julgavam pudesse ser vantajosa á companhia, mas antes prejudicial, pois, apoderando-se daquela praça, estariam situados numa ponta de arcia, sem refresco algum e como que separados da

terra firme, e dahi só grandes despesas de fortificação e nenhuma utilidade era licito esperar. Apresentaram, portanto, parecer unanime no sentido de, com o excedente das tropas existentes, tratarem de se apossar totalmente da ilha de Itamaracá, tomando a fortaleza ao inimigo, pois assim teriam um ponto certo e seguro onde poderiam buscar em qualquer tempo refrescos, madeira, tão necessaria para a construcção, e lenha, sem o que sobreviriam grandes difficuldades; e achavam ser isso da maior utilidade para a companhia. A maioria do conselho politico objectou, porém, que, havia mezes, tinham estado na ilha quasi 1.300 homens e, depois do inimigo ter recebido um pequeno reforço, os chefes militares julgaram que nada se poderia fazer contra o forte; e agora, sem duvida, o inimigo estava melhor provido, sendo, portanto, menos provavel o exito da empresa do que antes.

Finalmente ficou resolvido por maioria de votos que fossem atacar a Parahyba e apoderar-se do forte situado no porto, para impedirem a sahida ou entrada de navios.

Foram nomeados para dirigir essa expedição o tenente-coronel Steyn-Cal-lenfels e os conselheiros politicos Carpentier e van der Haghen; foram mandadas 13 companhias, a saber: as do coronel, dos maiores Redinchoven e Berstet, dos capitães Meppelen, Cloppenburg, Hellingh, Baron Schenck, Everwijn, Bijma, Huyghens, Levin, Palmer e Koeck, sommando ao todo cerca de 1.600 homens. Para transportal-os foram escolhidos os seguintes navios: *Amsterdam, de Geunieerde Provintien, 't Wapen van Delft, Groot Hoorn* (no qual ia o coronel), *Omlandia, Goude Leeuw, den Hollandtschen Thuy, de Fortuyn, Maeght van Dordrecht, Munnickendam, 't Wapen van Medenblick, Groeninghen, Pinas, Windt-hondt, Maeght van Enchuysen e o Vriessche Jagher.*

O *Windt-hondt* (digamos de passagem) tinha no dia 22, deste mez dado caça, ao norte do cabo de Santo Agostinho, a uma caravela hespanhola, a qual destruiu.

No dia 1.º de Dezembro guardaram o dia de preces, para rogar ao Todo Poderoso que abençoasse a empresa.

E, como receiassem que, á vista da estação do anno, os navios facilmente fossem desviados da costa, se navegassem além da Parahyba, isto é, mais ao norte, fizeram um additamento á resolução precedente, a saber: os chefes da expedição não deviam ir com o grosso das suas forças ao norte da Parahyba; mas, se chegassem informações e avisos do Rio Grande ou de outros logares em que houvesse probabilidades de se tentar qualquer cousa, em tal caso poderiam mandar para lá 100 ou 150 homens; ao sul da Parahyba, porém, lhes era dada authorisação de emprehender tudo que achassem conveniente ao serviço da Companhia.

No dia 3, ao alvorecer, fizeram-se á vela e acharam-se no dia seguinte, ao pôr do sol, junto a Itamaracá, e antes do meio dia o almirante fez um signal chamando a bordo do seu navio todos os capitães de terra e mar.

Foi então aberta pelo conselheiro Carpentier a carta com as instrucções e annunciada claramente a empresa contra a Parahyba; e, depois que cada um se declarou satisfeito e animado, foram postos em discussão dous pontos sobre

o ataque de improviso ao inimigo: primeiro, como se faria melhor o desembarque; segundo, qual o modo mais conveniente de transportar gente á terra. Quanto ao primeiro, resolveram que se mantivessem juntos á noite, afim de não se perderem, e preparassem as cousas de tal fórma, que pela manhã cedo estivessem deante da barra e tão perto da costa quanto possível.

Os chefes militares, reunindo-se para deliberar sómente sobre o desembarque, decidiram formar com as 13 companhias 6 divisões: na 1.^a devia estar a companhia do coronel com as do capitão Meppel e Cloppenburgh, sendo as duas ultimas de arcabuzeiros; na 2.^a o major Redinchoven e Hellingh; na 3.^a Wolfart Schenck e Everwijn; na 4.^a o major Berster e Bijma; na 5.^a os capitães Huyghens e Palmer; na 6.^a os capitães Levijn e Coeck. Determinaram que, no caso de algumas dessas divisões precisar de auxilio, o dessem sem aguardar outras ordens, e tambem estabeleceram regras para as chalupas e botes; como os mesmos não podessem levar mais de sete companhias, o resto devia ir nos yachts pequenos e mais ligeiros. No dia 5 pela manhã acharam-se ao longo do cabo Branco, tres leguas ao sul da Parahyba; mantendo-se perto da costa e depois de navegar algum tempo, começaram a passar a gente para os botes, e, continuando a navegar, surgiram um pouco antes do meio dia deante do rio Parahyba.

Estando todos os botes carregados, dirigiram-se ao mesmo tempo para dentro do recife. O tenente-coronel, que seguira na chalupa do chefe da equipagem, esperou lá dentro pelas outras chalupas e botes, nos quaes estavam, juntamente com a companhia do coronel, as do major Redinchoven, Meppel e Cloppenburgh. Chegando perto da costa, viram 12 bandeiras postadas na praia e a gente do inimigo, entrincheirada, deu varias descargas sobre os nossos, antes que pudessem desembarcar; mas, vendo que apesar disso saltavam corajosamente em terra, abandonou as trincheiras, refugiando-se no matto, donde continuou a escaramuçar com os nossos, de sorte a perderem estes 40 homens entre mortos e feridos. Enquanto o tenente-coronel estava occupado com essas tropas do inimigo, encarregou o engenheiro Drevis de ir explorar com o major Berster o forte e a situação ao redor. Elles, indo ao longo da praia e até á distancia de meio tiro de mosquete, puderam ver o forte perfeitamente erguido com seus quatro baluartes feitos de terra e estacas e com 25 ou 26 canhões. Voltando e dando conta de sua commissão, o coronel poz em deliberação o que seria melhor que se fizesse: dar assalto ao forte ou obrigar-o pelo assédio a render-se. Visto não ser o primeiro projecto exequivel com tão pouca gente, ficou resolvido o segundo por todo o conselho de guerra (pois nesse interim as restantes nove companhias haviam desembarcado) e tanto mais quanto suppunham que toda a gente do inimigo se retirara, o que depois viram não ser exacto. A' tarde montaram o acampamento, provido com uma boa trincheira contra qualquer assalto que o inimigo fizesse; á noite, depois que a gente descansara um pouco, o coronel resolveu começar a fazer os approxes e mandou 700 homens trabalharem nelles. Fizeram primeiro dous corpos de guarda, ligados um ao outro por uma linha; e essas obras ficaram consolidadas e completas no dia 6. No mesmo dia aprisionaram um portuguez, o qual informiou que na vespera, quando os nossos deram desembarque, estavam na praia uma companhia

de castelhanos e quatro de portugueses, cada uma forte de 70 ou 80 homens, e uns 600 ou 700 indios; e que, havia dous mezes, vieram duas companhias de castelhanos, os quaes trouxeram 8 canhões de bronze, atirando 16 libras de ferro, que foram montados no forte de Cabedello. No mesmo forte estavam montados 18 canhões pesados, a saber: aquelles 8 de bronze e 10 de ferro, atirando cada um balas de 10 libras, não sendo, geralmente, o forte guarnecido senão por 30 homens; dentro não existiam outras casas, a não ser a da polvora, ainda por acabar; a muralha ainda tinha 30 palmos de altura e o parapeito 8; não possuía fossos, e era feito de paliçadas cheias de terra e quadrangular. Do outro lado começaram a construir um forte, mas não o haviam visto. A uma legua acima do rio, havia mais um fortim com quatro peças. A cidade estava situada a tres leguas acima da foz do rio, e em frente a ella se achavam surtos uma caravela e um patacho. Abaixo da cidade havia um fortim com seis canhões e acima da mesma um outro com quatro. Existia uma companhia de milicias, forte de 80 homens, a qual estivera hontem na praia. Havia 16 dias, souberam da vinda dos nossos por meio de dous desertores, e desde ali tinham ficado de guarda.

Esses desertores deram informações a Albuquerque sobre todas as nossas fortificações em Antonio Vaz, referindo que os nossos trariam morteiros, petardos e escadas de assalto. Os armazens de assucar estavam junto ao rio, a umas tres leguas acima da cidade, donde era aquelle producto exportado; ainda dous dias antes partira uma caravela carregada para Portugal, afim de avisar a chegada dos nossos á Parahyba. Eram esperados todos os dias do Arraial 400 homens, castelhanos e napolitanos, que já vinham em caminho. Disse finalmente que na circumvizinhança não havia refrescos, exceptuando alguns cajús, e do outro lado do rio, um pouco de pacovas e bananas. Neste dia o inimigo atacou algumas vezes as nossas obras, mas foi repellido sempre com perda, deixando seis ou sete mortos; á noite os nossos fizeram mais uma linha e na extremidade um corpo de guarda; o inimigo atirou com canhões sobre os trabalhadores, mas só matou um. No dia 7 foram desembarcados cerca de 300 marinheiros com as suas armas, acampando á parte, protegidos por um parapeito, seguindo o almirante com alguns capitães de navio para lá. Durante o dia tiveram alguns mortos por tiro de canhão; á noite foi collocada junto ao ultimo corpo de guarda uma bateria para duas peças, atirando balas de 12 libras, e junto a ella construíram uma linha com um corpo de guarda do quartel até os dous primeiros, pelo receio de que o inimigo assaltasse entre o quartel e os approxes. No dia 8 a bateria ficou prompta, e, como os fuzileiros houvessem visto na vespera, no matto, a cerca de um tiro de canhão do quartel, algumas fachinas, que o inimigo fizera para seu uso, mandaram uma força buscal-as, mas elle já as levára todas e, quando viu a nossa gente, veio com alguma tropa para trás do acampamento e atirou fortemente do matto sobre os nossos, ferindo cinco ou seis e retirando-se depois. Mais tarde começaram a trabalhar fortemente contra os nossos approxes e do outro lado do rio atiraram com 2 canhões sobre elles. Pela tarde foram levados os dous canhões para a bateria e a nossa gente fez mais uma linha com um corpo de guarda em direcção ao forte. No dia seguinte, como o inimigo houvesse dado uns 150 tiros sobre as nossas obras, foi precisó reparar-se a

maior parte dos approxes; pela tarde o inimigo começou a atirar com mosquetes, da trincheira que ultimamente fizera, contra a ultima linha e corpo da guarda, e os nossos julgaram que queriam assaltal-os, pelo que o coronel apressadamente mandou o porta-insignia, capitão Cloppenburgh, com 50 homens, com ordem de postar-se naquella linha; mas, como o inimigo cessasse de atirar, aquelle official, contra a ordem, sahiu da sua trincheira e avançou sobre o inimigo e lá morreu com dous ou tres homens mais. A' noite fizeram banquetas nas ultimas trincheiras e o inimigo approximou-se de 8 a 9 braças das nossas obras com uma linha para fóra do seu hornaveque, pretendendo, assim parecia, separar os nossos uns dos outros. Toda essa obra tinha uma apparencia extranha, e o coronel, ficando alarmado sobre o resultado, achou prudente ouvir o parecer dos membros do seu conselho, a saber, visto o inimigo ter mais tropas que os nossos e approximar-se até 6 ou 7 braças com seus approxes e sapas, se era conveniente, com a gente que tinham, continuar os approxes e ir de tal modo ao encontro delle, até se conseguir o fim desejado. Ao que os membros do conselho responderam: 1.º Visto que o inimigo se encontra em tão grande numero e vem ao encontro dos nossos com os seus approxes, é de crêr que procura cortar as nossas linhas; 2.º Que não é possível por meio desses approxes (pois o inimigo os impedia) acercar-se da porta do forte, visto estar provida de bom hornaveque. Tambem precisavam, para a occupação e conservação dos approxes, baterias e corpos de guarda, empregar continuamente seis ou sete companhias (o que era impossivel) e atacar egualmente o inimigo com approxes de ambos os lados, enquanto os mesmos julgam obter reforços, como realmente recebem todos os dias, pelo rio, em botes; 3.º Demais, o inimigo tem tão grandes canhões de bronze e de ferro, que não é de presumir que os possamos desmontar com as nossas peças; 4.º Compondo-se a nossa força apenas de 1.500 soldados, não é possível continuar em clima tão quente com tal fadiga de guardas e outros inconvenientes (que não eram poucos), e além disso não ha outros refrescos a não ser alimentos em conserva e salgados; 5.º Havendo tido em quatro dias mais de 200 baixas, entre mortos, feridos e doentes, as tropas naturalmente enfraqueceram. Por essas e outras razões, o conselho de guerra julgou que o melhor seria retirarem-se em tempo e procurarem a sua salvação em outro lugar. Em virtude dessa resolução, no dia 10, de manhã muito cedo, o engenheiro mandou levantar um commodo reducto, afim de fazer a retirada e para que o inimigo não percebesse e embaraçasse o nosso projecto.

Tambem o coronel e os outros officiaes acharam conveniente atacar, ás 11 horas da noite, as obras externas do inimigo com seis companhias, e, se fosse possível, expulsal-o dalli, pois não sendo dia, o forte estaria fechado, e isso para abater o animo do inimigo e facilitar a retirada.

As companhias mandadas para essa empresa foram as do major Redinchoven, do capitão Meppelen, Cloppenburgh, Schenck, Bijma e Coeck, formando duas divisões. Com as suas companhias, o major Redinchoven, Meppelen e Coeck marcharam encobertos por detrás do acampamento, em direcção ao bosque, para cahirem em cima do inimigo por outro ponto do rio; atravessando o matto, encontraram algumas cabanas, cavalloos sellados e varios portuguezes, os quaes foram repellidos para as suas trincheiras. O major Berster, com as companhias

do barão Schenck, Cloppenburgh e Bijma, nesse interim, chegou aos approxes; e, sendo dado signal com um tiro de canhão, os nossos atacaram valentemente as trincheiras do inimigo, e, comquanto este se portasse a principio com valor, foi contudo repellido finalmente dos seus reductos e perseguido até junto ao forte, de sorte que os nossos quasi entraram nelle envolvidos com os mesmos, não o fazendo, por ter o inimigo alcançado a tempo a porta, que fechou, deixando fóra uma parte de seus soldados. Destes, alguns, não sabendo para onde se deveriam dirigir, se esforçarem por trepar pelas muralhas do forte e foram tirados dalli pelos nossos com piques e fuzis e repellidos pela sua propria gente, que suppunha que fossem os nossos misturados com elles (visto como alguns dos nossos tambem estavam trepando); outros, não podendo entrar ou chegar até ao forte, correram ao redor, cahindo-nos nas mãos, e foram aniquilados, e muitos se atiraram nagua, morrendo afogados. Calculou-se que morreram do inimigo uns 100 homens; os nossos tiveram mais de 20 mortos, entre os quaes dous tenentes, e cerca de 50 feridos. Voltaram os nossos ao acampamento, e o inimigo logo depois aos seus postos, sem proseguir, entretanto, em qualquer obra.

A' noite, nossa gente começou a embarcar e, para que o inimigo não desconfiasse, atirou continuamente com um canhão da bateria até 9 horas. As companhias tinham tirado a sorte, afim de ver quaes as que deviam ir primeiro para bordo, e cahiu a sorte nas do coronel, dos dous majores, do barão Schenck, Hellingh, Cloppenburgh, Bijma e Coeck; nos approxes deixaram ainda tres companhias, as do capitão Huyghens, Levijn e Everwijn, e no acampamento duas, as de Meppelen e Palmer. Os que ficaram nos approxes collocaram algumas estacas para fingir sentinellas, pregando nellas mechas accesas, e foram depois para o acampamento e dali para bordo com o coronel. Foi essa uma triste e infeliz expedição, em que os nossos perderam no espaço de cinco dias uns 180 homens, entre mortos e feridos. No dia 12 fizeram-se á vela e no dia 13 chegaram sem contrariedade alguma ao Recife.

Tendo a expedição voltado sem haver conseguido cousa alguma, foi novamente posto em deliberação pelo governador e conselho o que se devia emprender agora. Os officiaes do exercito propuzeram outra vez Itamaracá, e pouco faltou para que esse parecer fosse acceito; mas, ao considerarem que o inimigo, achando-se tão perto, devia estar bem prevenido e muito animado pela expedição infructifera da Parahyba, não podiam ver probabilidade de exito por meio de assalto e muito menos por assedio, pelo que a expedição a Itamaracá foi por ora posta de lado. Finalmente no dia 18 de Dezembro ficou resolvido partir uma expedição para o Rio Grande, com a esperanza de que os indios daquella região ajudassem os nossos no assedio do forte e que depois da tomada da praça, indo pouco a pouco para o sul, abrissem o interior. Já contámos antes que o *commandeur* Smient, com o indio vindo em commissão aos nossos, e os que haviam morado na Hollanda, foi mandado ao Ceará para tratar com os Tapuyas que vivem naquella região. Partiu do Recife com o navio *Nieuw-Nederlandt* e com a sua chalupa no dia 13 de Outubro, chegou perto do Porto Francez ao pôr do sol e seguiu ao longo da costa, ancorando pela meia noite em 13 braças de profundidade.

Chegando no outro dia á vizinhança da Bahia da Traição, viram os nossos um navio portuguez, que estava lá dentro, e para alli se dirigiram com a intenção de captural-o; mas tiveram de desistir do intento, pois os portuguezes haviam construido duas baterias junto á praia. Continuando a navegar á vista de terra, ancoraram no dia 15, á tarde, a 2 leguas de distancia do Rio Grande.

No dia seguinte fizeram-se mais ao mar, por não haver profundidade sufficiente perto da costa; mandaram, todavia, a chalupa continuar costeando, e esta, voltando no dia 17 a juntar-se-lhes, contou que havia passado por entre os baixios de S. Roque, os quaes julgavam começar no Rio Grande; no principio a sonda denunciou apenas 2 $\frac{1}{2}$ braças, mas depois sempre 4 e 5. Haviam incendiado uma caravela carregada de vinho. No ponto da reunião dos dois barcos achava-se a expedição a 10 ou 11 leguas além do Rio Grande, e a costa extendia-se de noroeste para sueste.

Continuando a navegar ao longo da costa, encontraram, 7, 6, 5 e 4 braças mais ou menos, e ancoraram á tarde a cerca de 21 leguas do Rio Grande, junto a um lugar chamado Uberanduba. No dia seguinte foram desembarcados a seu pedido os indios Marcial, Andries Tacon, Ararova e Francisco Matauwe, que seguiram para onde estavam os Tapuyas, a falar com elles.

O *commandeur* Smient, tendo estado em terra e não encontrando nenhum ancoradouro, fez-se á vela no dia 23 para oeste e voltou para onde estava o navio no dia 30 de Outubro; estivera bem umas 16 leguas para oeste e todavia não vira as Salinas nem gente alguma, apesar de haver estado em dous rios. No dia 3 de novembro partiu o *commandeur* Smient com a sua chalupa, mas logo voltou a juntar-se ao navio.

A tripulação do *Nieuw-Nederlandt* fez uma excursão ao cabo de Uberanduba, com grande fadiga e perigo, por entre os rochedos, mas só encontrou alli salsa marinha e outras hervas; a cerca de um tiro de mosquete da praia, ha grandes dunas brancas, e por detrás dellas algumas palmeirinhas bravas e uma baixada com bem uma legua de extensão e cheia de agua salgada; tambem viu alli algum gado, porcos do matto e veados.

Avistou em terra, mais adeante, duas ou quatro fogueiras, e para lá se dirigiu e encontrou o nosso indio Andries Tacon e mais oito indios robustos e 17 pessoas, entre mulheres e creanças, as quaes estavam sendo levadas para o Rio Grande por um portuguez de nome João Pereira, que foi morto, aposando-se a tripulação das cartas que elle tinha comsigo e trazendo-as. Como nessas mesmas cartas vinha narrada a situação em que se achava o Ceará, a pedido dos indios resolveu-se que o navio e a chalupa fossem ao Recife relatar todos os successos.

O navio partiu de Uberanduba no dia 18 de Novembro, navegou ao longo da costa cerca de seis leguas, na maior parte a 5 e 4 $\frac{1}{2}$ braças de agua, quando chegou a um cabo despido de vegetação, havia apenas 3 $\frac{1}{2}$ braças de fundo, e, quanto mais aproava para o mar, tanto mais razo ficava, e, vendo arrebenção a cerca de tres leguas de terra, ancorou a 2 $\frac{1}{2}$ braças.

Mal sabiam como achar uma sahida, pois havia bancos de areia por todos os lados e quanto mais perto de terra mais fundo. Todavia, no dia 20, começando novamente a navegar, approximaram-se de terra, indo a chalupa na frente,

até que a cerca de uma legua da costa estavam a 5, 6 e 7 braças; navegaram então outra vez ao longo da costa, e, havendo avançado cerca de 4 leguas, tornou-se raso o mar, de sorte que ancoraram de novo a 4 braças, num fundo de coral. A costa estende-se de léste a oeste. Achavam-se a cerca de 10 leguas de Uberanduba.

No dia seguinte continuaram a costear, e acharam em duas leguas 4 e 5 braças, até chegarem aos baixios de *Guamaré*, que entram pelo mar bem uma legua e, para evital-os, fizeram-se ao mar até adeante das Salinas, as quaes presumiram distar do Rio Grande cerca de 40 leguas.

Se tiverdes a montanha das Salinas ao sul, haveis de ver que a terra começa a descahir ao sul, numa curva grande; ali ha dous rios, depois estende-se a costa a noroeste quarta de oeste cerca de 5 leguas de terras altas com monte um tanto longo e mais alto que o de Salinas. Mantiveram-se na róta oeste-noroeste a cerca de tres leguas de terra, ancorando á tarde a umas 10 leguas de Salinas, e tinham o alto monte do Porto do Mel bem ao sul.

No dia seguinte afastaram-se de terra, e a 5 leguas de distancia encontraram 7 braças de fundo, tendo ao sul-sudoeste um monte vermelho, o qual os indios chamam cabo Bopinguape; dahi foram novamente costeando, e viram ao sudoeste uma bahia chamada Porto de Onças. Do citado cabo estira-se um recife pelo mar a dentro por umas 5 leguas até ao lado oriental do Porto de Onças, onde termina.

Entre esses dous pontos, a costa estende-se a noroeste quarta de oeste cerca de 3 leguas.

Continuaram a navegar, costeando a $\frac{2}{3}$ de legua de distancia em 6 e 7 braças de agua.

Do Porto de Onças até o rio Jaguaribe a costa é bôa, dando ancoradouro. Lançaram ferro a uma legua distante do rio em 6 braças de fundo.

Seguiram a viagem no dia 23 com rumo de oeste, e a cerca de meia legua a oeste do rio ha um cabo que se deve evitar, por causa de um recife, que se prolonga por meia legua.

A oeste desse cabo ha uma grande curva, onde se encontram dous rios, segundo dizem os indios. A costa corre na maior parte a noroeste até um cabo chamado cabo Branco. Depois de navegarem a 4 braças de agua, acharam um bom ancoradouro, distante de terra um tiro de pequeno canhão.

No dia 24 dirigiram-se 5 indios á terra para falar com os amigos, e voltaram á tarde para bordo, dizendo que tinham conversado com a sua gente e que tudo marchava bem; comtudo, pediram que fossem com o navio á vista do Ceará, e que, apresentando-se alli, tudo se realizaria á vontade. No dia seguinte partiram para o Ceará.

A costa corre da bahia até o cabo do Ceará em sua maior parte a noroeste um tanto ao norte por 5 leguas; ancoraram perto do cabo em 6 braças de agua, e acharam que a latitude era alli de $3^{\circ}48'$ sul do equador, estando situada a cerca de 2 leguas a léste do Ceará.

Os indios dirigiram-se no dia 26 para terra; encontraram, porém, resistencia dos portuguezes e dos indios que vivem com elles, sendo impedidos de

desembarcar, tendo um ficado ferido pelos tiros disparados de dentro do matto, e assim voltaram para bordo, nada havendo conseguido.

No dia seguinte partiram dalli á vela e, ao passarem pelo forte, de lá lhes deram 3 tiros, e, tendo navegado 6 leguas, ancoraram por detrás de um cabo, onde ha muitos recifes debaixo da agua; os indios chamaram áquelle cabo Opese; ali foram elles de novo desembarcados, pedindo que o navio os guardasse dous dias, pois esperavam realizar a empresa naquelle prazo. Depois disso a gente de bordo nunca mais os viu, sendo de recear que lhes acontecesse qualquer desgraça; e, para encurtar, como apparecessem, a principio 10, depois 15 e mais portuguezes armados de fuzis, os nossos seguiram com o navio para buscar sal nas ilhas e, chegando á Republica, tiveram muito que contar.

O *commandeur* Smient partiu no dia 25 de Novembro para o Recife, relatou ao Conselho que desembarcara os indios e que tres desses haviam encontrado no caminho para o Ceará um portuguez que levava consigo 17 mulheres e creanças dos Tapuyas, com o intuito de vendel-as no Rio Grande, e que com o mesmo estavam 8 indios de Goana, duas leguas distante do Ceará. Chegando-se os nossos a elles e declarando-lhes o motivo da sua viagem, os indios immediatamente se lhes uniram e combinaram matar o portuguez; realizado isso, vieram os Tapuyas com Andries Tacon para bordo do *Nieuw-Nederlandt*, e os outros proseguiram a sua viagem. Pensava que as negociações com os Tapuyas e outros indios estavam bem encaminhadas, pois elles haviam proposto entregar o forte do Ceará ás nossas mãos, e, logo que os nossos quizessem tomal-o, sital-o-iam com os marinheiros. Disse mais que deixara na costa o navio *Nieuw-Nederlandt*, com ordem de esperar por sua volta com reforços.

O Conselho, tendo ouvido e reflectido sobre tudo isso, resolveu reenviar para lá o *commandeur* Smient e dar-lhe o '*t Wapen van Hoorn*' e 40 soldados da companhia do Colster. O *commandeur* fez-se á vela no dia 1 de Dezembro.

Depois contaremos seus feitos.

Ficando resolvida a expedição para o Rio Grande do modo como já referimos, preparou-se tudo ás pressas, e no dia 21 partiram com 14 vasos, entre navios e yachts, e 10 companhias de soldados.

Os navios eram: *Gennicerde Provintien*, *Groot Hoorn*, *Amsterdam*, *Amersfoort*, *Omlandia*, *Monnickendam*, *de Zeeuwse Jagher*, '*t Wapen van Delft*', *Goude Leeuw*, *Maeght van Dordrecht*, *Vricssche Jagher*, '*t Wapen van Medenblick*' e duas chalupas; as companhias eram as do tenente-coronel, dos majores Bersteth e Graye, dos capitães Drossaert, Levijn, Meppelen, Hellingh, Winder-Hoet, d'Autry e Palmer. Foram com esta os mesmos chefes e conse'heiros que estiveram na anterior expedição á Parahyba. No dia 22, ao meio dia, estavam a 7°, 24' e á noite achavam-se a léste da Parahyba, a cerca de quatro leguas da costa; navegaram para noroeste e á noite tomaram o rumo de nordeste. No dia seguinte, achando-se a tres leguas para fóra da costa e mantendo o rumo de noroeste, o almirante fez signal chamando a bordô da capitanea, a Conselhô de Guerra, os capitães de navio; e, como calculassem estar proximo o lugar onde deveriam realizar a empresa, perguntaram ao piloto Bartolomeo Paris qual o melhor ponto em que poderia ser feito mais commodamente e com menos perigo o desembarque. Elle indicou dous logares, um no Ponto Mourisco e outro

no Ponto Negro, o primeiro distando uma legua e o segundo duas ao sul do Rio Grande. Tomando em consideração o facto de ser o mar muito agitado em Ponto Mourisco, julgaram esse lugar inconveniente para o desembarque, comquanto ficasse mais proximo e mais directo; e, considerando que em Ponto Negro o mar era calmo, escolheram unanimemente esse lugar. Estavam então ancorados a 18 e 20 braças num fundo de areia, a duas leguas da costa; sondaram um cabo (atrás do qual, pelos cálculos, estava o Rio Grande) a cinco leguas de noroeste para o norte; e tiveram pelo calculo do meio dia a latitude de 6° .

No dia 24, ao alvorecer, levantaram ancoras, com uma bôa brisa de lés-sudeste, e ao meio dia acharam a latitude de $5^{\circ}, 40'$ a distancia de duas leguas da costa. O almirante convocou novamente o Conselho de Guerra e os capitães de navios para bordo; e, como encontrassem alli um fundo muito desigual e pedregoso, achando-se, por exemplo, na sondagem, em um lugar 10 braças de agua e noutro, logo adiante, 5 braças, o que impedia os navios grandes de acercar-se da costa sem correrem grande risco, visto não a conhecerem, sendo, contudo, imprescindivel a approximação para o desembarque; e, considerando os perigos a que estavam expostos em uma costa tão desconhecida e tão cheia de abrolhos, foi resolvido unanimemente pelo almirante e pelos capitães de navio cruzar com os navios grandes nas immediações, enquanto os barcos menores fossem até á costa para sondal-a e verificar se havia algum ancoradouro e facilidade para desembarcar a gente, sendo-lhes ordenado que, no caso de serem felizes, fizessem signal para seguirem para lá com os navios grandes. A esquadra lançou ferro á tarde, depois do pôr do sol, a 9 braças em fundo de coral, a cerca de $\frac{3}{4}$ de legua da costa. O almirante e alguns capitães, nesse interim, dirigiram-se para perto da costa; e, tendo examinado tudo, voltaram depois de meio dia para os navios grandes e declararam não haver encontrado lugar algum de facil desembarque como Ponto Negro, a cerca de duas leguas ao sul do forte do Rio Grande. Mas, como julgaram que esse lugar estava situado muito longe para se transportarem convenientemente as forças, resolveram examinar melhor os logares mais proximos. No dia 25 o conselheiro politico Carpentier, o almirante, o major Bersteth e mais alguns capitães de navios e do exercito, juntamente com o engenheiro Pieter van Bueren, dirigiram-se para a costa com tres chalupas e examinaram minuciosamente desde Punta de Marchena, uma pequena legua ao sul do Rio Grande, até este ponto, mas não acharam em parte alguma possibilidade de desembarcar ou de chegar com botes, visto que a praia é por toda parte pedregosa e ha forte arre-bentação. Viram o inimigo na praia com 25 a 30 homens, a pé e a cavallo. Continuaram a navegar ao longo do recife e do forte; viram que este era sobre o recife, a cerca de um tiro de mosquete da terra firme, construido de pedra, com muralhas muito altas. Parecia ter uma tenalha para o mar e avistavam-se perfeitamente os flancos dos dous baluartes, collocados contra a entrada do porto e que dominava além do porto, até o rio; viram que havia muitos canhões (contudo apenas deram um tiro contra os nossos) e que era muito maior do que o forte do Mar, em Pernambuco. Tambem observaram que se deve estar bem a barlavento para entrar no rio, e que a barra deste é muito mais estreita do que a do porto do Recife, de Pernambuco. Voltando para bordo depois desses

exames, todos os officiaes de terra e mar acharam que não havia logar algum mais commodo para desembarcar do que Ponto Negro; e que era inconveniente dar-se o desembarque alli, por ficar a grande distancia do forte e por ser difficil a marcha pelas dunas de areia, e no resto do caminho, subindo e descendo morro.

Então foi proposto pelo conselheiro politico Carpentier que se entrasse no rio e se desembarcasse acima do forte. Contra esse projecto os capitães de navio levantaram fortes objecções, pois correriam o risco de ter um ou outro navio posto a pique, e pela estreiteza do canal os primeiros estariam dentro e os mais atrasados ficariam fóra.

Deviam ter reflectido bem sobre essas difficuldades, porque os officiaes do exercito tinham apostado no Conselho de Guerra que obrigariam o forte a render-se em quatro ou cinco semanas; mas os outros, vendo que não havia possibilidade de tomar, com as forças que tinham, um forte situado sobre um rochedo no mar, afastado de terra um tiro de mosquete, não sómente no prazo indicado, mas mesmo em muito maior, receavam que os navios tivessem de ir explorar infructuosamente (e não poderiam fazel-o senão com sondagem) e que desta vez pudesse o resultado ser peor que da primeira.

Por essas razões, ficou finalmente resolvido que não convinha tentar cousa alguma contra o forte do Rio Grande. Mas, como estavam ali com os navios e a força, decidiram fundear e desembarcar ao norte do Rio Grande, em algum logar commodo, e parar alli 8 ou 10 dias, para ver se os indios queriam chegar-se aos nossos e fazer alliança contra os portuguezes, por esse meio conseguindo o fim desejado. No dia 26, ao raiar do dia, foram mandados o mājor Bersteth e o engenheiro, na chalupa do almirante, para explorar uma bahia chamada Genipabou, quasi a uma legua ao norte do forte. Tendo explorado e sondado tudo, acharam-na e mandaram o *Zeeuwsche Jagher* procurar um ancoradouro; ao encontral-o junto á costa, o navio deu um tiro, e os outros levantando ferro ao meio dia, entraram na bahia e fundearam a 8 e 8 ½ braças em bom fundo de areia, estando o forte a susudoeste delles, e, como já anoitecera, não acharam prudente desembarcar a gente antes da manhã do dia seguinte.

✚ No dia 27 desembarcaram sem resistencia alguma e armaram um acampamento, para ficarem mais garantidos; alguns se dirigiram para um sitio de um portuguez, onde arranjarão porcos e gallinhas. Um negro veio voluntariamente ter com elles e declarou o seguinte: toda a gente fugira para o forte do Rio Grande; havia na vizinhança muito gado que á noite voltava ao curral; existia outro sitio uma legua ou duas ao norte, e nelle poderiam obter maior quantidade de refresco; mas na circumvisinhança não morava indio algum.

✚ No mesmo dia chegou alli o *commandeur* Smient e contou que não encontrara o navio *Nieuw-Nederlandt* no logar em que tinha ordem de esperar e deixara o '*t Wapen van Hoorn* junto ás Salinas. Resolveram mandar novamente o *commandeur* para lá, afim de dizer ao '*t Wapen van Hoorn* que fosse a S. Martin e depois seguisse para a Republica com uma carga de sal. No dia seguinte surprehenderam no curral, situado cerca de um tiro de mosquete do acampamento, 40 rezes, que foram repartidas pelos navios e companhias; e no dia seguinte trouxeram 50 porcos do outro lado de um riacho situado ao norte do acampamento. No dia

30, á noite, partiram para o outro lado do riacho e voltaram no ultimo do mez, trazendo consigo 200 animaes, entre grandes e pequenos, e muitos refrescos de fructos e outros. E, para não nos alongarmos muito com essa infructifera expedição, diremos: nada mais vendo que fazer alli, depois de obterem mais alguns refrescos e visitarem uma outra bahia por detrás do Ponto de Domingo S. Martin, partiram de lá no dia 4 de Janeiro de 1632 e no dia 9 chegaram ao Recife.

No fim do anno o *Oudt Vlissinghen* trouxe ao Recife um pequeno navio, que capturara perto da Bahia, carregado com algum azeite, farinha de trigo e outras mercadorias em fardos. No dia 8 de Dezembro ancoraram no Recife, vindos da Republica, os navios *Muyden*, *Geele Sonne*, *Roode Leeuw* e os navios fretados *Keyserinne*, *Liefde* e *Hope*, pela Camara de Amsterdam, e *Orangie Boom*, pela da Hollanda Septentrional; e no dia 16 o *Graef Ernest*, fretado pela Camara de Groninga.

O navio *Hope* voltou do Rio de Janeiro, sem nada haver encontrado; depois *'t Halve Maentjen* trouxe um naviosinho que capturara, carregado com peixe secco.

Tambem o yacht *Pernambuc* dera caça no dia 6 de Novembro, junto á costa, a um navio, e puzera-o a pique a cerca de 5 leguas ao norte da Bahia. O mesmo yacht ficou cruzando alli e esteve no dia 8 de Dezembro na Bahia, e viu 16 navios e barcos fundeados junto á cidade de S. Salvador; sahiu dalli sem soffrer damno algum e ficou cruzando na costa, e no dia 3 de Janeiro do anno seguinte fez ainda encálhar uma caravela, a cerca de 9° de latitude.

Temos agora de deixar o Brasil e narrar o que fizeram nesse anno em outras partes os navios da Companhia. Dissemos antes como o yacht *Brack* se juntou aos navios do *commandeur* Boon-eter, o qual o mandou, juntamente com o yacht *'t Hart*, no dia 8 de Janeiro, a Mona, afim de ver se podiam conseguir alguns animaes. Esforçaram-se elles em avançar para léste e chegaram no dia 9 áquella ilha, e, desembarcando no bote, apanharam alguns porcos; mantiveram-se alli cruzando por alguns dias, com vento muito forte.

No dia 15 chegaram junto a Saona, e, navegando dalli em deante para oeste, acharam-se no dia 17 em frente a Salinas (portanto na ilha Hispaniola), e, dirigindo-se a corrente fortemente para léste, alcançaram no dia seguinte a ilha de Vacca, e o yacht juntou-se ao *commandeur* Boon-eter.

O *Brack* separou-se novamente da esquadra, com o yacht *Noordt-Ster*, no dia 12 de Fevereiro, e bordejou para léste. No dia 19 acharam-se os dous a 15°, 10' de latitude ao norte da linha, e no dia seguinte a 13°, 54'; no dia 22 chegaram á costa do continente, desembarcaram a léste da Bahia Honda e procuraram um porto para limpar os yachts. No dia seguinte fizeram-se á vela e diligenciaram por chegar junto ás Monges; mas, depois de estarem muito perto do cabo Coquibocoa, voltaram á Bahia Honda, para reparar um pouco as chalupas, e no dia 27 fundearam novamente alli, onde, por causa da inconstancia do tempo, pararam até o dia 13 de Março. Levantaram outra vez ferro, e esforçaram-se por seguir para léste; mas, devido á correnteza, que se dirigia forte para oeste, e não conseguindo uma brisa firme de léste, navegaram no dia

21 para o cabo de la Vela. Chegando ahi, souberam pelos indios, que se conservavam pela vizinhança, que tres leguas a oeste daquelle cabo estava um flibote hollandez, tomando carga de sal, e por isso se dirigiram no dia 24 para lá.

Essa salina está a tres leguas quasi direito ao sul daquelle cabo, a 12° , $10'$ de latitude.

Por imprudencia, perderam em terra tres homens, que foram surprehendidos pelos hespanhões. Voltaram para junto do cabo de la Vela e fizeram a limpeza.

No dia 6 de Abril, partiram dalli, e foram fundear no dia 9, á tarde, junto á ilha de Vacca.

Depois de fazerem maior limpeza e de abastecerem-se de agua e de lenha, partiram dalli no dia 24; no dia seguinte, á tarde, passaram o cabo Tiburon, e no dia 26 estavam ao lado do cabo de Dona. Maria, a 18° , $46'$ de latitude.

No dia seguinte, perto de Caymito, tiveram pouco vento, de sorte que não avançaram muito; no dia 29, chegaram perto do cabo S. Nicoláu, na extremidade occidental de Hispaniola, a 20° de latitude.

No dia 2 de Maio, estavam entre Hispaniola e a illota Tortuga, e fundearam no dia seguinte junto á ultima. Mandaram as chalupas buscar agua á grande ilha Hispaniola; encontraram ellas uma barca hespanhola, á qual deram caça e incendiaram.

No dia 13 de Maio, partiram dalli, e viram no dia seguinte Monte-Christo, distante (segundo calcularam) de Porto François 7 leguas, a léste e um tanto para o norte.

No dia 15, depois de meio dia, estando entre Monte-Christo e Porto de la Plata, viraram para o norte, com um vento de nordeste quarta de norte, de sorte que apenas podiam avançar para o norte quarta de noroeste.

Devemos descrever um pouco mais minuciosamente a sua navegação, porque deram algumas noticias da configuração e latitude das Lucayas, ilhas situadas ao norte de Hispaniola, o que constituia o fim principal da sua viagem. No dia 16 de Maio, pela manhã, fluctuavam, segundo calcularam, a 4 leguas da costa, pouco mais ou menos ao longo de Isabella; depois de meio-dia, tiveram o vento norte quarta de nordeste, e deixaram levar-se para noroeste; viraram então para léste, e estavam, pelos seus calculos, 7 leguas a norte de Porto de la Plata. No dia seguinte, tiveram o vento nor-noroeste, e dirigiram-se para nordeste; tiveram ao meio-dia a latitude de 20° , $21'$; á tarde, viraram novamente para oeste, e depois de conservar-se naquelle rumo durante seis horas, seguiram novamente para nordeste.

No dia 18, ao meio-dia, chegaram aos baixios dos Abrolhos, com 14, 12 e 10 braças de bom fundo de areia. Estes baixios têm cerca de 3 leguas de largura; vêm-se os escolhos debaixo daagua. Navegaram então para sudoeste quarta de sul, pois vieram com o rumo de nordeste quarta de norte.

No dia 19, ao meio-dia, tiveram a latitude de 20° , $50'$, ganharam pouco ao norte.

No dia seguinte, pela manhã, viram as ilhotas de Amana ou as Caicos mais orientaes, cujo fundo era todo razo e pedregoso até tres leguas de terra; dirigindo-se com a chalupa para lá, acharam as ilhotas completamente estereis e

povoadas de gaivotas; mataram ali alguns cães marinhos. As primeiras são duas ilhotas, cada uma com cerca de meia legua de extensão, muito proximas uma da outra. Elles deram-lhes o nome de ilhotas dos Cães Marinhos. Atrás dellas, ha bom ancoradouro, com cinco braças de agua em fundo de areia.

No dia seguinte, navegaram ainda para o norte até á latitude de $21^{\circ}, 35'$; viram mais uma ilha a cerca de tres leguas e meia; a léste quarta de nordeste da mais occidental das outras duas; era bem pequena, e encontraram nella uma salina, mas nenhum sal.

Depois, viram outra ilha de quatro leguas de extensão, na qual havia duas salinas, mas sem sal; denominaram-na ilha da Grande Sêde, pois era completamente esteril, só possuindo rochedos. Viram em seguida ainda outras ilhotas; mas voltaram com a chalupa para os navios. Essas ilhotas estão situadas na latitude de $21^{\circ}, 25'$, extendendo-se de léste para oeste e tambem de nordeste para sudoeste; são em grande numero, mas todas muito aridas e sem valor algum.

No dia 23 dirigiram-se dos yachts com as chalupas para nor-nordeste, attingindo ao meio-dia á latitude de 21° ; navegaram então ainda duas leguas, em uma profundidade de pouco mais de duas braças de agua, e chegaram então a uma bahia de legua e meia de extensão. A costa era toda alagadiça, e a terra mais distante, que viram, estava a oeste-sudoeste; a qual não puderam alcançar, regressando, portanto, aos navios.

No dia 26 os yachts fizeram-se novamente á vela, e, depois de calcularem ter chegado a uma legua a sul-sudoeste fóra da costa, não acharam mais fundo; proseguiram para oeste e um pouco para o sul, e á tarde, depois de navegarem cerca de nove leguas, seguiram com as velas pequenas para o sul, sendo accommettidos, á noite, por forte vento de les-sudeste.

No dia seguinte, tomaram o rumo de nor-nordeste, e avistaram terra; mas não puderam visital-a, por causa da forte ventania, a qual continuou, pelo que no dia 28 correram grande perigo; no dia 29, chegaram ás ilhas Caicos, e fundearam ao norte da mais meridional, com cinco e meia braças de profundidade. Ao norte quarta de nordeste ha um recife, o qual está sobre um baixio; e, um pouco mais ao norte, encontra-se outro baixio, na maior parte pedregoso. Essas ilhotas estão situadas na latitude de $21^{\circ}, 33'$; mas as duas estão afastadas uma da outra cerca de tres leguas. Tendo fundeado alli, dirigiram-se no dia 30, com ambas as chalupas, para a ilha mais ao norte, e, approximando-se da mesma, uma chalupa navegou para a costa oriental e a outra para a occidental. A que foi para léste encontrou em terra agua que vinha da montanha, e numa caverna ossadas humanas. Esta ilha conta do lado oriental duas leguas de extensão, estirando-se de nordeste para sudoeste; tem de comprimento, segundo calcularam, seis leguas; no interior é toda baixa e alagadiça; e o fundo do mar é tão plano, que se não póde approximar della o navio. Ao norte da mesma, ha ainda algumas pequenas ilhotas. Voltando ao lado de oeste, acharam uma boa praia de areia, e deante della um recife; as pontas mais ao norte e mais a oeste estão entre quatro e cinco leguas uma da outra.

Jan van Stapels, capitão do outro yacht, descreveu-nos do modo seguinte a situação dessas ilhotas: — No dia 29, viram uma ilha baixa e cuja ponta sul é pedregosa, toda escarpada; no lado de oeste não puderam fundear, e na

ponta noroeste acharam cinco e seis braças de agua em fundo de areia. A costa da ilha é arenosa, cheia de arbustos e sarças, difficeis de atravessar; havia grandes salinas, mas sem sal. Essa ilha é chamada pelos francezes Bouverie, tem tres leguas de léste a oeste e duas de sul a norte; tem praia de areia dos lados léste e norte; está situada a $21^{\circ}, 40'$ de latitude, e distante da ilha dos Cães Marinhos umas dez leguas para oeste. Entre essa ilha e a de Caicos ha muitos baixios e rochedos.

Caicos está situada a nordeste e tambem ao norte dellas.

O lado sudoeste de Caicos é uma terra accidentada, possuindo em alguns trechos collinas, e adeante terreno pedregoso, com alguns arbustos; a ilha, além disso, está cheia de agua salgada, mas nenhum sal feito, e alli não viram outros animaes a não serem papagaios e tartarugas.

O lado de oeste está bem coberto de arvoredos, mas a terra é toda baixa e pedregosa. A uma legua da ponta norte para o sul, perto da praia, em uma enseada de areia, acharam um poço com boa agua, do qual um ou dous navios podiam abastecer-se, e tambem alguma madeira de construcção não longe dalli, mas nenhuma de tinturaria; tambem descobriram grandes salinas, mas sem sal. O lado do norte estende-se por cinco leguas de les-sueste para oes-noroeste, sendo a terra regularmente alta e a praia branca de areia; mas, a um quarto de legua de terra, ha um recife de rochedos ao longo da costa, da extremidade oriental até á occidental. Acharam em uma dessas ilhotas 10 ou 12 algodoeiros. A ilha de Caicos tem 10 ou 11 leguas de circumferencia, mas a maior parte cheia de fossos e pantanos; do lado de léste e sul é cheia de baixios; a ponta noroeste está situada a 22° . Ficaram ahi detidos pelo mau tempo até 4 de Junho, fazendo-se então á vela para Majaguana; e, achando-se fóra, tomaram o rumo de norte quarta de norqueste. Depois de um curso de 9 horas, viram terra a nor-noroeste; de sorte que essas ilhas distam uma da outra, segundo calcularam, 12 leguas a noroeste. Chegaram á tarde e fundearam junto a 6 braças, em bom fundo, na ponta noroeste. Não ha na ilha melhor fundeadouro do que alli: ancora-se junto á costa; ha uns penedos fóra da agua, cerca de um tiro de mosquete a nor-nordeste e ainda tres a les-nordeste, além da ponta de terra.

Essa ilha está situada a $22^{\circ}, 32'$ de latitude; e, ao norte, ha um recife, estirando-se a leste quarta de sueste e oeste quarta de noroeste, da ponta de noroeste á de nordeste.

Jan van Stapels diz o seguinte: —A ponta oriental de Majaguana dista de Bouverie cerca de 11 leguas a nor-noroeste; é uma terra baixa, com um monticulo aqui e acolá. Da ponta oriental prolongam-se rochedos fóra da agua, umas duas leguas para sueste no mar. A costa estira-se para o lado do sul, les-nordeste e oes-sudoeste por duas leguas; na extremidade da extensão oes-sudoeste, sae um pequeno recife; depois a costa estende-se com uma curva para oeste quarta de noroeste, e, ao longo da costa, ha um recife; mas, perto da mesma e um pouco perto da arrebentação, não ha ancoradouro.

Essa extensão oeste quarta de nordeste tem cerca de cinco leguas de comprimento; perto da ponta occidental, é tão escarpado o terreno que, estando a proa da chalupa encostada á terra, não se encontra fundo na pôpa. Desse estirão descamba a costa por duas leguas para nordeste quarta de leste, com

uma enseada constituída por uma praia de areia branca, mas sem ancoradouro; é uma costa baixa. Por detrás da ponta noroeste, atrás de um recife, ha um rochedo fóra da agua; existe alli um fundeadouro regular para sete ou o'ito navios, mas não está protegido contra o vento sudoeste. A latitude é de $22^{\circ}, 40'$. Dahi estende-se a costa leste quarta de sueste, com duas enseadas; cinco leguas ao longo da costa, o mar está cheio de recifes, prolongando-se alguns á distancia de um tiro de colubrina, de sorte que é mau para desembarcar. Do lado de noroeste ha tres grandes rochedos fóra da agua, cobertos de hervas. A costa para o lado do norte é plana, cheia de arbustos verdes, cujas flores exhalam agradável aroma. Não se vêem arvores grandes, e o terreno é pedregoso e impróprio para a lavoura; não encontraram agua potavel, embora penetrassem umas duas leguas para o interior; por toda parte só havia pantanos de agua salgada. Ha muitos coelhos, como os da costa selvagem. Encontraram muitos pedaços de navios hespanhoes que; havia muito tempo, alli deram á costa; só do lado do sul é que se lhes deparavam esses destroços.

Esta ilha tem de extensão, de leste a oeste, sete leguas, e em alguns logares umas tres leguas de largura; na extremidade oriental é estreita, porque consta ali de enseadas que quasi se juntam. Torna-se perigosa na extremidade oriental, por causa dos recifes, cuja sombra se pode ver claramente abaixo da agua, e fóra dalli não ha ancoradouro.

No dia 6 de Junho, fizeram-se á vela, tomando o rumo do norte e depois noroeste; e, antes do meio-dia, depois de haverem navegado, segundo calcularam, cinco leguas, avistaram a ilha de Samana; não puderam encontrar lá fundeadouro algum. Na extremidade sul, ha mais uma illota, cercada por um recife; e, para o lado do sul, prolonga-se um recife da ponta noroeste por uma legua. Mantiveram-se ahi de um lado para outro; tiveram á tarde a latitude de $23^{\circ}, 24'$.

Samana é uma ilha triangular (segundo informa Stapels), e está situada 12 leguas a noroeste quarta de norte de Majaguana. Quando está a oeste do navegante, apresenta-se como uma terra cheia de fossos e pantanos. A extremidade oriental é um ponto baixo de areia; cerca de meia legua dalli, ha uma illota entre baixios e bancos de areia. Possue ellá duas collinas, tem tanto de altura como de extensão, e dalli tambem avultam alguns rochedos, um quarto de legua para léste quarta de sueste. Da ponta léste, Samana estende-se de sueste quarta de léste para noroeste quarta de oeste, por quatro leguas; alli ainda ha um grande rochedo coberto de hervas, mas junto de terra, numa enseada. Desse rochedo a costa estende-se para noroeste quarta de oeste por uma legua até á ponta occidental, a qual é baixa, com um rochedo junto da ponta; prolonga-se dalli um recife, no mar, a léste quarta de sueste, por uma pequena legua; e dessa ponta a costa descae novamente para léste quarta de nordeste. E' uma ilha estreita e arida, com quatro leguas de comprimento de léste a oeste e uma legua de largura, e está dividida em duas, a maior parte composta de dunas e asperos rochedos; não é conveniente fundear-se alli com quaesquer navios.

No dia 7, pela manhã, continuaram a navegar; tiveram ao meio-dia $23^{\circ}, 36'$ de latitude. Antes do meio-dia tomaram o rumo de nor-noroeste; e, depois de meio-dia, o de noroeste quarta de norte, com uma brisa firme de sueste; á

tarde, avistaram o Triangulo, e estavam, pelo seu calculo, a cerca de duas leguas, de sorte que á noite se mantiveram de um lado para o outro.

No dia seguinte, approaram para a ilha; mas, chegando junto della, não acharam ancoradouro; tiveram a latitude de 22° , $55'$. A ilha estende-se para o lado de sudeste a nordeste quarta de norte, pelo calculo, tres leguas; na ponta do sul, ha duas ilhotas, depois ha ainda uma outra ponta de nor-nordeste a sul-sudoeste, segundo o calculo, a duas leguas da outra. Na ponta nordeste, ha uma duna branca; ahi corre um recife ao redor da ilha, de sorte que se não pôde fundear; mantiveram-se á capa perto dalli.

Jan van Stapels declara o seguinte sobre ella: — A ponta oriental de Triangulo está situada a 13 leguas a noroeste quarta de oeste de distancia da ponta occidental de Samana. Da ponta oriental, a costa estende-se quatro leguas para sudoeste quarta de sul; alli ha tres ou quatro rochedos, que estão situados em frente a uma enseada, como um triangulo, mas cheia de recifes, de sorte que se não pôde chegar lá. Dessa enseada estende-se a costa para oeste quarta de norte, por uma legua e meia; ha alli uma pequena barra de areia, que se prolonga um pouco; desse ponto estende-se a costa duas leguas para nordeste quarta de léste, com uma enseada; ahi não ha ancoradouro. Estende-se, depois, a nordeste quarta de léste, com duas enseadas; alli ha um rochedo, ou pequena ilha, cerca de meia legua da costa, com um outro rochedo de tamanho regular, branco como cal; nesse ponto não ha commodidade para se fundear porque perto de terra só se têm nove ou dez pés de profundidade, e, afastado della, á distancia de uma chalupa, não se encontra fundo. A ilha, quanto ao mais, tem terras bem altas, com arvoredos baixos e verdes.

No dia 9, continuaram a navegar para noroeste quarta de norte, com uma brisa firme; tiveram, ao meio dia, a latitude de 24° , $40'$; mantiveram-se á tarde naquella rumo, e á noite tiveram 24° , $56'$.

No dia seguinte pela manhã, tomaram o rumo de noroeste quarta de norte; tiveram, ao meio-dia, 25° , $30'$; navegaram então para oeste; e, depois de meio dia, tendo decorrido cinco horas, viram Guanima a sudoeste quarta de sul. No dia 11, dirigiram-se para terra, e não encontraram nenhum fundeadouro para os navios, pois todo o fundo era de pedra e aspero; mas a costa era de areia. No lado de léste e uma legua para fóra da costa, havia 15 e 16 braças de profundidade, sendo todo fundo de pedra. Jan van Stapels diz: — Guanima estende-se, do lado de léste, seis leguas para o norte quarta de nordeste e nor-nordeste, com uma costa toda cheia de dunas; ao longo della e á distancia de meia legua, o fundo do mar é todo cheio de rochedos. Na extremidade dessa extensão, existem tres ou quatro touceiras de bambú, donde lhe veio o nome de cabo Bambús. Alli ha um rochedo, á meia legua de distancia, coberto deervas. Desse ponto em diante, a costa estende-se 11 leguas para noroeste. Existem ahi tres ou quatro ilhotas em uma enseada; e, ao longo, o mar está todo cheio de rochedos abaixo da agua; a costa é toda composta de dunas, e não offerece fundeadouro para navios. No fim dessa extensão ha ilhotas, mas não se pôde chegar lá. Dahi, estende-se a costa quatro e meia leguas para sudoeste quarta de oeste, sendo a terra toda cortada de fossos e pantanos ou ilhotas, algumas com uma e até duas leguas de comprimento. O fundo do mar, junto

desse estirão, é todo de lama, e na extremidade ha uma pequena ilhota baixa; estende-se dalli para o sul, de sorte que é uma ilha comprida e estreita; a ponta norte está situada a 25° e $50'$. Apanharam uma tempestade e, após ella, um vento de sul-sudoeste, brisa duradoura.

No dia 12, ao meio-dia, avistaram a ilha de Guanahani, a qual está situada a cerca de 17 leguas de distancia da Triangulo, a noroeste e sueste uma da outra. Esforçaram-se quanto possivel para alcançal-a, e, chegando á distancia de um tiro de colubrina, encontraram 12 braças de agua, sendo todo o fundo de terra firme, e um pouco mais perto cheio de rochedos quasi á flôr da agua, que mal lhes permittiam attingir a costa. O lado do norte estende-se na maior parte, de sueste a noroeste, quatro leguas, com uma praia cheia de areia branca e costa regularmente alta.

Navegaram com a chalupa para a ponta noroeste, e acharam que o recife com o dito rochedo se prolonga da ponta noroeste da ilha tanto para oeste quanto se pôde alcançar com a vista. Esses rochedos estão, em sua maior parte, á flor da agua; são arredondados e sem arrebentação, de sorte que formam um recife perigoso. Do lado noroeste estende-se a costa quatro leguas para sul-sueste, constituida de terra baixa, plana e coberta de pequenas arvores; o terreno é todo arenoso, inconveniente para semear seja o que fôr. Encontraram no interior agua salgada. No lado do norte, na terra alta, todo o terreno é pedregoso, coberto de arvores, mas nenhuma de valor. Essa ilha está situada a 24° , $50'$ de latitude. No lado occidental, encontraram na praia uma caverna debaixo de um rochedo, em cuja entrada havia muitas ossadas humanas e no interior uma cruz de madeira. Não encontraram gente viva ou animaes; a corrente, junto a essa ilha, vae para lêste; a maré ahi baixa cerca de quatro pês.

No dia 14, navegaram para uma ilha, a qual viram que estava da ponta noroeste de Guanahani quatro leguas a oeste-sudoeste; acharam-na toda cheia de fossos e pantanos, e na maior parte, de rochedos. Havia algumas pequenas ilhotas, umas de meia legua de extensão, e outras maiores ou menores, as quaes pareciam todas cheias de dunas, com pequenos arvoredos. Não puderam em parte alguma encontrar fundeadouro, porque todo o fundo do mar estava cheio de rochedos, quasi á flor da agua, offerecendo muito perigo ás embarcações, pois em aguas tranquillias não se vê arrebentação, e alguns estão situados a cerca de um quarto de legua da costa; é impossivel, portanto, ancorar alli. Mantiveram-se ao longo da costa, que se estende para o norte, em curva; dalli em deante, a terra é firme, e desse ponto podiam ver a ilha de Guanima. Dirigiram-se, no dia seguinte, a uma dessas ilhotas, para ver o que havia por lá, e só encontraram muitos pombos; deram-lhe, por isso, o nome de ilha dos Pombos. Era toda um monte de areia, e, segundo o calculo a que procederam, tem um terço de legua de largura. Depois tomaram o rumo para Guanima, primeiro a norte quarta de nordeste, e em seguida para o norte; o vento, antes do meio-dia, era de sueste, e, á tarde, sul-sudoeste, com pouca brisa. A extremidade de Guanima está situada a sul-sudoeste e nor-nordeste. A ilha tem, segundo calcularam, sete leguas, e na sua ponta nordeste existem tres arvores; dalli, estende-se a costa para noroeste, com duas ilhotas pequenas, que tornam facil o reconhecê-la.

No dia 16, dirigiram-se para lá e verificaram que por toda parte o fundo do mar estava juncado de pedras. Chegaram a uma ponta toda coberta de dunas com pouca grama e apenas tres ou quatro arvores; e tambem havia dous rochedos á meia legua da costa, cobertos de sarças. A costa estende-se novamente dahi em diante por quatro leguas para noroeste quarta de norte. No dia seguinte, pela manhã, navegaram ao longo da costa a oeste quarta de sudoeste; o vento era então do sul, mas virou á tarde para lés-nordeste, e de pouco proveito lhes foi, porque a corrente caminhava para léste. Mantiveram-se com as pequenas velas. A extremidade sul de Guanima está situada a 24° , $40'$. No dia 18, conservaram-se de novo ao longo da costa noroeste; acharam a terra coberta de dunas, com pequenos avoredos, e praia branca de areia. Tem poucas curvas, a maior parte um estirão. A' tarde, avistaram a ponta, e calcularam que estavam distantes della ainda duas leguas. Mantiveram-se outra vez perto, e no outro dia pela manhã navegaram para ella; e estando ainda duas leguas a sueste dali, houve calmaria, de sorte que fundearam a 11 braças de fundo regular.

Dirigiram-se com ambas as chalupas a tres ou quatro ilhotas, para procurar porto melhor, mas acharam tudo cheio de rochedos, não se podendo passar com um navio. Essas ilhotas estão situadas a léste da ponta, têm meia legua de extensão, a maior parte de terreno arenoso. A ponta noroeste está situada a 25° , $50'$.

No dia 20, navegaram ainda mais para oeste. A costa estende-se daquella ponta duas leguas a oeste quarta de sudoeste; existem alli dous rochedos a um bom pedaço da costa, e muitas ilhotas, todas planas. Encontraram muito fundo de areia, mas não acharam ancoradouro conveniente, pois não puderam atravessar o recife. Dirigiram-se com as chalupas para a ilha grande, em cujo interior acharam bom terreno, com arvores verdejantes, tanto grandes como pequenas, e que pareciam fructíferas. Encontraram muitos poços com agua; e, quanto mais se internavam no matto, mais agua encontravam. Havia grande quantidade de passaros, papagaios e pombos; e tambem uma especie de coelhos. Quanto mais para o interior, tanto melhor era o terreno. Acharam na praia a metade de uma canôa, mas não appareceu ninguem, ainda que á noite julgaram ter visto uma fogueira.

Do lado noroeste, a costa estende-se a oeste-sudoeste, assim como para o sul, por quatro e meia leguas de terra, toda cheia de canaes e pantanos. No fim desse estirão, ha uma ilhota pequena e baixa; estende-se depois a costa para o sul, tanto quanto se pôde alcançar com a vista.

No dia 21, fizeram-se novamente á vela; pretendiam navegar para a costa occidental, mas não puderam seguir para lá, por causa da calmaria. Da ponta, prolonga-se pelo mar um recife em direcção a nordeste.

Pretendiam manter-se á noite perto da ilha; tiveram, porém, mau tempo, de sorte que ficaram vagando em arvore secca. No dia seguinte, soprou o vento su-sudoeste, brisa firme; tomaram o rumo para Curateó, a qual, pelo calculo, está a oito leguas a noroeste de Guanima. Encontraram um porto com dez braças de profundidade, em uma enseada, no lado do sul.

E' uma terra baixa, com poucas collinas na extremidade sueste, que é a mais elevada. Dessa ponta, estende-se a costa quatro leguas a noroeste.

Ancoraram em uma enseada a legua e meia da ponta sueste, protegidas do vento sueste. No dia 23, foram visitar a ilha; encontraram bôa agua e madeira propria para mastros, a saber, excellentes pinheiros. Ha lá muitos patos e perdizes grandes; mas o terreno é pedregoso e improprio para cultura. Acharam tambem madeiras de construcção e uma especie bastarda de ebano.

O lado sudoeste está situado a 26°; estiveram fundeados a sete pés de profundidade. A sueste e noroeste, a lua faz as marés mais altas; a vasante faz-se sentir menos a oeste, e a enchente a léste.

Tem de comprimento, de sul a norte, quatro leguas; e de léste a oeste, cerca de tres. Denominaram-na ilha de S. João, e á bahia deram o nome do mesmo santo. A' noite tiveram uma brisa duravel de sueste quarta de léste, e dirigiram-se com a chalupa a sudoeste a algumas ilhas, que estavam á vista; chegaram lá no outro dia pela manhã, e calcularam que estivessem situadas a cerca de oito leguas a sudoeste de Curateo. Eram muitas ilhotas, algumas de uma legua, e as outras menores, mas todas igualmente aridas, sem arvores, não possuindo senão sarças baixas. Encontraram lá muitas tartarugas, mas não da verdadeira especie, e apanharam muitos cães marinhos.

Essas ilhotas estão situadas, pela maior parte, em circulo, cujo centro é muito razo, de sorte que mal se pôde passar com um bote; no lado de noroeste pôde-se fundear. Estão situadas em um circulo de 23 leguas.

Navegaram-lhes ao redor, e desembarcaram em varias, não encontrando agua em parte alguma, e viram algumas salinas, mas sem sal; denominaram-nas ilhas das Logghers por causa das tartarugas que lá acharam.

Estão situadas a 25° e 45' de latitude. Voltaram no dia 27 aos navios, e ficaram fundeados, abastecendo-se de agua, até o dia 1.º de Julho; fizeram-se então á vela, e esforçaram-se por bordejar para léste, mas pouco adiantaram, devido á calmaria. No dia 2, depois do meio-dia, passaram além da ilha; estende-se ella a nor-noroeste e é plana por uma legua. Tinha então o vento de sueste, e á noite houve calmaria. No dia seguinte, viram Guatao ou Cigateo (pois não puderam examinar se estão juntas ou não) extender-se para sudoeste em uma curva, tão longe quanto podiam avistar do mastaréu; a terra é toda cortada de valles e pantanos e com muitas collinas.

Guatáo está afastada de Curateo nove ou dez leguas a nordeste; a extremidade oriental está situada a 26°, 45' (por outra observação, — a parte sul de Guatáo está a 26°, 30').

Mantiveram-se perto, durante a noite, e no dia 4 a ponta nordeste de Cigateo estava-lhes tres leguas a su-sudoeste. Dessa ponta, estende-se a costa quatro leguas a noroeste, com ilhas juntas, algumas de duas leguas e meia, outras bem pequenas; e podia-se ver dalli a ilha grande, a qual pareceu ser regularmente alta; a maré segue para nordeste. No dia seguinte, approximaram-se da terra, que se extendia a noroeste, com duas ilhotas juntas e que pareciam aridas; todo o espaço entre ambas estava occupado por baixios. Ao meio-dia, tiveram 26° e 52' de latitude. Não houve meio de se desembarcar na costa com a chalupa, muito menos com os navios, pois os baixios e rochedos avançavam pelo mar seguramente uma legua; mantiveram-se perto durante a noite.

No dia 6 navegaram ainda ao longo da costa a oes-noroeste, e á tarde chegaram ao fim da mesma, sem que pudessem encontrar porto, pois todo o fundo era de pedra.

No dia 7, acharam-se a 27° e $22'$; o vento, antes do meio-dia, era sudoeste, mas fraco; e, depois do meio-dia, su-sudoeste e sul. Navegaram para oes-sudoeste, e, á tarde, encontraram baixios, de sorte que ficaram fluctuando; pois não podiam ver o fim de um que se extendia de noroeste quarta de oeste a sueste quarta de léste, a 27° e $26'$ de latitude, podendo-se do alto do mastro ver a arrebentação. No dia seguinte, pela manhã, fizeram-se á vela, navegando para oes-noroeste; e, antes do meio-dia, viraram para o sul, porquanto não puderam então ir a ponto mais alto que sul-sueste. Ao meio-dia, tiveram a mesma latitude, e novamente viraram de rumo; mandaram a chalupa para o baixio, o qual pareceu ter umas seis ou sete leguas de comprimento. Aquella, ao voltar, declarou que era impossível chegar-se até lá, devido aos abrolhos abaixo da agua; á noite, houve um temporal, de sorte que ficaram fluctuando. No dia 9 fizeram-se á vela, navegando para noroeste quarta de oeste; e, ao meio-dia, tiveram 27° e $40'$ de latitude, dirigindo-se a corrente para léste. Soffreram ali um temporal, passado o qual navegaram para oeste quarta de sudoeste, voltando depois o mau tempo. No dia seguinte, navegaram ainda para oeste quarta de sudoeste, e tiveram 28° , $2'$ de latitude; deram caça a um navio durante todo o dia, até que elle desaparecesse, e, como fizesse muito mau tempo, os yachts resolveram tomar rumo para a Republica no dia 12 de Julho. No dia 7 de Agosto, chegaram á ilha das Flores, onde obtiveram alguns refrescos; e assim chegaram em paz e salvamento á Republica, no dia 8 de Setembro, trazendo noticias mais exactas sobre as ilhas Lucayas, como já referimos.

Nesse mesmo anno, foi mandado do Brasil o capitão Jonathas de Necker, como *commandeur* para as Indias Occidentaes, com tres vasos, a saber: o navio *Domburgh*, de 130 lastros, com 4 canhões de bronze e 18 de ferro; o yacht *Otter*, 90 lastros, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, tendo como *vice-commandeur* Cornelis Cornelisz-Jol, aliás, o Perna-de-pau; e o yacht *Phenix*, do qual era capitão Reynier Pietersz, de 60 lastros, 2 canhões de bronze e 10 de ferro. Estes dous yachts haviam sido enviados da Republica para o Brasil afim de levarem ao *commandeur* a ordem e as instrucções secretas da Assembléa dos XIX sobre o que tinha de fazer. Partiu do Recife no dia 26 de Abril, e dirigiu-se á ilha de Itamaracá, para receber alguma gente que fôra posta á sua disposição e distribuill-a entre os outros navios; de sorte que já a 28 encetavam a viagem. Andaram tão depressa, que, no dia 12 de Maio, á noite, avistaram a ilha de Barbudas, e, no dia seguinte, pela manhã, passaram a ponta norte da mesma ilha. Verificaram estar a mesma situada a 13° e $20'$ de latitude (o que referimos, para que os curiosos possam apreciar a differença das observações); é uma ilha regularmente alta, mas plana, sem collinas, extendendo-se na maior parte de sul a norte, e ambas estas pontas prolongam-se em declive suave.

No dia 14, antes do meio-dia, ancoraram junto á ilha de S. Vicente.

Pararam alli, para obter refrescos, até o dia 22, e no dia seguinte fizeram-se á vela. No dia 25, avistaram Nieves, S. Christovam e S. Eustaquio, e rumaram para Santa Cruz; acharam para o meio de S. Christovam a latitude de 17°

e 36'. E deve-se notar que os que quizerem, em tal época do anno, ir de S. Vicente a S. Christovam, devem seguir primeiro para o norte, ou pouco mais ou menos naquella direcção, até á ilha de Guadelupe; e dalli em deante ao longo das ilhas para noroeste quarta de léste, mais ou menos; porque no mez de Maio a corrente passa por entre as ilhas em direcção ao sul. A' tarde avistaram Santa Cruz, estando a ponta sul ainda a sete leguas de distancia a oeste-noroeste; passaram por ella á noite. E' uma ilha comprida e plana com algumas montanhas na extremidade oriental, onde ha uma collina com espigão; estende-se geralmente de oes-noroeste a lés-sieste. A maior parte da costa, que se estende para oeste, é regularmente elevada, quasi toda plana, tendo aqui e acolá uma baixada. A's 10 horas avistaram a ponta léste do lado sul de Porto-Rico, e calcularam achar-se a 18°, 9'.

No dia 27, ao nascer do sol, avistaram Mona; e, pelas 10 horas, Saona estava pouco mais ou menos a tres leguas ao norte; depois do meio-dia, viram a grande ilha Hispaniola.

Proseguiram a navegação dalli em deante ao longo da ultima, e viram no dia 29 as ilhotas Beata e Alto Velo, as quaes, pelo seu calculo, estão a 17° e 42'. Seguiram a sua rota ao longo da costa de Hispaniola, a qual alli é muito alta. Da ilhota Alto Velo até Porto Jaquimo o rumo é noroeste quarta de léste, por cerca de 15 leguas. Ao lado oriental de Jaquimo, a costa é toda alta; e, quando recua, para formar o porto, torna-se baixa e pedregosa. O lado de oeste é mais baixo, com um cabo plano, tendo alguns rochedos brancos junto ao mar; e o interior da ilha é todo alto.

No dia seguinte, de manhã cedo, avistaram Salinas, cerca de 12 leguas a oeste quarta de noroeste de Jaquimo; e chegaram antes da tarde atrás da ilha de Vacca, onde ancoraram em frente ao rio que desagúa em Hispaniola. Detiveram-se alli até o dia 14 de Junho, e foram quasi todos os dias á terra, para caçar, pescar e colher fructos.

Navegaram então com os tres navios, esforçando-se em bordejar o mais possivel para alcançar o léste; depois, achando-se no dia 16 ainda perto de Porto Salinas, e vendo que não avançavam muito, rumaram para o continente; tiveram ao meio-dia 18° e 12' a cerca de 6 leguas de terra. Apanharam tão amplo vento, que puderam ganhar o sul-sueste; de sorte que no dia 20, pela manhã, chegaram a ver a terra alta de Santa Martha, coberta de neve, e depois a praia baixa. Navegaram costeando, primeiro a oes-sudoeste, depois oeste e oeste quarta de noroeste, e tambem oes-noroeste; havendo examinado bem a costa, viram que estavam perto do rio de la Hacha, onde ha uma ponta saliente. Acharam que a corrente, nessa época do anno, ia contra o vento. Ao pôr do sol, tinham as Ancones a sudoeste quarta de oeste; e no dia seguinte, á hora do almoço, a mesma estava para léste. A oeste do cabo de Ancones, a costa fórma uma curva; a oeste della, estende-se outra vez para léste-oeste, e é toda baixa e plana. Avistando-se essa costa baixa, tem-se ao lado Santa Martha, dahi a cinco leguas; lobra-se mais uma ponta saliente, prolongando-se da costa baixa para o mar como um cabo escarpado. Quando este estiver a su-sueste, encontrar-se-á a agua do mar de côr amarello-clara, a qual vem do Rio Grande de Madalena, e alcançam-se com a vista duas leguas de costa; para poder encontrar o rio,

deve-se navegar nessas aguas, com a sonda na mão; e, seguindo-se até á extremidade da costa baixa, ali é elle encontrado. Esse rio desemboca por tres canaes: um por aquella terra baixa, o outro direito no mar e o terceiro ao longo da costa a oeste; entre esses dous ultimos, ha uma ilhota no meio do rio.

O yacht *Otter* foi fundear atrás da dita ilhota, ou, antes, do recife adjacente, para vigiar as barcas e outros pequenos navios que sahisses do rio, e os outros dous junto a Punta Verde; o vento soprava muito forte, especialmente á noite; mas alli, onde estavam, o mar era calmo. No dia 27, uma hora antes do pôr do sol, avistaram uma vela a barlavento, de sorte que levantaram ferro e deram-lhe caça, mas desapareceu. No dia seguinte, avistaram novamente uma outra a sudoeste; tinham então o ponto da ilha de Zamba a lés-sueste; a embarcação, vendo que não podia escapar, encalhou na costa, e o bote do *Phenix* remou para lá, achou-a vazia e incendiou-a.

Viram então tres velas vir bordejando por perto de Bujo de Gatto, enquanto o *Phenix* estava occupado com o navio precedente; e o *commandeur* deu caça a duas dellas, mas debalde; ainda que estivessem quasi ao alcance de tiro de peça, escaparam-se, voltando os yachts a fundear, no dia 29, atrás de Zamba.

Essa ilha é toda baixa, e tem duas e meia ou tres leguas de extensão; a extremidade de léste é montanhosa, mas a de oeste é toda baixa e quasi ao nível do mar. Estende-se de nor-nordeste a su-sudoeste. Ha arrebentação na ponta e fóra, ao longo da ilha. No dia 2 de Julho, fizeram-se novamente á vela, pretendendo manter-se cinco ou seis dias á vista de terra; mas, ás 4 horas da tarde, avistaram uma vela vir do lado do vento a cerca de duas leguas a nordeste quarta de léste. Por ser tão tarde, não lhe deram caça, e navegaram com vela grande, a de mesena e a do mastaréo, para imitar as barcas, que vêm bordejando de Carthagená daquelle modo; e tel-a-iam enganado, se o *Phenix* não tivesse içado mais velas, de sorte que o vaso inimigo, descobrindo o ardil e não podendo escapar de outra fórma, encalhou na costa.

Havia muita arrebentação alli, de modo que não ousavam approximar-se com os botes, durante a noite; entretanto, o *Phenix* fundeou perto. Foram até lá no dia seguinte com o bote; acharam-na vazia, e perderam o bote no marulho, morrendo quatro marinheiros afogados e quatro, que nadaram para terra, foram aprisionados pelos hespanhões. No mesmo dia, ambos os navios foram ancorar junto á Zamba. No dia seguinte, observaram que quatro navios vinham bordejando, e suspeitaram que eram mandados de Carthagená para procural-os; haviam mandado o bote, pouco tempo antes, a apanhar umas canoas, e os marinheiros tinham apprehendida quatro, nas quaes encontraram vinho e se embriagaram, de sorte que mal podiam fazel-os vir para bordo. Enquanto estavam occupados nisso, aquelles navios se approximaram muito; e, como já fosse tarde, os nossos não acharam prudente ir-lhes ao encontro; á noite, começou a ventar forte, pelo que recolheram a vela do mastaréo, e conservaram-se navegando com outras. No dia seguinte, tinham Morro Formoso a sueste; estavam bem a umas cinco leguas da costa; avistaram os navios hespanhões a sudoeste tão longe que só do alto do mastro podiam distinguil-os; resolveram navegar para o Rio Grande de Magdalena e buscar o *Otter*. Chegando no dia 6 em frente ao rio e junto ao lugar em que o *Otter* estivera fundeado,

não o encontraram, e não sabiam o que conjecturar. No dia seguinte, avistaram novamente duas velas que vinham subindo, e uma dellas ao pôr do sol, ancorou a uma meia legua delles, a qual o *Phenix* capturou na manhã do dia 8; era uma barca descarregada, que se dirigia para Santa Martha.

Ouviram dos tripolantes que a esquadra hespanhola ainda não chegara a Carthagená, e era muito incerto se viria uma naquelle anno. A' tarde, avistaram uma vela no mar, com rumo á terra, e mais uma outra ao longo da costa, com vento em pôpa, a qual lançou ferro na vizinhança do Rio Grande; cerca de uma hora da tarde, ambos os yachts fizeram-se á vela, para surprehender aquelle navio, e ancoraram no dia 9 atrás de Zamba. No dia seguinte, avistaram um navio que vinha com o vento a favor, bem perto da costa; era o *Otter*, que veio juntar-se-lhes. Contou que no dia 22 do mez anterior fôra arrastado por uma tempestade, que o afastou do rio, indo parar em Jamaica, perto de cuja costa deu caça a uma barca, não tendo podido apanhal-a; depois, tomara o rumo do Cabo Tiburon; mas passara além de Navaza e acostara perto de Santa Martha, capturando proximo dalli um navio com 400 negros, vindo de Catchieu (Cachéu), do qual tirara apenas 24 pedaços de cera amarella e algum arroz, deixando-o ir-se embora.

No dia 12, avistaram novamente uma vela para o lado do mar, á qual ambos os navios perseguiram; entretanto, o *Otter* voltou a Zamba no dia 14, proseguindo o *Phenix* na caça. No mesmo dia, avistaram ainda uma vela com vento a favor, isto é, de léste, a qual o *Otter* capturou depois de meio-dia, sendo uma barca sahida do Rio Grande de Magdalena e carregada com 1.700 couros, 6 canastras de fio azul de algodão, algum assucar e outras mercadorias; navegaram depois com a mesma para Zamba, onde a descarregaram. Guarneceram-na com 16 homens, para ver se lhes podia prestar serviço; mas, tendo-a experimentado e vendo que não navegava bem, entregaram-na vazia aos hespanhões e deixaram que seguisse para Carthagená, dando-lhe uma carta para o Governador, a quem pediram que soltasse os quatro prisioneiros (dos quaes já falámos); e ficaram depois bordejando de cá para lá.

Nos dias 24 e 25, houve fortes ventanias (como costuma haver nessa costa, geralmente á tarde e mais ainda á noite, do lado de nordeste, de sorte que mal se podiam manter alli, pois a corrente ia em direcção ao vento); mas me'horou um pouco no dia seguinte, recrudescendo, entretanto, á tarde.

No dia 27, o *Phenix* capturou uma barca carregada com 6.400 couros e outros artigos, vinda de Caracas; e, como a mesma fizesse muita agua, foram com ella a Punta Verde, e no outro dia seguiram para Zamba. Alli combinaram carregar o mais possivel os couros no navio *Domburgh* e no yacht *Phenix*, prover a barca e partirem para Hispaniola e depois para a Republica, devendo o yacht *Otter* ficar por mais algum tempo, pois tinha ainda viveres para oito mezes. No dia 3 de Agosto, o *Domburgh* e o *Phenix* deixaram Zamba, diligenciaram por bordejar, e, tendo passado além, tiveram tempo tão variavel, que só no dia 10 puderam ancorar em Porto Negrillo, na ilha de Jamaica. Foram á terra e querenaram os navios, seccaram os couros molhados, tirados da presa, e passaram para os seus barcos 5.450; e, como não pudessem aproveitar mais, incen-

diaram a barca com o resto dos couros. Soffreram, enquanto pararam alli, muita chuva, com terriveis relampagos e trovões.

No dia 12 de Setembro, partiram de Porto Negrillo e seguiram ao longo das Caicos para a Republica. A bahia de Porto Negrillo está situada a 18° e 25'. Chegaram á Hollanda no dia 20 de Novembro.

O yacht *Otter* voltou no dia 4 para defronte do Rio Grande de Magdalena, e viu no dia 5 pela manhã, ao longe, a esquadra hespanhola, forte (pelo que puderam contar) de 18 velas, junto á costa alta de Santa Martha, seguindo lentamente para Carthagená. Fundeou depois em frente ao canal mais oriental do rio, donde sae forte correnteza, e ha arrebentação por toda parte, de sorte que parece que não se póde entrar por alli, pois o mar é muito agitado. Navegaram para o canal occidental do rio, e nesse caminho ha um recife, que vae de um canal até o outro; ancoraram depois de meio-dia no canal occidental, e encheram os seus barris com agua tirada dalli. Quando se quer entrar deve-se navegar por fóra do recife em quatro braças de agua. Fundearam em quatro e meia braças. Naquella posição, tem-se um baixio a sueste, a extremidade do recife fica situada a nordeste, as Savanillas a léste, e a ponta occidental a oeste quarta de sudoeste. Entre o recife e o baixio não ha grande largura; mas dentro fica mais aberto, e duas leguas acima torna-se muito amplo; dalli sae uma correnteza regular; toda aquella terra está bem povoada. Começaram novamente a navegar; mas ventava tanto, que se rasgou a vela grande, de modo que seguiram por muito tempo com a do traquete, até que aquella fosse reparada; no dia 9, pela manhã, chegaram em frente da costa de Morro Formoso, e fundearam a cinco braças; ventou forte todo o dia, de sorte que navegaram com poucas velas.

No dia 11, tomaram uma fragata ligeira, vinda de Carthagená; mas, devido ao forte vento, tiveram de abandoná-la outra vez.

No dia 12, fundearam novamente junto ao Morro Formoso. No dia 13, viram uma vela, á qual deram caça junto á costa, e dirigiram-se com a chalupa para lá; os tripulantes fugiram para terra, e na embarcação apreçada só se encontrou um pouco de sal.

No dia 14, chegaram á tarde cerca de legua e meia abaixo da costa do Rio Grande e ancoraram a sete braças; fizeram-se á vela no segundo quarto da noite, chegando no dia seguinte pela manhã em frente ao rio, e bordejaram pela costa.

No dia 17, pela manhã, tinham o cabo da Aguiá a su-sueste. Obra de 16 leguas a léste desse cabo, a costa é baixa; collocaram-se um pouco ao lado, para enganar o inimigo, e no dia 23 pela manhã, estavam a cerca de duas e meia leguas do cabo de Anguilla, situado numa ilha onde ha mais dois ou tres rochedos, Viram depois uma vela a barlavento, seguiram para a costa, e navegaram na bahia a léste do Cabo. Esta bahia tem grande extensão, a maior parte para sueste, com uma praia de areia e duas aldeias de indios; a barca encalhou na praia, de sorte que não foram lá. No dia 24, tomaram o rumo para Morro Formoso, e sentiram uma forte correnteza, vinda do rio; fundearam á noite, depois de acabar o primeiro quarto, junto a Morro Formoso. No dia 25, pela manhã, viram

uma vela, para a qual navegaram, e, como reinasse calmaria, arriaram a chalupa; chegando lá, foram recebidos a tiros de mosquete, que feriram gravemente a tres officiaes, pelo que voltaram para bordo. Mas, soprando dahi a pouco uma pequena brisa, capturaram a embarcação depois de meio-dia; era uma fragata descarregada, vinda de Carthagera e com destino a Santa Martha. Souberam pelos prisioneiros, que estavam 11 navios em Porto Bello, para carregar a prata, e que o general da esquadra, Tomás de Raspure, se mantinha nas cercanias do cabo Santo Antonio; deixaram a fragata seguir viagem. Conserparam-se alli fundeados um dia, e passaram quatro dias a cruzar; no ultimo do mez acharam-se a 14° e 25'.

Rumaram então para Hispaniola; no dia 3 de Setembro, tinham a ilha de Navaza duas leguas a nordeste, e no dia seguinte o cabo Tiburon seis leguas a léste quarta de nordeste; no dia 5, foram ancorar em ilha de Vacca. No dia 6, a gente dirigiu-se á ilha, para caçar, mas nada apanhou; ha bastantes animaes, mas a vegetação era tão espessa, que os cães não podiam correr. Ao meio-dia, navegaram em frente ao rio, por detrás da ilha; não acharam laranjas maduras, mas grande abundancia de limões. Ficaram ali até o dia 18, limpando o navio; fizeram provisão de agua e lenha, e apanharam tantos porcos, quantos puderam comer.

No dia 18, partiram; no dia 24, avistaram novamente as Sierras Nevadas. No dia 29, tinham o cabo de Anguilla ao sul quarta de sudoeste; seguiram para sudoeste, e pretendiam navegar para Morro Formoso; mas, chegando junto do Rio Grande, viram uma vela a sotavento, que não puderam alcançar; no dia seguinte, collocaram-se junto ao dito Morro, mas foram impellidos dalli por forte vento. No dia 3 de Outubro, estavam a léste do rio, e avistaram uma vela, a qual capturaram. Era um navio vindo de Angola, carregado de negros; estivera em S. Domingos, dizendo os tripulantes que ficara lá fundeado um navio do rei, com 24 canhões, e uma fragata; deixaram-no seguir viagem, porque não sabiam o que fazer com os negros.

No dia 5, foram junto a Morro Formoso e apanharam a ancora que haviam perdido, fazendo-se novamente á vela; mas voltaram a fundear alli no dia 7. No dia 9, á tarde, partiram novamente; e, no dia seguinte, tinham Zamba a sueste; ao meio-dia, tiveram 10°, 45' e Punta de Canoa oito leguas a léste quarta de sueste; o tempo tornara-se bom outra vez; á tarde, podiam do mastro ver terra a léste; e, ao expirar o primeiro quarto, haviam navegado nove leguas para sudoeste.

No dia 11, dirigiram-se para o sul, apanhando temporal e ventanias; depois do meio-dia, o vento vinha de sudoeste, com uma brisa firme, ficando novamente sombrio o tempo; avistaram terra; eram as ilhas de S. Bernardo. No dia 12, tinham a mais occidental ao sul quarta de sueste; as outras têm algumas montanhas, mas não muito altas; sobreveiu completa calmaria, de sorte que fluctuaram toda a noite. No dia 13, tinham as ilhas a sueste; no dia seguinte, a latitude era de 9° e 36', e a brisa vinha do lado de léste; tinham a intenção de navegar para Porto Bello, mas foram impedidos pela calmaria, indo a corrente para léste. A' tarde, navegaram para o norte quarta de nordeste; puderam ver

ainda terra ao sul quarta de sueste, e calcularam achar-se a cerca de 11 leguas a oeste de Carthagena. Cruzaram ahi por alguns dias. No dia 21 as Sierras Nevadas achavam-se a sudoeste quarta de sul, tão longe para oeste, quanto podiam avistar; estavam a tres leguas da costa e mais para léste do que calcularam, de modo que nessa occasião a corrente sem duvida seguia naquella direcção. No dia 23, tinham a ponta da costa de Santa Martha a sudoeste; sobreveiu calmaria.

No dia 26 tinham Morro Formoso a su-sudoeste, e navegaram para o sul quarta de sudoeste, por causa da correnteza que sae do rio; e, ao terminar o primeiro quarto, fundearam junto ao mesmo. No dia 27, viram uma vela a oes-noroeste; mas, devido á calmaria, não poderam dirigir-se para lá, pois já estava escuro.

No dia 28 estavam mesmo em frente ao Rio Grande, a uma legua e meia de terra; avistaram uma vela ao norte quarta de nordeste, a qual capturaram ao meio-dia; dirigia-se de Porto del Principe para Cuba e tinha 300 couros curtidos, algum tabaco e carne.

No dia 29, navegaram entre Morro Formoso e as Sâvanillas, tiraram da presa tudo que lhes servia e deixaram-na proseguir a sua viagem.

Mantiveram-se ahi de um lado para o outro. No dia 3 de Novembro, foram vogando para o Rio Grande, a cuja foz chegaram pelas 10 horas, abastecendo-se alli de agua, e foram mais para dentro com uma canôa; achavam-se entre a costa e o recife. Este é o ponto mais estreito do rio e tem 15 braças de profundidade; onde estavam fundeados havia cinco braças. No dia 6, pela manhã, estavam junto á Zamba, onde pretendiam entrar, mas foram impedidos pelo vento e correnteza; mantiveram-se, por isso, na visinhança. No dia 11, entraram no porto de Zamba, e no dia seguinte sahiram novamente; avistaram dous navios inimigos, mandados contra os nossos; mas como reinasse calmaria, não se approximaram. Nos dias seguintes, esforçaram-se por avançar para léste; e, depois de longa demora, porque o vento não lhes não foi propicio, chegaram no dia 5 de Dezembro ao cabo de la Vela, onde ficaram fundeados até o dia 17, e foram para trás da ilha de Vacca, para reparar o navio.

Deixemol-os agora ahi.

Antes de terminar a historia desse anno, vamos relatar o grande desastre sobrevindo na esquadra da Nova Hispania no mez de Outubro ultimo, e isso devido ao receio das nossas esquadras, por terem sahido de S. Juan de Lua tão tarde no dito anno.

Fazemol-o tanto mais, porquanto cahiram em nossas mãos cartas da maior importancia, escriptas da mencionada região naquella época e no principio do anno seguinte de 1632, e nas quaes é feita muito claramente a narrativa dessa grande perda para a Hespanha.

Vamos primeiro dar o registro ou lista das fazendas que foram publicamente embarcadas nessa esquadra e entregues aos officiaes do rei, segundo consta das mesmas cartas e com o titulo seguinte: — Registro da Prata, cochonilha, anil, sedas, couros, pau-brasil e outras mercadorias, que vão embarcadas para o reino

de Castella, na esquadra da qual é commandante em chefe Miguel de Echacareta e que se fez á vela no dia 14 do mez de Outubro de 1631.

Na Capitanea *S. Jusepe*, da qual era capitão Juan Lopes: 1.077.840 reales de oito; 1.530 arrobas de cochonilha fina e 1.037 da silvestre; 4.007 arrobas de anil; 2.577 libras de seda; 405 quintaes de pau-brasil; 26 caixas de chocolate.

Na almiranta *Santa Teresia*, da qual era capitão Francisco de Supide: 833.288 reales de oito; 1.581 arrobas de cochonilha fina e 1.182 da silvestre; 3.836 arrobas de anil; 1.850 libras de seda; 550 quintaes de pau-brasil e 16 caixas de chocolate.

No navio *S. Francisco de Natividad*, capitão Francisco Nicolas: 84.782 reales de oito; 617 arrobas de cochonilha fina e 438 da silvestre, 2.574 libras de seda, 8.362 couros, 850 quintaes de pau-campeche; 3 caixas de chocolate; 36 quintaes de salsaparrilha.

No navio *El Rosario*, de Balthasar Spinosa: 113.269 reales de oito; 812 arrobas de cochonilha fina e 403 da silvestre; 2.348 arrobas de anil; 2.421 libras de seda; 9.368 couros; 611 quintaes de pau-brasil; 900 quintaes de pau-campeche; 10 caixas de chocolate.

No navio *Santo Antonio Amesquita*, de Balthasar de Amesquita: 87.161 reales de oito; 513 arrobas de cochonilha fina e 704 da silvestre; 1.616 arrobas de anil; 1.300 libras de seda; 8.672 couros; 500 quintaes de pau-brasil; 1.703 quintaes de pau-campeche; 30 caixas de assucar.

No navio de Domingo d'Arano: 355 arrobas de cochonilha fina e 115 da silvestre; 1.032 arrobas de anil; 125 libras de seda; 13.963 couros; 2.015 quintaes de pau-brasil; 1.044 quintaes de pau-campeche; 15 caixas de chocolate.

No navio de Alonso Xuarez: 9.50 couros; 729 quintaes de pau-brasil; 1.200 de pau-campeche; 9 caixas de chocolate; 55 quintaes de salsaparrilha.

No navio de Manuel de Stenisoro: 13.538 couros; 1.898 quintaes de pau-brasil; 1.600 de pau-campeche; 10 caixas de chocolate.

No navio de Lazaro de Tompes: 3.927 couros; 100 quintaes de pau-brasil; 500 de pau-campeche.

No navio de Francisco de Olano: 2.900 couros; 175 quintaes de pau-campeche.

De sorte que, ao todo, esses navios levavam: para particulares, 2.196.340 reales de oito; e para o rei, dos erarios do Mexico, Guatemala e Nueva Vera-Cruz, 1.447.858 reales de oito, o que representava um total de 3.644.198 reales de oito. Além disso, para particulares havia: 5.408 arrobas de cochonilha fina e 3.879 da silvestre; 15.413 arrobas de anil; 10.018 libras de seda; 71.780 couros; 6.858 quintaes de pau-brasil; 7.972 quintaes de pau-campeche; 112 caixas de chocolate; e 91 quintaes de salsaparrilha. E tudo isso estava registrado nos livros do rei. Que iam ainda grandes riquezas ás escondidas e fóra do registo, é facto sabido de todos. As cartas affirmam unanimemente que nunca sahio da Nova Hespanha esquadra mais rica do que aquella: o que se deduz das cartas seguintes.

Pedro de Ancieta escreve de Tabasco no dia 3 de Dezembro de 1631: — “Na terça-feira, 14 de Outubro, depois que Deus chamou a si o general da esquadra, Miguel de Echacareta, fez-se esta á vela do porto de Nueva Vera-Cruz, contando

noye navios e muitos outros menores e fragatas, destinados a diversos paizes. No primeiro dia, á tarde, separei-me da esquadra, com a minha fragata, com ordem do general Thomás de la Raspura, para ver se a esquadra partira de Vera-Cruz, e naveguei tres dias com vento favoravel até sabbado, 18, chegando até 22° de latitude e ali me mantive cruzando á espera de poder tomar outro rumo; no dia 24, sexta-feira, á tarde, com a conjuncção lunar, sobreveiu um tão forte furacão, que não esperavamos outra cousa senão a morte. A tempestade durou até domingo ao meio-dia, e por todo esse tempo não sabiamos por onde iam; navegámos com a cevadeira, pois as outras velas tinham sido levadas pelo vento. Na segunda-feira, 27, achámo-nos a 21° de latitude e perto da costa de Campeche, dando graças a Deus, por nos ter livrado da horriavel tempestade, e com muitos cuidados quanto á nossa esquadra. E como a tempestade nos houvesse levado as velas e o cordame, resolvêmos ir para Campeche. Na terça-feira, 28, á tarde, avistámos uma embarcação, e, approximando-nos, notámos que era um navio grande da esquadra; e reconhecêmos, ao chegar perto d'elle, que era o *S. Francisco de Natividad*, capitão Francisco Nicolas, que estava muito destroçado, sem a vela grande, sem o castello, e com uma cevadeira no mastro da mesena. Havendo-nos saudado, pediu que ficássemos junto d'elle e não o abandonássemos, até o dia seguinte pela manhã, porque calculava não estar longe dos baixios, chamados Las Arcas; perguntando-lhe nós pela esquadra, disse não saber o que era feito della, pois a tinha perdido de vista durante a tempestade. Segunda-feira, ás 8 horas da manhã, separei-me d'elle em grandes apuros e perigo, e segui o meu rumo. No dia seguinte, pela manhã, sobreveiu-nos um tão forte vento do norte, que partiu em pedaços o mastro grande e nos levou completamente o leme; tivemos a morte deante dos olhos, pois vogámos sem leme e sem velas, á mercê do vento e sem saber onde estávamos. Promettêmos muitas romarias, especialmente a uma imagem da Santa Virgem Maria, que certa mulher a bordo trazia consigo; collocámo-la na canna do leme, rogando-lhe que nos guiasse conforme a sua divina vontade. Aproveu ao bom Deus levar-nos, após tres noites e tres dias, á costa de Tabasco, o que considerámos um grande milagre e demos graças á nossa celeste guia. Ancorámos, no dia 2 de Novembro, junto á costa; na vespera, viramos mais um navio da esquadra, tambem sem o mastro grande; não pudemos approximar-nos d'elle, mas não era o *Natividad*, do qual nos apartaramos cinco dias antes. A' noite, vimos na praia, a cerca de uma legua de distancia, muitas luzes, o que nos surprehendeu bastante; no dia seguinte, pela manhã muito cedo, fomos á terra, e a primeira cousa que se nos deparou foram caixas de anil e cochonilha, e fardos de seda e muitos cadaveres, pelo que verificámos que um navio da esquadra dera á costa. Percorrêmos a praia por duas leguas, e encontrámos em uma choupana o capitão Balthasar de Amesquita, proprietario do navio naufragado, o *Santo Antonio*, o qual nos contou que o navio fizera tanta agua, que teve de encalhal-o; que salvara a maior parte da prata, tirara duas caixas e cinco ou seis caixotes com reales; que 22 homens morreram afogados, porque o navio se fez repentinamente em mil pedaços. Perguntando-lhe nós pela esquadra, disse-nos que, no dia da conjuncção lunar, se separara da capitanea

S. Insepe e que o navio do provedor Domingo de Arano, tendo dado tres tiros, a capitanea e a almiranta se dirigiram para junto delle a prestar-lhe soccorro; e elle Mesquita, achando-se perto, viu-o afundar-se, pois fizera muita agua; e vira *El Rosario*, do capitão Balthasar de Espinosa, sem mastros e sem os castellos, assim como o navio de Alonso Suárez em pessimas condições, de sorte que era impossivel que escapassem. A almiranta *Santa Teresia*, capitão Francisco de Supide, estava cheia de agua. Disse mais que deixara a esquadra nesse miseravel estado no dia 25 de Outubro, a 22° de latitude, e as outras fragatas, que sahiram juntamente com ella, se haviam perdido tres dias antes, não se sabendo o que fôra feito dellas. Voltei ao meu navio, o qual corria grande risco, com o vento do norte, de fazer-se em pedaços, e esforcei-me o mais possivel por entrar no rio, do qual estava ainda afastado tres leguas, afim de reparal-o e seguir minha viagem para Havana. Eis quanto soube e vi até o dia 3 de Novembro; no dia 16, cheguei a Tabasco, onde soube depois o seguinte. No dia 10 de Novembro, o padre da aldeia recebera uma carta do alcaide, que fôra até a costa salvar as mercadorias, na qual carta lhe deu noticia de que naquella tarde vira cinco velas correndo para a costa com o vento do norte. Julguei que fossem os navios da esquadra e que eu lhes poderia dar algum auxilio; por isso fui á praia, tripulei o meu bote com 12 marinheiros, e dirigi-me do rio para o logar, onde, encontrando o alcaide com muita gente, lhes pedi noticias dos navios; responderam-me que cinco navios grandes estiveram perto da praia; mas, soprando o vento á tarde do lado de terra, foram outra vez levados para alto mar, e que accenderam muitos fogos. Como já era meia noite, quando cheguei alli, e estava a umas quatro leguas de Tabasco, fiquei com elles até de manhã, para ver se apparecia alguma vela; mas não vi nenhuma, pelo que voltei para o rio, e não sei se aquella gente os teria ainda visto. No dia 14, chegou aqui um mulato, com um indio mestiço de Campeche, e contaram haver encontrado muita gente a pé, na praia, do lado de cá do Champeton, a qual se salvara no bote de uma fragata que dera á costa alli, e que a capitanea naufragara perto da outra, e affirmaram com insistencia, ante a justiça, ser essa a verdade. Não sei se é certo; mas, considerando-se a horriavel tempestade, é muito crível. Ahi está tudo quanto pude saber até o dia 3 de Dezembro”.

Deixemos esse capitão de fragata e vamos a outro.

Juan de Ledesma assim escreveu ao padre Diego de Sosa, assistente da Companhia de Jesus pelas provincias de Hespanha em Roma: “Mexico, 24 de Março de 1632. E’ certa a perda da esquadra, exceptuando-se dous navios (e estes bem maltratados), com a qual se perdeu mais riquezas e gente do que na que foi capturada pelo inimigo; entre os mortos está o marquez de Salinas, além de muitos outros de grande fortuna e posição. Chegou hoje de Cinaloa a noticia de que os selvagens mataram dous dos nossos”, etc.

Don Francisco Carrello escreveu ao padre Francisco Crespo, em 23 de Dezembro de 1631: “A esquadra partiu do porto no dia 14 de Outubro; mas, poucos dias depois, voltou um navio da mesma. No dia 10 de Dezembro, veio de Campeche a noticia de que a almiranta fôra a pique, morrendo afogadas pessoas muito distinctas, entre outras o marquez de Salinas, e perdendo-se com

ella um grande thesouro, calculado em dous milhões. Outro navio arribou ao Rio de Lagartos, dous outros a logares differentes, e dos restantes nada se sabe. Foi a maior riqueza que jamais sahira das Indias, e dizem mais que tambem se perdeu um navio do Perú com quatro milhões; são mysteriosos decretos de Deus, que parece querer a ruina deste reino", etc.

Francisco Tirolmonte escreve a dona Maria Rodriguez: — "Mexico, 20 de Março de 1632. Deve já ser sabido na côrte o desastre da esquadra, que partiu daqui para Castella no dia 14 de Outubro ultimo, e como, em viagem para Havana, lhe sobreveiu, na vespera de Todos-os-Santos, uma tempestade na costa de Campeche. A capitanea e a almiranta naufragaram, e, com ellas, outros navios que levavam a prata de S. Magestade e dos particulares, em maior quantidade do que jamais foi embarcada nas Indias. Dos navios, que se destinavam á Hespanha, escaparam apenas dous, que chegaram a Havana em pessimas condições, um que voltou a Vera-Cruz e outro que encalhou e do qual salvaram a maior parte da prata, o que não tem grande importancia, comparado com o resto que se perdeu. Imagine, dona Maria, como isso deve affligir ao nosso rei, e a dôr que lia de causar ao conde-duque e a a toda a côrte," etc.

Juan de Aramburu escreve ao pae, de Vera-Cruz, em 28 de Março de 1632: — "Fizemo-nos á vela deste porto no dia 14 de Outubro, e nos sobreveiu tão grande temporal com vento norte, que nos julgámos perdidos, pois os nortes aqui são peiores do que os vendavaes na Hespanha; e, como cada vez se tornasse peor, voltamos ao porto, o que foi uma grande graça de Deus, porque é uma barra perigosa para barcos, quanto mais para um galeão (em outra carta vê-se que esse navio se chamava *La Biscaina Grande*). Perderam-se nessa tempestade dous galeões do rei, a capitanea e a almiranta e dous navios de particulares, e a tripulação mais luzida que jamais veio aqui, especialmente muitos biscainhos e os melhores soldados do rei."

Alonso Garzia del Castillo escreve a dona Beatriz de Herrero, de Vera-Cruz, a 1.º de Março de 1632: — "Na minha carta anterior, referi o desastre da esquadra e que pereceram com ella mais de 2.000 pessoas e tantos thesouros, sendo essa a esquadra mais rica que jamais partiu deste porto."

Don Isidoro Mendes de Sequeira escreve ao irmão, de Nueva Vera-Cruz, em 15 de Janeiro de 1632: — "Aqui chegou de Campeche um pequeno navio e deu noticia de que entrara lá um outro que andava perdido no golfo, o qual trouxe 30 pessoas, que encontrara em um bote. Disseram elles ser da capitanea de Miguel de Chazareta, a qual, devido ao fallecimento deste, ficou occupando o logar de almiranta, e o almirante Serrano o de general; nessa capitanea, que, pelo motivo exposto, é agora almiranta, commandava como capitão mais antigo don Andrés de Aristheca, cavalleiro de Santiago. Referiram mais que o seu navio se perdera com umas 500 pessoas; e esses poucos se salvaram, porque (dizem elles) estavam na chalupa que se manteve fluctuando quando o navio afundou, e teriam perecido, se não fosse esse pequeno navio que os tomou a bordo. Se isso se dêsse, seria pequeno castigo pelo seu grande crime; porque, como aquelle bom cavalleiro collocasse aquella chalupa atrás do navio, para salvar a quantos pudesse, esses a afastaram e mataram a muitos que

estavam dentro. Depois, não quizeram tomar a bordo o almirante, e mataram também o marquez de Salinas, que já estava dentro (outras cartas dizem que o marquez pediu muito e tudo fazia crer que pudesse ir na chalupa, mas não o deixaram entrar, e morreu com os outros), para roubar uma caixa com joias e cadeias de ouro do marquez e uma outra do almirante, e os repelliram de bordo, submergindo-se o navio immediatamente. Os da chalupa não tinham alimentos, nem agua, nem sabiam onde se achavam, quando esse pequeno navio lhes appareceu por acaso, e tomou-os a bordo. Chegando a Campeche, foram bem recebidos, mas Deus descôbriu toda aquella perversidade; o contramestre Francisco Granillo e dous irmãos Los Farfanes brigaram por causa da partilha das joias e do ouro. Tendo isso chegado aos ouvidos da autoridade, Granillo e alguns outros foram presos, e os dous irmãos fugiram; sendo postos a tortura alguns, descobriram todo o crime, como já foi referido, sendo o capellão N. N. de Cardenas muito accusado por todos, etc. Depois disso, veio a noticia de que o navio de Balthasar de Amesquita derá á costa em Tabasco; li a sua carta, em que disse ter visto um navio com uma luz, o qual, tendo dado um tiro, desapareceu, de sorte que ficou convencido de que se submergira. A outra fragata, que aportou em Tabasco, disse ter visto a capitanea sem mastro e cheia de agua, e ordenara á fragata que se mantivesse perto, o que teria feito, se não fôra o fote vento do norte tel-a obrigado a seguir para a costa. Dá más noticias da capitanea e de toda a esquadra e ainda peiores do navio de Alonso Suárez, que perdera os mastros e estava cheio de agua. Depois disso, só se acharam nesta costa da velha Vera-Cruz o mastro grande e gurupés, que eu mesmo vi; pelo que se suppõe que toda a esquadra ficasse destruida, com excepção do navio que entrou neste porto, o qual, não sabendo onde se achava, foi dar perto de Villa Rica, sendo milagrosamente trazida para dentro. A Havana chegaram apenas o navio de Francisco Nicolás e *El Rosario*, de Balthasar de Espinosa, sendo os outros considerados perdidos; os dous, mencionados acima, andaram á matroca por 60 dias.”

Don Luiz escreve ao pae, de Vera-Cruz, em 1632, sem declinar dia e mez: — “Não ha duvida de que a perda da esquadra ha de produzir na Bolsa de Sevilha a maior difficuldade até então soffrida, pois é realmente a esquadra mais rica sahida deste porto, especialmente a capitanea e a almiranta; visto que, além do registo, o qual importava em muito, havia uma incrível quantidade de ouro e prata fóra d'elle, pertencente ao marquez de Salinas, ao general e ao almirante, que haviam chegado da China, e de muitos outros. Antes e depois da catastrophe, houve aqui muitas provas da colera divina: primeiro, um teremoto, começando pelo mar, de sorte que os navios o sentiram e algumas casas ruíram por terra; a esquadra sahiu depois, tendo na vespera enterrado o general, o qual falleceu tão repentinamente, que não poude fazer testamento; e, poucos dias depois que sahira, irrompeu tão violento incendio na ilha de S. Juan de Lua, que mais de 170 casas ficaram reduzidas a cinzas. E, subitamente, chegou um pequeno navio de Campeche, trazendo a triste noticia da perda, a qual muito receavam os que conheciam os perigos do golfo e os ventos furiosos do norte, que sopram alli por aquella época, pois a esquadra sahira no dia 14 de

diaram a barca com o resto dos couros. Soffreram, enquanto pararam alli, muita chuva, com terriveis relampagos e trovões.

No dia 12 de Setembro, partiram de Porto Negrillo e seguiram ao longo das Caicos para a Republica. A bahia de Porto Negrillo está situada a 18° e 25'. Chegaram á Hollanda no dia 20 de Novembro.

O yacht *Otter* voltou no dia 4 para defronte do Rio Grande de Magdalena, e viu no dia 5 pela manhã, ao longe, a esquadra hespanhola, forte (pelo que puderam contar) de 18 velas, junto á costa alta de Santa Martha, seguindo lentamente para Carthagená. Fundeou depois em frente ao canal mais oriental do rio, donde sae forte correnteza, e ha arrebentação por toda parte, de sorte que parece que não se pôde entrar por alli, pois o mar é muito agitado. Navegaram para o canal occidental do rio, e nesse caminho ha um recife, que vae de um canal até o outro; ancoraram depois de meio-dia no canal occidental, e encheram os seus barris com agua tirada dalli. Quando se quer entrar deve-se navegar por fóra do recife em quatro braças de agua. Fundearam em quatro e meia braças. Naquella posição, tem-se um baixio a sueste, a extremidade do recife fica situada a nordeste, as Savanillas a léste, e a ponta occidental a oeste quarta de sudoeste. Entre o recife e o baixio não ha grande largura; mas dentro fica mais aberto, e duas leguas acima torna-se muito amplo; dalli sae uma correnteza regular; toda aquella terra está bem povoada. Começaram novamente a navegar; mas ventava tanto, que se rasgou a vela grande, de modo que seguiram por muito tempo com a do traquete, até que aquella fosse reparada; no dia 9, pela manhã, chegaram em frente da costa de Morro Formoso, e fundearam a cinco braças; ventou forte todo o dia, de sorte que navegaram com poucas velas.

No dia 11, tomaram uma fragata ligeira, vinda de Carthagená; mas, devido ao forte vento, tiveram de abandoná-la outra vez.

No dia 12, fundearam novamente junto ao Morro Formoso. No dia 13, viram uma vela, á qual deram caça junto á costa, e dirigiram-se com a chalupa para lá; os tripulantes fugiram para terra, e na embarcação apreçada só se encontrou um pouco de sal.

No dia 14, chegaram á tarde cerca de legua e meia abaixo da costa do Rio Grande e ancoraram a sete braças; fizeram-se á vela no segundo quarto da noite, chegando no dia seguinte pela manhã em frente ao rio, e bordejaram pela costa.

No dia 17, pela manhã, tinham o cabo da Aguiá a su-sueste. Obra de 16 leguas a léste desse cabo, a costa é baixa; collocaram-se um pouco ao lado, para enganar o inimigo, e no dia 23 pela manhã, estavam a cerca de duas e meia leguas do cabo de Anguilla, situado numa ilha onde ha mais dous ou tres rochedos, Viram depois uma vela a barlavento, seguiram para a costa, e navegaram na bahia a léste do Cabo. Esta bahia tem grande extensão, a maior parte para sueste, com uma praia de areia e duas aldeias de indios; a barca encalhou na praia, de sorte que não foram lá. No dia 24, tomaram o rumo para Morro Formoso, e sentiram uma forte correnteza, vinda do rio; fundearam á noite, depois de acabar o primeiro quarto, junto a Morro Formoso. No dia 25, pela manhã, viram

uma vela, para a qual navegaram, e, como reinasse calmaria, arriaram a chalupa; chegando lá, foram recebidos a tiros de mosquete, que feriram gravemente a tres officiaes, pelo que voltaram para bordo. Mas, soprando dali a pouco uma pequena brisa, capturaram a embarcação depois de meio-dia; era uma fragata descarregada, vinda de Carthagená e com destino a Santa Martha. Souberam pelos prisioneiros, que estavam 11 navios em Porto Bello, para carregar a prata, e que o general da esquadra, Tomás de Raspure, se mantinha nas cercanias do cabo Santo Antonio; deixaram a fragata seguir viagem. Conservaram-se alli fundeados um dia, e passaram quatro dias a cruzar; no ultimo do mez acharam-se a 14° e 25'.

Rumaram então para Hispaniola; no dia 3 de Setembro, tinham a ilha de Navaza duas leguas a nordeste, e no dia seguinte o cabo Tiburon seis leguas a léste quarta de nordeste; no dia 5, foram ancorar em ilha de Vacca. No dia 6, a gente dirigiu-se á ilha, para caçar, mas nada apanhou; ha bastantes animaes, mas a vegetação era tão espessa, que os cães não podiam correr. Ao meio-dia, navegaram em frente ao rio, por detrás da ilha; não acharam laranjas maduras, mas grande abundancia de limões. Ficaram ali até o dia 18, limpando o navio; fizeram provisão de agua e lenha, e apanharam tantos porcos, quantos puderam comer. •

No dia 18, partiram; no dia 24, avistaram novamente as Sierras Nevadas. No dia 29, tinham o cabo de Anguilla ao sul quarta de sudoeste; seguiram para sudoeste, e pretendiam navegar para Morro Formoso; mas, chegando junto do Rio Grande, viram uma vela a sotavento, que não puderam alcançar; no dia seguinte, collocaram-se junto ao dito Morro, mas foram impellidos dalli por forte vento. No dia 3 de Outubro, estavam a léste do rio, e avistaram uma vela, a qual capturaram. Era um navio vindo de Angola, carregado de negros; estivera em S. Domingos, dizendo os tripulantes que ficara lá fundeado um navio do rei, com 24 canhões, e uma fragata; deixaram-no seguir viagem, porque não sabiam o que fazer com os negros.

No dia 5, foram junto a Morro Formoso e apanharam a ancora que haviam perdido, fazendo-se novamente á vela; mas voltaram a fundear alli no dia 7. No dia 9, á tarde, partiram novamente; e, no dia seguinte, tinham Zamba a sueste; ao meio-dia, tiveram 10°, 45' e Punta de Canoa oito leguas a léste quarta de sueste; o tempo tornara-se bom outra vez; á tarde, podiam do mastro ver terra a léste; e, ao expirar o primeiro quarto, haviam navegado nove leguas para sudoeste.

No dia 11, dirigiram-se para o sul, apanhando temporal e ventanias; depois do meio-dia, o vento vinha de sudoeste, com uma brisa firme, ficando novamente sombrio o tempo; avistaram terra; eram as ilhas de S. Bernardo. No dia 12, tinham a mais occidental ao sul quarta de sueste; as outras têm algumas montanhas, mas não muito altas; sobreveiu completa calmaria, de sorte que fluctuaram toda a noite. No dia 13, tinham as ilhas a sueste; no dia seguinte, a latitude era de 9° e 36', e a brisa vinha do lado de léste; tinham a intenção de navegar para Porto Bello, mas foram impedidos pela calmaria, indo a corrente para léste. Á tarde, navegaram para o norte quarta de nordeste; puderam ver

ainda terra ao sul quarta de sueste, e calcularam achar-se a cerca de 11 leguas a oeste de Carthagená. Cruzaram ali por alguns dias. No dia 21 as Sierras Nevada achavam-se a sudoeste quarta de sul, tão longe para oeste, quanto podiam avistar; estavam a tres leguas da costa e mais para leste do que calcularam, de modo que nessa occasião a corrente sem duvida seguia naquella direcção. No dia 23, tinham a ponta da costa de Santa Martha a sudoeste; sobreveiu calmaria.

No dia 26 tinham Morro Formoso a su-sudoeste, e navegaram para o sul quarta de sudoeste, por causa da correnteza que sae do rio; e, ao terminar o primeiro quarto, fundearam junto ao mesmo. No dia 27, viram uma vela a oes-noroeste; mas, devido á calmaria, não poderam dirigir-se para lá, pois já estava escuro.

No dia 28 estavam mesmo em frente ao Rio Grande, a uma legua e meia de terra; avistaram uma vela ao norte quarta de nordeste, a qual capturaram ao meio-dia; dirigia-se de Porto del Principe para Cuba e tinha 300 couros curtidos, algum tabaco e carne.

No dia 29, navegaram entre Morro Formoso e as Savanillas, tiraram da presa tudo que lhes servia e deixaram-na proseguir a sua viagem.

Mantiveram-se ali de um lado para o outro. No dia 3 de Novembro, foram vogando para o Rio Grande, a cuja foz chegaram pelas 10 horas, abastecendo-se alli de agua, e foram mais para dentro com uma canôa; achavam-se entre a costa e o recife. Este é o ponto mais estreito do rio e tem 15 braças de profundidade; onde estavam fundeados havia cinco braças. No dia 6, pela manhã, estavam junto á Zamba, onde pretendiam entrar, mas foram impedidos pelo vento e correnteza; mantiveram-se, por isso, na visinhança. No dia 11, entraram no porto de Zamba, e no dia seguinte sahiram novamente; avistaram dous navios inimigos, mandados contra os nossos; mas como reinasse calmaria, não se approximaram. Nos dias seguintes, esforçaram-se por avançar para leste; e, depois de longa demora, porque o vento não lhes não foi propicio, chegaram no dia 5 de Dezembro ao cabo de la Vela, onde ficaram fundeados até o dia 17, e foram para trás da ilha de Vacca, para reparar o navio.

Deixemol-os agora ali.

Antes de terminar a historia desse anno, vamos relatar o grande desastre sobrevindo na esquadra da Nova Hispania no mez de Outubro ultimo, e isso devido ao receio das nossas esquadras, por terem sahido de S. Juan de Lua tão tarde no dito anno.

Fazemol-o tanto mais, porquanto cahiram em nossas mãos cartas da maior importancia, escriptas da mencionada região naquella época e no principio do anno seguinte de 1632, e nas quaes é feita muito claramente a narrativa dessa grande perda para a Hespanha.

Vamos primeiro dar o registro ou lista das fazendas que foram publicamente embarcadas nessa esquadra e entregues aos officiaes do rei, segundo consta das mesmas cartas e com o titulo seguinte: — Registro da Prata, cochonilha, anil, sedas, couros, pau-brasil e outras mercadorias, que vão embarcadas para o reino

de Castella, na esquadra da qual é commandante em chefe Miguel de Echacareta e que se fez á vela no dia 14 do mez de Outubro de 1631.

Na Capitanea *S. Jusepe*, da qual era capitão Juan Lopes: 1.077.840 reales de oito; 1.530 arrobas de cochonilha fina e 1.037 da silvestre; 4.007 arrobas de anil; 2.577 libras de seda; 405 quintaes de pau-brasil; 26 caixas de chocolate.

Na almiranta *Santa Teresia*, da qual era capitão Francisco de Supide: 833.288 reales de oito; 1.581 arrobas de cochonilha fina e 1.182 da silvestre; 3.836 arrobas de anil; 1.850 libras de seda; 550 quintaes de pau-brasil e 16 caixas de chocolate.

No navio *S. Francisco de Natividad*, capitão Francisco Nicolas: 84.782 reales de oito; 617 arrobas de cochonilha fina e 438 da silvestre, 2.574 libras de seda, 8.362 couros, 850 quintaes de pau-campeche; 3 caixas de chocolate; 36 quintaes de salsaparrilha.

No navio *El Rosario*, de Balthasar Spinosa: 113.269 reales de oito; 812 arrobas de cochonilha fina e 403 da silvestre; 2.348 arrobas de anil; 2.421 libras de seda; 9.368 couros; 611 quintaes de pau-brasil; 900 quintaes de pau-campeche; 10 caixas de chocolate.

No navio *Santo Antonio Amezquita*, de Balthasar de Amesquita: 87.161 reales de oito; 513 arrobas de cochonilha fina e 704 da silvestre; 1.616 arrobas de anil; 1.300 libras de seda; 8.672 couros; 500 quintaes de pau-brasil; 1.703 quintaes de pau-campeche; 30 caixas de assucar.

No navio de Domingo d'Arano: 355 arrobas de cochonilha fina e 115 da silvestre; 1.032 arrobas de anil; 125 libras de seda; 13.963 couros; 2.015 quintaes de pau-brasil; 1.044 quintaes de pau-campeche; 15 caixas de chocolate.

No navio de Alonso Xuarez: 9.50 couros; 729 quintaes de pau-brasil; 1.200 de pau-campeche; 9 caixas de chocolate; 55 quintaes de salsaparrilha.

No navio de Manuel de Stenisoro: 13.538 couros; 1.898 quintaes de pau-brasil; 1.600 de pau-campeche; 10 caixas de chocolate.

No navio de Lazaro de Tompes: 3.927 couros; 100 quintaes de pau-brasil; 500 de pau-campeche.

No navio de Francisco de Olano: 2.900 couros; 175 quintaes de pau-campeche.

De sorte que, ao todo, esses navios levavam: para particulares, 2.196.340 reales de oito; e para o rei, dos erarios do Mexico, Guatemala e Nueva Vera-Cruz, 1.447.858 reales de oito, o que representava um total de 3.644.198 reales de oito. Além disso, para particulares havia: 5.408 arrobas de cochonilha fina e 3.879 da silvestre; 15.413 arrobas de anil; 10.018 libras de seda; 71.780 couros; 6.858 quintaes de pau-brasil; 7.972 quintaes de pau-campeche; 112 caixas de chocolate; e 91 quintaes de salsaparrilha. E tudo isso estava registrado nos livros do rei. Que iam ainda grandes riquezas ás escondidas e fóra do registro, é facto sabido de todos. As cartas affirmam unanimemente que nunca sahio da Nova Hespanha esquadra mais rica do que aquella: o que se deduz das cartas seguintes.

Pedro de Ancieta escreve de Tabasco no dia 3 de Dezembro de 1631: — “Na terça-feira, 14 de Outubro, depois que Deus chamou a si o general da esquadra, Miguel de Echacareta, fez-se esta á vela do porto de Nueva Vera-Cruz, contando

nove navios e muitos outros menores e fragatas, destinados a diversos paizes. No primeiro dia, á tarde, separei-me da esquadra, com a minha fragata, com ordem do general Thomás de la Raspura, para ver se a esquadra partira de Vera-Cruz, e naveguei tres dias com vento favoravel até sabbado, 18, chegando até 22° de latitude e ahi me mantive cruzando á espera de poder tomar outro rumo; no dia 24, sexta-feira, á tarde, com a conjuncção lunar, sobreveiu um tão forte furacão, que não esperavamos outra cousa senão a morte. A tempestade durou até domingo ao meio-dia, e por todo esse tempo não sabiamos por onde iamos; navegámos com a cevadeira, pois as outras velas tinham sido levadas pelo vento. Na segunda-feira, 27, achámo-nos a 21° de latitude e perto da costa de Campeche, dando graças a Deus, por nos ter livrado da horrivel tempestade, e com muitos cuidados quanto á nossa esquadra. E como a tempestade nos houvesse levado as velas e o cordame, resolvêmos ir para Campeche. Na terça-feira, 28, á tarde, avistámos uma embarcação, e, approximando-nos, notámos que era um navio grande da esquadra; e reconhecêmos, ao chegar perto d'elle, que era o *S. Francisco de Natividad*, capitão Francisco Nicolas, que estava muito destroçado, sem a vela grande, sem o castello, e com uma cevadeira no mastro da mesena. Havendo-nos saudado, pediu que ficássemos junto d'elle e não o abandonássemos, até o dia seguinte pela manhã, porque calculava não estar longe dos baixios, chamados Las Arcas; perguntando-lhe nós pela esquadra, disse não saber o que era feito della, pois a tinha perdido de vista durante a tempestade. Segunda-feira, ás 8 horas da manhã, separei-me d'elle em grandes apuros e perigo, e segui o meu rumo. No dia seguinte, pela manhã, sobreveiu-nos um tão forte vento do norte, que partiu em pedaços o mastro grande e nos levou completamente o leme; tivemos a morte deante dos olhos, pois vogámos sem leme e sem velas, á mercê do vento e sem saber onde estávamos. Promettêmos muitas romarias, especialmente a uma imagem da Santa Virgem Maria, que certa mulher a bordo trazia consigo; collocámo-la na canna do leme, rogando-lhe que nos guiasse conforme a sua divina vontade. Approvei ao bom Deus levar-nos, após tres noites e tres dias, á costa de Tabasco, o que considerámos um grande milagre e demos graças á nossa celeste guia. Ancorámos, no dia 2 de Novembro, junto á costa; na vespera, viramos mais um navio da esquadra, tambem sem o mastro grande; não pudemos approximar-nos d'elle, mas não era o *Natividad*, do qual nos apartaramos cinco dias antes. A' noite, vimos na praia, a cerca de uma legua de distancia, muitas luzes, o que nos surpreendeu bastante; no dia seguinte, pela manhã muito cedo, fomos á terra, e a primeira cousa que se nos deparou foram caixas de anil e cochonilha, e fardos de seda e muitos cadaveres, pelo que verificámos que um navio da esquadra dera á costa. Percorrêmos a praia por duas leguas, e encontrámos em uma choupana o capitão Balthasar de Amesquita, proprietario do navio naufragado, o *Santo Antonio*, o qual nos contou que o navio fizera tanta agua, que teve de encalhar-o; que salvara a maior parte da prata, tirara duas caixas e cinco ou seis caixotes com reales; que 22 homens morreram afogados, porque o navio se fez repentinamente em mil pedaços. Perguntando-lhe nós pela esquadra, disse-nos que, no dia da conjuncção lunar, se separara da capitanea

S. Jusepe e que o navio do provedor Domingo de Arano, tendo dado tres tiros, a capitanea e a almiranta se dirigiram para junto delle a prestar-lhe soccorro; e elle Mesquita, achando-se perto, viu-o afundar-se, pois fizera muita agua; e vira *El Rosario*, do capitão Balthasar de Espinosa, sem mastros e sem os castellos, assim como o navio de Alonso Suárez em pessimas condições, de sorte que era impossivel que escapassem. A almiranta *Santa Teresia*, capitão Francisco de Supide, estava cheia de agua. Disse mais que deixara a esquadra nesse miseravel estado no dia 25 de Outubro, a 22° de latitude, e as outras fragatas, que sahiram juntamente com ella, se haviam perdido tres dias antes, não se sabendo o que fôra feito dellas. Voltei ao meu navio, o qual corria grande risco, com o vento do norte, de fazer-se em pedaços, e esforcei-me o mais possivel por entrar no rio, do qual estava ainda afastado tres leguas, afim de reparal-o e seguir minha viagem para Havana. Eis quanto soube e vi até o dia 3 de Novembro; no dia 16, cheguei a Tabasco, onde soube depois o seguinte. No dia 10 de Novembro, o padre da aldeia recebera uma carta do alcaide, que fôra até a costa salvar as mercadorias, na qual carta lhe deu noticia de que naquella tarde vira cinco velas correndo para a costa com o vento do norte. Julguei que fossem os navios da esquadra e que eu lhes poderia dar algum auxilio; por isso fui á praia, tripulei o meu bote com 12 marinheiros, e dirigi-me do rio para o lugar, onde, encontrando o alcaide com muita gente, lhes pedi noticias dos navios; responderam-me que cinco navios grandes estiveram perto da praia; mas, soprando o vento á tarde do lado de terra, foram outra vez levados para alto mar, e que accenderam muitos fogos. Como já era meia noite, quando cheguei alli, e estava a umas quatro leguas de Tabasco, fiquei com elles até de manhã, para ver se apparecia alguma vela; mas não vi nenhuma, pelo que voltei para o rio, e não sei se aquella gente os teria ainda visto. No dia 14, chegou aqui um mulato, com um indio mestiço de Campeche, e contaram haver encontrado muita gente a pé, na praia, do lado de cá do Champeton, a qual se salvara no hote de uma fragata que dera á costa alli, e que a capitanea naufragara perto da outra, e affirmaram com insistencia, ante a justiça, ser essa a verdade. Não sei se é certo; mas, considerando-se a horrivel tempestade, é muito crível. Ahi está tudo quanto pude saber até o dia 3 de Dezembro”.

Deixemos esse capitão de fragata e vamos a outro.

Juan de Ledesma assim escreveu ao padre Diego de Sosa, assistente da Companhia de Jesus pelas provincias de Hespanha em Roma: “Mexico, 24 de Março de 1632. E’ certa a perda da esquadra, exceptuando-se dous navios (e estes bem maltratados), com a qual se perdeu mais riquezas e gente do que na que foi capturada pelo inimigo; entre os mortos está o marquez de Salinas, além de muitos outros de grande fortuna e posição. Chegou hoje de Cinaloa a noticia de que os selvagens mataram dous dos nossos”, etc.

Don Francisco Carrello escreveu ao padre Francisco Crespo, em 23 de Dezembro de 1631: “A esquadra partiu do porto no dia 14 de Outubro; mas, poucos dias depois, voltou um navio da mesma. No dia 10 de Dezembro, veiu de Campeche a noticia de que a almiranta fôra a pique, morrendo afogadas pessoas muito distinctas, entre outras o marquez de Salinas, e perdendo-se com

ella um grande thesouro, calculado em dous milhões. Outro navio arribou ao Rio de Lagartos, dous outros a logares differentes, e dos restantes nada se sabe. Foi a maior riqueza que jamais sahira das Indias, e dizem mais que tambem se perdeu um navio do Perú com quatro milhões; são mysteriosos decretos de Deus, que parece querer a ruina deste reino”, etc.

Francisco Tirolmonte escreve a dona Maria Rodriguez: — “Mexico, 20 de Março de 1632. Deve já ser sabido na côrte o desastre da esquadra, que partiu daqui para Castella no dia 14 de Outubro ultimo, e como, em viagem para Havana, lhe sobreveiu, na vespera de Todos-os-Santos, uma tempestade na costa de Campeche. A capitanea e a almiranta naufragaram, e, com ellas, outros navios que levavam a prata de S. Magestade e dos particulares, em maior quantidade do que jamais foi embarcada nas Indias. Dos navios, que se destinavam á Hespanha, escaparam apenas dous, que chegaram a Havana em pessimas condições, um que voltou a Vera-Cruz e outro que encalhou e do qual salvaram a maior parte da prata, o que não tem grande importancia, comparado com o resto que se perdeu. Imagine, dona Maria, como isso deve affligir ao nosso rei, e a dôr que ha de causar ao conde-duque e a a toda a côrte,” etc.

Juan de Aramburu escreve ao pae, de Vera-Cruz, em 28 de Março de 1632: — “Fizemo-nos á vela deste porto no dia 14 de Outubro, e nos sobreveiu tão grande temporal com vento norte, que nos julgámos perdidos, pois os nortes aqui são peiores do que os vendavaes na Hespanha; e, como cada vez se tornasse peor, voltamos ao porto, o que foi uma grande graça de Deus, porque é uma barra perigosa para barcos, quanto mais para um galeão (em outra carta vê-se que esse navio se chamava *La Biscaina Grande*). Perderam-se nessa tempestade dous galeões do rei, a capitanea e a almiranta e dous navios de particulares, e a tripulação mais luzida que jamais veio aqui, especialmente muitos biscainhos e os melhores soldados do rei.”

Alonso Garzia del Castillo escreve a dona Beatriz de Herrero, de Vera-Cruz, a 1.º de Março de 1632: — “Na minha carta anterior, referi o desastre da esquadra e que pereceram com ella mais de 2.000 pessoas e tantos thesouros; sendo essa a esquadra mais rica que jamais partiu deste porto.”

Don Isidoro Mendes de Sequeira escreve ao irmão, de Nueva Vera-Cruz, em 15 de Janeiro de 1632: — “Aqui chegou de Campeche um pequeno navio e deu noticia de que entrara lá um outro que andava perdido no golfo, o qual trouxe 30 pessoas, que encontrara em um bote. Disseram elles ser da capitanea de Miguel de Chazareta, a qual, devido ao fallecimento deste, ficou occupando o logar de almiranta; e o almirante Serrano o de general; nessa capitanea, que, pelo motivo exposto, é agora almiranta, commandava como capitão mais antigo don Andrés de Aristheca, cavalleiro de Santiago. Referiram mais que o seu navio se perdera com umas 500 pessoas; e esses poucos se salvaram, porque (dizem elles) estavam na chalupa que se manteve fluctuando quando o navio afundou, e teriam perecido, se não fosse esse pequeno navio que os tomou a bordo. Se isso se dêsse, seria pequeno castigo pelo seu grande crime; porque, como aquelle bom cavalleiro collocasse aquella chalupa atrás do navio, para salvar a quantos pudesse, esses a afastaram e mataram a muitos que

estavam dentro. Depois, não quizeram tomar a bordo o almirante, e mataram também o marquez de Salinas, que já estava dentro (outras cartas dizem que o marquez pediu muito e tudo fazia crer que pudesse ir na chalupa, mas não o deixaram entrar, e morreu com os outros), para roubar uma caixa com joias e cadeias de ouro do marquez e uma outra do almirante, e os repelliram de bordo, submergindo-se o navio immediatamente. Os da chalupa não tinham alimentos, nem agua, nem sabiam onde se achavam, quando esse pequeno navio lhes appareceu por acaso, e tomou-os a bordo. Chegando a Campeche, foram bem recebidos, mas Deus descobriu toda aquella perversidade; o contramestre Francisco Granillo e dous irmãos Los Farfanes brigaram por causa da partilha das joias e do ouro. Tendo isso chegado aos ouvidos da autoridade, Granillo e alguns outros foram presos, e os dous irmãos fugiram; sendo postos a tortura alguns, descobriram todo o crime, como já foi referido, sendo o capellão N. N. de Cardenas muito accusado por todos, etc. Depois disso, veio a noticia de que o navio de Balthasar de Amesquita dera á costa em Tabasco; li a sua carta, em que disse ter visto um navio com uma luz, o qual, tendo dado um tiro, desapareceu, de sorte que ficou convencido de que se submergira. A outra fragata, que aportou em Tabasco, disse ter visto a capitanea sem mastro e cheia de agua, e ordenara á fragata que se mantivesse perto, o que teria feito, se não fôra o fote vento do norte tel-a obrigado a seguir para a costa. Dá más noticias da capitanea e de toda a esquadra e ainda peiores do navio de Alonso Suárez, que perdera os mastros e estava cheio de agua. Depois disso, só se acharam nesta costa da velha Vera-Cruz o mastro grande e gurupés, que eu mesmo vi; pelo que se suppõe que toda a esquadra ficasse destruida, com excepção do navio que entrou neste porto, o qual, não sabendo onde se achava, foi dar perto de Villa Rica, sendo milagrosamente trazida para dentro. A Havana chegaram apenas o navio de Francisco Nicolás e *El Rosario*, de Balthasar de Espinosa, sendo os outros considerados perdidos; os dous, mencionados acima, andaram á matroca por 60 dias.”

Don Luiz escreve ao pae, de Vera-Cruz, em 1632, sem declinar dia e mez: — “Não ha duvida de que a perda da esquadra ha de produzir na Bolsa de Sevilla a maior difficuldade até então soffrida, pois é realmente a esquadra mais rica sahida deste porto, especialmente a capitanea e a almiranta; visto que, além do registo, o qual importava em muito, havia uma incrível quantidade de ouro e prata fóra delle, pertencente ao marquez de Salinas, ao general e ao almirante, que haviam chegado da China, e de muitos outros. Antes e depois da catastrophe, houve aqui muitas provas da colera divina: primeiro, um teremoto, começando pelo mar, de sorte que os navios o sentiram e algumas casas ruíram por terra; a esquadra sahiu depois, tendo na vespera enterrado o general, o qual falleceu tão repentinamente, que não poude fazer testamento; e, poucos dias depois que sahira, irrompeu tão violento incendio na ilha de S. Juan de Lua, que mais de 170 casas ficaram reduzidas a cinzas. E, subitamente, chegou um pequeno navio de Campeche, trazendo a triste noticia da perda, a qual muito receavam os que conheciam os perigos do golfo e os ventos furiosos do norte, que sopram alli por aquella época, pois a esquadra sahira no dia 14 de

Outubro. Manuel Serrano tinha o cargo de general, para o qual era pouco apto, e não era absolutamente homem do mar, de sorte que nada podia deliberar durante a tempestade; e era almirante don Andrés de Aristizaval, uma pessoa que gosava de muito bom conceito, mas tão incompetente nas cousas do mar como o general. De sorte que ambos causaram fatalmente a perda desses navios, voltando apenas da almiranta 31 homens da especie mais abjecta, como sejam os marinheiros que rechassaram vilmente da chalupa ao chefe, para lhe roubar o outro e as joias; os principaes autores disso foram um tal Jeronymo de Mesa e os Farfanes, dignos da força, como uma boa sorte," etc.

O arcediogo don Alonço de Campos escreve a don Juan Grao y Monfalcon, do Mexico, em 15 de Fevereiro de 1632: — "Dei-vos uma resposta pela infeliz esquadra, que tão inconsideradamente foi despachada no dia 14 de Outubro, tão fóra da estação, e tão temerariamente como reconheceram após a perda. A almiranta perdeu-se completamente com tudo que continha e com a gente mais distincta, escapando apenas alguns marinheiros na chalupa, e bem se comprehende que a capitanea tambem se perdeu, assim como mais dous grandes navios; e, tres mezes depois, apenas dous navios e bem avariados entraram em Havana. Dos outros nada se sabe até hoje; é uma grande perda, porque jamais sahio da Nova Hespanha mais rica esquadra," etc.

Poderia eu juntar muitas outras cartas e os nomes de muitas pessoas distinctas, que pereceram alli, mas então me desviaria muito da minha empresa, pelo que farei ponto aqui; e sómente direi que vejo pelas cartas que o general Thomás de la Rasputa reteve por alguns dias a esquadra, que ia para a Nova Hespanha, e elle mesmo se conservou perto do cabo de Santo Antonio, com receio dos nossos navios, motivo pelo qual a esquadra hespanhola chegou tarde ao porto de S. Juan de Lua, e essa infeliz esquadra tambem foi retida por muito tempo. Junto agora alguma cousa digna de nota da Bahia de Todos os Santos (para approximar-nos dos nossos acampamentos), e que a meu ver interessa ao leitor.

Declarámos antes, por informações do prisioneiro Francisto de Fuentes, que, dos reforços levados á Bahia pela armada de don Antonio de Oquendo, almirante general da Real do Mar Oceano (como as cartas do provedor-mór do Estado do Brasil, Francisco Soares, o intitulavam), foi deixado naquella cidade um regimento de 1.200 soldados. Mas, como me tinha chegado ás mãos um pacote de cartas escriptas ao rei pelo provedor Francisco Soares, com diversas relações, nas quaes dá francamente informações completas sobre esses reforços, para maior clareza aproveito-me, em seguida, de uma que diz quanto custavam ao rei.

Vê-se pelas cartas e relações, que quem commandava aquella força, como mestre-de-campo, era don Christoval Mexia Boca-negra, cujos vencimentos por mez eram de 44\$800 (como contam os portuguezes) ou 112 cruzados, e por anno 537\$600 ou 1.347 cruzados; vinha depois um sargento-mór, que recebia por mez 20\$000 ou 50 cruzados, e dous tenentes, que ganhavam por mez 4\$800 ou 12 cruzados cada um. O soldado razo tinha o soldo (porque o vencimento dos outros officiaes era eventual) de 2\$400 por mez ou 6 cruzados. Havia nesse regimento

nove companhias, sob o commando de varios capitães; as quaes se compunham, algumas de 52, outras de 58 e as mais fortes de 68 homens, sem contar os officiaes, e, ao todo, montavam, com os officiaes, a 600 homens; o que differe, por metade, do que do mencionado Fuentes declarara. Por ahi se pôde ver a importancia que se devê dar a taes informações, pois as minhas são certas, provindo, como provêm, de quem fazia revista e o pagamento. Das contas enviadas ao rei, vê-se mais que aquelle novo regimento, mandado para reforço, custa á corôa, annualmente, 49,740 cruzados só de soldos mensaes.

Havia antes, na Bahia, outro regimento, sob o commando do mestre-de campo don Vasco de Mascarenhas, composto de 13 companhias, as quaes, com os officiaes, montavam, ao todo, a 1.076 homens; e, com os officiaes e a gente de trem (consistindo este de 1 capitão, 6 artilheiros-móres e 27 communs, 2 tenentes de artilharia e 4 capitães entretenidos), custavam annualmente ao rei 94.363 cruzados; o que tudo se vê dos registos mandados ao rei por aquelle provedor.

Portanto, as guarnições da Bahia custavam ao rei, só de soldadas annuaes, 144.103 cruzados; tendo cada um delles o valor de um ducado, isto é, de tres dos nossos florins, aquella quantia vinha a ser de 432.309 florins.

FIM DO OITAVO LIVRO

SUMMARIO DO LIVRO NONO

Novos projectos para hostilizar o inimigo. Informações sobre a situação do Arraial, fornecidas por dous desertores. Uma caravela, carregada com vinho, é capturada junto ao Rio de Janeiro. Proposta de uma empresa contra Itamaracá e outros logares. E' resolvida a expedição a Rio Formoso. A gente e os navios mandados para lá. Inútil expedição a Olinda. Designios do inimigo na ilha de Antonio Vaz. Como correu a expedição do Rio Formoso. O inimigo incendia um armazem com assucar. Devastam um engenho de assucar em Serinhaem. Uma caravela incendiada. Novos projectos. Fica resolvida a expedição a Itamaracá. E' tomada uma caravela, vinda de Portugal. E' tomada outra caravela com assucar. Resolvem atacar o cabo de Santo Agostinho. E' tomada pelo Brach uma caravela com 230 caixas de assucar. São mal succedidos no projecto contra o Cabo. Tomam a carga de duas caravelas em Rio Formoso, consistindo em 500 caixas de assucar. E' capturado um pequeno navio com 120 caixas de assucar. O almirante Marten Thijsz parte com uma grande esquadra, para as Indias Occidentaes, e alguns navios, que vão para a Republica. Uma caravela com 250 caixas de assucar é capturada pelo *Bonte-Koe*. Expedição a Iguarassú. Tomam a villá, dão-lhe saque e obtêm ricos despojos. Notícia sobre a situação da praça e outras circumstancias, por meio de uma carta interceptada. Os reforços do inimigo chegam muito tarde. Uma caravela capturada e posta a pique. Consternação dos portuguezes do interior. O inimigo procura entrar em negociações e considerações feitas sobre o caso. Uma barca de passageiros tomada. Expedição do governador á Barra Grande. Desembarcam alli. Encontram um armazem de vinhos, os quaes levam consigo. Incendiam algumas casas e voltam ao Recife. Um navio capturado com 330 caixas de assucar. Expedição a Cattawamba. Uma barca de passagem capturada e uma caravela destruida com diversos generos. Expedição do governador ao sul. Desembarca em Barra Grande e marcha para o interior; o inimigo incendia duas casas com assucar; os nossos incendiam um engenho de assucar e regressam. Desembarcam em Porto Francez: marcham para o interior; destroem um engenho de assucar e algumas casas. Ao retirar-se, são perseguidos pelo inimigo. Eleição de dous Srs. Directores para delegados, e a sua partida. Cópia da proclamação que os nossos fizeram aos habitantes. Descoberta da traição de Leonardo van Lonx; a sua confissão seguida da execução. O sr. Mathias van Ceulen chega ao Brasil. Viagem ao sul. Desembarcam a traz de Santo Aleixo; partem para o Rio Formoso; encontram no caminho tres navios, dos quaes destroem dous. Chegam á foz do rio, queimam algumas casas, e examinam o forte, que o inimigo tinha alli. Partem para Santo Aleixo e navegam para Camaragibe. Encontram um armazem com 29 caixas de assucar, que retiram de lá; marcham ao longo da praia, para o sul; queimam algumas casas e um engenho de assucar; e voltam ao Recife no ultimo dia de Dezembro. A viagem de Cornelis Cornelisz. Jol no *Otter*. Captura um navio da Madeira com vinhos. Os feitos de alguns navios da esquadra do almirante Marten Thijsz. Visitam as

pequenas Antilhas e Porto Rico. Algumas observações particulares sobre a costa sul de Hispaniola. O *Rave* captura um pequeno navio com vinho e assucar. Situação de Beata e Alto Velo. Descrição da esquadra do almirante. Divisão dos navios em varias expedições. Juntam-se novamente ao cabo Tiburon. Descrição particular da viagem de Galeyn van Stapels. Chega ao cabo de Corrientes. Toma rumo para o continente. A costa em Yucatan. Desembarcam em Sisal e incendiam a praça; navegam até o fim da costa de Yucatan. Tomam uma barca vazia em frente a Campeche. Navegam até o golfo do Mexico. Chegam todos á Republica, sem vantagem para a Companhia. Continuação da viagem de Cornelis Cornelisz. Jol no *Otter*, e juntamente o *Zee-Ridder* e o *Zuydt-Sterre*. Fazem uma expedição, por terra, em Hispaniola. Algumas situações da extremidade occidental de Hispaniola e da ilha Guanabo. Navegam para Tortuga, atrás de Hispaniola; a situação das mesmas. Voltam ao continente, e chegam perto de Santa Marthã e depois a Zamba; cruzam perto do grande rio Magdalena. Tomam um navio com 100 pipas de vinho. O *Otter* separa-se e vae a Cuba, descae em Serranilha. Fôrma do baixio. Fundeia atrás da extremidade occidental da ilha de Pinos. Os outros yachts tornam a juntar-se-lhe. Capturam um navio vindo da Nova Hespanha. Tomam ainda uma barca ou duas e partem depois para a Republica.

Lista dos navios e yachts expedidos neste anno, pelas respectivas camaras, para Pernambuco.

PELA CAMARA DE MOSA:

DATA DA PARTIDA	NAVIOS	LASTROS	CANHÕES		MARI-NHEIROS	SOL-DADOS
			DE BRONZE	DE FERRO		
4 de Janeiro	Overysseel	160	8	22	83	40
	Blaeuw Leeuw	220	8	24	106	57
	Swol	130	8	20	65	40
	West-Vrieslandt (fretado).....	200	—	21	26	52
	Swarte Leeuw (fretado).....	150	—	11	18	35
	Santa Clara (fretado).....	130	—	16	18	36
	Koningh van Sweden (fretado) ..	140	—	11	19	—
10 de Maio	Gelerlandt	300	—	22	52	10
	Naerden	60	—	14	40	—
5 de Setembro	Phoenix	60	—	16	30	—
	Spieringh	5	—	—	—	—
8 de Outubro	Fama	300	10	28	130	128
	Zutphen	250	14	26	91	86
	Otter	90	6	14	58	20
11 " "	Haringht	140	2	16	30	59
13 de Novembro	Witte Duyf (fretado).....	140	—	—	17	30
10 de Dezembro	Bonte Koe (fretado).....	150	—	14	24	50
	Vijghe-Boom (fretado).....	150	2	8	18	50

PELA CAMARA DA ZELANDIA:

3 de Março	Eendracht	80	2	22	40	31
13 de Outubro	Middelburgh	250	10	22	100	—
	De Leeuw	120	2	16	36	—
16 de Dezembro	Noordt-Sterre	30	2	14	30	40

PELA CAMARA DE AMSTERDAM:

5 de Março	Tijgher	70	4	18	61	—
	Oragnie Boom	120	—	14	41	17

PELA CAMARA DE GRONINGEN:

9 de Maio	't Vosken	70	4	10	42	11
	De Hope (fretado)	150	—	14	20	26
11 de Novembro	Gonde Leeuw.....	250	8	22	65	8

LIVRO NONO

1682

Tendo voltado a força da expedição ao Rio Grande no dia 10 de Janeiro deste anno, como já foi dito, começaram novamente a deliberar o que se deveria emprender para hostilizar o inimigo. Alguns de nossos desertores voltaram novamente, e declararam que só á noite iam duas companhias do inimigo fazer guarda á cidade de Olinda, porém que de dia não a guardavam. Que no Arraial estavam nove companhias do inimigo, das quaes apenas uma ordinariamente se mantinha alli, e as outras ao redor, mas á noite entrava mais outra, para render a guarda. Que a gente, que lhes chegara ultimamente da Hespanha, consistia, no maximo, em 800 homens, dos quaes morreram uns 100, e os hospitaes estavam repletos de doentes. Que a maior parte da gente, que estava dentro do Arraial, era composta de commerciantes portuguezes, que se escaparam da cidade de Olinda. Que o Arraial estava situado em uma collina, sendo a sua muralha tão alta como a do nosso forte de Bruyne, mas não tão escarpada, e os fossos não tinham importancia; que o mesmo era quadrangular, sem flancos; que o rio corria alli na distancia de um tiro de mosquete, e a terra ao redor era toda coberta de mattas. Que a maior parte dos indios desertara e estavam muito receiosos pela vinda dos Tapuyas. Que os do acampamento do inimigo obtinham quasi todos os recursos do cabo de Santo Agostinho, de sorte que, se os nossos pudessem apossar-se daquelle porto, é evidente que o acampamento do Arraial deixaria de existir.

Por causa dessa declaração, foi lembrada de novo, no Conselho, a conveniencia de atacar ao Arraial, mas isso foi julgado inexequível pelos officiaes superiores.

No dia 11 de Janeiro, chegou uma caravela, mandada pelos navios *Meerminne* e *Leenwinne*, os quaes, cruzando em frente ao Rio de Janeiro, a tomaram perto

das ilhas adjacentes; estava carregada com 80 pipas de vinho e algumas miudezas. No mesmo dia, discutiu-se no Conselho se deviam emprehender alguma cousa contra o cabo de Santo Agostinho; mas nada ficou resolvido.

No dia 12, foram mandadas duas companhias de fuzileiros e duas de mosqueteiros para o outro lado do rio, atrás do Forte Ernesto; não acharam, todavia, possibilidade de realizar qualquer cousa; ao voltarem, o inimigo atirou do matto sobre elles, ficando apenas um soldado ferido. Continuou a discussão, nesse interim, entre os conselheiros e os chefes militares, não achando estes ultimos possivel e reprovando que assaltassem o inimigo no cabo de Santo Agostinho e, pelo contrario, propunham que se apoderassem da ilha de Itamaracá, para obterem melhor e mais facilmente a lenha e os refrescos necessarios para as forças. Ao que responderam os conselheiros, perguntando se não se poderiam obter os beneficios, que esperavam de Itamaracá, fazendo uma fortificação atrás do forte Wardenburgh. Este plano não pareceu mau aos chefes militares, e aquella situação foi explorada por alguns, que declararam que a madeira dalli não servia para lenha. Foi ao mesmo tempo proposto, pelo major Rembach, que atacassem os Affogados, mostrando elle ser isso exequivel, se o Almirante pudesse fornecer bom numero de marinheiros, os quaes ajudariam a guardar ás fortalezas. E, finalmente, foi proposto, pelo conselheiro Carpentier, que se poderia com pouco perigo tomar Rio Formoso e montar alli um fortim, com o que se faria grande mal ao inimigo.

✚ No dia seguinte, reunindo-se de novo o Conselho, o almirante declarou que poderia desembarcar uns 700 marinheiros, para tornar possivel a expedição ao Arraial ou a Affogados; mas a maioria dos officiaes foi de opinião que se devia por ora deixar descansar um pouco o plano do Arraial e ver o que se podia fazer em Rio Formoso. Pelo que, havendo-se preparado tudo ás pressas, o proprio governador, o almirante Walbeck, o tenente-coronel Schutte, os majores Bernster e Schuppen e outros officiaes do exercito, embarcaram com 13 companhias, das quaes duas eram de fuzileiros, e fizeram-se á vela ao pôr do sol.

Os navios eram os seguintes: — *de Gheuniceerde Provintien, Amsterdam, Amersfoort, de Gulde Leeuw, Zeeutsche Jagher, de Hope, de Maeght van Dordrecht, 't Wappen van Delft, Munnickendam, de Griffioen, 't Wappen van Medenblich, Groot Hoorn, Omlandia, Friessche Jagher*; o yacht *Pater, Oost Chappel* e o yacht *Pernambuc* juntaram-se-lhes em caminho. Durante a ausencia delles, os capitães Cloppenburgh, de Vries e mais um outro foram, no dia 22, á cidade de Olinda, com as suas companhias e alguma força de mosqueteiros, levantada ás pressas, julgando, pelas informações dos desertores, encontrar duas companhias do inimigo e surprehendel-as; mas, chegando lá, só encontraram dous frades, um negro e dous indios, de sorte que voltaram sem nada ter feito e trouxeram consigo apenas um dos frades. O inimigo, nesse interim, espionava as nossas fortalezas na ilha de Antonio Vaz e, atravessando o rio no dia 22, á noite, quando a maré estava no forte da vasante, deu assalto aos reductos situados atrás do forte Ernesto e pretendeu escalal-o; mas a nossa gente, tendo-o sentido em tempo, bateu-se valentemente e repelliu-o a clave e pique. O inimigo não se desconcertou, e atirou muitas granadas para dentro do reducto; mas a

nossa gente, que estava no grande quartel, pegou então em armas, e o tenente-coronel fez disparar um canhão sobre o inimigo, que se retirou em grande confusão. Nos dias 26 e 27, voltou ao Recife o governador, com os navios e as forças, correndo a viagem da fôrma seguinte: — No outro dia, pela manhã, após a partida do Recife, avistaram o Rio Formoso, onde fundearam às 10 horas da manhã, com 7 braças de agua, cerca de um quarto de legua fóra da costa. Estiveram occupados nesse dia em desembarcar e pôr em ordem a gente. Os portuguezes, tendo observado os nossos e vendo que não tinham forças sufficientes para repellir-os, atearam fogo a um-armazem com 300 caixas de assucar. Foi examinado o lugar em que se devia construir o fortim, mas o acharam impróprio, porque a praia em que devia ficar não tinha mais largura do que meio tiro de mosquete, havia um bosque, e, por detrás deste, um monte que dominava tudo o que se construísse na praia.

Os nossos, verificando essas circumstancias e vendo que não tinham vantagem alguma em ir mais para o interior, partiram dali para a ilha de Santo Aleixo e mandaram a força para o rio de Serinhaem. Ao chegar, viram que todo o povo fugira, e havia algumas fortificações, completamente imprestaveis, porque não podiam com ellas reter o inimigo, visto que este podia ter um caminho livre pelo interior. Reduziram a cinzas cinco ou seis casas que acharam alli e destruíram tudo quanto alcançaram, assim como um excellente engenho de assucar que estava um pouco mais para o interior. Vejo nas noticias dos nossos que 1.200 caixas de assucar foram queimadas porque não havia carros ou outro meio de transporte. Embarcaram-se novamente, e, tendo deixado em Santo Aleixo os navios *Groeninghen* e *Haringh* e mandado o *Fortuyn* para o cabo de Santo Agostinho, partiram em seguida para a Barra Grande (estiveram, contudo, primeiro em Porto Calvo, fizeram uma expedição á terra, mas só conseguiram 40 rezes, que foram repartidas pelos navios), onde não viram possibilidade para os seus designios; queimaram uma das caravelas do inimigo. Continuaram a navegar para Camaragibe, onde desembarcaram e apre-saram alguns animaes. Mas, como os dous engenhos estavam bem a umas tres leguas do rio e cerca de seis leguas do lugar onde tinham desembarcado, não acharam conveniente ir até lá, e mandaram a gente reembicar, regressando para o Recife. Não tendo essa expedição produzido nenhuma vantagem, começaram novamente a discutir o que deveriam emprender agora; e, como a maioria dos chefes do exercito propuzesse outra vez a expedição a Itamaracá, ficou decidido finalmente aquelle projecto, e prepararam tudo para pol-o em execução.

Emquanto estavam nesses aprestos, vemos o que occorreu no mar.

O yacht *Pernambuc* encontrou, no dia 5 de Fevereiro, o yacht *Pater*, e reuniu-se no dia 7 ao *Fortuyn*, o qual capturara perto do Rio Formoso uma caravela vinda de Portugal. Foram juntos com ella para Pernambuco, onde fundearam no dia 21; estava carregada de vinho, figos e passas.

No dia 5, partiram o *Griffoen* e o *Pater*, com provisões para cinco mezes, a cruzar em frente á Bahia, e no dia 7 o navio *Munnickendam*, para cruzar no sul. No dia 12, sahiram o *Amsterdam* e o *Groot Hoorn* para cruzar a cerca de

40 leguas da costa, e no dia 15 o yacht *Muyden*, para manter-se em frente ao cabo de Santo Agostinho.

O almirante Marten Thijsz sahiu no dia 19 desse mesmo mez com o yacht *Windt-hondt* e mais dous navios, para ver se podia apanhar pela costa alguns navios do inimigo; tomou o rumo do sul, e estava no dia 22 junto á Barra Grande; e, como não visse alli navio algum, tomou a direcção do norte, e no dia 25 achava-se junto ao cabo de Santo Agostinho. Viu lá dentro 11 navios portuguezes, dos quaes quatro caravelas e uma barca estavam promptas a fazer-se á vela, de sorte que procuraram passar, e o almirante capturou finalmente uma caravela carregada com 240 caixas de assucar, e fundeou com e'la, em Março, no Recife. No dia 2 de Março, o governador Wardenburgh sahiu á noite com alguma tropa, para fazer uma emboscada ao inimigo; mas este estava precavido, e conservou-se-lhes fóra do alcance, de modo que voltaram sem nada ter conseguido. Neste interim, chegaram alguns navios da metropole, com cartas dos XIX, que se queixaram de que nada haviam feito de grande valor e ordenavam com a maior insistencia que atacassem o Arraial ou outro logar de importancia. Aos officiaes superiores e capitães foi communicado o conteúdo dessas cartas, e ficaram incumbidos de dar-lhe cumprimento, e começaram novamente a discutir o que se deveria emprender, para satisfazer as ditas ordens. Alguns do Conselho eram de opinião que a destruição dos engenhos de assucar e a devastação dos campos não poderiam facilmente forçar os habitantes a pedir a paz, enquanto não se expellisse o inimigo dos seus principaes recursos, especialmente das praças situadas na costa do mar, por meio das quaes, de vez em quando, recebiam viveres e outros auxilios. De sorte que, tendo se deliberado bem sobre tudo isso, foi finalmente resolvido, no dia 4 de Março, que se apoderassem, por assalto, do cabo de Santo Agostinho, porque, quanto a tomarem o Arraial, para o que lhes chamavam mais a attenção, os officiaes do exercito julgavam por ora impossivel.

Enquanto se apromptavam para a empresa, foram mandados o almirante Marten Thijsz, o tenente-coronel Steyn-Calenfels, os maiores Kray e Bernster, com alguns outros officiaes, para examinar a situação daquella praça; os quaes, tendo estado nas vizinhanças da mesma, voltaram no dia 10 e informaram ter achado duas enseadas, onde julgavam que se podiam desembarcar as forças, sem encontrar resistencia, uma ao pé do monte e a outra tres ou quatro leguas abaixo. No dia 9, deram caça a uma caravela vinda da Hespanha, e puzeram-na a pique. No dia 11 chegou da Republica o yacht *de Brack*, o qual capturara, na costa do Brasil, uma caravela, carregada com 230 caixas de assucar e a trouxera consigo. Estando agora tudo prompto para a expedição, fizeram-se á vela no dia 13 o governador, os conselheiros politicos Carpentier e Walbeck, o almirante, a tenente-coronel Steyn-Calenfels, com 18 navios, a saber: *de Gennicerde Provintien, den Hollandtschen Thuyn, de Goude Leeuw, Hollanda, Amersfoort, den Oliphant, Walcheren, Dordrecht, de Pinas, Groeningen, Graef Ernest, Omlandia, Pernambuco, de Brack, de Windt-hondt, 't Wapen van Medenblick, den Vriesschen Jagher*, indo embarcadas nelles 11 companhias de soldados.

Chegaram, pela meia-noite, perto do Cabo, e encontraram mais cinco navios que estavam cruzando na vizinhança.

No dia seguinte, ao amanhecer, ancoraram lá; e, estando a gente preparada, o governador e o tenente-coronel, juntos com os conselheiros Carpentier e Walbeck, embarcaram nas chalupas, para dirigirem os outros; e, ao mesmo tempo, as tropas foram seguindo em direcção á praia. Chegando perto, viram um recife correndo ao longo da costa, no qual havia grande arrebentação, de sorte que tiveram de parar e virar de rumo. Nessa ocasião, notaram uma enseada situada ao lado de uma pequena bateria, da qual o inimigo atirava com canhão; dirigiram-se para lá, e appareceram seis homens a cavallo. Approximando-se mais, viram algumas trincheiras, mas não viram gente; entretanto, quando estavam de pé com os piques na mão, com intenção de saltarem em terra, o inimigo mostrou-se e deu fortes descargas de duas trincheiras, uma acima da outra, ao pé da praia.

Como tivessem consigo apenas tres botes (um com fuzileiros, outro com piques e no terceiro os ditos officiaes com as suas ordenanças), tiveram de retirar-se da praia, estando os outros botes ainda afastados a bôa distancia. Pareceu, pela descarga, que devia haver atrás das trincheiras uns 300 homens, e viram mais gente num monte. O governador chamou immediatamente todos os capitães a bordo da sua chalupa, e, deliberando com elles sobre o estado da praça e a força do inimigo, julgaram que não era muito facil desembarcar e expulsar o inimigo das suas trincheiras; e, considerando bem como era difficil tomal-as, pois a enseada era tão estreita, que não podiam acostar mais de cinco ou seis botes, e os soldados vindos nos outros botes teriam de passar por cima daquelles, concluíram que dahi sobreviria facilmente alguma desordem. Tambem ponderaram que, tomadas as trincheiras (como seriam dominadas pelo monte de Nossa Senhora de Nazareth, que está situado perto), teriam de abandonal-as, logo que viesse maior força do inimigo, a não ser que tomassem e fortificassem o monte grande, o que achavam muito difficil, porque era de uma terra egual á do morro vermelho de Olinda. Além disso, as trincheiras deviam ser muito extensas, custariam muito e exigiriam maiores guarnições do que o Recife, e não teriam grande valor. Tambem consideraram que o monte era escaldado, sem madeira e outros materiaes necessarios ás fortificações; e especialmente que as suas tropas não seriam bastante fortes para resistir ao inimigo que viesse do Arraial a assaltal-as. Em summa, por essas e outras razões, não acharam prudente proseguir nessa empresa e resolveram deixal-a nesse ponto e voltar ao Recife. Entretanto, como souberam, por um portuguez, que no Rio Formoso estavam duas caravelas carregadas de assucar e dous armazens se achavam repletos com o mesmo genero, decidiram, no dia 15, mandar para lá cinco ou seis navios, com quatro companhias sob o commando do major Schuppen, e regressaram no dia seguinte ao Recife. No dia 20, chegaram, de volta, ao Recife o *Goude Leeuw*, *'t Wapen van Medenblich*, *de Pinas*, *de Brack*, *de Rave*, *Sandijck*, *den Boyer* e duas chalupas, que estiveram com aquelle major em Rio Formoso, e tomaram a carga das duas carávelas, montando ao todo cerca de 500 caixas de assucar.

No dia seguinte, chegaram dous flibotes, o *Swarte Leeuw de Edam* e *West-Vrieslandt*, vindos da Republica, e o *Bonte-Koe*, o qual capturara em caminho um naviosinho, carregado de 120 caixas de assucar.

No mez de Abril, como o inverno e a estação chuvosa estavam a chegar, e nessa costa pouco havia que fazer, ficou decidido mandar o almirante Marten Thijsz com uma forte esquadra hostilizar o inimigo nas Indias Occidentaes.

Foram-lhe destinados os seguintes navios:—o *Goude Leeuw* e o *Munnicken-dam*, partidos no dia 2 de Abril, e o *Windt-hondt*, no dia 6; e o almirante partiu no dia 11, com 19 navios, a saber: *de Gheunieerde Provintien*, *den Hollandtschen Thuyn*, *Groot-Hoorn*, *Amsterdam*, *Hollandia*, *den Oliphant*, *Amersfoort*, *Groeningen*, *Omlandia*, *Maeght van Dordrecht*, *Walcheren*, *Pernambuc*, *Wriessche Jagher*, *Wester-Souburgh*, *Arca Noé*, *Rave*, *'t Wapen van Delft*, *Zeeuwsche Jagher* e *Pater*. Estes quatro ultimos estavam carregados de assucar e tinham de acompanhá-lo até o meio do caminho e depois seguir para a Republica com o tenente-coronel Steyn-Calenfels (que obtivera licença) e o conselheiro politico Seroos-Kercken.

Na costa do Brasil ficaram ainda 13 vasos, entre navios e yachts, e, como *commandeur* na costa, Jan Mast, da Zelandia. Os feitos da esquadra sob o commando do almirante serão descriptos depois. Agora, vamos proseguir a narração do que se emprehendeu na costa e nas vizinhanças do Brasil.

No dia 10, o *Bonte-Koe*, que partira do Recife no dia 7, capturou, na latitude de 5°, uma caravela vinda de Goyana, carregada com 250 caixas de assucar branco.

No dia 16, foram enviados o *Swol*, o *Graef Ernst* e o barco *Oost-Cappel*, para cruzar na Bahia.

No dia 17, foi perseguida pelos nossos uma caravela, vinda de Hespanha, carregada de vinho, oleo e outros generos, a qual se metteu atrás do pequeno recife, entre o cabo e a ilha de Santo Aleixo; os nossos dirigiram-se para lá; mas, como o inimigo estivesse forte naquelle ponto e atirasse muito com mosquetes, tiveram de retirar-se com a perda de um homem e de alguns feridos.

Havendo partido a esquadra, e, com ella, os soldados mais antigos, que estiveram mais tempo no serviço, e tendo-se visto, por experiencia, que, com as forças existentes no Brasil, nada de vantajoso se podia fazer contra as praças situadas ao norte e ao sul de Olinda, o governador resolveu fazer uma expedição para o interior, a uma villa chamada Iguarassú, situada a 6 ou 7 leguas ao norte do Recife e a legua e meia da costa, afim de cortar os recursos do inimigo, atacando e arruinando os habitantes que dalli iam diariamente levar-lhe auxilio de gente, dinheiro e viveres. Apresentando o seu plano ao Conselho Politico e sendo approvado pelo mesmo, apromptaram tudo ás pressas. E o proprio governador seguiu com o major Remback e seis companhias de soldados, a saber: cinco de fuzileiros, sob o commando dos capitães Pierre le Grand, Cloppenburgh, Meppel, Drost e Busson, e uma companhia de piques, sob o commando do capitão Balthasar Bijma, fortes ao todo de 500 homens, juntando-se ainda 30 ou 40 negros, para transportarem o necessario, partindo do Recife no ultimo de Abril, ás 6 horas da tarde, perlongando a praia e passando por Olinda. Che-

gando ahi, encontraram duas sentinellas a cavallo, as quaes faziam guarda, para que, quando vissem a nossa gente perto dalli, fossem immediatamente prevenir o governador Albuquerque; e, logo que nos avistaram, voaram para o Arraial.

Isso não podia prejudicar aos nossos, porque o Arraial estava a umas duas horas dalli; e, antes que o inimigo pudesse chegar ao ponto, os nossos, que iam em marcha accelerada, já teriam muito antes realizado o seu plano. Teriara sido, no emtanto, obrigados a retroceder, se não fôra Deus ter feito suspender a chuva dous dias antes, porque tinham de atravessar tres riachos cujas aguas lhes davam pelo meio do corpo, tendo a mesma profundidade de uma margem á outra; de sorte que, se houvesse chovido como nos dias anteriores e como costuma chover nessa região, por essa época, não pderiam ter atravessado esses correços, gastando-se nos dous, que estão ao sul de Paratibe, um quarto de hora pouco mais ou menos na passagem, e no terceiro, do outro lado do Paratibe, meia hora.

Marcharam, dalli em diante, por altos montes pedregosos, e, depois, por uma passagem estreita, por onde só podia passar um homem de cada vez, e sem saber por onde iam, devido á escuridão da noite (pois a lua se deitou ás 3 horas da madrugada) e á sombra das arvores, a tal ponto que ninguem podia ser reconhecido a tres passos de distancia, pelo que as tropas varias vezes se perderam umas das outras, e só pelo admiravel auxilio de Deus puderam novamente reunir-se.

E não corriam pequeno risco, porque de um e outro lado de Paratibe, á direita e á esquerda do caminho, havia um bom numero de casas e de aldeias onde morava muita gente, além de seis ou sete engenhos de assucar situados ao redor de Iguarassú; e se houvessem descoberto os nossos, teriam facilmente á sombra dos bosques, que marginavam o caminho, impedido que avançassem, até receberem auxilio do Arraial. Receando isso, o governador seguiu tão silenciosamente quanto possivel, por entre as casas que se achavam no caminho. Entretanto, encontrou-se com quatro carros, ao subir um monte, e os carroceiros foram immediatamente mortos, assim como todos os outros que encontraram, os quaes, pela estreiteza do caminho, não podiam escapar, exceptuando uns poucos que se entregaram espontaneamente.

Tendo finalmente chegado, no dia 1.º de Maio, cerca do meio-dia, sem serem descobertos, diante da cidade, o governador mandou o major Rembach ficar alli com tres companhias em ordem de batalha, e elle proprio avançou com outras tres e atacou completamente de surpresa a cidade, pois, devido á estação das chuvas e dos maus caminhos, não tinham receio algum dos nossos.

No primeiro impeto, foram mortos muitos portuguezes, pessoas importantes, e uns poucos, com cinco ou seis ecclesiasticos, foram aprisionados. Calcula-se que mais de 100 portuguezes foram mortos, além dos feridos, que ainda fugiram; dos nossos, houve 7 ou 8 mortos e 20 ou 25 feridos, entre esses o major Rembach e mais alguns officiaes.

O governador, tendo-se apoderado da povoação, achou nella mais de 200 pipas de vinho, cujos fundos mandou abrir, com receio de que os soldados se embebedassem. Tomou tambem providencias quanto ás mulheres; pois como

foram encontradas muitas e bonitas, receando a dissolução da soldadesca, mandou collocar-as todas na igreja e guardal-as por um tenente e alguns mosqueteiros. Depois que a cidade foi saqueada pelas tropas (o que produziu riquissimos despojos, porque a maior parte das riquezas de Olinda foi levada para lá), e estando a gente preparada para retirar-se, foi ateado fogo em algumas casas, e o governador poz-se em marcha para o forte de Orange, na ilha de Itamaracá, a tres horas de caminho dalli.

A villa (segundo a descripção do padre Duarte Mendes Serrão, em carta escripta depois do ataque, a qual eu li) é chamada, pelos portuguezes, Villa de São Cosme de Iguarassú, e está situada a cinco leguas hespanholas do norte de Olinda (á qual está sujeita). Tinha quatro egrejas, a matriz da invocação de S. Cosme, a Misericórdia, o eremiterio de Santa Cruz e o convento dos Capuchinhos sob a invocação de Santo Antonio. E' mais antiga que Olinda, e já fôra maior; mas, com o progresso de Olinda, decahira, de sorte que não continha agora mais de 40 ou 45 casas, e a maior parte dos seus habitantes eram emigrantes de Olinda e do Recife. Esse padre diz que a nossa gente chegou quando a maior parte dos habitantes estava na missa, pois era festa de S. Philippe e S. Tiago. Quando alguns viram das suas portas aos nossos, deixaram-se estar tranquilllos, suppondo que fossem as suas tropas que iam para Itamaracá, porque haviam ditto, pouco antes, que os nossos haviam dado um assalto á ilha.

O governador Albuquerque, recebendo aviso da ida da expedição por um dos que a viram passar perto de Paratibe, mandou immediatamente para lá d. Fernando, com o regimento hespanhol, o capitão Luiz Barbalho e tambem um tal Paulo de Perada, com os portuguezes, e, juntamente, muitos voluntarios da nobreza; mas chegaram muito tarde e depois que todos os nossos haviam partido.

Aquelle padre calcula o espolio que de lá retiraram em 25 ou 30 mil cruzados, de tres florins cada um.

No dia 8 de Maio, foram apparelhados, e partiram para a Republica no dia 10, o *Gekroondën Haringh* e o *Bonte Koc*, carregados (a saber: *den Haringh* com 121 caixas de assucar branco e 43 de mascavado, e o *Bonte Koc* com 231 caixas do branco e 28 do mascavado, pelo qual navio, no regresso, foi capturado mais um navio, donde tiraram mais 120 caixas).

No mesmo dia, fundeou no porto o yacht *Eenhorn*, tendo cruzado em frente á Bahia e capturado e posto a pique uma caravela; mas não trouxera grande cousa.

No dia 12 chegou á Republica o yacht *de Eendracht*, de Ter-Veer.

Aquella expedição causou grande consternação entre os habitantes do paiz, porquanto as nossas armas estavam chegando aos logares em que se julgavam fôra de perigo e achavam que os seus soldados não eram bastante fortes para defendel-os lá; e, nas cartas encontradas nos navios capturados, em vez de louvores, encontraram altas e sentidas queixas sobre a sua triste condição e a pouca esperança de poderem ver-se livres dos nossos. O desanimo não provinha sómente dos damnos soffridos, mas, na maior parte, da pouca esperança, que tinham, de que viesse uma grande esquadra de Portugal para libental-os.

Juntou-se a isso o terem os nossos dito e espalhado que estava para vir uma grande esquadra da Hollanda; o que lhes produziu maior anciedade, não podendo imaginar, quando já não podiam resistir agora, o que deviam esperar depois. Isso desconcertou não sómente a generalidade dos habitantes, mas tambem aos chefes mais importantes dos portuguezes, e, por isso, veio ter com os nossos, nesses mezes de inverno, um tal Pedro Alvares, que fôra muito tempo nosso prisioneiro e que estava, portanto, bem relacãoado com a maioria dos officiaes. Este disse estar encarregado por Duarte de Albuquerque, senhor da Capitania de Pernambuco, e pelo governador Mathias de Albuquerque, de entrar em negociações com os nossos, se estes tambem o desejassem, para que abandonassem a Capitania, recebendo alguns milhares de caixas de assucar, ou como achassem melhor fazer por mutuo accôrdo. Alguns dos nossos eram de opinião que não convinha de todo repellir essa proposta, mas se devia demorar em dar uma decisão, pois entendiam que não lhes competia entrar em taes negociações e muito menos repellil-as. Outros meditaram muito sobre essa embaixada, e não podiam ver nella vantagem alguma, quer fosse verdadeira ou não. Porque Albuquerque devia comprehender bem que, no caso de proseguirmos na conquista da Capitania, ou se o rei a tomasse aos nossos por meio de uma poderosa esquadra, de uma fôrma ou de outra ficava perdida para elle, porque o rei a consideraria uma conquista, ou a guardaria, como indemnização das despesas feitas durante a guerra e nunca a deixaria voltar ao proprietario. E esses julgaram, portanto, que bem podia ser sincera a offerta do assucar, para verem-se livres de nós, antes que o rei fizesse maiores despesas. Mas essa proposta parecia dever ser attribuida mais a um ardil e ao desespero, para fazer-nos deter por essas negociações e evitar o perigo em que agora se viam.

Tanto mais quanto era justo que receassem que os habitantes, achando-se apertados por esses grandes prejuizos e com pouca ou nenhuma esperança de melhora, pudessem entrar em alguma negociação commosco, sem sua licença ou conhecimento; e que, por esse meio, os deteria, dando-lhes a entender que ia tratar elle mesmo com os nossos. Mas, sendo tudo bem ponderado pelos nossos, perceberam que só lhes poderia ser prejudicial que se murmurasse sobre esta offerta de assucar, porque isso faria nascer uma grande desconfiança no espirito dos habitantes, que já começavam a inclinar-se para os nossos, que mais cedo ou mais tarde venderiamos os nossos direitos, e, portanto, não estariam bem protegidos commosco, pois seriam abandonados pelos nossos.

Responderam, pois, a Pedro Alvares: — Que a intenção da Companhia não era outra senão guardar as conquistas e augmental-as, no futuro, por todos os meios possiveis; e não seriam despedidos com assucar; e que elles não tinham absolutamente ordem para isso. Mas, se elle enviado quizesse prestar-lhes o serviço de aconselhar Albuquerque a deixar-lhes o campo livre, e se conseguisse demovel-o, muito poderia esperar da nossa parte.

Com essa resposta, despacharam Alvares naquella occasião; e os mezes chuvosos se foram passando, sem mais occorrença notavel.

Apenas no dia 24 de Maio chegaram da Republica o yacht *Figer*, da Zelandia, e o *Oragnie-Boom*, fretado pela Camara de Mosa.

No dia 3 de Junho, o governador sahiu com tres companhias de fuzileiros, para explorar a fortificação do inimigo, á qual não puderam chegar, porque, devido á abundante chuva que nessa época do anno cae constantemente, encontraram os rios muito cheios, e podiam ser arrastados na correnteza, não conseguiram atravessal-os, devido á altura das aguas.

No dia 17 foi mandado o yacht *Muyden* para cruzar deante da Bahia; chegou em frente á mesma no dia 1º de Julho, e viu fundeados lá dentro muitos navios ligeiros.

No dia 5 de Agosto, foi tomada pelo *Tiger*, de Rotterdam, perto do Morro de S. Paulo, uma barca de passageiros, carregada de sal e levando muitas cartas; sahira da Bahia no dia 4, e referiu que tinham chegado, havia pouco tempo, de Portugal, oito barcas e caravelas, e eram esperadas outras oito. Devendo entrar agora a verão com o mez de Setembro, o governador, continuando no seu plano, que era por meio da destruição dos engenhos e a devastação dos campos levar o desanimo ao seio dos portuguezes e fazel-os entrar em negociações, projectou uma expedição á Barra Grande; tanto mais quanto desertara para os nossos um mulato, chamado Domingos Fernandes Calabar, o qual nascera proximo dalli e podia servir de guia em todos os caminhos. Partiu no dia 20 de Setembro, á tarde, com o *'t Wapen van Medenblick*, o *Muyden*, o *de Brack* e o *Eendracht*, levando comsigo dous majores, Redinchoven e Rembach, e cinco companhias de fuzileiros e tambem uma companhia de mosqueteiros, formando ao todo uma força de 570 homens. No dia 21, á tarde, fundearam na Barra Grande, e, sabendo, pelo dito mulato, que junto á praia havia um armazem com vinho, e receando que o inimigo, sabendo da chegada dos nossos, pudesse muito bem abrir os fundos das pipas, mandou á terra, mesmo nessa noite, o major Rembach com tres companhias de fuzileiros, para impedir que tal fizessem. No dia 22, pela manhã, elle proprio seguiu com as restantes tres companhias e o major Redinchoven.

O major Rembrack, chegando á terra, achou no armazem 40 pipas de vinho, as quaes encarregou o *commandeur* de fazer levar para bordo dos navios; mas não viu tropas, encontrando apenas alguns habitantes, que fugiram immediatamente, pelo que só fizeram um prisioneiro. Cerca do meio-dia, seguiram para deante com toda a tropa, servindo-lhes de guia o mulato, a pouco mais ou menos uma legua e meia para o norte, ao longo da praia, até junto de uma certa aldeia, á qual os proprios habitantes atearam fogo, com os haveres que não puderam levar, occultando no matto vizinho os outros bens, na maior parte tabaco, de que os soldados obtiveram grande quantidade; e, como as tropas estavam carregadas com o espolio e muito fatigadas da marcha, o governador resolveu levar-as ao acampamento para descansar á noite.

No dia seguinte, pela manhã, uma hora antes do nascer do sol, o governador marchou com toda a tropa, para o sul, cerca de duas leguas; encontrou pelo caminho algumas casas vazias, as quaes incendiaram; e encaminharam-se para o interior cerca de um quarto de legua, onde estava uma aldeia. Os habitantes haviam carregado comsigo os seus bens, e elles mesmos incendiaram as casas; entretanto, a soldadesca obteve alli outra porção de tabaco, escondido no matto.

Agora, que fôra destruido tudo que estava á mão, e como soubessem, por

certo prisioneiro, que o inimigo postado no cabo de Santo Agostinho, tendo descoberto a nossa expedição, estava em marcha; e que já duas companhias haviam chegado a Rio Formoso, e, além disso, toda a gente na vizinhança estava de sobreaviso, o governador e os officiaes que estavam com elle acharam prudente embarcar a nossa gente e partir para o Recife, tanto mais quanto esperavam que houvesse chegado alguma tropa da Republica. Embarcaram ainda antes da tarde e fundearam no Recife a 25, pouco tendo conseguido dessa expedição, a não ser algum espolio para os soldados.

O yacht *den Eenhoorn* foi mandado, no dia 11 de Setembro, a cruzar no sul da Parahyba; manteve-se do dia 17 até ao dia 20 de cá para lá, e deu então caça a uma caravela, a qual se escapou.

No dia 22, viu outra vez duas barcas; mas, como estavam da parte de dentro dos recifes, não poudé approximar-se dellas. No dia 28, viu ainda uma vela tres leguas a barlavento, á qual deu caça e finalmente capturou; estava carregada com 330 caixas de assucar e 20 quintaes de pau-brasil, alguns couros e conservas, e trouxe-a ao porto do Recife no dia 1.º de Outubro.

O governador, como já foi dito, tendo voltado ao Recife no dia 25 do mez passado, e não tendo recebido reforços da metropole, não quiz entretanto, ficar parado, mas trazer occupadas as suas tropas durante os mezes do verão.

Tendo sido informado, havia algum tempo, de que a cerca de quatro leguas ao norte da villa de Itamaracá e a legua e meia para o interior da terra firme, em um lugar chamo Catuwamba, existiam dous engenhos de assucar e muitos cannaviaes, resolveu mandar lá uma força de tres companhias de fuzileiros, sob o commando do capitão Christoffel Artisseuowski, o qual antes fôra nomeado major da 5.ª brigada do exercito. Este, partindo para lá no dia 4, incendiou os taes engenhos e muitos cannaviaes.

O inimigo havia preparado perto do primeiro engenho uma emboscada, a qual, quando os nossos della se avizinham, lhes cahiu em cima, ferindo a quatro ou cinco; mas, logo que o grosso da nossa tropa avançou, o inimigo fugiu, deixando atrás de si alguns mortos.

No dia 3 chegou do sul o barco *Sandijck*; entre o Cabo e Santo Aleixo, deu caça, no dia 28 do mez passado, junto á costa, a uma barca de passageiros e uma caravela vinda do Porto, carregadas ambas de varias mercadorias; e fel-as encalhar, mas poucas mercadorias tirou dellas.

No dia 5, chegou do seu cruzeiro no mar o navio *Graef Ernest*, que estivera em frente á Bahia de Todos os Santos, e informou: que a esquadra partira da Bahia, que alguns navios foram vistos pelos nossos e que agora apenas havia no porto 14 barcas ou caravelas.

Nesse interim, nos pequenos navios ultimamente trazidos foram encontradas muitas cartas, escriptas dalli pelos habitantes portuguezes a amigos da Hespanha e de Portugal, na quaes se queixavam amargamente dos grandes damnos que a nossa gente lhes fazia, com o incendio e destruição das casas e dos engenhos e com a devastação dos cannaviaes. Por esse motivo, o governador era cada vez mais induzido a proseguir no plano encetado e a destruir ao sul de Pernambuco quanto pudesse, para assim obrigar-os finalmente a render-se.

De sorte que, no dia 15 de Outubro, á tarde, se fez á vela com os navios *Overyssel, Muyden, de Brack, den Eenhoorn, Eendracht, Naerden*, com cinco grandes botes, uma chalupa grande e uma pequena, levando cinco companhias de fuzileiros e uma de 63 mosqueteiros.

Não estava completamente resolvido se iria para o norte ou para o sul, mas quiz dirigir-se á vontade do vento, porque os portos de um e outro lado lhe eram agora bem conhecidos. Saindo da barra, tiveram forte vento de léste, de modo que achou melhor fazer outra expedição á Barra Grande, e mandou que tomassem aquelle rumo. No dia seguinte, á tarde, viram que tinham descaído um pouco para o sul da Barra Grande; e, como para navegar para lá o vento e também a corrente eram contrarios (e esta, nessa época do anno, dirige-se com força para o sul), não podiam antes do dia 18 pela manhã chegar ao canal do norte da Barra Grande, e isso apenas com tres navios, estando os outros tres mais atrás. Elle desembarcou immediatamente com duas companhias de fuzileiros e mosqueteiros e marchou com ellas (como não havia esperança de que as outras companhias o seguissem tão depressa) ao longo da praia, por cerca de tres quartos de legua, em direcção ao sul, e enveredou dalli para o interior obra de quatro leguas, por estradas muito fatigantes e perigosas e por cima de altos montes pedregosos, onde o inimigo se mostrou algumas vezes e deu alguns tiros sobre as nossas tropas. Continuaram a marchar até 11 horas da noite, e então repousaram em um monte, até amanhecer.

Caminharam ainda uma hora para deante, e chegaram, pelas 7 horas, a um engenho de assucar, achando-o vazio, assim como as casas que o cercavam.

Emquanto o governador estava occupado aqui, fundeou o yacht de *Brack* na Barra Grande.

A companhia, que ia a bordo, immediatamente desembarcou, e cumpriram a ordem deixada pelo governador e transmittida pelo *commandeur* dos navios, afim de irem ao longo da praia para o norte, reduzir a cinzas duas bellas casas que alli havia. Mas, antes que pudessem chegar lá, o inimigo retirou tudo que poude e incendiou-as depois, com algumas caixas de assucar e tabaco; os soldados, todavia, ainda encontraram algum tabaco e pilharam-no.

O governador libertou naquelle engenho dous marinheiros, salvos na batalha do general Pater e trazidos prisioneiros para allí, e soube por elles, que os portuguezes, tendo visto os nossos quando vinham no mar, foram esconder os seus haveres, e agora estavam occupados em reunir o povo dos campos, para cairem em cima de nossas tropas. Considerando a sua exigua força e a estreiteza dos caminhos por onde tinha de passar, não achou prudente demorar alli, e resolveu voltar á Barra Grande, mas os nossos incendiaram antes o engenho de assucar e puzeram abaixo as casas, assim como tudo que encontraram.

O inimigo seguiu-os e hostilizou-os, de sorte que houve alguns feridos; chegaram, á tarde, ao acampamento, ao mesmo tempo que a companhia que estivera no norte. Descansaram ahi nesse dia, reembarcando no dia 20. Quando estavam a bordo, o governador deliberou com os officiaes superiores se deviam voltar ao Recife, ou se, como fôra resolvido antes, convinha desembarcar no

Porto Francez e procurar causar damno ao inimigo, sendo o ultimo alvitro approved por todos. Não voltara ainda no dia 21 o yacht *Eendracht*, no qual ia uma companhia, e que não tinham visto desde o dia 18, quando o perderam de vista.

Agora, todos juntos partiram da Barra Grande e ancoraram no dia 25, ao meio-dia, deante do Porto Francez.

As quatro companhias de fuzileiros e o contingente de mosqueteiros foram immediatamente desembarcados. O inimigo, tendo visto da montanha que os nossos se dispunham a desembarcar alli, collocou-se atrás da praia em bôa posição de defesa, para impedir o desembarque; mas, depois de dârem alguns tiros e ferirem a alguns dos nossos, puzeram-se a fugir. Tendo desembarcado as tropas e collocando-as ás pressas em ordem de batalha, o governador marchou quasi tres leguas para o interior até um engenho de assucar (passando, sem causar damno, por um outro). Encontrou ahi alguma resistencia; mas, dando a vanguarda um forte assalto, o inimigo esmoreceu e fugiu, de sorte que a nossa gente repousou alli durante a noite. Encontraram algumas caixas e umas mil fôrmas e vasilhas com assucar; mas, como não havia meios de levar-as de tão longe, no dia seguinte, ao amanhecer, incendiaram e destruíram o engenho e todas as casas adjacentes. Seguiram ainda cerca de uma legua para deante até um outro engenho com algumas casas, e procederam do mesmo modo que com o precedente. Os habitantes da circumvisinhança começavam a agitar-se; e era tempo, portanto, de retirar-se; cerca de 130 portuguezes e indios seguiam atrás dos nossos, mas não lhes fizeram damno algum.

O governador, tendo chegado á praia e vendo que os inimigos o vinham ainda perseguindo, armou uma emboscada de 30 homens na matta para apañhal-os, e, indo mais adeante, mandou uma força da retaguarda passar pela emboscada, o que era preciso, para ir em auxilio daquelles.

Os inimigos, que o vinham seguindo de longe, passaram pela emboscada sem suspeitar, e os nossos, atacando-os de improviso, puzeram-nos em debandada, exceptuando cinco indios, que se atiraram na agua, e os nossos os perseguiram com uma chalupa, mataram um a tiro e trouxeram os outros quatro presos, os quaes foram executados na praia, em represalia á crueldade que usavam contra os nossos, não lhes dando tambem quartel. Tendo realisado isso, embarcaram todos no dia 26, e no dia seguinte chegaram ao Recife; mas o *Eendracht* só chegou lá no dia 30.

Nesse interím, foi resolvido na Republica, pela Assembléa dos XIX, mandar dous directores para exercerem no Brasil a suprema autoridade; e foram escolhidos para isso os srs. Mathias van Ceulen, principal accionista, director pela Camara de Amsterdam, e João Gijsselingh, director na Camara da Zelandia por Vlissinghen. O primeiro partiu de Texel no dia 8 de Outubro, com os navios: *Fama*, de 300 lastos, 10 canhões de bronze e 28 de ferro, tripulado por 130 marinheiros e levando 120 soldados, e do qual era capitão Jan Jansz van Hoorn; *Zutphen*, 250 lastos, 14 canhões de bronze e 26 de ferro, 91 marinheiros, capitão Claes Voghel; e o *Otter*, 90 lastos, 6 canhões de bronze e 14 de ferro, 58 marinheiros, capitão Cornelis Cornelisz. Jol. Seguiu-os no dia 11 o *Haringh*;

140 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 30 marinheiros e 59 soldados; capitão Jan Weandelsz.

O sr. João Gijsselingh partiu de Vlissinghen no dia 13 de Outubro, com o navio *Middelburgh*, 250 lastos, 10 canhões de bronze e 22 de ferro, 100 marinheiros, capitão Pieter Jansz. Domburgh, e o navio *de Leeuw*, 120 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 36 marinheiros, capitão Harman Claesz.

No anno seguinte, descreveremos a chegada de ambos ao Brasil.

O governador, tendo feito as expedições que já referimos, pretendia não parar com ellas, mas leval-as sempre em augmento, tanto quanto as condições do tempo e das suas forças actuaes o permittissem, para por esse meio abrandar a obstinação dos habitantes, forçal-os a entrar em negociações e finalmente obrigar-os a render-se aos nossos. Mas, antes de proseguir nesse regimen, resolveu avisar e exortar outra vez o inimigo e os seus partidarios (como já o havia feito) que, considerando os grandes damnos que haviam soffrido e os que ainda deviam esperar, se decidissem a render-se aos nossos, em muito boas condições, para prevenir futuros males e infortunios.

Cópia da carta mandada aos habitantes do interior. — Antes desta, já vos escrevemos por varias vezes, movidos por um sentimento christão, expondo aos vossos olhos os males que provavelmente sobreviriam (se obstinadamente persistissem em usar armas contra nós e continuassem a recusar a tratar e a unir-vos connosco) durante a guerra, nos campos e nas vossas moradas, como effectivamente haveis experimentado, esperando que ponderasseis bem, afim de prevenir e impedir taes damnos e devastações.

Portanto, devemos ser considerados innocentes perante Deus e o Mundo, pela destruição que soffrestes durante essa guerra e o que ainda deveis esperar no futuro, pois sempre estivemos promptos a tratar e manter boas relações com-vosco, nas melhores condições possiveis, e desse modo vós e o paiz prosperaríeis e poderíeis gozar em paz os fructos da terra e exercitar livremente a vossa consciencia, o que pela vossa obstinação e rancor rejeitastes.

Seria justo que (sem mais vos procurarmos) continuassemos nas hostilidades; mas o amor christão, que temos para com os nossos irmãos em Christo e porque nos orgulhamos tanto de não derramar inutilmente sangue christão, devendo prevenir e impedir quanto pudermos e permittirdes, nos induziu ainda a escrever-vos esta, para ver se, finalmente, considerando os vossos fracos recursos e os damnos já soffridos e, por outro lado, os nossos progressos e quão fortes somos (pela graça de Deus), para podermos causar-vos damnos importantes por todas as partes, estarieis resolvidos a tomal-a em consideração. Os soldados do rei não podem defender as vossas terras e impedir a vossa ruina total, como bastante o sabeis por experiencia; mais do que desejaríamos, e mais apparecerá brevemente, com a graça de Deus, se persistirdes.

Não vêdes que todo o paiz nos está aberto, que podemos ir, por todos os caminhos, realisar com pouca gente as nossas intenções e que em parte alguma tendes forças para resistir aos nossos soldados, mas que, onde chegamos, para vós não ha sinão prejuizos e fuga, sendo atormentados por dous lados, primeiro por vós mesmos, que sois obrigados a incendiar as vossas casas e bellos edificios,

e por nós, que nisso seguimos as vossas pégadas, porque jamais procederíamos tão duramente, se não fôra terdes dado o exemplo? Mas veremos, no fim, quem será o primeiro a cansar-se. Pela cópia, que juntamos a esta, de uma carta do conde de Bagnuolo a d. Frederico, interceptada pelos nossos no navio de Roque de Barros, podereis saber o que vossos chefes julgam da vossa situação, vêde que forças podem expedir para a vossa defesa. Ficae certos de que não tendes a esperar soccorro, nem esquadra alguma da Hespanha, para libertar-vos. Como se vê pelas cópias, juntas a esta, de cartas de Portugal para alguns dos vossos, estaes abandonados pelo rei; os seus cuidados são desviados de vós e dirigem-se a outra parte, preocupa-se com outros pontos; elle reflecte como fará frente a S. M. o rei da Suecia e o principe da Allemanha e ao seu exercito victorioso, que já bateu por varias vezes o imperador e quasi o expulsou de toda a Allemanha, razão por que os subditos em Portugal e noutras partes estão tão opprimidos como ambos nós sabemos por varias cartas de Portugal; por outro lado, sabeis tambem que esperamos qualquer dia destes a nossa esquadra, que nunca se viu egual nesta costa, e, se até agora vos defendem tão mal, imaginae como correrá depois; por isso, nós vos prevenimos em tempo, para entrardes em relações connosco, porque, chegando maiores forças, não temos a certeza se obtereis tão boas condições como as actuaes. Não viemos aqui para tomar-vos os vossos bens, mas sim para deixarmos que os gozeis pacificamente.

Não queremos opprimir-vos com tão fortes tributos como a Hespanha vos tem imposto, e podereis gosar a mesma liberdade de religião, que é concedida a cada um de qualquer religião que seja em nosso paiz.

E, para que melhor possaes resarcir os damnos soffridos durante a guerra, é-vos permittido, não sómente o livre commercio no nosso paiz, que bem sabeis que é muito mais vantajoso que em Portugal, mas tambem serão reduzidos á metade todos os direitos que pagais ao rei.

E desejamos que mediteis sobre o que foi acima expellido, para que se veja que cuidaes da vossa guarda e bem estar das vossas mulheres e filhos.

Ficae avisados egualmente de que, no caso de persistirdes sem motivo na mesma obstinação e de não acceitardes o nosso governo, tendes a esperar todos os extremos causados por uma guerra justa e de um inimigo de cuja paciencia e magnanimidade abusaram no mais alto grau.

Era endereçada — *Aos senhores de engenhos e moradores do Brasil.*

Mas isso não deu grande resultado, porque os habitantes estavam muito sujeitos aos militares, e o governador Albuquerque queria tentar até o extremo e confiava sempre na vinda de soccorro da Hespanha.

Como de vez em quando, apezar da nossa vigilancia, entrassem algumas caravelas com viveres e soldados no porto atrás do cabo de Santo Agostinho, o inimigo fortificou-se muito naquelle ponto e montou um grande forte, sendo alli o principal logar, por onde recebiam recursos de todo o genero.

O governador, tendo sido avisado por varias vezes, por um prisioneiro, de que um mulato estava sempre a fazer viagens ao acampamento inimigo, empregou tanto zelo, que finalmente o prendeu, e elle confessou ter ido de quando em quando á matta, a mandado do seu patrão Leonardt van Lom (que era em-

pregado, em terra, na direcção das fazendas capturadas e na traducção de cartas), o qual, tendo sido preso e soffrendo rigoroso inquerito, communicou o seguinte:—

Confissão feita por Leendert van Lom, na presença dos srs. presidente, governador e outros conselheiros politicos e dos officiaes superiores da milicia e do commandeur. — Leonardt van Lom, de 29 annos de idade, nascido em Dordrecht, declarou que, algum tempo antes de embarcar-se para cá, foi solicitado por Duarte Rodrigues Delues, commerciante portuguez residente á rua Larga ou rua dos Judeus em Amsterdam, para, ao chegar aqui, descrever toda a situação da praça a Roque de Barros; depois disso, conversando com Rodrigues Francisco Alézyo, commerciante ou corretor residente por detrás da rua dos Judeus e dos estaleiros, Manuel Alves Godim, commerciante residente em uma travessa entre a rua dos Judeus e os estaleiros, chegou a avançar que lhe promettia a somma de 40 a 50 mil ducados, se elle preso conseguisse com informações e por outros meios fazer com que o nosso povo fosse expellido daqui e que a praça voltasse ás mãos do inimigo, ou logo que os seus serviços se tornassem importantes ou vantajosos. Nesse momento deram-se as mãos, e aquelle, sobrepondo a sua, confirmou por juramento, e prometteram-se uns aos outros que, no caso de algum delles vir a ser preso por esse motivo, não denunciariam os outros, e, tendo bebido em honra ao pacto, foram juntos á missa, numa casa por detrás da Capella da Cruz, onde receberam o Sacramento, dizendo-lhe o dito Duarte que escrevesse com o endereço a Gaspar Domingo Rego, e dessa fórma Roque de Barros ficaria avisado. Esse accôrdo foi feito e concluido na casa de um inglez, hoteleiro, morador no becco de Kromme-Nelleboogh, em Amsterdam, tendo ella, na fachada, em taboleta pendurada, o letreiro “Londres” ou “Plymouth”. Julga que ha outros corrompidos por aquelles da mesma fórma, mas não conhece ou não sabe de pessoa alguma na Hollanda ou aqui a quem possa accusar.

Tem, portanto, toda a certeza de que o referido Duarte Rodrigo encetou e concluiu o pacto com elle, a pedido de Gaspar Domingo Rego, irmão de Roque de Barros, com os quaes irmãos fizera conhecimento em Viana. Tendo-lhe Duarte mostrado uma carta de Gaspar Domingo, em que apresentava cumprimentos a elle prisioneiro, julgou ter Gaspar acreditado que elle prisioneiro, não estando ha muito tempo fóra de Portugal, seria facilmente attrahido para lá com boas palayras e promessas. Declarou mais que, chegando no yacht *Brack* e ficando aqui, escreveu, ha uns dous e meio ou tres mezes, a Antonio Gonçalves (pois lhe foi dito por Duarte Rodrigues que devia dirigir as cartas áquelle) uma pequena carta, na qual pedia que avisasse a Roque de Barros da sua chegada, e depois recebeu uma carta de Roque de Barros dentro de um sobrescripto de Gonçalves, sendo o contendo que elle Barros se alegrava com a sua chegada e exhortando-o a escrever, segundo o contracto que elle bem sabia, e, assim procedendo, se tornaria um grande homem.

Depois disso, escreveu novamente a Roque de Barros que lhe era agradável saber da sua saude e que continuaria a escrever-lhe e dar-lhe noticias, dizendo em seguida que a força aqui existente era de 3.500 homens e 16 navios, que era

esperada uma grande esquadra e que estavam regularmente providos de viveres, mas não em abundancia, tendo ainda dos principaes generos para uns tres ou quatro mezes e concluia despedindo-se de Roque de Barros.

Depois disso, escreveu a Gonçalves que se admirava de não receber resposta alguma da sua carta e que lhe fizesse o favor de pedir a resposta e a mandasse. Mas; não recebendo resposta alguma, escreveu outra vez como na ultima, e então lhe respondeu Gonçalves que mandara entregar a sua carta, mas não recebera resposta, e, logo que esta chegasse, lha enviaria immediatamente, mas que não eram tão importantes as cartas mandadas de lá para cá como daqui para lá e que, portanto, continuasse a escrever.

Nessa occasião, escreveu de novo pelo mesmo, como das outras vezes, a Roque de Barros, dizendo que frequentemente saiam tropas daqui em expedições, mas que nunca pudera saber para onde iam. Finalmente, o preso exhortou aos nossos que não confiassem em nenhum portuguez, e declarou suspeitar de Domingos Fernando: primeiro, porque tinha muitas relações com os capitães dos navios portuguezes, jogando com elles, dando-lhes dinheiro e chamando-os primos, quando não são; em segundo logar, a mulher do dito Domingos, uma vez, na sua presença, desejou que todos os hollandezes, que estavam aqui, fossem mortos a bala, e que elles estavam na matta; e que Domingos matara o negro de Pierre le Grand, sobre o que se questionou e foi dito que le Grand estava em frente ou perto da porta, e que Domingos disse "Deixe-me matar o cão", referindo-se a Pierre le Grand, ainda que Domingos, corrigindo logo a sua palavra, disse que era ao negro que se referia.

Tudo o que foi dito, declarado e reconhecido como verdadeiro pelo prisioneiro, estando prompto a affirmar-o por juramento até morrer, e em fé do que subscreveu com o proprio punho.

Estava assignado: — *Leenardt van Lom*.

Mais abaixo se lia: — Tendo sido convenientemente mostrado e lido ao preso o que acima se encontra escripto, o mesmo continuou a affirmar ser a verdade e assignou na presença do sr. presidente Walbeeck, do governador, Carpentier, van der Haghen, tenente-coronel Schut, *commandeur* Jan Mast, commissario da artilharia, os majores Redinchoven, Berstet, Rembach, Schuppen, Artischau. Em 12 de Novembro de 1632.

Trazido a minha presença e conhecimento.

Estava assignado: — *P. Cornelisz. de Vos*.

Ao que proferiram a sentença: — que lhe cortassem os dous primeiros dedos da mão direita e depois fosse decapitado e esquartejado, o que foi logo executado; os varios pedaços do corpo foram pendurados e a cabeça enfiada num poste.

O mulato foi enforcado e a cabeça egualmente posta em uma estaca.

Quanto aos portuguezes denunciados na confissão, o criminoso, ao ser levado para a execução, hesitou, de sorte que não se poudo saber a verdade.

No dia 10 deste mez, voltou da Bahia o yacht Tijgher, só tendo conseguido capturar duas barcas de passageiros, que mandou antes para cá.

No dia 14, o *'t Wapen van Medenblick* fez-se á vela para a Republica.

No dia 15, os barcos *Sandijck* e *Oost-Cappel*, duas chalupas grandes e quatro baleões, foram mandados a Itamaracá, para cortar lenha.

No dia 16, saiu o *Muyden*, para cruzar no cabo de Santo Agostinho, e fundeou no dia 17, á tarde, em Santo Aleixo, e no dia 19, á tarde, em 14 braças, cerca de duas leguas da Capella de Nossa Senhora de Nazareth. No dia 20, pela manhã, navegaram ao longo do cabo, por detrás de cujo recife estavam um navio de verga e vela quadrada e uma caravela, e no rio, por detrás dos armazens, achavam-se fundeados cinco ou seis navios; e estava uma caravela prompta a partir, fóra do dito recife e sob a protecção do forte, o qual haviam alteado mais e melhorado, e fizeram, além disso, ao redor da capella, um forte real.

Ao meio-dia, falaram com o *Brack*, mandado tambem para cruzar alli.

No dia 22, voltou do Recife, depois de haver cruzado em frente á Bahia, o navio *Swol*, com muitos doentes.

Ficaram cruzando alli até o fim deste mez e depois até 11 de Dezembro, conforme o que lhes foi ordenado.

No dia 14, chegou ao Recife o navio *Fama*, com o sr. Mathias van Ceulen, juntamente com os navios *Zutphen*, *den Otter* e o *Phenix*, que esteve na ilha de Fernando de Noronha e tinha levado para lá alguns soldados.

A viagem do sr. van Keulen correu da fórma seguinte:

Partiu de Texel no dia 8 de Outubro, com os navios: *Fama*, 300 lastos, 10 canhões de bronze e 28 de ferro, 130 marinheiros e 128 soldados; *Zutphen*, 250 lastos, 14 canhões de bronze e 26 de ferro, 91 marinheiros e.... soldados; e *Otter*, 90 lastos, 6 canhões de bronze e 26 de ferro, 48 marinheiros e.... soldados. No dia 20, chegaram á Madeira; e, no dia 22, perto de Salvages; é esta uma ilha quasi redonda, e calcularam ter quatro ou cinco leguas de circumferencia, de altura regular e plana, tem ao meio um monticulo redondo. Dessa ilha, obra de duas leguas a sudoeste, existem varios recifes e baixios, onde ha forte arrebentação, quando o mar está agitado, e torna-se perigoso passar á noite por alli; são na maior parte rochedos baixos e á superficie da agua, exceptuando um morro, redondo como um penedo, que é soffrivelmente alto. No dia 1 de Novembro, atravessaram o tropico de Cancer, e tiveram no dia seguinte um vento de léste, que geralmente sopra a 20 ou 30 leguas ao norte e ao sul das Canarias e leva os navios até ás ilhas de Cabo Verde e algumas vezes até ao Equador e mesmo além, sem que se possa fazer alli um calculo certo.

No dia 4, viram a ilha de Bona Vista, soffrivelmente alta na extremidade norte, mas baixa na do sul, com um longo valle descendo obliquamente; no meio, a costa é bastante perigosa. Tem tres montes altos e redondos, elevando-se sobre os outros, dos quaes um está na extremidade norte, e, seguindo, estende-se da extremidade norte á do sul, e o terceiro começa a descer na extremidade sul. Tem a apparencia de uma praia de areia branca, quando se passa por ella; está situada a 16°, 15'.

No dia 5, fizeram rumo para a ilha de Maio, onde fundearam ao meio-dia, juntando-se-lhes alli o *Otter*. Apanharam e tambem compraram alguns cabritos, e no dia 8 fizeram-se á vela.

Esta ilha é arida e pedregosa, com altos montes, difficeis de subir; ha alli duas salinas e grande quantidade de cabritos, muitos cavallos, burros e tambem perdizes e outras aves; tem tambem agua doce. Os habitantes são bandidos negros, christãos, gente forte, com os membros bem conformados, moram no interior da ilha, e são, segundo informaram, em numero de 30, havendo apenas uma mulher; estavam mal vestidos e armados com meios piques e cutellos curtos enferrujados. Tinham por chefe um Amaro de Santiago, o qual reside a um quarto de legua a oéste; e têm que lhe dar annualmente sete ou oito mil pelles de cabritos.

O porto é do lado sudoeste; está situada a 15° ao norte do Equador.

No dia 10, avistaram a ilha de S. Nicolau, que se apresentou de ambos os lados alta e montanhosa no meio.

No dia 11, viram Santa Luzia, apresentando-se alta e cheia de montes recortados, com tres penedos adjacentes; fundearam no dia seguinte no porto de S. Vicente. No dia 14, partiram dalli porque não encontraram os navios saídos da Zelandia. No dia 15, viram a ilha del Fogo, com um monte que se eleva acima das nuvens e do qual, á noite, viram sair fogo.

No dia 22, á tarde, viram uma vela ao longe, a barlavento, e dirigiram-se para ella. Não podendo navegar no dia 23, por causa da calmaria, o capitão Jan Jansz. van Hoorn embarcou-se com 20 homens na chalupa, seguindo-o o tenente van Werven, no bote, com uma força de mosqueteiros e um pequeno canhão de bronze, atirando seis libras de ferro, e o *Otter* tambem tripulou o bote e fez força de remos para lá; chegando perto, viram que era um navio hespanhol, com duas colubrinhas e dous canhões pedreiros. Mostrou primeiro querer fazer alguma resistencia; mas, quando os nossos descarregaram a pequena peça de bronze, os hespanhoes desistiram immediatamente do combate e renderam-se. Chamava-se o navio *S. Pedro e Bon Homme* e estava carregado com 147 pipas de vinho Madeira e algumas mercadorias e tripulado com 22 homens, destinando-se á Parahyba; para dirigil-o, foi nomeado um capitão, com 15 homens.

No dia 5 de Dezembro, passaram a linha; e no dia 14, viram o cabo de Santo Agostinho, e, indo por deante, chegaram ao Recife.

No dia 15, o barco *Oost-Cappel* saiu para ir cruzar em frente ao cabo de Santo Agostinho.

No dia 18, á noite, partiram do Recife o *Eendracht*, o *Brack*, o *Vos*, o *Muyden*, o barco *Sandijck*, a pequena barca, cinco botes, duas chalupas, e uma barca de carga, com as companhias do capitão du Busson, Drossaert e Rinckinks, e 140 homens, entre mosqueteiros e fuzileiros, sob as ordens do *commandeur* João Mast no mar e do major Schuppe em terra; tomaram a direcção do sul, com a brisa enchendo a vela do traquete, e, ao amanhecer, rumaram outra vez para o norte.

No dia 19, pela manhã, soprando o vento de léste, estavam ainda perto do porto, e navegaram para o norte até proximo de Itamaracá, virando a proa antes do meio-dia para o sul.

No dia 20, ao meio-dia, estando ao sul do cabo de Santo Agostinho, mesmo

à vista de terra, e navegando ainda para o sul com o vento cuja feição era lés-nordeste, os soldados receberam ordem de embarcar-se nas chalupas; tendo isso sido executado, a pequena chalupa, na qual estavam os srs. *commandeur* e major Schuppe, navegou na frente com um piloto portuguez, Bartholomeu, para fazer o reconhecimento mais facilmente e á coberta, seguindo os botes as chalupas e conservando-se os navios perto dos botes. Chegaram dessa fórma, cerca de meia-noite, por detrás de Santo Aleixo, com brisa regular, e mais tarde houve pouco vento, de sorte que só depois do meio-dia foi possível desembarcar a gente por detrás do recife daquella ilha, onde aprisionaram immediatamente em umas casas alguns portuguezes e negros. Marcharam para deante com um delles e tres companhias, obra de uma legua para o sul, ao longo da praia, e, depois, um tanto para o interior, até que, ao amanhecer, chegaram a Rio Formoso, onde estavam dous navios de verga e vela quadrada e uma caravela, e na margem não havia fortificação alguma e sómente algumas casas. As embarcações foram logo tomadas por alguns homens que para lá se dirigiram a nado, e os portuguezes fugiram, alguns em bote e outros atiraram-se na agua, morrendo uns delles a tiros e ficando outros prisioneiros.

Tendo-se examinado e dado saque nos navios, o conselho de guerra resolveu destrui-los e incendial-los, porque não havia botes nem tripulantes para tiral-los dalli; e, portanto, atearam fogo aos dous navios de vela quadrada, nos quaes os prisioneiros disseram haver 450 caixas de assucar e uma certa quantidade de couros e tabacos, deixando a caravela illesa, por estar vazia. Não marcharam para deante, porque haviam montado dous canhões na margem do rio, e o incendio dos navios parecia não ter fim, sendo o melhor um navio novo, um pouco maior do que o yacht *Muyden*, e o menor do tamanho deste; desencalharam-nos, e, voltando á praia, tomaram a direcção do sul para a foz do rio Formoso, onde os botes e as chalupas esperavam por elles na ponta do norte, dentro do recife.

Embarcaram immediatamente nossas duas companhias. A terceira, que era a do Capitão Drossaerts, seguiu ao longo da margem norte do rio, para fazer uma exploração do forte do inimigo na margem sul, e incendiou em caminho algumas casas, tanto nos montes como nas planícies.

Depois de examinar bem um alto monte, que ficava em frente e do lado opposto do rio, o forte do inimigo, o qual tinha quatro canhões, voltaram e embarcaram-se nos botes, cerca de meio-dia, e navegaram para os navios por detrás de Santo Aleixo, e á meia-noite embarcaram nos navios.

No dia 23, achando-se ainda atrás da ilha de Santo Aleixo, foi resolvido pelo conselho de guerra mandar as barcas *Oost Kappel* e *Sandijck*, juntas com a pequena barca, cruzar pelo cabo de Santo Agostinho, e os dous botes e o barco de pouco calado para o Recife, e navegar para o sul com os restantes, *Brack*, *de Vos* e *Muyden*.

Um pouco antes do meio-dia, fizeram-se á vela os mandados para o Cabo, e depois do meio-dia os do sul, deixando ainda o navio *Balauwe Leeuw* atrás da ilha de Santo Aleixo. Entrando á tarde defronte do Rio Formoso, e tendo avançado pouco, devido á forte correnteza do sul, dirigiram-se para o norte,

para afastar qualquer desconfiança do inimigo, virando novamente, depois de escurecer, para o sul, sendo o vento, á noite, de lés-sueste, com alguma trovoadá.

No dia 24, pela manhã, estavam a cerca de oito leguas da costa, pelo que navegaram para o porto de Camaragibe a oes-sudoeste, onde fundearam, pelas 9 horas, a oito braças, de agua, em fundo não muito bom. Tendo desembarcado os ultimos so'dados, partiu pela meia-noite uma força de 40 homens sob o commando do portuguez Domingo Fernandes, e marchou para o norte; e, voltando pelo amanhecer, ao acampamento, trouxeram 10 portuguezes, que haviam aprisionado a duas grandes leguas ao norte, ao longo da praia, em uma aldeia, na qual 50 portuguezes offereceram resistencia em uma casa grande, morrendo 14 delles.

No dia 25, ao amanhecer, um dos referidos prisioneiros seguiu com uma força, sob o commando do capitão Drossaert, para o sul, até um armazem, situado junto ao rio, onde existiam 29 caixas de assucar e 4 caixas de tabaco, as quaes mandaram embarcar por alguns marinheiros.

O *commandeur* levou com esse fim tres botes até lá e embarcou-as, sendo na maior parte assucar mascavado. Foram deixados alli 25 fuzileiros, sob o commando do tenente do capitão Drossaert, e o capitão retirou-se com o resto da força para o grosso da tropa, que immediatamente partiu para o interior. Outro destacamento, com Domingos Fernandes, tendo atravessado o rio, marchou com o referido prisioneiro e alguns marinheiros para o sul, ao longo da praia, e, chegando cerca de meia legua do rio, seguiu para o interior, queimando em caminho algumas casas e prendendo a um homem montado a cavallo, que levou os nossos mais adeante a umas casas proximas do rio, bem providas de gallinhas communs e da India e fructos, que os nossos saquearam.

O prisioneiro portuguez escapou-se á noite, e alguns homens vieram a cavallo atacar os nossos; mas, dando alarma o corneta, fugiram os atacantes, e os nossos voltaram pelo mesmo caminho, por onde tinham ido, sem ter saqueado e incendiado tudo. O inimigo, evitando-nos aqui e acolá e seguindo os nossos até á praia, fez fogo na retaguarda, mas sem ferir a ninguem, e voltou depois de meio-dia a chalupa grande; os navios, chegando mais perto da costa, embarcaram ainda 11 caixas de assucar.

No dia 27, os soldados da outra força reembarcaram; estiveram no dia 25 umas cinco leguas para o interior e foram até um engenho além dos montes, onde passaram a noite, tendo tido alguns feridos; e, depois de incendiar o engenho, no dia 26, voltaram á praia, tendo libertado tres homens do navio *Prins Wilhelm*, presos na batalha do general Pater. Depois de pôr em terra alguns prisioneiros, fizeram-se á vela á tarde, com vento variavel. No dia 29, pela manhã, perderam de vista o yacht *de Vos*, e o rio Camaragibe estava obra de 6 leguas a nor-noroeste; avistaram ahi duas velas a nor-nordeste e dirigiram-se para a costa, afim de tirar-lhes a carga, e viram que eram uma caravela hespanhola e o *Overijssel*, que a perseguiam, mas, como a caravela era mais veleira, passou deante dos nossos a tiro de canhão e escapou-se. Depois disso, continuaram na sua rota, e fundearam, a 31 de Dezembro, no Recife.

O *commandeur* Smient partiu, no dia 23, com o *Phoenix* e o *Spieringh*, para cruzar na costa do norte.

No dia 24, foi trazido de Itamaracá o corpo do capitão Hellingh, que alli morrera afogado. Esse official estivera com o capitão Bijma em uma expedição, e atacara de surpresa a um engenho no riacho Maria Farinha, matando 20 portuguezes e alguns negros, e voltou á ilha sem ter soffrido damno. Chegando perto da ilha, a maré estava muito cheia, de sorte que deviam esperar alli algum tempo, e o *commandeur* Hellingh, que estava ancioso por fazer vir os botes e batelões afim de passar a tropa para o outro lado, caiu na agua, ficando (não se sabe como) por debaixo do batelão, donde foi tirado já quasi morto; e assim perdeu esse bravo capitão tão inutilmente a vida.

No dia 28, o navio *de Fama* partiu para cruzar em frente á Bahia, e com o mesmo destino seguiram o *Otter* no dia 29 e o *Zutphen* no ultimo de Dezembro, e o *Tijger* nessa ultima data foi cruzar em frente á Parahyba.

Tendo assim proseguido a narração de tudo que occorreu no Brasil, vamos agora referir o que se passou em outros logares.

Já dissemos antes, no mez de Abril, que o yacht *Windt-hondt*, do qual era capitão Claes Hendricks, foi mandado para as Antilhas: partiu, no dia 6, do Recife, e navegou primeiro para a ilha de Fernando de Noronha, a qual avistou no dia 18, fundeando alli no dia seguinte.

Fez-se á vela no dia 22 para as pequenas Antilhas, e avistou, no dia 16 de Maio, Bekia e S. Vicente, onde se juntou ao almirante Marten Thijisz.

Só a 100 leguas de distancia é que puderam ser feitos os calculos, afim de estabelecer o rumo para essas ilhas, tão forte é a corrente que vae para oeste, quando se vem do Brasil.

Partiram dalli no dia 26, com rumo á Hispaniola, e no dia 28 chegaram á ilha Dominica, cerca do meio da costa occidental, a 13°, 25' de latitude.

No dia 30 ancoraram junto a Nieves o *Hope* e o *Rave*, no lado de oeste, a oito braças de agua, em fundo de areia.

No dia 1° de Junho, chegaram a S. Christovam, e á tarde partiram dalli; no dia seguinte, passaram por S. Martinho, e no dia 3 por Annegada, e navegaram dalli para o norte, em direcção a Porto Rico.

Da ilha Annegada estende-se uma costa baixa ao redor do oeste, entre oes-noroeste e lés-sudeste, com uma praia de areia branca, por cerca de cinco leguas de distancia; e do lado de léste, estende-se um recife até longe no mar. Passaram á noite pelas Virgines; e no dia 4, pela manhã, a ponta léste da ilha de S. João do Porto Rico estava a cerca de cinco leguas; ella estende-se baixa para léste, e o resto da costa é alto, e corre para oeste com um valle baixo. Tomaram em seguida o rumo para oeste, ao longo da costa, e avistaram no dia seguinte, ao meio-dia, a ponta oeste daquella ilha, de sorte que ella, segundo calcularam, deve ter 24 ou 25 leguas de extensão, dirigindo-se, na maior parte, de léste a oeste. No dia 6, avistaram Mona, onde logo depois fundearam.

No dia 8, fizeram-se novamente á vela, para cruzar entre Hispaniola e Porto Rico.

No dia 16, ancoraram junto ás ilhotas Zaccheo, cerca de tres leguas a

oeste de S. João de Porto Rico; perto da costa, ha 36 e 38 braças de agua; em fundo de areia, com alguns calhaus; accendem alli azeite de phoca.

No dia 18, fizeram-se á vela, e avistaram no dia 28 a ilha Hispaniola, e, cerca de 10 horas pela manhã, Saona. A ponta léste daquella ilha é arida e não muito alta, mas a ilha tem costa alta, sendo na ponta léste mais elevada, e estende-se para oeste, baixa, entre léste quarta de sueste e oeste quarta de noroeste; e tem cerca de oito leguas de extensão.

No dia 23, navegaram para as ilhotas Santa Catharina, e encontraram alli o *Rave*, que capturara um naviosinho carregado com vinho e assucar. No dia 24, navegaram por detrás da ilha de Santa Catalina e fundearam no lado norte, em 3 braças de agua, em fundo de areia, com rochedos aqui e acolá; e mais além, na bahia, a maior parte é fundo pedregoso e praia branca de areia; está situada perto de Hispaniola, e o canal entre as duas tem cerca de uma legua de largura.

Está a cerca de seis leguas a noroeste de Soana, e tem de extensão umas duas leguas; alli não ha arvoredos e só arbustos. No dia 26, fizeram-se á vela e mantiveram-se ao longo da costa.

Obra de duas leguas a noroeste da ilhota, ha um riosinho em Hispaniola, ao qual os hespanhoes chamam Tchile; em frente ao mesmo e distante da costa, cerca de um tiro de canhão de grande calibre, ha de 20 a 26 braças de profundidade, e junto á costa 10, com fundo pedregoso. Na entrada, ha sete braças; e, um pouco mais para dentro, seis; e além, quatro e meia e tambem tres e meia; tem apenas de largura o alcance de um tiro de mosquete. Uma legua mais abaixo, tendo Santa Catalina a tres leguas a sueste quarta de léste, deram caça na costa a uma barca hespanhola, com uma bahia de areia, mas não puderam chegar até lá.

Um pouco adeante dalli, encontraram uma enseada de areia branca, na qual havia uma casa junto á praia; continuaram a navegar ao longo da costa e chegaram a uma larga bahia de areia com uma grande curva, onde fundearam a 10 braças, em fundo de areia; está situada a cerca de cinco leguas a oeste de Santa Catalina. Alli desemboca um riosinho, ao qual os hespanhoes chamam Socho; tem nove pés de profundidade, e na entrada o fundo é de areia.

Dirigiram-se á terra e aprisionaram a dous hespanhoes; nessa bahia, crescem livremente algumas lorangeiras, mas espalhadas por todos os lados.

Ao longo dessa costa não ha baixios, mas o fundeadouro é lamacento.

No dia 28, fizeram-se á vela para o rio Martoris, situado obra de uma legua a oeste de Socho e a seis leguas de Santa Catalina.

Na entrada, tem elle seis braças de profundidade, e, approximando-se um pouco mais, cinco, e, junto á ponta de léste, ao alcance de uma pedrada, tem tres e meia braças, e a sua foz tem de largura o alcance de um tiro de mosquete; estende-se a oeste-noroeste. Em frente, existe uma ilhota, que se deve ter ao lado esquerdo; e ha uma arrebentação, que se estende para léste; junto dalli, encontra-se, um pouco para dentro, uma ponta de areia, que se deixa a bom-bordo.

Na entrada do rio, cerca de uma legua acima, começam-se a encontrar

laranjeiras, e quasi a uma legua e meia a bombordo ha tamareiras, e a agua do rio principia a tornar-se doce; o seu curso é variavel, mas geralmente sinuoso.

No dia 29, fizeram-se novamente á vela, ao longo da costa, e viram no dia seguinte á tarde Beata e Alto Velo.

Alto Velo é mais alto do lado de nordeste e estende-se baixo para o lado de sudoeste, com uma fenda no lado de sudoeste; tem cerca de uma legua de comprimento, dista de Beata uma legua e meia a nordeste quarta de norte, havendo entre ambas um rochedo, situado mais proximo de Alto Velo.

Beata estende-se de nordeste a sudoeste cerca de uma bôa legua; está situada a não mais de uma pequena legua, e é mais alta do lado de sudoeste. De Alto Velo, quatro leguas ao norte, a costa em Hispaniola é alta; junto della, está uma ponta baixa e arida, a qual forma um degrau com a costa alta.

No dia 5 de Julho, fundearam junto á Ilha de Vacca, onde se refrescaram; partiram no dia 18, e chegaram em 19, á tarde, ao cabo Tiburon, e fundearam no dia 20, no lado de oeste, a 18 braças.

No dia 29, chegou aonde elles estavam o almirante Marten Thijsz., commandando nove navios da sua esquadra.

No dia 8 de Agosto, partiu o *Windt-hondt* para a Republica, pelas Caicos, e depois soffreu muitas adversidades na Irlanda.

O almirante Marten Thijsz., como já referimos, partiu do Recife no dia 11 de Abril, com 19 velas, das quaes quatro, que tinham de seguir para a Republica, se separaram delle no dia 13 do mesmo mez.

Ficaram detidos por muito tempo no equador, e mal podiam, devido aos ventos, avançar para o norte; de sorte que, depois de longa demora, só no dia 15 de Maio chegaram a avistar Barbados, e ancoraram no dia seguinte na bahia de Santo Antonio, na ilha de S. Vicente; calcularam que distam essas duas ilhas uma da outra cerca de 24 leguas. O *Windt-hondt* reuniu-se-lhes, como já foi dito, e trouxe a noticia de que o yacht *Goerce* e o navio *Oudt Vlissinghen* vinham em seguida.

Encontraram o *Griffoen* de Hoorn, *Munnickendam*, *Goude Leeuw* de Delft, que haviam partido antes, e o *Oliphant* com o yacht *Vriessche Jagher*, que se haviam perdido delles, pelos quaes souberam que o *Fortuyn* da Zelandia estivera alli, tendo sido o capitão do navio e o segundo piloto, com alguns outros, mortos pelos selvagens. Refrescaram-se alli e abasteceram-se de agua. No dia 20, ancorou junto a elles o yacht *Rotterdam*, com o *Mane*, os quaes traziam 29 dias de viagem de Pernambuco, e no caminho falaram com um navio fretado de Schiedam, o qual capturara um navio hespanhol com 250 caixas de assucar.

No dia 26, chegaram mais o *Goerce* e o *Oudt-Vlissinghen*.

No dia 28, partiram dalli seis navios, a saber: *Gheunierde Provinciën*, *Groot Hoorn*, *Hollandia*, *den Oliphant*, *Amerfoort*, *Walcheren*.

Os yachts *de Rave*, *de Hope*, *de Groeningen* e *Wester-Souburgh*, com a grande chalupa e o *Windt-hondt*, partiram antes. No dia 30, chegaram á ilha Margarida, e no ultimo do mez á ilha Branca, onde apanharam alguns cabritos.

Levantaram ferro no 1º de Junho, navegando ao longo de Tortuga e outras ilhas até á pequena Bonayre. Desembarcaram, depois disso, na grande Bonayre,

e apanharam muitos carneiros. No dia 10, Galeyn van Stapels juntou-se á esquadra, com os navios *Goeree*, *Oudt Vlissinghen* e o *Gonde Leeuw*. No dia 14, o *commandeur* Galeyn van Stapels passou-se para o yacht *Pernambuc*, e fez-se á vela no dia seguinte só com elle; narraremos depois os seus feitos.

O almirante Marten Thijsz. deixou Bonayre no dia 22, levando nove navios. Chegando á ponta da ilha tomou o rumo de nor-noroeste e o navio *Walcheren* seguiu com bom vento para a Republica.

A esquadra fundeou no dia 26 junto á ilha de Vaca, onde o almirante deu a cada um instrucções sobre o que tinha que fazer, e, depois de obterem alli alguns refrescos, partiram no dia 28, e no dia seguinte chegaram ao cabo Tiburon. Deve-se evitar-o um tanto, porque perto dalli o fundo do mar não é bom. Abasteceram-se ahi, ás pressas, de agua.

No dia 7 de Agosto, fundearam lá os yachts *de Vriessche Jagher* e *Mano*, os quaes perderam no rio da Bahia de Savana, por detrás da ilha de Vaca, 26 homens, mortos pelos hespanhoes. Depois que esses yachts tomaram bôa provisão de agua, a esquadra fez-se a vela no dia 9. No dia 11, avistaram a ilha de Cuba, a leste do cabo da Cruz.

O *Mane* teve ordem de navegar junto á costa, e, não vendo nenhuma vela, de tornar á esquadra á tarde, e, no caso de avistar alguma, perseguil-a e depois esforçar-se por juntar-se aos outros navios no cabo de Corrientes.

Mas voltou no dia seguinte para a esquadra e foi mandado ao cabo de Corrientes procurar o *commandeur* Jacob Theunisz. e dizer-lhe para esperar lá a esquadra. Foi muito contrariado pelas calmarias, de sorte que pouco avançou. No dia 15, teve o cabo da Cruz cerca de tres leguas a nor-nordeste.

Esse cabo está situado a 19°, 55' (segundo o seu calculo) e a sua costa é plana e baixa, elevando-se gradualmente para a parte montanhosa do interior da ilha; a ponta é completamente baixa e apresenta-se ao longo da praia com manchas brancas, quasi como a costa da Inglaterra.

Esse cabo e o de Tiburon distam um do outro cerca de 60 leguas a noroeste um tanto a oeste.

No dia 18, descaíram nas Cayos a léste da ilha de Pinos, e alcançaram-na pouco depois; calcularam que dista do cabo da Cruz cerca de 76 leguas a oeste quarta de noroeste e oes-noroeste.

No dia 21, tinham ao lado o cabô de Corrientes, deixaram o navio seguir para o cabo Santo Antonio. Manteve-se alli de cá para lá até o dia 26; e, não vendo o almirante, navegou depois para a Corôa.

No dia 30, reuniu-se aos outros navios não distante de Havana. Manti-veram-se ahi de cá para lá. No dia 1° de Setembro, o navio *Amerfoort* juntou-se á esquadra; fôra buscar nas Caimães dous canhões do navio *Dolphijn*, que se perdera alli. No dia 4, tendo-se examinado os viveres que ainda restavam nos navios, resolveram navegar pelo estreito de Bahama para a Republica.

No dia 13 de Outubro, avistaram a ilha de Flores, e no dia seguinte Corvo; a maior parte chegou em Novembro á Republica, depois de soffrerem muitas tempestades e fadigas.

Já se disse antes que o *commandeur* Galeyn van Stapels embarcara no yacht

Pernambuc, no dia 14 de Junho, e se apartara do resto da esquadra, fazendo-se á vela, no dia 15, de Bonayre. Navegou entre a grande e a pequena ilha e tomou o rumo na maior parte de norte quarta de noroeste; de sorte que no dia 18 avistou a ilha Hispaniola, e ancorou, no dia 20, por detrás da ilha de Vaca.

Tendo refrescoado ahi e tendo visto reunir-se-lhe o yacht *West-Souburgh* e uma chalupa, fez-se á vela no dia 26 com esses barcos. Demorou dous dias no cabo Tiburon, para tomar agua, e zarpou dalli no dia 29.

No dia 1º de Julho, avistaram a ilha de Cuba, chegaram no dia 5 perto da pequena Cayman, e no dia 8 ao cabo de Corrientes.

Partiram dalli no dia 9 para a costa do continente, e tomaram o rumo de oes-sudoeste para o cabo de Cotoche; tiveram ao meio-dia a latitude de 21°, 30'.

No dia 11, começaram a deitar a sonda, e tiveram primeiro 61 braças, depois 54 e 48, e acharam no dia seguinte que se tornava gradualmente mais razo. Tiveram ao meio dia 21°, 38' de latitude, e 22 braças de agua, e chegaram, cerca de uma hora depois do meio-dia, a avistar terra, estando agora a 10 braças de agua; ancoraram á tarde em 8 braças, calculando acharem-se a quatro leguas e meia a oeste do cabo de Cotoche, e viram a costa completamente baixa, estirando-se na maior parte a oeste quarta de sudoeste.

No dia 13, o *commandeur* embarcou-se na chalupa, e dirigiu-se, antes de amanhecer, para a costa, ao longo da qual foi navegando, e os yachts seguiram-no ao amanhecer. A' tarde, divisaram uma vela, que vinha com o vento em pópa, e ao anoitecer desapareceu. A chalupa descobriu durante o dia um baixio, onde havia apenas duas braças e tambem dez pés de agua e prolongava-se para o norte a duas leguas da costa; ancoraram, á tarde, em tres e meia braças de agua.

No dia seguinte, fizeram-se á vela e passaram por uma ponta de baixio, onde havia apenas tres e meia, tres e duas e meia braças de agua, sendo todo o fundo pedregoso; depois, tiveram ao longo da costa, a duas ou tres leguas de distancia de terra, oito e sete braças, e ancoraram, á tarde, em oito braças.

No dia 15, levantaram ferro e os navios navegaram com poucas velas ao longo da costa, e o *commandeur* com a chalupa, como antes, perto de terra, e só encontraram pobres indios pescadores; á tarde, ancoraram novamente em oito braças, fundo de areia, a cerca de tres leguas da costa. A chalupa, mantendo-se perto da costa, distinguiu lá uma casa, e, chegando á terra, viu que a gente fugira e só aprisionou um mestiço; os yachts fundearam em cinco e meia braças de agua, a duas leguas da costa.

No dia 17, navegaram como antes, e fundearam á tarde em cinco braças.

Estavam ainda, segundo informou o prisioneiro, a quatro leguas de Sifal. No dia seguinte, pela manhã, o *commandeur* dirigiu-se com a chalupa e o bote bem tripulados para a costa, e desembarcou ao meio-dia em Sifal, apoderando-se desse logar. Os yachts nesse interim, devido a perseguirem uma barca,

haviam-se afastado um tanto dali; de sorte que o *commandeur*, não tendo consigo bastante gente para pôr guardas na extensa praia e receando que os hespanhoes dos sitios vizinhos lhe caíssem em cima, se viu forçado a retirar-se e atear fogo no povoado, que não continha mais de oito ou dez casas e está situado a cerca de 50 leguas a oeste do cabo Cotoche.

Pode-se ancorar alli em tres braças, bom fundo de areia, a meia legua da costa; os yachts ancoraram á tarde a tres leguas a oeste de Sifal.

No dia 19, navegaram com o vento lés-sueste para nordeste no mar; e ancoraram. No dia 20, tiveram o vento nordeste, navegaram então para sudoeste e acharam-se á tarde na altura de Desconhecida, onde a costa de Yucatan começa a descahir para o sul; fundearam á tarde em quatro braças e meia, a duas leguas e meia da costa, e calcularam ter navegado oito leguas.

No dia seguinte, o *commandeur* dirigiu-se para bordo da chalupa antes de amanhecer, e os yachts seguiram-no de manhã. Navegaram para oes-sudoeste, sobre quatro, tres e duas braças de agua, a cerca de duas leguas da costa, e ancoraram á tarde em tres braças. No dia 22, fizeram-se á vela ao amanhecer, e navegaram para o sul, ao longo da costa, e ancoraram á tarde em tres braças de agua.

No dia 23, continuaram a navegar com os yachts e a chalupa para diante, sobre tres, duas e meia braças. O *commandeur* conseguiu então fazer um prisioneiro, pelo qual soube que estava ainda a tres leguas de Campeche, onde estavam surtas algumas barcas. De sorte que o *commandeur*, com a chalupa e o bote, se separou, antes de meia noite, dos seus navios, e navegou para Campeche, com a esperança de surprehender algumas barcas surtas no porto, e deu ordem aos yachts de se porem em observação, e esses fundearam á meia noite em 15 braças de agua.

No dia 24, pela manhã, estavam bem em frente a Campeche, e o *commandeur* capturou uma barca vazia, que vinha de Havana. Viu tambem que todos os outros barcos estavam tão perto da cidade, que não era prudente ir ataca-los lá; os seus yachts achavam-se collocados sobre tres braças de agua, a legua e meia da costa.

A cidade de S. Francisco de Campeche dista cerca de 18 leguas da Punta Desconhecida; pôde-se reconhecer-a pelo convento de S. Francisco, o qual se apresenta todo branco. De Cotoche até esse ponto, a costa é toda baixa, e dahi em diante começa a tornar-se mais alta.

No dia 25 o *commandeur* preparou a barca e passou-se para ella, afim de examinar um pouco melhor a costa, e os yachts cruzaram, nesse interim, ao norte de Campeche, e reuniram-se no ultimo de Julho, a quatro leguas da costa.

No dia 1º de Agosto, pela manhã, fizeram-se á vela, com uma brisa de terra, ao longo da costa; calcularam, á tarde, estar a sete leguas ao sul de Campeche; e deixaram-se levar toda a noite com as velas amainadas ao longo da costa para sudoeste quarta de oeste em cinco, quatro e tres braças de agua; calcularam, á tarde, estar a 18 leguas de Campeche.

No dia 2, tomaram rumo para noroeste quarta de oeste, com uma brisa

duravel ao nor - nordeste. No dia seguinte, pela manhã, tiveram o vento sueste, e seguiram para oeste quarta de noroeste, e ao meio-dia obtiveram a latitude de 19° e um terço.

No dia 4, o vento era de leste, e navegaram para oeste; ao meio-dia, a latitude foi de 19° e meio. No dia 5, pela manhã, avistaram Roca Partida a seis leguas ao sul quarta de sueste, e a terra alta de Villa Rica a oes - noroeste, e ao meio dia a latitude foi de 19°, 30'; á tarde, estavam a cerca de seis leguas da costa, a qual se extendia alli de sul a norte. No dia seguinte, ao amanhecer, tiveram um vento do norte com chuvas, e mantiveram-se á capa. Nos dias seguintes, continuou o mesmo vento tempestuoso, de sorte que o *commandeur* resolveu sahir do golfo e seguir para Havana.

Nos dias 9 e 10, tiveram ainda máu tempo, e só puderam ficar á capa, e á noite houve fortes trovoadas; de sorte que a gente, não ousando arriscar-se na barca, a abandonaram, pondo-a a pique. Alguns dias depois, tiveram tambem de abandonar a chalupa, pois não se podia manter acima da agua. No ultimo de agosto, acharam-se a 27°, 4', e a corrente dirigia-se para noroeste.

No dia 1° de Setembro, pela tarde, começaram a deitar a sonda, e acharam 100 braças, e seguiram novamente para o sul, de sorte que no dia 6, pela manhã, avistaram a Corôa e a Mesa na ilha de Cuba; e, como não encontraram alli a esquadra do almirante Marten Thijsz., nem viram tambem navios fundeados em Havana, pelos quaes pudessem esperar, tomoram o rumo da Republica, onde chegaram no dia 10 de Novembro.

Esses navios, assim como a grande esquadra, pouco trouxeram para a Companhia.

Deixamos no anno passado a Cornelis Cornelisz. Jol com o yacht *Otter* por detrás da ilha de Vaca; os yachts *Zee Ridder* e *Zuydt - Sterre* juntaram-se-lhe alli. Depois de se haverem bém refrescado e reparado os navios, partiram dalli no dia 14 de Janeiro deste anno e fundearam no dia seguinte, á tarde, no cabo Tiburon, onde se abasteceram de agua e lastro. No dia 17, zarparam dalli, tiveram no dia 18 o cabo de Dona Maria a les-sueste, e estavam no dia 19 entre Cuba e o cabo S. Nicolau; tinham ahi a ponta de Cuba ao norte e o cabo cerca de 8 leguas a lés-nordeste.

A costa do cabo apresenta-se com manchas brancas e com bôa altura; mas no extremo norte é baixa. No dia 21, pela manhã, estavam acima do cabo e fundearam depois de meio dia na bahia. No dia seguinte, á tarde, fizeram-se á vela, e, quando se acharam na ponta, navegaram na maior parte sul quarta de sueste para Gonaves. Estavam no dia 23 a cerca de tres leguas dalli, sendo a costa baixa no principio; pelas 10 horas, viraram para o mar e foram para o norte. Depois de meio-dia, soprando um vento de oeste, navegaram então na maior parte para léste e nor-nordeste, de Guanabo e Hispaniola, para um logar onde pareceu ser o canal entre essas duas ilhas; e á tarde entraram nelle; tem cerca de legua e meia de largura na entrada, e na costa do norte ha três ou quatro penedos. No dia 24, pela manhã, houve calmaria; tinham

a extremidade léste de Guanabo ao sul quarta de sudoeste, e á tarde os rochedos a léste e a outra ilha situada dentro da bahia de Guanabo a sudoeste. No dia 25, ao meio-dia, estavam perto da costa, e fundearam em 22 braças em fundo lamacento, na distancia de cerca de um tiro de colubrina da costa, ao sul de um pequeno recife de pedra, situado acima da ponta; foram á terra ver um caminho, o qual é mesmo ao sul daquelle recife. No dia seguinte, pela manhã, foram á terra, com 78 homens, até uma pequena casa, numa planicie, a umas duas leguas rio acima; a gente que a habitava fugiu, abandonando-a.

Encontraram nella 50 couros, dos quaes puderam apenas trazer a metade, e chegaram a bordo ao pôr do sol, fazendo-se á vela no segundo quarto da noite para Goaves; desembarcaram ahi, no dia seguinte, nas chalupas, e colheram fructos do paiz, mas não se demoraram. Ha uma ilhota na bahia ao lado de léste, e no meio existe um baixio, podendo-se ver o fundo a cinco braças de agua.

A' tarde, navegaram para o norte, afim de procurar o *Zec-Ridder*, que se perdera delles, a noite esfriou muito, e navegaram para um baixio, que existe junto á ponta léste de Guanabo e está a uma legua da ilha, elevando-se acima da agua em tres logares. Pode-se navegar entre a ilha e o baixio, o qual tem uma legua e meia de circumferencia, e vê-se-lhe por todos os lados o fundo, na maior parte de marisco; estende-se meia legua para nordeste quarta de norte e sudoeste quarta de sul. As outras ilhotas estão situadas na maior parte a nordeste e sudoeste do baixio, e, quando se passa, tem-se a ponta baixa da ilha a nor-noroeste; e não se encontra fundo, o que se reconhece pela mudança da agua. No dia 28, navegaram além do baixio, e ao meio-dia houve calmaria.

Ha um recife de pedra ao lado norte de Guanabo, a um tiro de colubrina da costa, prolonga-se no mar para nordeste, estende-se formando um triangulo e volta outra vez para a costa. No dia 29, tinham Guanabo a cerca de uma legua para léste; tomaram dalli rumo para Valderis, encontrando no caminho o *Zee-Ridder*, e entraram alli no dia seguinte, para querenar. Estiveram occupados nisso até o dia 7 de Fevereiro, e, terminando o serviço, zarparam de Valderis. Ha lá muitos baixios, que se podem ver, na maior parte de fundo lamacento; navegaram por um com 12 pés de agua, e que tem bem uma legua de navegação. Quando se entra nelle, tem tres braças e meia de profundidade, e pode-se entrar junto á costa, vendo-se o fundo por todo elle e então desviar, dirigindo-se para a costa sul; ha rochedos aqui e acolá. O canal estende-se primeiro para o norte e depois para oes-noroeste, sendo a costa sul alagadiça.

Na entrada, Guanabo está situada a nordeste quarta de léste e sudoeste quarta de oeste de Valderis; e a costa do cabo S. Nicolau a nordeste quarta de léste e sudoeste quarta de sul, um do outro.

Achando-se fóra, navegaram para léste, com uma brisa firme e aspera de oeste para Goaves.

No dia 8, pela manhã, houve calmaria e nevoeiro, e depois do meio-dia,

ancoraram em Goaves a quatro braças de agua, em fundo pedregoso, sobre o baixio, situado na bahia, tendo a ponta léste de Guanabo a nor-nordeste e a ponta oeste a noroeste quarta de oeste; aquelle logar está situado a umas nove leguas de Valderis, e ha umas tres leguas entre a ilha Guanabo e Hispaniola. Quando se quer ancorar na bahia, deve-se fazel-o junto á costa, á distancia de uma pedrada da terra, ou tambem no baixio; alli o fundo é pedregoso e tem tres ou quatro braças de profundidade. Em Goaves podem-se colher muitas laranjas doces e tem agua, e em Valderis tambem ha agua; apanharam tantos porcos e bois, quantos puderam comer. Lá dentro ha uns tres ou quatro canaes, por onde se pode navegar.

No dia 9, ás quatro horas da tarde, fizeram-se á vela, refrescando o vento um pouco e soprando de noroeste, e á tarde houve calmaria; quando terminou o primeiro quarto, e soprando o vento de terra, dirigiram-se para noroeste quarta de oeste.

No dia 10, pela manhã, estavam perto da extremidade occidental de Guanabo, sobrevindo novamente calmaria e nevoeiro, e depois de meio-dia começou a apparecer algum vento de nor-noroeste; viraram para a costa, e á tarde afastaram-se novamente, soprando á noite o vento de léste.

No dia 11, pela manhã, tinham a base do cabo S. Nicolau a nor-nordeste; ao meio-dia choveu, e o vento encheu uma vela de joanete; estavam junto á costa, e puderam navegar para noroeste; á noite, recolheram ás velas de mezena, porque ventava rijo.

No dia 12, ao meio-dia, achavam-se abaixo do cabo de S. Nicolau, e tomaram rumo ao mar com vento de nordeste, proprio á vela do joanete e mar cavado; á noite o vento soprou de léste, e mantiveram-se por meia hora em direcção ao mar, e depois viraram, aproando para a costa.

No dia 13, pela manhã, estavam a seis leguas da costa, e dobraram o cabo; depois de meio-dia, o vento soprou de les-nordeste, enchendo a vela do joanete, e á tarde estavam proximos á costa e a duas leguas acima do cabo.

Cerca de seis leguas a léste do cabo, prolonga-se uma ponta baixa e curva, sendo alli alta. Viraram o rumo para o mar; o vento soprava de léste, de sorte que, quando terminou o segundo quarto, mudaram de direcção.

No dia 14, de manhã, soprava o vento lés-sueste, e tomaram rumo ao mar ao meio dia, e tiveram a Tortuga a 12 leguas a su-sueste, a sotavento, estando o mar sereno; e á noite, tendo-se exgottado quatro ampulhetas, chegaram a cerca do meio da costa da Tortuga. No dia 15, pela manhã, navegaram abaixo; soprava o vento tão rijo, que á tarde não puderam entrar no porto, de sorte que se mantiveram toda a noite perto d'elle.

No dia 16, pela manhã, fundearam, e, como voltara o bom tempo, fizeram pequeno reparo no navio; ha alli um bom ancoradouro para navios, e havia na ilha, segundo disseram os inglezes, umas 400 almas. O porto é entre dous baixios, sendo na parte externa o fundo de areia e para dentro lama-cento; mas é estreito. Deve-se entrar pelo lado de léste, e pode-se sahir navegando pelo de oeste; ancora-se tambem a oeste do baixio, e na ponta léste da Tortuga o fundo é de areia.

Em Hispaniola pode-se fundear e apanhar porcos, que ha lá em abundancia.

No dia 17, fizeram-se á vela, mas reinou calmaria, e assim pouco avançaram.

No dia 18, depois do meio-dia, chegou o vento do lado norte, e estavam perto do cabo de S. Nicolau, e no primeiro quarto tomaram o rumo de sudoeste. No dia 19, pela manhã, o vento soprava de nordeste, com brisa aspera; ao meio-dia, puderam avistar a costa do cabo Dona Maria a sudoeste quarta de sul, a qual é terra baixa.

No dia 20, tiveram o referido cabo a nordeste e o cabo Tiburon a sueste quarta de sul; houve calmaria, e o mar era sereno, de sorte que fluctuaram toda a noite.

No dia 21, chegou o vento de su-sueste e soprando rijo, e o mar ficou cavado, e passaram o cabo Tiburon.

No dia 22, o vento soprava de léste quarta de nordeste, com uma brisa firme, conveniente para vela de joanete; navegaram cerca de 30 leguas para o sul; pela tarde, começou a chover um pouco.

No dia 23, ao meio-dia, tiveram a latitude de $14^{\circ}, 37'$ e haviam navegado 25 leguas para o sul quarta de sueste, com a vela de joanete. No dia 24, navegaram 26 leguas, e ao meio-dia, tiveram a latitude de $12^{\circ}, 49'$ e levavam o rumo de sul quarta de sueste, soprando a brisa tão forte, que não podiam usar as velas de mezena; o vento vinha de lés-nordeste, e conservaram-se com rumo á costa durante o primeiro quarto, virando depois para o mar.

Soprando o vento de léste, ao terminar o segundo quarto, viraram para a costa, e navegaram toda a noite com a vela grande.

No dia 25, ao meio-dia, tinham a latitude de $11^{\circ}, 51'$, e haviam navegado 15 leguas a su - sueste, e, soprando o vento de nordeste quarta de norte, seguiram então para sueste e avistaram ás duas horas da tarde a terra alta e uma hora depois estavam sobre 20 braças de agua, em fundo lamacento, junto á terra baixa a léste da elevada de Santa Martha; foram além do que pretendiam, pois a corrente ia para leste. Navegaram cerca de tres leguas da costa e deixaram-se ficar fluctuando.

No dia 26, pela manhã, fizeram-se novamente á vela; estava nublado e reinava calmaria; ao meio dia, veio uma brisa do mar; tinham as montanhas Nevadas a su - sudoeste e estavam a obra de tres leguas da costa.

No primeiro quarto soprou o vento de léste quarta de sueste, brisa constante, de sorte que ficaram fluctuando.

No dia 27, começou a acalmar, de sorte que ás 10 horas estavam em frente á Santa Martha, e mantiveram-se seguindo para oeste quarta de sudoeste; ao meio dia, soprava o vento de nordeste quarta de norte; seguiram com elle, e na ultima parte da noite começou a ventar rijo, de sorte que mal podiam navegar com vela grande.

No dia 28, estavam em frente á Santa Martha, e tinham a ponta do cabo de Anguilha a umas seis leguas a léste; mantiveram-se dirigindo para

oes-sudoeste; o mar estava cavado, e o vento refrescou, á noite, de nordeste, e, cerca de uma hora antes do pôr do sól, chegaram á Zamba.

No ultimo de Fevereiro, pela manhã, no quarto da alvorada, começou a acalmar, soprando o vento geralmente de leste todo o dia; e, quando o vento é de norte, a corrente vae para léste. Tinham ao meio dia a latitude de $10^{\circ}, 50'$.

No dia 3 de Março, pela manhã, fizeram-se novamente á vela com um vento de terra; por perto das 10 horas, soprando o vento de nordeste, viraram para a costa, e chegaram lá ás duas horas, entre Morro Formoso e Zamba.

Como o vento enchesse uma vela de joanete, afastaram-se da costa, e a brisa era tão forte á noite, que mal podiam utilizar-se das velas de mezena.

No dia 4, pela manhã, estavam uma legua abaixo do Morro Formoso, e ao meio dia navegaram para Zamba e depois para o mar; ventou muito forte á noite.

No dia 5, como o vento fosse tão forte, que punha tudo em pedaços, aportaram á Zamba; continuou a ventar forte e esteve tempestuoso algumas vezes nos dias seguintes, de sorte que mal podiam estar ancorados.

No dia 16, pela manhã, avistaram uma vela no mar; deram-lhe caça, e capturaram-na entre Buyo del Gatto e Punta de Canoa.

Vinha de Teneriffe, e estava carregada com 100 pipas de vinho, e havia nella 54 pessoas, entre homens, mulheres e creanças, sendo todos levados á terra pelo *Zee-Ridder* e *Zuydt Sterre*; e o *Otter* esforçou-se por vir para elles, sendo o vento tão forte, que não puderam cuidar da presa.

No dia 17, pela manhã, amainou o tempo, tiveram ao meio dia a latitude de $11^{\circ}, 37'$, e haviam navegado cerca de 14 leguas.

No dia seguinte, ao meio dia, a latitude era de $13^{\circ}, 20'$, e haviam navegado cerca de 22 leguas a noroeste quarta de norte, levando atrás de si a embarcação apresada.

No dia 19, tiveram $14^{\circ}, 30'$, de latitude, e haviam navegado cerca de 25 leguas para nor - noroeste.

No dia 20, pela manhã, uma hora e meia depois do nascer do sol, chegaram perto de Serranilla e navegaram ao sul da mesma; não é larga; mas, pelo que puderam ver, tem tres leguas de comprimento, estende-se a nordeste quarta de leste e sudoeste quarta de sul, e está até quatro estacãs acima da agua. Não se pode sondar-a do lado de léste; sondaram-na, porém, no lado de oeste, e puderam ver fundo a 10 e 12 braças; a 18 braças, o fundo era de coral, a cerca de meia legua do baixio; e, pouco tempo depois, sondaram-na novamente, e acharam bom fundeadouro, como de areia; quando perto dalli, viram ir para lá uns passaros; e, quando longe, não puderam elles ser mais vistos. Ás nove horas, estava ella ao sul e sueste, e navegaram para o norte quarta de nordeste até ao meio dia; ao meio dia, a latitude era de $16^{\circ}, 15'$, de sorte que sua latitude nas cartas é exacta. Navegaram naquellas 24 horas 28 leguas para o norte quarta de noroeste, com um vento fraco de léste quarta de nordeste que enchia a vela de joanete.

No dia 21, receberam o vento do mar, e puderam avistar a Jamaica a nordeste, obra de 12 leguas; tinham navegado nas 24 horas cerca de 15 leguas para o norte quarta de noroeste e nor-noroeste; á noite, houve uma tempestade, mas de pouca duração.

No dia 22, ao meio dia, tiveram a latitude de $17^{\circ}, 48'$, mais do que haviam calculado, porque tinham apenas navegado, naquellas 24 horas, quatro leguas a nor-nordeste; reinou calmaria durante toda a noite.

No dia 23, ao meio dia, acharam $18^{\circ}, 11'$, e haviam navegado cerca de cinco leguas ao norte quarta de noroeste.

No dia 24, choveu, e calcularam ter avançado 16 leguas a nor-noroeste; e a latitude era de $19^{\circ}, 12'$.

No dia 25, ao meio dia, a latitude foi de $20^{\circ}, 16'$, e tinham caminhado cerca de 15 leguas para o norte; tiveram depois, nesse dia, vento variavel.

No dia 26, ao meio dia, a latitude foi de $20^{\circ}, 37'$, apenas haviam navegado, nas 24 horas, quatro leguas para nor-nordeste. Á noite, ventou muito forte, assim como no dia seguinte, de sorte que tiveram de abandonar a vela grande; amainando o vento ao meio dia, voltaram á de mezena; a latitude foi de $21^{\circ}, 15'$, e haviam navegado cerca de de sete leguas para o norte quarta de nordeste. Avistaram terra depois de meio dia, e estavam á tarde ainda a cinco leguas de distancia, e mantiveram-se alli.

No dia 28, pela manhã, foram para noroeste; sobreveiu calmaria, e, depois do meio dia, chegou a brisa do mar. A costa, que viram, era alta no meio e perigosa na extremidade occidental, e na ponta oriental, assim como no meio ha tres manchas brancas proximas da extremidade occidental; no fim do primeiro quarto, chegou o vento de les-sueste, e navegaram para oeste quarta de sudoeste. No dia seguinte, pela manhã, estavam a menos de legua da costa, e alli estão as ihotas da terra baixa; haviam navegado cerca de nove leguas para oeste e oeste quarta de sudoeste, e haviam navegado nesse dia umas 14 leguas; á noite, ficaram fluctuando, porque alli não se deve navegar no escuro.

No dia 30, pela manhã, tinham á vista a extremidade léste da ilha de Pinos, sendo a occidental arida, e, além disso, terra baixa, e a cinco ou seis leguas da extremidade leste é praia de areia branca, correndo ao longo dalli, por umas cinco leguas, um recife todo de pedra; não se encontra fundo junto á costa. A' tarde, fundearam na extremidade occidental, a cinco braças, em fundo de areia e pedra; não é uma enseada muito bôa para ancorar. Até o dia 2 de Abril, estiveram limpando o navio, e começaram então a embarcar a carga.

No dia 6, chegou o *Zee-Ridder*, e no dia 7 o *Zuydt-Sterre*, que capturaram uma barca com tartarugas. Os prisioneiros declararam haver saído de Havana dous mezes e meio atrás e que naquella occasião a esquadra, composta de 60 velas, sob o commando do general Thomás de Raspurges, estava prompta a fazer-se a vela; e que a esquadra da Nova Hispania se demorara por causa de dous navios, pois, quando a esquadra está na costa,

mantém então vigilancia no cabo de Santo Antonio e de Corrientes e em mais parte alguma.

O vento manteve-se uns quatro dias soprando de norte, e nesse interim abasteceram-se de agua, de que ha uns poços á distancia de um tiro de pistola da praia.

No dia 13, partiram da ilha de Pinos, ás duas horas da tarde, com vento de nor-nordeste, e navegaram para oeste quarta de noroeste; da extremidade occidental da ilha prolonga-se um recife.

No dia 14, pela manhã, tinham o cabo de Corrientes a duas leguas a noroeste quarta de norte, e á tarde o cabo de Santo Antonio a nor-noroeste; quasi toda a noite reinou calmaria.

No dia 15, pela manhã, avistaram uma vela a sudoeste; e, como sopra uma brisa forte do norte, capturaram-na, declarando os tripulantes ter ella vindo de Nova Hispania; tomaram depois o rumo do norte.

No dia 17, como reinasse calmaria, retiraram uma parte das mercadorias da presa, e navegaram á noite cerca de sete leguas para nordeste.

No dia 18, pela manhã, tinham o vento noroeste, e bom tempo; e, ao meio dia, a ilha de Pinos estava ao norte, de sorte que a corrente devia ir para lêste; no dia seguinte, tiveram tempo variavel e varios rumos, e só no dia 20, ao meio dia, voltaram ao anterior ancoradouro na ilha de Pinos. Examinaram a presa de cima a baixo, e só encontraram farinha de trigo, pelo que a deixaram ir-se embora no dia seguinte, fazendo-se elles tambem á vela.

No dia 25, pela manhã, avistaram a costa do cabo de Corrientes, e dirigiram-se para oeste quarta de sudoeste até ao meio dia, e depois para oeste quarta de noroeste.

Junto a leste desse cabo, ha sete ou oito arvores, e alli começa a praia de areia; á tarde, avistaram um navio ancorado junto ao cabo Santo Antonio, o qual se fez á vela, mal viu os nossos, que foram em sua perseguição; mas, escurecendo, mantiveram-se toda a noite com a vela grande.

No dia 26, fez bom tempo, com vento sul, e o *Zuydt-Sterre* capturou uma barca junto ao cabo; mas estava vazia, e a gente fugira para terra; á noite, reinou grande calmaria.

No dia 27, puderam ver a terra dos Organos, e no dia seguinte avistaram novamente uma vela e perseguiram-na por longo tempo, mas entrou em Havana.

No dia 30, tinham Matança a oito leguas ao sul quarta de sudoeste, e navegaram para nordeste quarta de norte; ao meio dia, tiveram a latitude de 24°.

No dia 1° de Maio, avistaram a costa ao norte do cabo de Florida e dirigiram-se dahi por diante para a Republica, fazendo uma viagem tão rapida, que o *Otter* chegou a Texel em 7 de Junho.

Trouxe 1.549 peças de seda armezín, 348 de seda de Damasco, 42 peças de setim adamascado, dous estofos bordados a ouro, 366 couros, 5.250 libras de pau-campeche, 2.170 libras de tabaco, 2.054 libras de aniz, uma caixa e tres fardetes de benjoim, tres fardos de pimenta, duas caixas de cravo, 12 caixas de marmelada, 13 marcos de ouro, 123 reales de oito e varias miudezas mais.

Neste mesmo anno, foi despachado novamente o capitão Cornelis Cornelisz. Jol com o yacht *Otter*. Partiu de Texel no dia 8 de Outubro; no dia 22, chegou perto das ilhas Canarias, no ultimo do mez abeirou-se do cabo de Barbas e no dia 2 de Novembro estava junto ao cabo Blanco. De bote, dirigiram-se á terra nesse ultimo, encontrando por toda parte pedras brancas, e a terra arida; ha ali uma bahia tão larga, que se não pode ver de um lado ao outro, extendendo-se para o norte. Estiveram a umas tres leguas para dentro, e tiveram cinco e seis braças e no minimo quatro, algumas vezes terra dura e outras lamacenta.

No dia 6, estavam junto á ilha de Maio; no dia 9, acima de Santiago; no dia 11, acima de S. Nicolau, chegando no dia seguinte a S. Vicente. Não podendo apanhar cabritos, nem abastecer-se de agua, zarparam dahi.

No dia 23, pela manhã, avistaram uma vela, e dirigiram-se para ella; mas, como quasi não havia vento, só chegaram lá ao meio dia, com o bote; estava carregada de vinho, vinha da Madeira e destinava-se á Parahyba. Levaram-na para Pernambuco, onde chegaram no dia 14 de Dezembro. Foi mandado no dia 18 cruzar ao sul.

Extractos de algumas cartas, escriptas pelo inimigo e interceptadas este anno.

Diego Lopes Chaves, 25 de Julho de 1632, Bahia. — Desde que d. Antonio de Oquendo partiu desta Bahia, havendo quasi 11 mezes, o inimigo não se afastou mais da barra e da costa, pelo que não pode sair navio algum, e tudo está suspenso, não havendo despacho ou venda de assucar, de cujo producto vivem os habitantes do Brasil. Garanto-vos que, se esse longo bloqueio durar, não se pode calcular e julgar o que será desta provincia, considerando quanto o inimigo é poderoso.

Francisco Soares, 30 de Janeiro de 1632, Bahia, — Começando os dizimos dos despachos deste anno, ou da safra, no dia 1º de Agosto, da capitania da Bahia e das outras que della dependem, Sergipe del Rey, Ilhéus e Porto Seguro, montam a 42.500 cruzados, dous terços em dinheiro e um em mercadorias; o que vem a dar 2.500 cruzados menos do que o anno passado.

Gaspar Demeres a N. S. do Real, em 22 de Outubro de 1632. — Ouvi dizer que ha carestia de cereaes em Lisbôa, estando o trigo a 400 réis; agora, compareae com a que existe aqui onde custa um pote de vinho duas moédas de oito; uma quarta de sal, quatro moédas de oito; um pote de oleo, quatro moédas de oito; e só a dinheiro e não por assucar, pois ninguem o quer, valendo o branco 240 a 320 réis a arroba, o mascavado 140 réis, e, para trocar por outra mercadoria, não o querem; imaginae como podemos manter nossas casas, não tendo joias que não estejam empenhadas ou vendidas. Lançam-nos impostos sobre impostos, e não se pode achar em parte alguma um logar para embarcar quatro caixas de assucar. Os que nos governam não têm maior desejo senão que essa guerra dure eternamente, escrevendo ao rei que o inimigo está completamente desanimado, e que abandonará o Recife. Duarte de Albuquerque embarca em cada navio 20 ou 30 caixas de assucar, de sorte que dizem que já mandou para Portugal mais de 100 mil ducados em assucar. Deu ordem

para que os engenhos não moam, e até hoje não se tem moido, e assim pouco assucar será fabricado neste verão, porque, chegando Janeiro, temos inverno, e nessa estação nada se fará. Que o Senhor nos ajude, pois não temos nem chefes nem conselheiros que falem a favor do povo.

O inimigo marchou para Porto Calvo e incendiou em caminho o engenho de Manoel Ramalho, assim como dias antes fizera aos de Domingo de Oliveira e de Miguel d'Alvares: fazem o damno que desejam e apanham o gado que podem, por isso é que se diz que elles têm falta de viveres.

Que Deus abra os olhos do rei, para que nos mande uma esquadra, porque, quanto mais soccorro sem dinheiro, tanto maior a ruina deste paiz.

Outra carta de 20 de Outubro. — Cansei-me de procurar logar por onde embarcar duas caixas de assucar, e não pude encontrar, porque um ladrão, que governa este paiz, não consente que os patrões de navios levem as proprias mercadorias; carrega os navios por sua conta, do irmão e tambem do rei. Tem levado esta terra a uma tal situação, que não se pode descrever; procede muito mais duramente do que alguns tyrannos, e sem apparencia de christão, não pensando noutra cousa, sinão como ha de roubar e tyrannizar o povo. Apesar de termos combatido nessa guerra, ha dous annos, em vez de recompensar-nos, opprime-nos com um grande imposto, que o povo não queria consentir. Elle, vendo que assim não ia, mandou chamar todos os capitães ao seu quartel, para pedir que o ajudassem a manter o Arraial; a mimima dadiva que tirou do povo foi de uma caixa de assucar de cada um negociante: de varios, quatro ou cinco caixas foram para o cofre.

Depois de receber esse rateio, lancou impostos tão pesados, como nunca foram vistos, até as creanças devem pagar todos os mezes 50 réis; e, desde que vierem reforços, a terra é levada á ruina.

O inimigo tem assaltado varios logares; tomou em Iguarassú mais de 80 mil ducados, tanto em joias como em ouro; depois, atacou Serinhaem, que tambem saqueou completamente; incendiou em outros logares muitas casas e levou comsigo muitos bois.

Houve aqui uma grande enchente, que causou um prejuizo acima de 200 mil ducados.

Outra carta de 12 de Novembro, do Cabo de Santo Agostinho. — As noticias do paiz tornam-se todos os dias peiores; o inimigo fez a maior expedição que jamais ousou fazer, pois foi até á cidade de Iguarassú e saqueou-a, matou muitos e dirigiu-se para onde bem quiz. E, agora, em Porto Calvo, incendiaram quatro ou cinco engenhos, sem soffrer resistencia em parte alguma. Si assim faz, quando ainda não recebeu reforços, que é que não fará, quando estiver mais forte? Todos aqui estão admirados de que o rei não se incommode com perder este paiz, que tem muito valor, como todo o mundo sabe.

SUMMARIO DO LIVRO DECIMO

O *commandeur* Schuppe volta da expedição. Vigilancia da costa. E' capturado um navio carregado de assucar. Chega o sr. Gijsselinghs. O major Schuppe é mandado novamente numa expedição. E' capturada uma caravela carregada de vinho e azeite. A expedição a Rio Formoso. Tres navios carregados de assucar são incendiados. Um engenho de assucar é queimado em Camaragibe. Expedição de Itamaracá a Maria Farinha. Expedição a Rio Formoso; conquistam um fortim; o inimigo destroe e incendeia quatro dos seus navios carregados de assucar, assim como um armazem do mesmo producto; os nossos tomam em seguida uma bateria do inimigo no rio Santo Antonio; destroem seis navios do inimigo; obtêm 104 caixas de assucar e algum vinho; passam por Camaragibe e outros logares e destroem ainda dous navios. O inimigo installa uma bateria em Itamaracá, para atirar contra o nosso forte, ao qual, porém, não causa damno. Albuquerque distribue uma circular, e os nossos fazem o mesmo. O coronel Wardenburgh repousa, para partir do Brasil. E' capturado um navio com duzentas pipas de vinho. A expedição a Goyana; incendeiam tres engenhos de assucar e muitas casas. E' capturado um navio com 120 caixas de assucar. Laurens van Rembach é nomeado coronel e Sigismundo Schuppen tenente-coronel. Embaixada dos Tapuyas. Assalto a Afogados; tomada do entrincheiramento; montam um forte. Expedição ao Arraial; tomam um reducto e matam a todos; dão pela falta do major Padburgh, e o coronel é ferido mortalmente; deixam atrás 130 homens. A nossa gente bate toda a Varzea de cima a baixo e carrega assucar dalli. Expedição do tenente-coronel Schuppe a Moribeca: incendeiam o povoado, exceptuando a igreja, e depois um engenho. Expedição por mar. O proprio inimigo incendeia em Rio Formoso um navio e dous armazens com assucar, e os nossos os engenhos; retiram de Porto Francez um navio carregado com assucar. Licht-hart entra em Porto Calvo, incendeia alli um navio e um armazem com assucar. O *commandeur* Jan Mast incendeia um navio e algumas casas. São trazidas tres presas com assucar. Faz-se um accôrdo com o inimigo quanto á concessão de quartel. Sigismundo van Schuppe é nomeado coronel e Balthazar Bijma tenente-coronel. Trazem uma presa com vinho. Conquista do forte e da ilha de Itamaracá e outras expedições e feitos na vizinhança; montam um reducto no canal do norte de Itamaracá. Os portuguezes abandonam em varios pontos a costa do mar. O povo de Goyana em desordem. Expedição a Goyana: incendeiam alguns engenhos e regressam a Itamaracá. E' capturado um navio com 220 pipas de vinho. O inimigo abandona as casas e as trincheiras mais proximas. Incendio de algumas casas e engenhos. Uma grande enchente. A expedição dos nossos ao Arraial, sem produzir vantagem alguma. Sae uma força, que incendeia um povoado ao norte do rio Doce. A expedição do tenente-coronel Bijma a Moruver, por terra; e, depois, pela costa a Itamaracá. Escaramuça com o inimigo. A expedição do coronel Schuppe ao rio Jangada. Dous navios do inimigo são lançados pelos nossos contra a praia, sendo tomado um

carregado de varias especies de mercadorias. Os feitos da esquadra de Jan Jansz. van Hoorn: Truxillo em Honduras é tomada e infelizmente incendiada. E' resgatada S. Francisco de Campeche. A sua chegada na Republica. Expedição por mar á Barra Grande e depois a Porto Calvo: tomam algum assucar e uma barca; sobem o rio e obtêm assucar; o inimigo ateia fogo aos seus armazens; marcham depois para Camaragibe. Dous navios do inimigo incendiados. Seguem depois para Porto dos Francezes: encontram e tomam muitas caixas de assucar. Chegam á Alagoa do Sul e incendeiam a aldeia de Nossa Senhora da Conceição e um navio novo no estaleiro; voltam dessa expedição com 250 caixas de assucar e uma partida de pau-brasil, tendo destruido 10 navios do inimigo. A expedição de Itamaracá a Mongiape, que os nossos incendeiam. A expedição do tenente-coronel Bijma a Santo Amaro, povoado que incendeiam; ao regressar, são atacados pelo inimigo e soffrem algum damno. O *commandeur* Smient destrõe dous navios dunkerquezes e tres barcas; depois disso, são incendiados mais cinco pelo *commandeur* Licht-hart. A chegada de varios navios da metropole. A expedição ao Rio Grande: cerco e conquista da fortaleza. E' tomado um pequeno navio carregado de vinho. A viagem do *Otter*.

Lista dos navios e *yachts* que partiram este anno das respectivas Camaras para Pernambuco.

DA CAMARA DE AMSTERDAM:

DATA DA PARTIDA	NAVIOS	LASTROS	CANHÕES		MARI- NHEIROS	SOL- DADOS
			DE BRONZE	DE FERRO		
28 de Janeiro	Nachtegael	15	4	4	13	—
	St. Jacob (fretado)	140	—	10	21	—
	Swarten Hondt (fretado)	170	—	18	23	—
	Koningh van Sweden (fretado)	140	—	11	23	—
5 de Março	— Leeuwerck	14	4	4	13	—
29 " "	— Gondt-Vinck	15	4	4	14	—
	Canari Voghel	15	4	4	18	—
	Myser Boer (fretado)	150	—	—	18	—
	De Robbe (fretado)	150	—	20	21	50
2 de Maio	Bonte Koe (fretado)	150	—	12	23	50
	— Pharnambuc	100	8	14	61	—
	Windt-hondt	80	4	8	47	—
15 de Agosto	— Goeree	170	8	20	61	109
	Campan	130	8	20	66	91
23 de Setembro	— Koningh van Sweden (fretado)	140	—	15	24	52
	Eendracht (fretado)	140	—	16	19	50
25 " "	— Raventjen	35	2	6	28	—
	Bonte Krake	30	4	6	23	—
27 de Outubro	— Eendracht (fretado)	190	—	13	30	93
	Raep (fretado)	170	—	18	25	73
3 de Dezembro	— Deventer	150	10	22	60	104
	Haringh	140	4	14	49	102
	De Kat	90	4	16	40	48
	Sont-bergh	120	—	16	52	104
	Kemp-Haen	20	6	4	20	10
	Spreeuw	20	6	4	19	10

DA CAMARA DA ZELANDIA:

5 de Março	— Zee-Ridder	35	5	9	30	30
	Folus	150	—	28	40	36
21 de Maio	— Veere	90	2	12	30	—
	De Exter	15	4	4	20	—

DATA DA PARTIDA	NAVIOS	LASTROS	CANHÕES		MARI- NHEIROS	SOL- DADOS
			DE BRONZE	DE FERRO		
10 de Setembro	— Domburgh	130	10	18	50	83
	Meernin	40	4	6	30	20
	Zuydt-Iter	30	2	14	30	20
	Sparwer	15	2	6	18	10
28 " "	— Fortuyn	160	4	24	70	108

DA CAMARA DO DISTRICTO SEPTENTRIONAL:

28 de Janeiro	— 't Wapen van Hoorn	110	8	8	70	—
	Um flibote (fretado)	110	—	4	14	18
21 de Maio	— Vleermuyns	15	6	2	19	—
29 de Agosto	— Enchuysen	230	8	22	83	89
4 de Dezembro	— Mercurius	200	6	20	66	95
	Wassende Maen	300	—	22	30	70
	Wind-hondt	15	6	—	21	—

DA CAMARA DE GROMINGA:

19 de Maio	— Pegasus	90	6	14	50	36
	Weseltjen	30	2	6	16	6
29 de Agosto	— Keet-Man (fretado)	160	—	16	24	60
30 de Setembro	— Wassende Maen (fretado)....	180	—	16	26	11
2 de Dezembro	— Vriessche Jagher	140	6	18	43	47

LIVRO DECIMO.

1633

+ No dia 1º de Janeiro, o *commandeur* Schuppe regressou da expedição, com os navios e tropas: estiveram ainda em Camaragibe, onde atearam fogo a um engenho e donde trouxeram 33 caixas de assucar.

No dia 4, foi encarregado o navio *Swol* de ir cruzar em Camaragibe, o barco *Oost-Cappel* foi mandado em seu logar ao cabo de Santo Agostinho e a barca *Itamaracá* foi no dia seguinte para o norte.

+ No dia 5, chegou um tal Pieter Albertsz., ou Pedro Alvares, o qual trouxe alguns presentes de papagaios e de outras coisas mais para o governador, ao mesmo tempo que uma carta cortez do conde de Bagnuolo, e foi reenviado no dia seguinte.

No dia 6, foi mandado o yacht *Muyden* para desembarcar em Batra Grande um indio chamado Fernandes, que entretinha esperança de attrahir aos nossos os habitantes da sua nação; e tambem saiu uma chalupa, afim de ir chamar a barca *Oost-Cappel* e o pequeno *Tyger*, dos quaes se precisava para uma certa expedição.

No dia 11, á tarde, o yacht *Eenhoorn* levou aos nossos uma caravela carregada com 350 caixas de assucar, capturada em frente á Parahyba, e que saíra do cabo dous dias antes.

+ No dia 17, chegou ao Recife Jehan Gijsselinghs, com os navios *Middelborgh* e *Leeuwe*.

No dia 21, voltou o yacht *Ouder-kerk*, o qual, tendo sido mandado á ilha de Fernando, passou além da mesma, distrahido, como pareceu, pela caça que deu a um navio de Angola, carregado de negros. Capturando-o, deixou-o seguir pouco depois, de sorte que mal se poudes desculpar.

+ A' tarde, com o director da equipagem, Jan Cornelisz. Licht-hart, embarcaram as companhias de Cloppenburg, le Grand, du Buffon e Padburgh nos

navios *Overijssel*, de *Leeuw*, de *Brack*, no barco *Sandijck* e em cinco botes e chalupas, para fazerem uma expedição ao sul, sob o commando do major Schuppe e do mesmo Licht-hart.

No dia 24, avistaram uma caravela no mar, para a qual se dirigiu o yacht *Vos*; mas teria ella escapado, si o yacht *Naerden*, cruzando perto dalli, não tivesse chegado e a não capturasse. Essa caravela estava carregada de vinho e azeite.

No dia 25, chegou o navio *Blaeuw Leeuw*, do cruzeiro em frente á ilha de Santo Aleixo, e foi mandado em seu logar o navio *Graef Ernest*. O major Schuppe tendo partido do Recife no dia 23, com cerca de 500 homens, tomou o rumo do Rio Formoso, onde entrou no dia seguinte, pelas tres horas da tarde, com os botes, e desembarcou em um braço do rio, a cuja margem sul se achava o forte; marchou immediatamente dalli para o monte, que dominava o forte, e investiu bravamente contra elle, escalando-o, apezar dos seus fossos regulares e das suas muralhas escarpadas. Toda a guarnição que ali se achava foi passada a fio de espada, exceptuando-se dous soldados que fugiram a nado, e o capitão do forte, de nome Pedro de Albuquerque, ao qual aprisionaram e que, segundo disse, era parente afastado do governador Mathias de Albuquerque. Esse official e o capitão Philibert du Busson, que, ao assaltar o forte, foi ferido á bala perto do pescoço, atravessando-lhe esta o ouvido, foram mandados para o Recife, assim como quatro canhões de ferro, que alli encontraram. Esse valentê e bom capitão morreu pouco depois de tetano ou convulsões (um mal que no paiz sobrevem subitamente aos feridos). Sua morte foi muito sentida pelos nossos, devido ás suas boas qualidades e experiencia do commando.

No dia 27, voltou o barco *Spieringh*, que se desviara da sua estação, devido a ter dado caça a uma caravela, que se escapou. E, no dia 30, regressou o *commandeur* Smient, sem nada haver conquistado.

No dia 6, o *Haringh* chegou da Hollanda. No dia 2 de Fevereiro, o navio *Middelburgh* fez-se á vela, para cruzar na Bahia com os outros navios, e o *Phoenix* e *Spieringh* voltaram para defronte da Parahyba.

+ No dia 4, partiu o sr. Gijsselingh, com Walbeeck, para Itamaracá, afim de restabelecer a ordem alli, voltando ambos no dia 7. No mesmo dia regressaram ao Recife os navios que estiveram em expedição no sul, de cujos feitos já demos antes a descripção, á qual agora juntamos o que se passou depois: O inimigo, logo que viu entrar no rio os nossos botes, poz a pique uma barca carregada de assucar, e que estava surta mesmo em frente ao forte. Depois, suspeitando que os nossos subissem mais o rio, puzeram a pique outras tres; e, como parecia que não afundavam, atearam-lhes fogo, assim como a um armazem cheio de assucar, que havia alli proximo; de sorte que os nossos só puderam obter seis caixas de assucar, as quaes mandaram embarcar juntamente com quatro canhões de ferro (que estavam em uma bateria junto ao fortim) e, depois de arrasarem o fortim, saíram outra vez do rio e navegaram mais para o sul. Desembarcaram a gente um pouco ao norte do rio, ao qual chamam Santo Antonio Grande, com a intenção de marchar directamente

dalli para a bateria; mas, chegando ao rio, viram que ella se achava do outro lado, de modo que tiveram de atravessal-o e tomaram o reducto. Havia seis navios inimigos, que deixaram tremular as bandeiras e se mostravam como que desejosos por combater, havendo entre elles um provido de 10 canhões e outro de quatro. Eram navios inglezes, que atiravam valentemente contra os nossos, de forma que um navio francez, que estava proximo destes, foi tão baleado, que teria de submergir-se, si os nossos não houvessem tapado as brechas em tempo; mas voltando do interior os nossos e atacando-os valentemente, os tripulantes fugiram e os navios foram queimados, tanto pelo inimigo, como pelos nossos, exceptuando-se o navio francez, donde tiraram 40 pipas de vinho, tendo-se conseguido dos navios e de terra apenas 104 caixas de assucar. Não distante dalli havia um engenho de assucar, cujo proprietario mandou o filho pedir humildemente aos nossos que poupassem a sua propriedade, promettendo negociar no futuro com os nossos o seu assucar, porém que agora não tinha nenhum; o que lhe sendo concedido, mandou no dia seguinte muitos refrescos. Dahi foram visitando Camaragibe e outros pequenos portos onde destruíram ainda dous navios; de modo que causaram ao inimigo nessa expedição a perda de 13 navios, na maior parte carregados.

Voltaram ao porto do Recife no dia 7 de Fevereiro e ter-se-iam demorado por mais tempo, si não fôra faltar-lhes no fim o pequeno barco que levava as provisões. No mesmo dia partiu o yacht *Eenhoorn*, para cruzar nas proximidades do Cabo, e o *Bonte-koe* chegou da Republica; assim como no dia 10 entraram o navio *Goude Leeuw*, de Groninga, trazendo uma barca hespanhola, capturada, carregada de vinho e azeite, e o *Witte Duyf*. O navio *Overyssel* e o barco *Sanddyck* e *Oost-Cappel* fizeram-se á vela á tarde, para cruzarem em Rio Formoso e mais ao sul. E, no dia 12, saíram o yacht *Naerden*, para cruzar no sul, e o novo *Tijger*, ao norte.

No dia 13, voltou o *Swol*, havendo cruzado perto de Camaragibe, em cuja vizinhança dera combate a um navio hespanhol de grande porte, com 28 canhões e numerosa tripulação. Descarregaram-lhe os nossos por cinco vezes todos os canhões de um bordo e tel-os-iam capturado, se não fôra perderem, por um tiro desastrado, todo o cordame e mastro de mesena.

No dia 19, chegou o yacht *Itamaracá*, com um navio capturado, carregado com 223 caixas de assucar e alguns quintaes de pau-brasil.

No dia 22, embarcaram-se as companhias do capitão Bijma, Everwijn e Rinkingh, nos navios *Swol*, de *Brack* e de *Vos*, navegando depois para o norte. Descreveremos mais tarde os seus feitos. No mesmo dia, chegou da Republica o *Vyge-Boom*.

No dia 23, entrou no porto o barco *Spieringh*, com uma caravela capturada, carregada com cerca de 200 pipas de vinho e generos seccos, a qual foi apresada junto á Parahyba.

No dia 25, partiram novamente o *Phoenix* e o *Spieringh* para os seus postos antigos.

No dia 28, chegaram, a chamado, o *Fama* e o *Muyden*, de cuja expedição ainda falaremos. O *commandeur* Jan Mast fôra mandado, desde o dia 9 de

Janeiro, com o *Oost-Cappel*, o pequeno *Tijger*, o *Boyer* e alguns botes grandes, para cortar lenha perto do canal norte da ilha de Itamaracá, afim de prover tanto os do Recife como os do forte de Itamaracá, que já começavam a sentir necessidade della. Havendo-o notado, o inimigo foi para a extremidade norte da ilha, onde se entrincheirou e montou um canhão; mas, vendo que não podia embaraçar os nossos com os seus tiros, abandonou a posição. O inimigo também assentara em certo monte, situado a alguma distancia do nosso forte, tres canhões de bronze, atirando 16 e 20 libras de ferro, e abriu fogo com elles no dia 25 de Dezembro do anno passado. Mas, vendo que nenhum mal nos causavam com isso, elles mesmos desmancharam a bateria, depois de haver atirado 420 tiros sobre os nossos, dos quaes apenas 45 balas acertaram no forte sem fazer damno; pois os nossos altearam daquelle lado quatro pés e meio e fizeram algumas travessas, não sabendo o que o inimigo faria depois.

O governador Albuquerque mandou espalhar uma circular em francez e inglez pelas circumvizinhanças dos nossos fortes, induzindo os nossos soldados a desertar, offerecendo grandes soldos aos que ficassem servindo com elle, e promettendo mandar nos primeiros navios os que se quizessem repatriar.

Os nossos pagaram-lhe na mesma moeda e mandaram egualmente espalhar cartas, tanto nas cercanias do Recife, como nas de Itamaracá.

+ O governador, coronel Wardenburgh (obtendo, a seus instantes pedidos, licença da Assembléa dos XIX), apromptou-se para partir, junto com o tenente-coronel Engelbert Schut, os majores Redinchoven e Berster, o conselheiro politico Walbeck e outros officiaes de menor patente. Os soldados, que terminaram o praso de tres annos, também mostravam muito pouca disposição de ficar, e os srs. delegados viram-se embaraçados, mas sempre descobriram um meio de fazel-os demorar. Partiram, entretanto, com o governador e officiaes, uns 500 soldados, numero maior de que podiam dispensar na occasião; foram-lhes dados para transporte os navios *Blauwe Leeuw*, *Eendracht de Veer*, *Haringh*, a presa *S. Pedro* e a barca *Itamaracá*.

No dia 1º de Março, voltaram os navios sob o commando do capitão Bijma, dos quaes falamos atrás, tendo corrido a expedição da fórma seguinte: A nossa gente desembarcou no mesmo rio e marchou por terra até junto do Porto Francez, destruindo e incendiando todas as casas e construcções; e seguindo um tanto para o interior, incendiaram e afrasaram em caminho tres engenhos, assim como outros bellos edificios. Ao regressarem, passaram por Catuamba, onde surprehenderam uma caravela com 120 caixas de assucar, atacando aos tripulantes ainda mal despertos, e levaram-na até ao mar e dahi ao Recife.

No dia 2, partiu o yacht *Vos*, para cruzar em frente a Santo Aleixo.

No dia 4, partiu o *Fama* novamente para a Bahia, e o *Zutphen* voltou novamente ao porto.

+ No dia 8, partiu para a Republica o coronel Wardenburgh, juntamente com outros officiaes, e lá ficaram ainda 2.900 soldados; tendo sido embarcados

250 na esquadra, que foi mandada para as Indias Occidentaes e de cujos feitos falaremos mais tarde.

Os srs. directores delegados, havendo pesado bem as qualidades e meritos de todos os officiaes superiores, nomearam: coronel, ao major Laurens van Rembach; tenente-coronel, Sigismundo van Shuppen; sargentos-móres Balthasar Byma, Daniel Padburgh e Pierre le Grand. Todas as companhias ficavam sob o commando desses officiaes.

No dia 13, o navio *Witte Leeuw* fez-se á vela, para ir vigiar perto da ilha de Santo Aleixo, e o yacht *Vos* foi encarregado de ir para o sul.

No dia 14, a companhia do capitão Maulpas, nomeado commandante do forte de Itamaracá, embarcou-se no *Oost-Cappel*, *Sandijck* e *Jongen Tijger*, afim de ser transportada para lá, levando, além disso, ordem de tirar vantagens sobre o inimigo, em Catuwamba e na sua vizinhança, e prover o Recife de lenha. Por esse tempo chegou novamente um enviado dos tapuias, o qual já estivera aqui no anno passado e fôra transportado ao Ceará pelo navio *Nieuw Nederlandt*. Veiu ainda da parte dos tapuias esforçar-se por fazer alliança com os nossos, offerecendo, além disso, todo auxilio e assistencia contra os portuguezes e, no caso em que os nossos desembarcassem com força sufficiente a uma legua ou duas ao sul do Rio Grande e os esperassem, viriam com toda a sua gente, e marchariam com os nossos para expulsar do paiz os portuguezes. Mas, estando passada toda a estação do verão, não convinha mandar os navios para a costa norte do Brasil, e não se podia, portanto, tirar proveito algum desta proposta.

Os srs. delegados, tendo posto tudo em bôa ordem e provido as tropas dos chefes necessarios, deliberaram particularmente sobre o melhor modo de prejudicar ao inimigo e abrir caminho para a segurança da conquista, e unanimemente resolveram primeiro atacar o acampamento dos Afogados, onde o inimigo estava entrincheirado, sendo aquelle ponto a chave da Varzea, que é a melhor terra da capitania de Pernambuco, pois só ella tem quasi tantos engenhos quantos os outros districtos reunidos, e acreditando firmemente que o governador Mathias de Albuquerque collocara o Arraial alli, para a conservação daquella região.

O entrincheiramento em Afogados estava mesmo no caminho entre o Arraial e o cabo de Santo Agostinho, de maneira que, apoderando-se d'elle e mantendo-o, difficultariam muito ao inimigo as communicações entre os seus principaes logares. E por elle poderiam dar batidas á vontade neste bello e rico districto, assim como por elle conseguiram uma grande entrada, para penetrar sem impedimento no interior do paiz. Acharam assim o projecto muito praticavel, por estar aquelle sitio tão perto dos nossos.

Ficando resolvida a empreza e havendo-se apromptado o mais depressa possivel todo o necessário, os srs. delegados partiram no dia 17, ás 11 horas da noite, de Antonio Vaz, no Recife, com o tenente-coronel Schuppe e as companhias de ss. eex., a do tenente-coronel e do major le Grand, e mais adeante, encontraram as outras companhias em armas. Depois de descansar até ás duas horas da madrugada, o coronel marchou com as companhias dos

srs. delegados, a sua, as dos majores Bijma, Padburgh e le Grand; as dos capitães Cloppenburgh, Everwyn, Bongarson, Feller, Gartsman e Tournalon Junior, e com cerca de 200 marinheiros, sob o commando do director da equipagem Licht-hart, além do Forte Emilia, pela planície, até perto do rio Capibaribe. Esperaram ali até ao alvorecer, quando, tendo-se reunido ás tropas avulsas, commandadas por Jan Smit, tenente de Cloppenburgh, passaram todos para o outro lado do rio, antes que o inimigo os percebesse; aquelle tinha ali uma força de 130 homens, que foi muito facilmente repellido das trincheiras. Havendo-se retirado por este modo para uma vasta planície, através da qual estavam os seus principaes caminhos do Real para o Cabo e outros logares, foi novamente posto em fuga pelos nossos e perseguido até á matta. Vieram-lhe immediatamente reforços do Real e de outros pontos, com os quaes fizeram um furioso assalto numa estrada larga que se estende para o Real, contra os nossos marinheiros, que montavam alli uma trincheira sob a protecção de 30 ou 40 mosqueteiros, e tiveram de retirar-se um pouco. O porta-bandeira do coronel, devido ao violento assalto, teve de recuar um tanto, e recebeu no braço um ferimento por bala, mas foi logo soccorrido pelo major Padburgh, que poz o inimigo novamente em fuga. Este, não vendo possibilidade alguma de abrir passagem (pois que só recebera do Real quatro companhias de italianos), retirou-se novamente para o bosque, e, chegando á outra estrada, que estava occupada pelo major Bijma e Bongarson, que o atacaram com uma furiosa fuzilaria, teve de procurar outro caminho.

O capitão Cloppenburgh, logo que o avistou, atacou com uma força de fuzileiros, mas foi logo cercado. O major le Grand, vendo isso, deu tão valente assalto sobre os adversarios, que abriu passagem a Cloppenburgh e os poz em desordem, deixando extendidos no logar 20 homens, e abandonando os inimigos uns 60 mosquetes. Ainda vieram depois atacar algumas vezes, mas foram sempre repellidos.

Os srs. delegados (que haviam ido para o forte Emilia, para pôr tudo em ordem), recebendo aviso dos successos, mandaram immediatamente botes e chalupas pelo rio, levando vinho, viveres, os necessarios artigos bellicos e tambem um pequeno canhão de campanha, de bronze, capaz de atirar seis libras de ferro, e, depois de meio dia, foram a cavallo, seguidos da companhia de Wildschut e dos commissarios da artilharia. Tendo-se apossado assim desse logar, os nossos começaram a montar alli um forte. Essa construcção deu muito trabalho, por ser a terra na vizinhança assás impropria para isso; pois, quando fizeram a obra, pareceu que estava solida e tão dura como pedra, mas, quando cahiu a chuva, immediatamente se desmanchou, como massa pastosa, formando taes brechas, que ficou reduzida a montões de lama, e os nossos quasi a abandonavam, se não fôra a necessidade de manter uma posição no outro lado do rio Capibaribe.

E, como o inimigo nos poderia causar damno na ilhota de Rodinerho (1),

(1) Ilhota de Cheiradinho. (Nota do traductor).

perto da qual nossas chalupas haviam de passar, o sr. Gijsselinghs dirigiu-se para lá com o tenente-coronel e Carpentier e a companhia de Gartsman, mas encontrou-a abandonada; estava verdejante e já plantada de arvores, especialmente coqueiros. Só existia lá uma casa em ruínas, a qual incendiaram.

No dia 20, Jan Smit, de quem já falámos, sahiu com uma força, e, encontrando o inimigo em um lugar, atrás do qual havia uma quantidade de caixas de assucar, recebeu um tiro que o matou; o seu porta insignia não deixou, por isso de atacar, e vingou-lhe a morte, trazendo, ao voltar, nove rézes e muitos refrescos.

No dia 22, partiram, o major le Grand, o capitão Cloppenburgh e Bongarson em uma expedição, pelo caminho do Real, e caíram de improviso sobre o engenho de Juan de Mendoza. Estavam lá duas companhias e uma esquadra de soldados, que haviam montado guarda toda a noite e de manhã se entregavam ao descanso, quando o major os surpreendeu, passou a fio de espada os que poudo alcançar e aprisionou um certo don Antonio Ortiz de Mendoza e o seu porta-estandarte.

Aquelle official viera de Portugal com o regimento portuguez, na qualidade de capitão mais antigo, e, como lá ficara o coronel, elle commandara sempre o regimento; estava gravemente ferido por tiro, no ventre e na virilha. O resto do inimigo fugiu ou ficou prisioneiro, tendo os nossos regressado, depois de incendiar o engenho.

O navio *Graef Ernest* voltou ao porto.

Os nossos sabiam diariamente, por prisioneiros, por cartas interceptadas e por todas as outras especies de informações, que o inimigo estava muito desprovido de artigos bellicos, os soldados sem roupa e descalços e os pobres habitantes completamente desanimados e muito descontentes com o seu governador; com o fim de tirar vantagem para nós do estado de abatimento dos moradores, produzir maior terror ao inimigo e mostrar que os nossos se achavam agora senhores do campo e mais, todavia, para obter melhor conhecimento da situação do Arraial, resolveram fazer uma expedição até lá. Partiram assim de Afogados no dia 24, logo pela manhã (deixando o entrincheiramento occupado por tres companhias), com 12 companhias, das quaes quatro, a saber, as do coronel, do major Padburgh, Bongarson e Garman, formavam a vanguarda e eram commandadas pelo coronel Rembach; o centro continha igualmente quatro companhias: as do tenente-coronel, do major le Grand, Everwijn e Turlon Junior, commandadas pelo tenente-coronel Sigismundo van Schuppen; na retaguarda tambem iam quatro companhias, que eram as seguintes: as do major Bijma, as dos srs. delegados, do capitão Smit e Cloppenburgh, commandadas pelo major Balthazar Bijma.

Nessa ordem atravessaram o rio Capibaribe (deixado guarnecida por alguns mosqueteiros uma certa casa, que estava desse lado do rio, para assegurar a passagem) e chegaram sem resistencia alguma ao Arraial. Encontraram alli um rua de casas e lojas, providas de todas as especies de mercadorias, as quaes a nossa gente saqueou de passagem. O inimigo atirou valentemente com mosquetes e canhões, ficando muito gravemente feridos o coronel e o

major Padburgh, sendo, porém, recolhido o coronel pela nossa gente, que marchou ao redor do forte, sem fazer caso dos tiros.

O tenente-coronel Schuppe, chegando ao lado do norte do forte, encontrou um reducto com dous canhões, o qual atacou, matando a todos que nelle estavam, e fez grandes esforços para levar as peças, mas não as poudo transportar. Foi dado o signal de retirada, que se fez um tanto confusamente, e o inimigo sahiu do forte e atacou os nossos com muita furia e com alguma vantagem, e, devido a esse impetuoso assalto, não puderam os nossos carregar consigo os feridos (entre os quaes o major Padburgh); mas foram repellidos pelo tenente-coronel e pelos majores, que sempre os detiveram. Os nossos, voltando ao rio, atravessaram-no sob a protecção da guarnição deixada alli, e fizeram grande damno ao inimigo, que ficava exposto, e que finalmente se retirou.

O coronel foi ferido no peito direito, acima do mamelão, e a bala ficou encaixada atrás da axilla, abaixo da espadua direita.

Voltando aos quarteis, viram que haviam deixado atrás 130 homens e tinham outros tantos feridos; mas o maior damno foi o grave ferimento do coronel Rembach e haverem deixado ficar no campo o major Padburgh. O inimigo soffreu igualmente grande damno, especialmente junto á referida casa, onde, segundo sua propria confissão, perdeu uns 50 homens.

No dia seguinte, partiu o tenente do capitão Cloppenburgh com uma força, para o caminho do Arraial. Trouxe algumas rezes e encontrou alguns dos nossos feridos, que se refugiaram no bosque, mas não viram o inimigo. Pouco depois disso, partiu o proprio major le Grand, com uma força, para certo engenho, onde diziam que o inimigo se achava, para lhe cahir em cima de improviso. Ao passarem por certa casa, onde o inimigo mantinha uma guarda, foram descobertos; contudo, atacaram valentemente a casa e subjugaram alguns, contando apenas um morto e dous feridos; voltaram depois ao quartel, carregando cada um tanto assucar quanto poudo. Dahi em deante as nossas forças batiam a Varzea por todos os lados, sem encontrar pessoa alguma, a não ser de vez em quando alguns negros em um ou outro dos engenhos, havendo em todos estes muito assucar; mas, como se achassem desprovidos de bois, de carros e de outras cousas necessarias, não tinham meio algum para os transportar, a não ser aos hombros, razão pela qual não podiam levar grande quantidade. Fizeram uma experiencia, mandando carregar por marinheiros, mas não foi muito consideravel a quantidade que trouxeram, apesar de lhes pagarem bem por esse serviço.

No dia 26, os srs. delegados foram ao acampamento e mandaram um tambor ao Real, para se informar dos nossos feridos e especialmente do major Padburgh, levando tambem carta do referido Antonio de Ortiz, pela qual pedia ao governador Albuquerque e ao conde de Bagnuolo que o resgatassem ou o trocassem por outro. O emissario, voltando no dia 27, relatou que não encontrara o major, nem entre os prisioneiros, nem entre os feridos, e que fôra recebido amigavelmente por Albuquerque e pelo conde Bagnuolo,

e trouxe um óleo maravilhoso para o referido Ortiz, por este encomendado para o curativo do ferimento do coronel.

Esse óleo, chamado *Aurij*, estende-se com um grande pincel ao redor da ferida, por uns tres dedos de largura na circumferencia do orificio produzido pelo tiro, e serve para facilitar a extracção da bala, segundo asseguravam.

Veiu juntamente uma carta, pela qual solicitavam a soltura do coronel Ortiz, o que foi concedido. O prisioneiro foi levado em uma rede para o Real, conduzido por Gerard Barbier, que foi encarregado de communicar o desejo dos nossos de fazer a guerra regularmente, concedendo-se mutuamente quartel.

Este official, voltando pela manhã, referiu que fôra lá bem acolhido, e que os nossos feridos eram bem tratados e nos seriam mandados quando estivessem mais fortes; trouxe também um cirurgião, enviado pelo conde; com mais óleo para o sr. coronel. Nesse interim, continuaram com as fortificações em Afogados, já estando prompto o baluarte de madeira e com quatro peças montadas, e achando-se as companhias reunidas num quartel todo cercado de trincheiras e com um canhão na bateria contra qualquer assalto; pelo que as companhias de Gartsman, Smit, e Tournal Junior voltaram a seus quartéis, assim como os marinheiros aos seus navios.

O *Oragnie-Boom*, um navio fretado, chegou da Republica.

No dia 29, á noite, partiu o tenente de le Grand com uma força, com a intenção de surprehender um engenho, mas foi descoberto de uma certa casa, onde o inimigo mantinha uma guarda, a qual elle poz em fuga, matando aos que poudé alcançar e, ateando fogo á casa, voltou com um bom espolio de assucar e de outros artigos. Prosseguiram a trabalhar com ardor na construcção do forte.

No ultimo de Março, chegou da Republica o navio *Windt - hondt*.

O *commandeur* Jan Mast, examinando com alguns botes e chalupas o recife, para o sul, até ao Cabo, encontrou uma barreta a cerca de meia legua escassa do Recife, pela qual navegou até á praia, onde desembarcou sem ver inimigos; voltou á tarde e trouxe algumas rezes.

No dia 1º de Abril, pela manhã, aquelle *commandeur* navegou para a dita barreta, com 30 soldados, e desembarcou em terra; encontrou um navio novo, já quasi prompto, e alguns casebres, a que ateou fogo.

No dia 3, o capitão Everwijn, dispensado do serviço que estava prestando no exercito, embarcou, junto com o director da equipagem, *Licht-hart*, nos *yachts van Ceulen, Gijsselingh* (que faziam a sua primeira viagem), *Spieringh, Oost - Cappel* e *Sandijck*, que navegaram para o norte, afim de encobrir o designio ao inimigo, mas depois tomaram o rumo do sul, para o Rio Formoso. Contaremos depois os seus feitos. ~

No dia 5, voltou o *Jonghen Tijger* ao Recife, e foi transportado o coronel do acampamento para o seu alojamento.

No dia 7, foram mandados 250 marinheiros para o acampamento, afim de carregar assucar em beneficio da Companhia, para o que apromptaram va-

silhas que podiam conter 50 libras. Seguiram á noite, sob o commando do major le Grand, com alguns soldados, para um engenho, onde encontraram grande provisão de assucar, e tiraram quanto puderam levar, ateando-lhe fogo depois. O inimigo atacou-os por varias vezes, mas teve de retirar-se para o matto, com alguma perda, e os nossos voltaram á tarde.

No dia 9, chegou da Republica o *Voghel-Struys*; no dia 10, o *Koninck van Sweden*; no dia 11, o *Nachtegael*; e no dia 12, o *Arca Noé*.

No dia 14, voltou o yacht *Gijsselingh* da expedição, tendo encontrado em Rio Formoso um navio inglez, o qual o proprio inimigo poz a pique e incendiou; e, vendo que os nossos iam desembarcar, ateou igualmente fogo a dous armazens cheios de assucar, e dahi os nossos puderam salvar apenas 12 caixas.

Marcharam, depois disso, cerca de duas leguas para o interior, incendiaram dous engenhos e voltaram ao rio sem embaço algum por parte do inimigo. Fazendo-se á vela do Rio Formoso e chegando ao mar, avistaram uma embarcação, á qual deram caça até quasi em frente ao Porto Francez, onde estavam tres navios, um dos quaes se escapou, ao ver que os nossos se appproximavam. O director da equipagem, achando pouca probabilidade de apanhar o navio, que estavam perseguindo, entrou em Porto Francez e tirou de lá, tanto um navio carregado com 210 caixas de assucar, como outro que estava vazio; e, como não soubesse bem o que fazer deste, pol-o a pique, voltando depois ao Recife.

No dia 15, entrou no porto o *Swol*, com um navio capturado, que viera em companhia de outros 11, nos quaes estava carregada a maior parte das mercadorias dadas em escambo no Rio da Prata. Este navio havia-se afastado dos outros e calculara estar a umas 150 leguas da costa, quando avistou o cabo de Santo Agostinho e os nossos. Estava carregado com 220 caixas de assucar, um cofre com cerca de 4.000 reales de oito e alguma prata lavrada, avaliado o total em cerca de 12.000 florins.

No dia 17, foram mandados os artigos sobre a concessão de quartel, que o inimigo desejava estabelecer com os nossos; para o que foram commissiionados o major Bijma, o capitão Charles de Tournalon, o tenente Tugel e Barbier. Esses foram recebidos por um sargento-mór e um capitão ajudante, em uma casa situada entre o nosso acampamento e o Real, para onde o conde Bagnuolo mandara o seu mordomo com a sua baixella de prata, separando-se dessas commodidades, para dar maior realce á conferencia.

No dia 19, voltou o yacht *Eenhoorn* ao Recife, sem nada haver capturado.

No dia 22, os veteranos embarcaram, para tomar parte na expedição das Indias Occidentaes, e partiram no dia 25, sob o commando de Jan Jansz van Hoorn. Os seus feitos serão narrados depois.

No dia 27, foram ambos os srs. delegados ao acampamento em Afogados, para examinar os trabalhos e adeantal-os. Depois do meio dia, chegou Jochim Gijssz, no navio *Overijssel*, com uma caravela, que capturou perto de Porto Calvo, vinda da Bahia com mais tres navios, o mais forte dos quaes carregava seis colubrinhas. Perdera-se delles, e, quando se suppunha estar a umas 40

leguas da costa, foi capturada em Porto Calvo, sendo a sua carga de cerca de 280 caixas de assucar. Por ella se soube que desde Novembro de 1632 haviam sahido da Bahia uns 30 navios.

No dia 29, partiu o director da equipagem, Licht-hart, no navio *Tijgher*, como almiranta, e levando os barcos *Oost Cappel*, *Sandijck*, *Ceulen* e o *Jonghen Tijger*, para um certo projecto, de cujo resultado falaremos em tempo opportuno. O navio *Overyssel* sahiu para ir cruzar.

No ultimo do mez, chegou da Republica o yacht *Leeuwerck*.

No dia 1º de Maio, o tenente coronel Schuppe, junto com o major Bijma, partiu com cerca de 400 homens para Moribeca, com a intenção de surprehender o povoado. Marcharam pelo rio Jangada, sem encontrar inimigo algum; mas, chegando perto de Moribeca, acharam o caminho obstruido com arvores derrubadas, pelo que tiveram de desviar-se um pouco. Acharam Moribeca completamente abandonada, pessoa alguma nas casas, poucos moveis, mas deparou-se-lhes um grande armazem, no qual havia mais de 500 caixas de assucar, que o inimigo levava para alli da Varzea, julgando estar bem defendido dos nossos pela distancia. O povoado, segundo disseram aos negros, está a umas seis leguas do nosso acampamento em Afogados, e devem ser leguas bem compridas, porque a nossa gente marchou do quartel á tarde ao pôr do sol. descansou no caminho uma hora e só chegou ao logarejo quando o sol já ia alto.

Os nossos, não podendo levar esse assucar, atearam fogo ao armazem e a outras casas e queimaram todas até o chão, exceptuando apenas a igreja; ao regressar, queimaram ainda um engenho, chamado Engenho Novo, e voltaram ao quartel, sem ver inimigo algum, pelo que se podia avaliar o grande terror e desanimo que existiam entre os habitantes e soldados do inimigo, que tudo abandonara aos nossos, em ponto tão distante. Trabalharam com ardor, nesse interim, no forte de Afogados, pois mantinham constantemente alli 10 companhias, conservando-se ainda o tempo soffrivelmente secco para aquella estação do anno e favorecendo os nossos.

Acharam-se embaraçados com a falta de estacas, sendo preciso cortal-as no matto, e foi uma felicidade deparar-se-lhes em certa casa de Afogados um bom numero dellas, que lhes serviu bem.

No dia 1º de Maio, á noite, falleceu o coronel Rembach, em consequencia do ferimento, e no dia seguinte foi sepultado, com grandes honras, no convento de Antonio Vaz.

No dia 8, fizeram-se á vela o *Eenhoorn* e *Leeuwerck*, com todos os prisioneiros portuguezes, para os desembarcar em algum porto ao sul da Bahia.

No dia 10, os srs. delegados foram visitar em Afogados as obras, que se elevavam até ao parapeito.

O *Eenhoorn*, que, junto com o *Leeuwerck*, fôra mandado para desembarcar uma parte dos prisioneiros acima da Bahia de Todos-os-Santos, fez seguir no dia 14 de Maio um navio, que capturara na latitude de nove grãos e um terço, carregado com 107 caixas de assucar e 36 pratos de prata, o qual

sahira do Rio de Janeiro em 22 de Março. Por elle, souberam que estava lá um navio com 26 canhões a receber carga, o qual só por si podia levar umas mil caixas, e que ainda havia outros, mas não tinham o que carregar.

Os nossos haviam resolvido despachar assim aquelles prisioneiros, porque só serviam de incommodo, e nos navios elles ficavam afastados, não havendo uma boa prisão em terra; mas o motivo mais forte era não terem de os soltar nas vizinhanças do Recife, quando concluíssem o accôrdo para dar quartéis. Porque o inimigo, vendo-se cada vez mais apertado pelo nosso entrincheiramento em Afogados e por outras entradas, e perdendo, por isso, muitos prisioneiros, já se esforçara, por meio de cartas do conde de Bagnuolo, para fazer accôrdo com os nossos sobre a concessão de quartéis no mesmo pé com que se costuma fazer nas guerras neerlandezas.

Finalmente ambas as partes assignaram o accôrdo seguinte:

Primeiro: Não incendiarão egrejas, nem desrespeitarão imagens; mas, se nas egrejas offerecerem resistencia ou nellas se fortifiarem, perderão esses privilegios e liberdade.

Segundo: Os soldados, encontrando-se com outros, quer seja escaramuçando em batalha, postados em emboscada, ou de qualquer maneira, o vencedor é obrigado a dar quartel ao vencido, logo que este o pedir, sem o constranger ou o maltratar, devendo sómente o vencido perder as armas e tudo o mais que tiver comsigo, excéptuando a camisa, calças, gibão, meias e botas.

Terceiro: Os prisioneiros devem pagar por seus resgates da maneira seguinte: um mestre-de-campo ou coronel, um mez do seu soldo; um tenente coronel, um sargento-mór e commissarios de artilharia, um mez de soldo; um capitão, 40 cruzados de 10 reales de prata cada um; um tenente de um capitão, um mez de soldo; um porta insignia, 15 cruzados; um sargento, 9 cruzados; um soldado, 4 cruzados.

Quarto: Os prisioneiros de um ou de outro lado devem solicitar ao seu chefe por meio de um tambor, que irá immediatamente avisar o numero e a qualidade das pessoas presas, que dentro do praso de 20 dias, que se seguirem ao aviso, forneça o resgate e a alimentação. E si no 30º dia não houverem sido pagos o referido resgate e a alimentação, ficarão os prisioneiros ao bel-prazer do vencedor e privados do direito de quartel; ficando entendido que para a alimentação de um soldado se deve calcular um real de prata por dia.

Quinto: Estão comprehendidos nesse quartel, todos os officiaes, tanto de terra como de mar. Si acontecer que, com os seus navios ou chalupas, por mau governo ou temporal, venham a descahir ou periclitar nestas costas, ou si navegarem em expedição no mar ou na costa, devem gosar de ambos os lados do mesmo quartel, pagando cada um como os soldados; advertindo-se que os marinheiros ou marítimos, vindos em navios da corôa da Hespanha, não estão comprehendidos nesse quartel.

Sexto: Quanto aos habitantes, deve proceder-se com elles do mesmo modo que se costuma fazer nos Paizes-Baixos entre os subditos de Sua Magestade e os Estados Geraes dos Paizes-Baixos Unidos e Sua Alteza o Principe de

Orange. Além disso, os índios e os negros pagarão meio resgate de um soldado; mas, si fizerem uso de armas prohibidas, ficarão ao bel-prazer do vencedor.

Setimo: Não se deve atirar com balas envenenadas, mastigadas, enrançadas ou encadeadas, nem com pedaços de ferro ou chumbo, mas sim com arcabuzes, mosquetes, fuzis, clavinas e pistolas.

Oitavo: Todos os prisioneiros, que pedirem quartel, devem ser bem tratados, segundo as condições precedentes e de modo algum devem soffrer a sangue-frio a menor offensa corporal. Egualmente os não combatentes como os clérigos, mulheres e creanças, terão as vidas salvas. Quanto ás freiras e aos frades e padres, que forem capellães de companhia, os soldados os resgatam com um mez de soldo; os frades e padres de aldeia, por quatro moedas de oito; e os predicantes e preleitores da egreja hollandeza, como os capellães das companhias.

Nono: O vencedor, tendo muitos prisioneiros, póde guardar os principaes e soltar os outros, obrigando-se os que ficarem pelo resgate dos que forem soltos, para evitar a despeza da alimentação.

Decimo: Si ficar provado que alguém de qualquer dos lados occultou a sua verdadeira qualidade e condição e negou a verdade, será castigado, como merece, para exemplo.

Undecimo: Quem infringir esses termos ou violar o quartel dado será castigado corporalmente, para satisfação do lado contrario.

Duodecimo: Todos os prisioneiros de ambos os lados, de qualquer qualidade ou condição que sejam, tanto das capitánias de Pernambuco, Itamaracá, Parahyba, como todos os que possam estar nos navios, como os do Recife e os que estiverem cruzando na costa do Brasil, devem ficar livres por esta vez, sem pagar resgate, nem alimentação.

Estava assignado por ambas as partes: por Mathias de Albuquerque e conde de Bagnuolo, representantes do rei da Hespanha; e por Mathias van Ceulen e Jean Gijsselingh, por parte dos Senhores Estados Geraes, do Illustre Principe de Orange e da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes.

A expedição, que partiu com o director da equipagem, no dia 29 de Abril, voltou no dia 14 de Maio: estiveram os nossos em Porto Calvo, onde incendiaram um navio novo, e depois, no dia 12, entraram em Camaragibe, onde encontraram dous armazens com assucar, havendo num 107 e no outro 160 caixas, que pretendiam levar consigo, mas, devido á constante e forte chuva, que derretia o assucar, tornou-se isso impraticavel, e foi necessario incendiar-o, para que o inimigo se não aproveitasse delle.

Entre o dia 17 e 18, á noite, entrou no porto o pequeno yacht *Spieringh*, trazendo os dous índios mandados a 17 de Abril com o tapuya Maraca Potura, para serem desembarcados nas vizinhanças do Rio Grande, e depois irem dalli, com m is um indio, para o interior, a levar noticias dos nossos á sua nação. Referiram que o mesmo tapuya, seguindo dalli, deixára um cordão com 18 nós, recommendando que todos os dias desmanchassem um, o qual representaria um dia de viagem (pois não sabem contar de outra fórma), o que fizeram até 18 dias, sem ter resposta do mesmo. Para indagar alguma cousa sobre o

tapuya, foram á terra com uma bandeira de paz, sob o pretexto de quererem buscar agua, o que foi recusado pelos portuguezes, moradores da circumvizinhança, de sorte que, depois de aguardarem alli 22 dias, partiram sem ter sabido cousa alguma.

A' tarde, o inimigo appareceu no recife de terra, com alguns cavalleiros, fóra dos reductos do forte do Bruyne; deu-se-lhes um tiro, e elles não ousaram approximar-se.

No dia 21, foram os botes grandes e chalupas para o acampamento, afim de ir buscar algumas estacas e pau brasil do inimigo.

No dia 23, chegaram da Republica o navio *Het Wapen van Hoorn* (trazendo 17 soldados, que foram tomados do navio *Arca Noé*, por causa dos excessos que alli commetteram), o *Eolus* e o *Zee-Ridder* da Zelandia, trazendo 79 soldados, e pouco depois o *Miserboer* e o *Robbe*, com 44 soldados. Ao mesmo tempo, uma força dos nossos, com cerca de 50 homens, sob o commando de um sargento do capitão Cloppenburgh, sahiu á noite, para ir buscar assucar de um certo engenho situado no caminho do cabo de Santo Agostinho.

O inimigo, tendo sabido do designio por sciencia propria ou traição, armou uma emboscada com cerca de 250 homens, os quaes deixaram passar os nossos, e, quando regressavam carregados com o assucar, lhes caíram em cima. Os nossos puzeram-se immediatamente, tanto quanto possivel, em ordem de combate, forçando bravamente a passagem pelo inimigo, pelo qual foram perseguidos até perto do acampamento. Deixaram atrás nove homens, dos quaes o conde Bagnuolo mandou-dous que aprisionava, e morreram dous, que ficaram feridos no Real; o inimigo perdeu ali mais gente que os nossos, e, segundo todas as apparencias, teriam estes destroçado toda a força, si não houvessem tão depressa abandonado a luta.

O conde de Bagnuolo mandou restituir o resgate dos dous mortos, e, tendo-se-lhe enviado novamente esse resgate, deu-o de presente ao tambor. No dia 28, partiu o commandante Mast para a Republica, com os navios *Graef Ernestus*, *Coningh van Sweden* e o *Engel St. Michiel*.

No dia 29, o sr. van Ceulen foi visitar as obras no acampamento junto a Afogados, e achou que, pela grande chuva e pelo crescimento das aguas, não se podia trabalhar e que os trabalhos feitos se desmanchavam.

No dia 2 de Junho, chegaram do acampamento tres companhias para a guarnição e fizeram mais duas palissadas, bem providas contra o ataque do inimigo.

No dia 10, vieram de lá mais cinco companhias, e em compensação foi novamente para Afogados, afim de occupar o forte, o capitão d'Escars, junto com o *commandeur* Mellinus e com Fournal Junior.

Estando vago ha algum tempo o posto de coronel, pelo fallecimento de Rembach, os srs. delegados resolveram preencher-o e nomearam em 11 de Junho para aquelle posto o bravo Sigismundo van Schuppe e para o de tenente-coronel Balthazar Bijma.

No dia 14, o yacht *Vôs* trouxe uma presa, vinda da Madeira, carregada

com cerca de 160 pipas de vinho, a qual capturara junto ao cabo de Santo Agostinho.

Os srs. directores delegados tinham desejo de atacar uma outra praça do inimigo, e lançaram a vista especialmente sobre Itamaracá, porque essa praça era muito necessaria á segurança da Companhia e porque da metropole chegara por vezes ordem para se apoderarem della. Havendo-se apromptado diligentemente tudo que era preciso para essa expedição, mandaram para ella os seguintes navios e yachts *'t Wappen van Hoorn, Naerden, Vos, Zee-Ridder, Phœnix, Canarie-Voghel, Spieringh, Oost-Cappel, Sandijck, Ceulen e Jonghen Tijgher*.

Depois de embarcarem as companhias dos srs. delegados, do tenente-coronel Bijma, de Tournalon Senior, de Stephen de Vries, de Everwijn e de Gartsman, e mais um contingente de 100 soldados de varias companhias, foram então o sr. Mathias van Ceulen, o coronel, o tenente-coronel e o conselheiro politico Carpentier para o yacht *Phœnix*, e partiram no dia 16 de Junho; á noite, com os navios, exceptuando *'t Wapen van Hoorn*, que calava muito; levavam ainda duas chalupas e tres botes. Tambem mandaram na vespera a chalupa do *Swarten Leeuw* e dous botes grandes ao capitão Maulpas, postado no forte Orange, na ponta da mesma ilha. Ordenaram ao mesmo que, apenas visse os nossos navios no canal de Itamaracá, immediatamente embarcasse toda a sua companhia, bem como 30 homens da companhia de Gartsman na chalupa e botes, e, sem tardança, passassem pelo forte do inimigo e se dirigissem a Itapesuna, para tomal-a e fortificarem-se naquella posição, e fazel-o o mais depressa possível, afim de não deixarem vir por alli soccorro da terra firme para a ilha.

Entrando no mar, tiveram tempo tempestuoso e chuvoso. No dia seguinte, ás 12 horas, chegaram em frente á barra do sul do canal de Itamaracá e entraram navegando a barlavento; os botes, que estavam promptos em frente ao forte Orange, fizeram-se á vela, segundo a ordem dada, e passaram perto do forte, o qual deu alguns tiros contra elles, sem os attingir.

Os yachts e botes seguiram logo após e tambem passaram pelo forte, sem que soffressem damno algum consideravel. Apparecia tão pouca gente, e o forte atirava tão pouco, que bem se podia avaliar que não estavam muito providos de gente e munições.

O yacht *Canarie-Voghel*, que tivera ordem de impedir viesse qualquér soccorro de Iguarassú, collocou-se, junto com a chalupa *Ceulen*, ao longo do riacho que vem do lado do forte, na foz do mesmo riacho, por detrás de uma illota, pela qual estava bastante a coberto dos tiros do inimigo.

O yacht *Vos* collocou-se em frente a Marcos (que é a divisa entre a capitania de Pernambuco e Itamaracá ou Goyana), para impedir que qualquer inimigo viesse de certo engenho, situado no riacho de Iguarassú, e por uma ponte, situada no mesmo rio.

O *Zee-Ridder* e o *Kleymen Tijger* collocaram-se mais adeante; e o *Phœnix* collocou-se mesmo em frente do passo de Itapesuna, sendo a passagem mais importante para essa ilha, e assim por deante o *Spieringh* e o *Oost-Cappel*.

O barco *Sandyck* foi mandado mais longe, á barra norte do canal de Itamaracá, para, ao mesmo tempo que os outros atacassem o canal pelo sul, desembarcar na extremidade norte da ilha o capitão Everwijn com 70 homens de sua companhia.

E o yacht devia ir para um logar conveniente, perto dalli, para impedir que o inimigo mandasse gente em soccorro do forte. Depois de meio-dia, a chalupa *Duysentbeem* entrou pelo sul do canal e passou pelo forte, sem ser hostilizada. Os botes de todos os yachts receberam ordem de subir e descer o canal na proxima noite, afim de impedirem por todos os meios que o inimigo mandasse mais gente para a ilha.

O forte não atirou mais depois do meio dia, pois se via pouca gente junto ou em qualquer logar proximo, de sorte que os nossos julgaram que as forças do inimigo haviam partido para a passagem de Itapesuna, afim de impedirem o desembarque dos nossos.

De manhã, os botes trouxeram presas duas mulheres portuguezas, as quaes encontraram no matto da ilha, e por ellas souberam que havia pouca gente no forte e estavam mal providos de tudo, pelo que se viram obrigados a mandar embora para a ilha a todas as mulheres.

Os nossos mandaram do forte Orange 25 soldados para o logar onde o inimigo tivera antes uma bateria, os quaes, voltando, referiram que lá não encontraram ninguem, e, como os nossos comprehenderam que devia haver um caminho do monte onde estivera installada a bateria para o forte, o coronel resolveu procural-o, com o fim de mandar alguma gente por elle, para atacar por varios meios o inimigo, que estava tão falto de gente, e obrigar-o a dividir a sua exigua força.

O coronel fez occupar aquelle monte por 35 homens e fez construir uma pequena trincheira perto do reducto do inimigo. E, para melhor sondar-lhe o animo, mandou-lhe de manhã uma mensagem, exigindo a rendição do forte. Mas o capitão-mór Salvador Pinheiro respondeu, desdenhosamente, que tinha meios sufficientes para defender a praça, que não estava tão mal provido de viveres, como os nossos julgavam, e que tambem os portuguezes bem poderiam roer solas, si o serviço do rei o exigisse.

O coronel, nesse interim, tendo conseguido fazer vir algumas mulheres, que estavam no matto, enviou-as á praça e fez-lhe segunda intimação, ao que aquelle respondeu pedindo armisticio por 4 horas, tendo-lhe sido concedidas duas. O capitão-mór enviou um capitão a conferenciar com os nossos. Fizeram então o seguinte termo de capitulação: que a guarnição sahiria com armas na mão e mechas accesas, com todos os habitantes (exceptuando os que quizessem ficar com os nossos), com todas as imagens e alfaías da egreja, etc. e seus haveres.

O tenente-coronel marchou em pessoa para lá, com duas companhias, e apoderou-se das duas portas. No dia seguinte, o capitão-mór e os habitantes sahiram, contando-se 60 homens, além das mulheres e crianças, negros e negras; foram transportados em botes para o passo de Itapesuna.

Depois disso, os nossos fizeram um *Te-Deum* em acção de graças na egreja

e á tarde deram salvas de canhão e mosquetaria, em regosijo por essa facil victoria.

Foram encontrados lá um canhão grande de bronze, dos que atiram 24 libras de ferro; duas peças de campo, de bronze, de 16 e 10 libras; tres pedreiros de bronze; oito canhões de ferro; 231 balas; seis vasilhas de polvora estragada, etc.

Tomaram mais, no passo para Iguarassú, cerca de 2.000 balas de 24, 18, 10, 6, 5 e 2 libras e seis caixas com balas de mosquete, cada uma de 100 libras, mandadas da Parahyba para a provisão do Arraial.

No dia seguinte, uma força de 30 homens, sob o commando do sargento Bonart, sahiu do forte e foi ao outro lado, onde havia varias casas, mas só achou lá uma mulher com uma creança, pois todos os outros moradores haviam fugido.

Foram mandados, além disso, o yacht *Nachtegacl*, a chalupa *Ceulen* e todos os botes, com duas companhias de fuzileiros, as de Bijma e Gartsman, assim como 40 ou 50 mosqueteiros sob o commando do major de Vries e do commandante Jan Cornelisz. Licht-hart, ao rio que passa por Iguarassú, a ver si havia assucar em certo engenho.

Chegaram bem perto do mesmo, mas acharam alli o rio tão estreito, que o yacht não podia virar e os galhos das arvores iam de um lado a outro. Havia apenas cinco e meio pés de profundidade, e o rio estava atravessado por uma estacada, existindo apenas uma pequena abertura no meio, por onde só podia passar um bote de cada vez. O inimigo tinha alli um reducto, por trás do qual, segundo o calculo, pela descarga que deram, deviam estar 100 homens. Vendo que havia pouco que fazer alli, e receando que o rio seccasse na vasante, os nossos retrocederam.

No mesmo dia, os portuguezes, que fugiram para o matto com as mulheres e creanças, mandaram dous dos seus ao forte, pedindo transporte para o outro lado do rio, em Itapesuna.

No forte lhes propuzeram que ficassem morando e os deixariam estar na posse das suas casas e lavouras e teriam a liberdade de consciencia, ou, se quizessem retirar-se, deveriam vir francamente ao forte e os mandariam embora sem damno algum; um delles obteve uma salvaguarda, para ficar morando perto daquella passagem. Depois disso, deliberando-se como melhor se fortificaria a praça e a ilha, foram em primeiro logar á passagem de Itapesuna, por ser aquelle logar da maior importancia. E' um caminho de carro, cujo percurso se faz em uma hora e meia de marcha, conduzindo do forte ao canal entre a ilha e o continente e terminando num portosinho estreito, margeado de ambos os lados por mangues crescidos; d'ahi se atravessa o canal em botes, sendo a distancia de um lado a outro a de um tiro de mosquete.

Seguindo para lá, falaram em caminho com muitos habitantes, que ainda pediam fossem transporados para o outro lado, e, ao voltarem, souberam, por um negro, que alguma gente do inimigo estava junto ao porto da passagem; entretanto, um porta-insignia do inimigo, que viera do outro lado, segundo affirmou, para retirar a irmã do matto, negou-o. Nesse mesmo dia, aplanaram

o caminho, que estava muito arruinado, entre o forte e a praia, para transportar mais facilmente todos os recursos.

A' noite, sahiu o proprio coronel com duas companhias, desembarcou ao alvorecer no passo de Itapesuna e marchou até á casa onde diziam que o inimigo estava, mas não encontrou ninguém. Depois de incendial-a, dirigiram-se os nossos ao caminho de Iguarassú e seguiram por terra até ao engenho em cuja visinhança estiveram antes, porém o encontraram abandonado e havendo nelle apenas 15 ou 16 caixas de assucar. Marcharam para deante até á pontezinha situada sobre o rio, não distante de Iguarassú, a qual é tão estreita, que por ella só pode passar um homem de cada vez.

Apresentou-se ahi alguma gente, que, enquanto os nossos se retiravam, os perseguiu, mas pouco damno lhes causou. Ao meio-dia, regressaram os nossos ao quartel. No dia seguinte, á tarde, foram explorar o monte, onde o inimigo, no ultimo de Dezembro passado, teve uma bateria, e não pouco admirados ficaram da extensão das obras feitas naquelle tempo pelo inimigo.

A' tarde, vieram dous portuguezes da terra firme, pedindo salvo conducto com o proposito de atravessarem do outro lado para cá, á noite, negociar as suas fazendas com os nossos e comprar o que achassem necessario. Foi-lhes concedido o que pediam, comtanto que não denunciassem ou não descobrissem os movimentos dos nossos, e, como um tributo, cada um delles tinha de dar uma novilha para fazer-se criação. No dia seguinte, mandaram para o Recife dous botes e uma chalupa; e, como não era precisa ahi toda a gente, resolveram mandar uma companhia e o contingente para Pernambuco, com os yachts *Vos* e *Oost-Cappel*.

No dia 24, chegou o capitão Everwijn, da Hollanda Septentrional, trazendo um soldado portuguez, que prendera na expedição por terras, tendo consigo varias cartas.

Soube-se, por ellas, que os moradores se internaram e na maior parte se estabeleceram em uma aldeia situada cerca de tres leguas da costa e chamada Pariva (não é a mesma coisa que Parahyba) e que o capitão-mór de Itamaracá marchara para Goyana e tinha o designio de construir alli um forte, mas tinha pouca gente comsigo; pois o reforço, que lhe foi mandado de Goyana, não excedia de 40 soldados.

O sr. van Ceulen, junto com os officiaes superiores do exercito, e o *commandeur* Licht-hart foram nesse dia, numa chalupa, pelo canal entre a ilha e o continente explorar todas as entradas para a ilha.

Acharam, além do passo de Itapesuna e de um junto ao rio Araripe, outros portozinhos mais; mas a costa da ilha está coberta por toda parte de mangues crecidos, situados sobre terrenos pantanosos, que em alguns logares tem de largura meia legua, em outro um pouco menos. E' nessas falhas dos mangues que se encontram os portosinhos.

Chegaram á tarde á barra do norte e desembarcaram naquella extremidade da ilha, onde a gente do captião Everwijn estava num pequeno reducto na praia, e foram depois examinar certo monticulo, onde o inimigo montara uma peça em Dezembro, para impedir a entrada dos nossos.

Essa collina está situada no ponto mais estreito da entrada do canal, e os navios que quizerem entrar têm de passar a tiro de mosquete, de sorte que acharam conveniente montar alli um reducto, e na praia de areia, abaixo do mesmo, uma bateria de dous canhões, para fechar a barra á sua vontade.

O caminho da barra dô norte para o forte de N. S. da Conceição, agora conquistado pelos nossos, começa alli; existe naquelle sitio agua doce, mas não é certo que dure no verão.

No dia seguinte, voltaram com a chalupa pelo mesmo caminho; e, como foram avisados por um portuguez, que ficou morando com os nossos, que na noite anterior um bote do lado do inimigo viera com alguma gente para levar as pessoas que estavam no matto, a maior parte composta de mulheres e creanças, foi mandado um bote com 10 ou 12 fuzileiros a esperar o bote do inimigo, e 50 ou 60 fuzileiros afim de procurar aquellas pessoas e trazel-as para o forte.

No dia seguinte, veio o dito bote e a gente, sem haverem visto o bote do inimigo; naturalmente voltara na noite anterior, levando as mulheres e creanças. Alguns portuguezes, que obtiveram salvo-conducto dos nossos e trouxeram algumas gallinhas, communicaram que estavam em Iguarassú tres companhias de soldados, e da Parahyba mandariam ainda 50 homens para lá; e que a gente do campo estava bem desejosa de chegar a um accordo com os nossos, mas detinha-a o reccio do Albuquerque. Os nossos, para manter essa bôa vontade, mandaram uma circular ao povo, com propostas muito favoraveis. E, como convinha conseguir que o inimigo não se pudesse utilizar do rio Goyana, que era o unico que lhe restava nessa região, foi mandado o yacht *Canarie-Voghel*, com 44 homens, para estacionar na foz do mesmo.

Souberam, no dia seguinte, por um portuguez, que no lugar, do outro lado do rio, para onde o inimigo passara as mulheres, havia uma casa com cerca de 30 caixas de assucar, e que o inimigo deixara o bote escondido debaixo da agua.

Portanto, no dia seguinte, foram mandados para lá alguns botes, com a companhia de Gartsman e 40 mosqueteiros do major Tournalon.

Egualmente, na noite passada, foram despachados 50 homens para o engenho já mencionado por varias vezes, para espiarem o que o inimigo fazia alli por perto, assim como para verem se podiam apanhar qualquer cousa na estrada que vae para a Parahyba e Goyana, para Iguarassú e o Arraial.

O sr. van Ceulen, o coronel e Carpentier seguiram numa chalupa, e, chegando á estrada que vae para o dito engenho, encontraram a tropa dos nossos, e estes lhes disseram que não haviam encontrado lá pessoa alguma, mas sabiam que pastavam na vizinhança alguns animaes, os quaes ainda não puderam encontrar, e receberam ordem de procural-os mais.

Dirigiram-se d'alli para a barra do sul do rio Araripe e foram até ao ponto em que o rio se divide em dous, e, não encontrando alli os nossos botes, retrocederam e foram para o braço norte do Araripe, onde encontraram o capitão Everwijn com 6 prisioneiros, que capturara em S. Lourenço ou Inco-paba.

Referiu esse capitão que fôra hontem á terra, em Catuamba, com 60 ou 70 soldados, e marchara para o povoado de S. Lourenço, situado acerca de duas leguas e a meio caminho do mesmo rio, á foz do rio Goyana, e, ainda que esperasse chegar de improviso, viu, entretanto, que todos haviam fugido, e só conseguira aquelles prisioneiros.

Os nossos, tendo explorado um grande trecho do braço do norte do Araripe e não vendo os botes, voltaram ao braço sul; chegando lá, viram-nos já regressando. Estes disseram haver estado no logar 'que o portuguez indicara e acharam lá 24 caixas de assucar, mas que a casa estava mais longe do rio do que elle dissera; de sorte que trouxeram cerca da metade, sem haver tido encontro algum.

Os chefes da expedição voltaram á tarde para o forte e encontraram lá a força que estivera no caminho de Iguarassú procurando o gado, mas não o achara.

No dia seguinte, depois de interrogar bastante os prisioneiros e tomar informações claras sobre a situação de Goyana e de 16 engenhos que lá existem, puzeram em deliberação o que se deveria fazer agora para hostilizar o inimigo.

Foi apresentada á sua consideração, em primeiro logar, Iguarassú, na qual, ouviram dizer, o inimigo começava a fortificar-se, de sorte que era muito conveniente expulsal-o dalli, emquanto era tempo, para que a gente do campo não encontrasse lá um asylo na fuga.

Mas acharam nisso muitas difficuldades, sendo bem de recear que os nossos não chegariam lá sem serem descobertos e que o inimigo, retirando-se em tempo, perseguiria os nossos quando voltassem e lhes faria grande damno, e, sem cahirem de improviso sobre o inimigo, não havia vantagem alguma; por conseguinte, os officiaes superiores acharam inconveniente a empresa. No dia 2, puzeram em deliberação fazer-se uma expedição á Goyana, pois todo o povo da sua circumvizinhança se refugiara naquella villa, e suspeitavam que estivesse lá amontoado um grande thesouro de assucar e de outros generos; além disso, sabiam que o inimigo pretendia fortificall-a.

Posto que os chefes militares recebessem melhor esta proposta, não podia ella, entretanto, ser satisfactoria, devido ás difficuldades que sobreviriam e especialmente porque o logar era muito distante, achando-se situado a cinco leguas de marcha do extremo de Catuamba, e, demais, a costa era toda alagadiça, devendo-se gastar oito a dez dias nessa expedição; e, se chovesse nesse interim, o armamento das tropas estragar-se-ia completamente. Mas, depois, pela declaração de varios prisioneiros, viram que a empresa não era tão difficil como julgavam, pois souberam que havia dous caminhos para ir á Goyana: um por Catuamba, pelo sul, e outro pelo lado norte, ao longo do Capibaribe. Resolveram então seguir por este ultimo, por onde se poderia ir á villa e a seis ou sete engenhos e alguns armazens de assucar, que podiam ser incendiados, e ver então como os habitantes, que estavam ao sul, procederiam; pois era de esperar que os mesmos, aterrorizados, se resolvessem a procurar um accordo com os nossos.

Mas isso não podia ser feito ás pressas, porque a maré não era propria

e a lua nova se fazia esperar, e também acharam preciso mandar vir uma companhia de fuzileiros do Recife, porque os mosqueteiros não podiam conservar tão bem as suas armas na humidade e na chuva; como isso, entretanto, exigisse muito tempo, puzeram de lado tal empresa, e trataram, no dia seguinte, de reparar e prover as chalupas e botes do que precisassem para essa expedição.

Nesse interim, chegou ao Recife, no dia 19, 't *Vliegende Hart*, da Zelandia, com 48 soldados; trouxe também um navio capturado em caminho, carregado com 220 pipas de vinho; e, no dia 22, chegou o navio *Bonte-Koe*, com 50 soldados. No dia 1º de Julho, chegou ao forte a chalupa *Duysent-been*, e referiu que o yacht *Canarie-Voghel* se collocara na foz do rio Goyana; e que a nossa gente desembarcara e subira umas tres leguas rio acima, mas vira que todos os inimigos fugiram.

Trouxeram um portuguez prisioneiro, o qual fôra barqueiro de carreira na foz do rio Capibaribe.

Esse declarou que, havia cerca de 14 dias, uma caravella carregada de assucar zarpara para a Madeira e estivera uns tres dias em frente á barra; que em Goyana havia cerca de 300 habitantes, armados alguns com arcabuzes, outros com piques, e alguns só com terçados; que todos fugiram para lá e que o Cavalcanti e outros grandes senhores tinham alli os seus haveres, estando elles mesmos em suas casas.

Essa chalupa partira da barra de Goyana na vespera e chegara ao meio-dia ou tres horas á barra do norte de Itamaracá.

A tropa, que tinham intenção de mandar voltar ao Recife, detiveram-na em Itamaracá, tanto mais quanto o sr. Gijsselingh escrevera do Recife, dizendo que recebera recentemente da Republica um reforço de recrutas bem regulares, e que poderia passar sem aquella gente.

Souberam nesse mesmo dia, por um portuguez, que tinha salvo-conducto, que todos os habitantes de Iguarassú fugiram, e que lá só estavam 150 soldados, que destruíram tudo em redor e fizeram peor do que a nossa gente poderia ter feito.

O mesmo informou aos nossos sobre certa casa, na qual havia cerca de 40 caixas de assucar e situada no riacho Maria Farinha.

A' tarde, saíram duas forças, uma para o outro lado, para Pernambuco, e a outra para os Marcos.

A primeira voltou no dia seguinte, pela manhã, sem nada ter feito, porque metade da força se havia transviado. A outra voltou á tarde; estivera na estrada do Arraial para a Parahyba e depois passara por detrás de Iguarassú, onde estivera algum tempo; mas, não vendo cousa alguma, marchara cerca de uma legua ao longo da estrada da Parahyba; só achara uma casa, na qual estava um portuguez com uma negra; o homem fugiu, abandonando lá a escrava.

Tambem nesse dia foi mandada uma força para os Marcos, afim de auxiliar a outra, se fosse preciso. Essa, chegando lá, depois que a outra já regressara, foi para certa casa, situada meia legua ao norte dalli, onde encontrou algumas caixas de assucar, de que trouxe tanto quanto pôde carregar.

O tenente Velthem, que fôra mandado para a barra do norte, afim de levantar uma planta da costa da ilha, referiu, ao voltar, que o capitão Everwijn fizera uma expedição com as suas tropas no caminho de Goyana, e, depois de marchar algumas leguas, viu que todos os caminhos estavam obstruidos com arvores derrubadas; na ida, saquearam uma casa, e na volta fizeram dous prisioneiros. No dia seguinte, o sr. van Ceulen, junto com o coronel, o tenente-coronel e Carpentier, partiram com uma força para o passo de Itapesuna; ia tambem na expedição o commandante Licht-hart. Andaram por todos os lados, mas não viram ninguém; tiraram de uma bonita casa de campo, ao redor da qual havia muitos coqueiros, duas caixas de assucar e dous botes do inimigo, e souberam que havia ainda um bote grande, o qual mandaram buscar. Acharam-no junto a uma barca, que se começava a construir; no dia seguinte, ainda foi encontrado um outro bote do inimigo, o qual levaram consigo. Acompanhava a essa, uma força de 100 homens, com ordem de ir á Maria Farinha; mas não puderam seguir nesse dia, por causa da chuva.

No dia 6, chegaram ainda alguns portuguezes, para pedir salvo-conducto, os quaes informaram aos nossos sobre muitas coisas, e entre outras que estava tudo em desordem em Goyana, que o capitão-mór Salvador Pinheiro, depois da rendição de Itamaracá, desejou fortificar-se alli, mas que a sua gente não lhe quizera obedecer, e elle partira para a Parahyba; que Cavalcanti, depois disso, procurara unil-os, mas debalde.

Outro disse que se formara uma disputa entre Antonio de Albuquerque, governador da Parahyba, e um dos mais poderosos habitantes daquella capitania, porque elle queria fazer grandes despesas para reforçar o forte de Cabedello, e o outro julgava isso um dispendio inutil, visto que os hollandezes encontrariam um outro caminho ao longo do cabo Branco, e, desembarcando alli, iriam saquear a cidade, sem se importarem com o forte.

Souberam, por elles, de um homem rico, de Itamaracá, que devia ter consigo umas 800 caixas de assucar, o qual desejava tratar com os nossos, se fossem até lá.

Escreveram-lhe e convidaram-no para vir fazer um accôrdo, ameaçando-o, se não o fizesse, e propondo-lhe comprar e pagar o seu assucar.

Nesse dia, partiu a força, que foi a Maria Farinha e voltou sem ver o inimigo, encontrando lá apenas quatro caixas de assucar e quatro pipas perto do rio, tendo-lhe sido facil carregal-as.

No dia seguinte, os nossos prepararam-se para a expedição á Goyana, e mandaram para lá o *commandeur* Smient no yacht *Phoenix* e com o *Spieringh*, *Kleynen-Tiger*, a chalupa *Ceulen*, *Swarten-Leeuw* e *Duysent-been*, cinco botes grandes, além do yacht *Canarie-Voghel*, que já se achava na foz do rio Goyana.

Nelles havia cerca de 170 marinheiros, além dos quaes se embarcaram: a companhia dos srs. delegados, com 104 homens; a do tenente-coronel Bijma, com 95 homens; a do major de Vries, com 105 homens; a do capitão Gartsman, com 99 homens; a de Everwijn, com 70 homens; e a do commandante Maulpas, com 100; de sorte que os soldados, com os aggregados, deveriam montar a

600 homens, e deixaram guarnecidos os conquistados, o forte Orange e toda a ilha com gente e yachts.

Depois de passarem esse e os dias seguintes occupados em preparar tudo e concedendo salvo-conducto a alguns portuguezes, proseguiram finalmente no dia 9 de Julho com a expedição para a Goyana; e, como lhes faltassem dous botes, foi mandada uma parte da tropa através da ilha de Itamaracá, para o canal do norte. A companhia de Maulpas seguiu por fóra da ilha, e as restantes, com o sr. van Ceulen, o coronel, o tenente-coronel e o major, dirigiram-se á tarde para o canal do norte, afim de, ao romper do dia, serem transportadas para Catuamba e Massaranduba, e marchar dalli para a foz do rio Goyana.

As chalupas e botes deviam navegar immediatamente, para transportar a gente, porque preferiam conduzir a expedição pelo lado do norte de Goyana.

Chegando á noite ao canal do norte de Itamaracá, desembarcaram as duas companhias que levavam junto ao rio Catuamba e Massaranduba, e fizeram transportar da ilha as outras companhias, por meio de botes.

No dia seguinte, pela manhã, marcharam ao longo da praia até ao lado sul do rio Goyana; as chalupas e botes seguiram um pouco afastados da costa, para irem com o *Phoenix*, que saíra pelo canal do sul de Itamaracá e mostrarlhe o lugar determinado; e assim se reuniram, depois do meio-dia, na foz do rio Goyana. Sendo informados minuciosamente, pelo capitão Mast-maecker, de toda a situação, assim como por uns negros que vieram ter com elles e se offereceram para guias, embarcaram toda a gente nos ditos transportes, com excepção do *Phoenix*, que, pelo seu grande calado, não podia entrar na barra do rio, e ficou ancorado fóra, com a maior parte dos viveres e o yacht *Jonghen-Tijgher*, que encalhara; de sorte que se passou toda a tarde em embarcar a força.

O sr. van Ceulen e os officiaes superiores embarcaram-se na chalupa grande *Duysent-been* e seguiram os outros rio acima até perto do engenho de Brandão, o qual fôra incendiado tres mezes antes pelos nossos; ali ficaram parados até á meia-noite, por causa da vasante.

Voltando a enchente, fizeram-se novamente á vela, indo mais acima até outro ponto, situado ao lado do norte do rio, aonde chegaram pelas 10 horas. Ahi estava uma caravela no estaleiro, a qual os portuguezes haviam principiado a construir, e que foi deixada immune; tiraram sómente algumas bellas pranchas, com as quaes depois renovaram completamente os botes grandes.

Os portuguezes estavam alli por detrás de uma trincheira e fizeram fogo sobre os nossos, e feriram dous soldados; mas, desembarcando os nossos immediatamente nos botes grandes, puzeram-se logo a fugir, não ousando os portuguezes esperar pelos nossos.

Depois disso, resolveram os nossos mandar marchar todos os soldados para o interior, para dar uma batida em todos os logares situados ao lado norte do rio, e depois de combinarem o lugar onde se deveriam reunir outra vez, o coronel separou-se do sr. van Ceulen, levando consigo varias cartas assignadas pelos srs. delegados, pelas quaes convidavam a todos os habitantes

a passar-se para os nossos. Os botes grandes foram mandados á foz do rio, onde estava o *Phoenix*, para ir buscar pão e vinho e outras cousas necessarias, os quaes voltaram a tarde e entregaram-nas aos pequenos yachts; puzeram-se novamente a navegar, um tanto com as veias e a maior parte á força de remos, subiram mais o rio, encontrando ainda dous passos ao lado do norte e um ao lado do sul, entrincheiramentos que estavam todos abandonados pelo inimigo, de sorte que não encontraram resistencia em parte alguma.

Remaram assim um bom pedaço rio acima, pelo logar em que se divide em dous; o braço do norte tinha tanta correnteza, que não podiam vencel-a a toda força de remos, e havia matto cerrado de ambos os lados, pelo que foram obrigados a ancorar. Deram alguns tiros de canhão, para que a gente que se internara, pudesse saber onde tinham ido parar com os botes. Tendo-se demorado um pouco alli e não tendo noticias da nossa gente que se internara, mandaram Jan Noorman, com uma chalupa leve, mais uma legua rio acima até ao Engenho Novo de João Paes Barreto, mas não encontraram lá ninguém; no entanto, era alli o logar em que haviam combinado reunir-se.

Mas, depois de meio-dia, chegou o major de Vries, com a sua companhia, ao proximo caminho do norte, acima do qual os transportes estacionaram e fizeram signaes com fogos num monte e atiraram com mosquetes; respondendo-lhes o sr. van Ceulen com o pequeno canhão de bronze e mandando levantar ferro, desceram o rio com a correnteza até onde estavam, e á tarde alli veiu ter o coronel com o resto da gente.

O coronel, depois que se separou, como já descrevemos, encontrou primeiro um entrincheiramento, que o inimigo montara mesmo na passagem pela qual elle ia (sendo um estreito caminho de carro de bois) e cavara um fosso, no qual a agua dava até á cintura.

Postara-se alli Lourenço Cavalcanti com cerca de 20 homens providos de mosquetes e arcabuzes; o coronel mandou entregar-lhe uma carta por certo prisioneiro portuguez; mas Cavalcanti respondeu que só por si não podia tratar, e, como o inimigo desse uns tiros, os nossos deram-lhe assalto e escalaram o baluarte.

O inimigo, vendo que a estreiteza do caminho e o obstaculo do fosso e outros impecilhos não haviam detido os nossos, poz-se a fugir, e os nossos foram immediatamente para o engenho do tal Cavalcanti, situado alli perto.

Logo que lá appareceram, elle fugiu, sendo perseguido por alguns da nossa tropa até certa casa cerca de uma legua dalli, onde havia muitas mercadorias e outros artigos; de sorte que a nossa gente obteve grandes despojos. Marcharam avante até ao engenho de Pacheco e outros que estavam daquelle lado do rio; mas, como estavam muito internados, não foi possivel trazer o assucar ao rio, em proveito da Companhia.

Tendo gasto ahi dous ou tres dias, e tendo sabido que Salvador Pinheiro estava no outro lado do rio e que lhe haviam chegado duas companhias da villa de Iguarassú, resolveram subir mais o rio, com a chalupa *Duysent-been*, e ver o que elle estava fazendo. Chegaram, finalmente, junto ao entrincheiramento que elle fizera paralelo ao rio, de sorte que podiam ir com a pequena

flotilha até lá. Ao ver os nossos, fez muitas bravatas, passeando no entrincheiramento de um lado para outro, de modo que, depois de haver explorado tudo muito bem, presentearam-no os nossos com dous tiros da pequena peça de bronze e voltaram, porque os negros informaram haver outro caminho, pelo qual promettiam conduzir a nossa gente, e que ficava por detrás do entrincheiramento.

Resolveram, portanto, no dia seguinte, que o coronel descesse o rio com duas companhias de soldados até ao affluent do sul, pelo qual passaram antes e onde deixaram o yacht vigiando.

Desembarcando alli, marcharam uns tres quartos de hora para o interior, onde encontraram uma trincheira para a defesa do engenho de Tracunhaem, da qual expelliram o inimigo, e, cahindo de improviso sobre o engenho, encontraram o proprietario passeando no terraço e o cura na capella muito occupado em dizer missa; aprisionaram os dous, e os restantes escaparam-se a correr.

Encontraram ahi cerca de 40 caixas de assucar, que vieram da Varzea, afim de serem levadas dahi por agua para a Parahyba, e mais adeante, no engenho, havia grande quantidade de assucar nas vasilhas, prompto para ser encaixotado; os portuguezes haviam trazido uma barca para transportar esse producto; mas, vendo os nossos barcos no rio, levaram-na a uma legua e meia mais acima e cobriram os mastros com folhas verdes, para occultal-a dos nossos.

O coronel, estando agora nesse engenho situado á margem meridional do braço sul do rio, achava-se acima do logar onde Pinheiro se entrincheirara.

Os nossos incendiaram todos os logares ao lado do norte e foram para o ponto onde estavam os seus transportes; depois disso, o tenente-coronel Bijma desembarcou com tres companhias no ponto que os negros indicaram, para ir dar por detrás do entrincheiramento do inimigo.

Entrando por esse caminho, encontraram uma pequena trincheira, que foi logo abandonada pelos portuguezes; mas os nossos perseguindo furiosamente os fugitivos, desviaram-se do caminho que ia dar ao entrincheiramento de Pinheiro, de fórma que este teve tempo de abandonal-o com toda a sua gente, e de outra maneira haveria facilmente cahido, com toda a sua tropa e o Cavalcanti, nas mãos dos nossos.

Encontraram o entrincheiramento de todo deserto e uma grande partida de pau-brasil, que estava prompta a ser carregada na barca. Depois de occuparem o reducto, mandaram uma parte da força sobre o rio, na pequena embarcação, até ao engenho de Tracunhaem, e trouxeram de lá a referida barca, na qual só havia um pouco de pau-brasil; cargaram nella em primeiro logar todo o pau-brasil que acharam no entrincheiramento, e nesse interim tiraram o assucar do Engenho de Tracunhaem e o trouxeram nas chalupas.

O coronel e o tenente, marchando por todo o lado do sul, incendiaram o engenho de Jeronymo Cavalcanti e outro mais, e voltaram aos botes e ás chalupas sem encontrar resistencia, pois o inimigo estava desanimado e fugiu para as aldeias ou povoados dos indios, de sorte que a tropa voltou, embarcou-se e desceu o rio até ao *Phoenix*, onde os soldados foram novamente desembarcados

e se encaminharam ao longo da praia até á barra norte do canal de Itamaracá, e assim por deante, cada um para a sua guarnição.

O *commandeur* Licht-hart e Smient ficaram encarregados do transporte dos productos capturados para Itamaracá, no que encontraram alguma difficuldade, porque tiveram de ir contra maré e vento.

A barca, uma vez descarregada, foi incendiada na foz do rio, porque cahira de lado.

Em summa, os nossos fizeram, durante 10 dias, no territorio do inimigo, tudo que quizeram, sem que ninguém os ousasse enfrentar.

Até este momento, occupámo-nos com a descripção do ataque a Itamaracá e de tudo que se seguiu. Agora, vamos referir o que succedeu em torno do Recife.

No dia 28 de Julho, foi mandada a companhia de Hendrick Frederick á cidade de Olinda, para ver se conseguia fazer alguns prisioneiros, pelos quaes se pudessem colher informações sobre a situação do inimigo; mas não encontraram ninguém.

Como, no dia 8 de Julho, um inglez (que desde o principio desertara dos nossos para o inimigo e servira dous annos ao governador Albuquerque e agora se passou novamente para os nossos, junto com dous soldados nossos que estavam prisioneiros) asseverasse as nossos que o inimigo abandonara todas as casas e reductos, situados perto dos nossos, os capitães Cloppenburgh, Picard e Hendrick Frederick passaram, á noite, para o outro lado do rio, pelo forte Wardenburgh, e marcharam para o interior até quasi ao Arraial, verificando effectivamente ser isso exacto, sendo, entretanto, alguns daquelles reductos bem construidos e fortes.

No dia 11, á tarde, sahiram as companhias de Bongarson, Picard e Hendrick Frederick, sob o commando do major Tournalon, e chegaram, á noite, ao rio Doce, a uma aldeia de pescadores, aos quaes surprehenderam no somno, aprisionando 20 e incendiando depois as casas.

No dia 12, receberam da Republica, pelo navio *Vere*, 62 recrutas.

No dia seguinte, á tarde, sahiram novamente os capitães Cloppenburgh e Bongarson e surprehenderam, pela manhã, a casa de campo de Lourenço Calvalcanti, general da cavallaria do inimigo, casa situada junto ao Arraial, e incendiaram-na, assaltando em seguida o engenho de Pedro da Cunha de Andrade, onde obtiveram optimos despojos; o seu designio era apanhar o Calvalcanti, mas elle estava então em Goyana, como já dissemos.

No dia 22, sahiram novamente os capitães Cloppenburgh e Bongarson para as vizinhanças do Arraial, e atacaram o engenho de Ramires e encontraram junto outra casa completamente abandonada; choveu tanto, que não podiam utilizar-se dos arcabuzes, de sorte que, perseguindo-os, o inimigo, quando voltavam, tiveram os nossos dous mortos e um ferido. Nessa estação chuvosa houve tal inundaçáo, que as fortificações em Antonio Vaz correram grande risco de desmantelar-se, e foi observado por muitos que a agua subira mais seis pés do que estivera durante todo o tempo da estada dos nossos.

No dia 27, pelo meio-dia, partiu de Itamaracá o sr. Mathias van Ceulen, com o coronel, o tenente coronel, o major de Vries e outros commandantes das cinco companhias que seguiam com elles, e foram marchando pela praia até ao Recife, sem encontrar resistencia alguma, a não ser que o inimigo deu um tiro aqui e acolá, mas sem offender a ninguém. Depois disso, os srs. directores delegados e officiaes superiores da milicia e da policia souberam e foram diariamente informados por muitos avisos unanimes e varias noticias e declarações de prisioneiros, assim como pelas advertencias e pedidos de muitos portuguezes que mostravam inclinação para os nossos, que o inimigo abandonara todas as suas fortificações nas Salinas e nas casas situadas mais proximo, o que assás dava a conhecer a sua fraqueza e má situação. E, como, ao mesmo tempo, os habitantes estivessem agora tão vacillantes, e muitos manifestassem desejo de ajustar-se com os nossos, e para tal fim nada teria maior influencia do que irrital-os contra Albuquerque e tirar-lhes a protecção do Arraial, julgaram que a ostentação da sua força deante do Arraial produziria algum beneficio nos corações indecisos dos habitantes, que estavam abatidos por todas as especies de prejuizos.

Depois de porem tudo na melhor ordem, resolveram desembarcar dos navios 250 marinheiros, sob o commando de Cornelis Cornelisz., capitão do yacht *Eenhoorn*, como *commandeur*, e Jacob Huyghen, capitão do yacht *Exter*, como *vice-commandeur*, e juntamente arranjaram 100 negros, para a conducção dos viveres e de outras coisas necessarias.

Levantaram acampamento no dia 3 de Agosto, com 15 companhias e os mencionados marinheiros e negros, acompanhando-os o proprio sr. Johan Gijsselingh, para pôr tudo em bôa ordem e ajudar na execução da empresa, e partiram primeiro para Afogados. A's 9 horas da tarde, marcharam adeante as companhias dos capitães Cloppenburgh, Everwijn, Bongarson e Tournal Junior, para desalojar o inimigo da casa situada á margem do riacho, a qual sabiam que fôra fortificada. A ordem foi executada, ficando nella o capitão Cloppenburgh, e as outras companhias alojaram-se nas casas e engenhos adjacentes; o inimigo mostrava-se de quando em quando no cannavial, sendo trocados alguns tiros. De manhã, ao nascer do sol, partiu o sr. Gijsselinghs de Afogados com as seguintes forças: — o coronel commandava a vanguarda, composta de quatro companhias, as dos srs. delegados, do coronel, do tenente-coronel e do capitão d'Escars; vinham em seguida os 250 marinheiros, com pás e picaretas; o centro era commandado pelo major de Vries e compunha-se igualmente de quatro companhias, as do capitão Picard, do commissario de artilharia, do major Tournal e de Mortimer; vinha em seguida Abraham de Rouff, com os negros que conduziã os viveres; fechava a rectaguarda o tenente-coronel Bijma, com as companhias do major de Vries, Wildtschut e Gartsman.

Marcharam nessa ordem, por um mau caminho lamacento, até ao engenho de Francisco de Brito Machado, situado na estrada do Cabo para o Arraial, do qual se apossaram, postando-se alli o sr. Gijsselingh e o coronel. O tenente-coronel alojou-se no forte construido em parte pelo inimigo junto ao engenho

de Marcos André, situado ao alcance de tiro de canhão do Arraial, esforçando-se logo em seguida por fortificar-se melhor. Foram mandadas tres companhias, a saber: as do major de Vries, Tournal Junior e do commissario de artilharia, para se apoderarem do engenho de Monteiro, situado no caminho de S. Lourenço ao Arraial.

Mas essa força era esperada pelo inimigo, que se puzera em tres fortes emboscadas.

O tenente Duyven-hoff, conduzindo a tropa transviada com cerca de 40 arcabuzeiros de sua companhia, descobriu o inimigo na emboscada e avisou disso o major, que se dirigiu aos capitães, para que tomassem providencias immediatas; nesse momento, o inimigo deu forte assalto, surgindo de todos os lados, mas o tenente respondeu-lhe com tão fortes descargas de mosquete, que os portuguezes foram atirados na maior parte contra a companhia, que cahiu um tanto em desordem.

Receando o major ver cortado o caminho, mandou a companhia de d' Escars tomar certa casa, que servia para manter franca a retirada.

O inimigo, nesse interim, apertou os nossos tão fortemente, que chegou com elles á mesma casa, e cercou-os a tal ponto, que era facil soffrerem os nossos um revés.

Mas o coronel, ouvindo os tiros, mandou immediatamente para lá as companhias de Gartsman e Picard, as quaes surgiram do cannaval em tempo opportuno e fizeram os assaltantes fugir immediatamente.

Nesse interim, reuniu-se o inimigo em numero consideravel ao redor do forte, e os nossos puderam notar que elle devia ter alli uma força de 2.000 homens, contrario ao que havia sido informado aos nossos e ao que acreditaram; entretanto, a nossa gente portou-se com tanta bravura, que os obrigou a abandonar-lhe o rio.

Depois disso, foram dados de vez em quando alguns tiros no rio, ficando alguns dos nossos feridos; entre outros, o capitão Bongarson teve uma perna fracturada por bala.

Os do Arraial deram alguns tiros de canhão, mas sem causar damno. Restava agora atravessar o rio, para o que eram precisos botes e pontes; além disso, havia no exercito grande falta de viveres, pois, ainda que os soldados houvessem recebido provisões para quatro dias, pouco guardaram devido á grande fadiga e á peleja, e o que se poderia arranjar alli não ajudaria muito.

Para prover em tempo a isso, foi mandado Jacob Huyghen ao Recife, afim de tirar os mastros e os cordames do seu yaht *Exter*, subir nelle o rio a remo, trazer mais dous botes com cordas levantadas e com couros pendurados ao lado contra os tiros do inimigo, e embarcar nelles alguns viveres e petrechos bellicos necessarios.

Chegando a Afogados, foram reforçados com 25 homens, de sorte que eram ao todo 50, e remaram assim no dia 6, depois de 12 horas, para deante, esperando chegar ao acampamento ainda á tarde; mas, como encalharam algumas vezes, tiveram de parar, esperando pela outra maré.

No dia seguinte, remando para deante e havendo chegado á distancia do

tiro de mosquetão do acampamento, onde o rio faz uma curva e o canal era junto á margem em que se achava o inimigo, este empregou toda a sua força, collocada atrás de uma trincheira, dando tão violenta descarga com mosquetes sobre o yacht, que ninguém podia mais ficar junto do pequeno canhão de bronze (este já dera antes uns tiros com metralha). Os nossos, entretanto, respondiam-lhe com os mosquetes; mas, perseverando o inimigo nas fortes descargas de mosquetes e ferindo a todos que estavam sentados a remar, tiveram finalmente os nossos que abandonar o yacht e salvar-se para o outro lado; porque, apesar do yacht estar forrado de couros, não lhes podia isso aproveitar, pois o inimigo, achando-se situado em uma ribanceira alta e entrincheirada, podia atirar-lhes de cima, e attingir a todos, tanto que o proprio capitão recebeu tres ferimentos mortaes.

A gente, que nesse interim foi mandada do acampamento, ao ouvirem lá os tiros, chegando e vendo que nada havia que fazer contra o inimigo situado em posição tão vantajosa, a não ser perder sem proveito alguns mortos e feridos na sua tropa, voltou ao acampamento, e assim o pequeno yacht e os botes ficaram nas mãos do inimigo, sendo um delles incendiado.

Os nossos, tomando então em consideração a escassez de viveres, que estavam prestes a exgottar-se, e comprehendendo que a força do inimigo crescia diariamente, assim como que o conde de Bagnuolo marchava para lá com 700 homens, não acharam prudente demorar-se por mais tempo tão profundamente no territorio do inimigo com tão pequena força e tão pouca munição, mas sim voltar o mais depressa possivel para os quartéis, a aguardar melhor occasião, quando recebessem da Republica um maior numero de soldados, e assim voltaram em boa ordem no dia 8, tornando cada um á sua guarnição. Enquanto isto se passava proximo ao Arraial, succedeu que no dia 6 desse mez os nossos no Recife viram uma vela no mar, a qual suppuzeram ser um dos nossos yachts que eram esperados de Itamaracá; mas, reparando melhor e notando especialmente que mudava de rumo, foi mandado o yacht *Exter* a reconhecê-la; como o yacht se demorasse um tanto, o *commandeur* Smient e o capitão Duynderker, mettendo-se num bote, remaram logo para elle e, lá chegando, viram que era um navio portuguez; e, apesar de nada mais levarem comsigo do que tres ou quatro pistolas e as suas espadas, fizeram-no, entretanto, render-se com altas ameaças, de sorte que o capturaram antes do *Exter* poder lá chegar.

Esse navio vinha de Viana, Portugal, e estava carregado com fardos de pannos, especialmente de tecidos de linho, que vieram muito a proposito; soube-se, pela gente de bordo, que em Portugal não mostravam pressa em mandar um reforço consideravel ao Brasil.

Entre as pessoas aprisionadas, estavam tres moças parentas de Roque de Barros, e outros principaes habitantes do paiz, pelo que o conde de Bagnuolo escreveu uma carta para resgatal-os; mas como cerca de dous ou tres prisioneiros, que foram apanhados no *Exter* pelo inimigo, foram mandados aos nossos, cada um com um vestuario novo, foram-lhes entregues as tres moças sem resgate algum.

O barbeiro do yacht *Ter-Veere* (que fôra um dos tres prisioneiros) referia que os soldados do inimigo, chegando ao yacht, onde elle se achava com outro na camara do artilheiro, lhe pediram quartel, o que lhes foi recusado; mostrando então o morrão, ameaçaram pôr fogo á polvora, de sorte que lhes foi dado e mantido o quartel.

O commandante Licht-hart chegou de Itamaracá ao Recife no dia 8, seguindo-o no mesmo dia o *Canarie-Voghel*, o *Ceulen* e o *Jonglien-Tijger*, e no dia seguinte o yacht *Tijger*.

No dia 13, as companhias do major e do capitão Tournalon foram embarcadas no yacht *Ter-Veere* e *Leeuwerck* e numa chalupa, para serem transportadas a Itamaracá; e o yacht *Ter-Veere* teve ordem de ir, depois disso, cruzar deante da Parahyba.

't Wappen van Hoorn foi mandada á Bahia e o *'t Leeuwerck* foi encarregado de seguir para lá, afim de render a tripolação daquelle.

No dia 17, o *'t Wappen van Hoorn* trouxe um navio carregado com 196 caixas de assucar, vindo do Cabo e cahindo por acaso nas mãos dos nossos; havendo-o trazido ao Recife, seguiu para a Bahia, levando os portuguezes para desembarcal-os na ilha Paesch-avondt (Vespera de Paschoa).

No dia 19, sahiu o yacht *Vos* para cruzar em frente ao Cabo e o capitão Cornelis Cornelisz. foi mandado no *Eenhoorn* para a Republica, com cartas aos XIX, referindo tudo que aqui se passara. Ao mesmo tempo, souberam, por certas cartas interceptadas, que o Conselho das Indias em Hespanha, sciencificado, por um padre irmão de dom Antonio de Albuquerque, governador da Parahyba, de tudo que fôra tentado no Arraial pelos nossos sob o commando do coronel Rembach e de que os portuguezes correram algum perigo de perdel-o, havia contractado, para provel-o de alguma fórma, dous navios dunkerquezes, nos quaes mandara carregar muitas munições e alguma gente, e tanta urgencia dera, que eram esperados na Parahyba pelo ultimo deste mez.

Para impedir e tomar esses recursos tão importantes, foram mandados no dia 20 os navios *Swolle*, *Overijssel* e *Canarie-Voghel*, reforçados com alguns soldados, para se manterem em frente á Parahyba e atacarem os dous navios na chegada.

O *Phenix* foi mandado juntar-se a essa esquadilha, depois de fazer uma limpeza a bordo.

No dia 27, á tarde, o porta-insignia do tenente-coronel sahiu com uma força de cerca de 100 homens; marcharam para o norte do rio Doce, até certo povoado, onde aprisionaram o proprietario do engenho, que havia alli, e mais outras pessoas, e incendiaram o engenho. O inimigo, havendo sabido disso, mandou a toda pressa do Arraial 200 homens, para cortar-lhes a retirada, quando voltassem para o Recife.

Mas, sendo descobertos pela sentinella do reducto fôra do forte do Bruyn, foi disso avisado o tenente-coronel Bijma, o qual sem tardança sahiu com a sua companhia e 40 mosqueteiros do capitão Beyart, para esperar os nossos, que vinham marchando ao longo da praia da cidade.

Ahi surgiu o inimigo atirando fortemente contra os nossos, que lhe responderam egualmente, durando o combate uma hora, mantendo-se o inimigo do outro lado do rio; tiveram, entretanto, os portuguezes, alguns mortos e feridos, e os nossos tambem dous feridos, um dos quaes morreu depois.

No dia 1º de Setembro, chegou o *Pegasus*, da Camara de Groeninga; e, no dia seguinte, o *Eendracht*, de Dordrecht, e o yacht *Vleermuys*.

No dia 4, partiu o sr. Gijsselingh, no *Phenix*, para Itamaracá.

No dia 7, á tarde, partiu o tenente-coronel Bijma, com a sua companhia e as de Cloppenburgh, Gartsman e Picard, do Recife para a cidade, onde, devido á grande escuridão da noite, tiveram de acampar; no dia seguinte, pela manhã, dirigiram-se para o interior, obra de hora e meia de marcha, a um pequeno povoado chamado Moriwere.

Cahiram sobre elle de improviso, pois era dia santo e a maior parte da gente estava na missa; de sorte que os soldados tiraram dahi um bom espolio.

Havendo sido dado alarma na circumvizinhança, Albuquerque mandou immediatamente do Arraial 200 homens, para atacarem os nossos na retirada. Mas, sendo avisado por um soldado, que desertou dos nossos, que não podiam voltar pelo mesmo caminho, mas fariam a retirada para Itamaracá, ordenou que a força seguisse immediatamente os nossos e os batesse, reunindo ainda em caminho a gente que pudesse, e deu o commando das tropas a Francisco de Almeida.

Este perseguiu os nossos até cerca de meia hora acima de Iguarassú, junto ao Engenho de Pedro da Rocha, onde o caminho era muito estreito e estava obstruido por todos os lados com arvores derrubadas, de maneira que o inimigo tinha grande vantagem.

Encontraram-se ahi por perto das 11 horas da manhã. Os portuguezes atacaram furiosamente, por detrás e pelos lados; mas foram recebidos de tal fórma pelos nossos, que depois nada mais fizeram sinão atacar, atirando por detrás. Os nossos fizeram-lhes varias emboscadas e collocaram o inimigo entre duas forças, abatendo-lhe um grande numero, e apanharam muitos mosquetes abandonados, que fizeram em pedaços. O inimigo, havendo perseguido os nossos até ás 4 horas da tarde, e achando-se bem fatigado, teve de retirar-se dalli, depois de lhe haver morrido alguma gente, entre outros o *commandeur*, e perderem alguns aprisionados pelos nossos.

+Este Francisco de Almeida servira ao rei nos Paizes-Baixos e era um valente e habil cabo de guerra, e os portuguezes davam-lhe grande importancia, sendo a sua perda muito sentida por elles.

A nossa tropa marchou depois na planicie para Iguarassú, afim de experimentar o estado de animo do inimigo, mas, não encontrando ninguem, cahiu sobre a cidadezinha e incendiou-a; e, havendo acampado alli á noite, chegou no dia 10, pelo meio-dia, á ilha de Itamaracá, tendo cerca de 30 feridos, os quaes carregou e ficou por isso impedida deprehender qualquer coisa.

O coronel partiu de Afogados no dia 8 deste, para pôr o inimigo em alarma e explorar o terreno por todos os lados, com as companhias do capitão Everwijn e a de Bongarson, a qual, devido ao ferimento do seu capitão, foi commandada

pelo capitão Frederick Malepas, e, juntamente, 100 mosqueteiros, dirigidos pelo capitão Hendrick Smit, e a companhia do capitão Hendrick Frederick, e marchou pelo banco de areia para o forte Emilia, atravessando o rio e dirigindo-se para o interior do rio Jangada.

O director da equipagem foi mandado, com dous botes á vela e outros tantos a remo, para transportar os soldados de um lado do rio para o outro. Mas esses transportes não puderam, devido á pouca profundidade (causada por grande quantidade de areia accumulada alli) entrar no recife, de sorte que os mesmos, estando o tempo bem moderado, e como que os convidando, foram mandados, por fóra do recife, pelo mar, para a barra do mesmo rio, na qual, por ser muito raza e ter forte arrebentação, foi impossivel entrar. Além disso, o inimigo collocara na entrada do mesmo uma trincheira, que poderia facilmente prohibir aos nossos a entrada do porto, e a largura e a sinuosidade do rio não eram favoraveis aos nossos, de sorte que voltaram no dia seguinte.

O sr. coronel, tendo marchado até o dito rio, encontrou lá um armazem com 32 caixas de assucar, e, deixando-o occupado com uma guarda, sondou o rio, para passar para outro lugar, o que não poudo fazer, pela grande profundidade do mesmo.

Considerando, portanto, que, pela pouca agua que havia no porto, os botes não podiam vir até onde se achava, e que nada havia mais que fazer nesse lado do rio, depois que o armazem foi saqueado e reduzido a cinzas, retirou-se.

O inimigo, posto em alarma pela fumaça, perseguiu os nossos pelo caminho novo, e os nossos fizeram-lhe algumas emboscadas e escaramuçaram com elle. Voltaram no dia seguinte á tarde, tendo perdido dous homens mortos em combate e dous afogados ao passar o rio. O inimigo também soffreu damno.

No dia 12, chegou ao Recife o yacht *Phenix*, da Parahyba, aonde fôra mandado buscar viveres para a esquadra, pelo qual souberam que os navios deram caça algumas vezes e tinham feito dous navios do inimigo dar á costa e capturaram um navio carregado com pannos em fardos, o qual foi mandado para o Recife. O *Overijssel* dera combate a dous navios, cada um com 22 canhões; mas, como os outros navios houvessem descahido muito, devido a ter contra si vento e correnteza, e não pudessem vir para o seu lado, teve de abandonal-os, depois de haverem de ambos os lados perdido alguns mortos e feridos.

Aquelle yacht foi, no dia 14, despachado para a Parahyba, e o sr. Gijsselingh voltou de Itamaracá.

Nos dias seguintes, chegaram alguns navios da Republica, com viveres e alguns soldados de reforço, a saber: no dia 17, o *Goudt-Vinck*, de Amsterdam; e no dia 18, o *Ouwer-Kerck*, e juntamente o *Windt-hondt* e *Pernambuco*; e no dia 21, o *Weseltjen*.

E, neste dia, mandaram o *Gondt-Vinck* buscar o *commandeur* Licht-hart, para realisar certo projecto, que tinham em mãos.

No dia seguinte, foi mandado o *Windt-hondt* para reforçar a esquadilha em frente á Parahyba; e, no outro dia, o *Pegasus* e o *Lecuw*, da Zelandia,

para estacionarem em frente ao cabo. O *commandeur* Licht-hart chegou no dia 25, no yacht *Naerden*, mas não pudera fazer nada de especial, devido ao vento tempestuoso, e deixara atrás outro barco, para procurar fazer alguma cousa.

No dia 27, foram mandados chamar os navios que cruzaram no sul, e despacharam para Itamaracá quatro barcas tomadas aos portugueses e reparadas, para irem guardar as passagens para a mesma ilha e render os yachts e chalupas que estavam lá; essas barcas foram chamadas, pelos nossos, *Oester*, *Papegaye*, *Granact* e *Arara*. Mas, vendo que a *Arara* era veleira, ordenaram que se mantivesse na costa exterior da ilha, e nomearam para seu capitão a Abel Pietersz., assistente do director da equipagem. Emprehenderam agora, mais sériamente, a lavoura daquella ilha, e, além do que haviam plantado antes com alguns negros, mandaram para lá mais dous francezes, com cerca de 30 negros e negras, de sorte que começou a desenvolver-se alli a cultura de todas as especies de fructos.

O tenente-coronel Bijma, que estivera em Itamaracá, para fazer accordos com alguns senhores de engenho, voltou ao Recife.

No dia 1º de Outubro, pela manhã, ao raiar do dia, foi avistada uma caravella cerca da latitude da cidade, para a qual se dirigiram immediatamente o director da equipagem, com quatro botes e a chalupa *Duyssent-been*, mas aquella conseguiu chegar acima da ponta da cidade.

Os nossos, entretanto, não deixaram de perseguil-a, e, como notassem que navegava perto da costa, e acreditassem que o inimigo, vendo que não podia escapar, tratasse de encalhar, o coronel marchou ás pressas para a cidade, com as companhias do tenente-coronel, de Cloppenburgh, Picard e do major de Vries, juntamente com o sr. Gijsselinghs, para procurar prestar algum serviço; mas voltaram, depois de haver visitado a cidade, julgando que a caravella se houvesse escapado. Entretanto, os botes fizeram-na ir dar á praia em um riacho junto ao Pau Amarelho, na vasante.

O director da equipagem retirou-a de lá na enchente e trouxe-a ao Recife; chamava-se *O Santissimo Sacramento* e vinha de Viana, carregada com fazendas em fardos.

No dia 3, chegou ao Recife o yacht *Vos*, o qual, na latitude de cerca de 10°, capturara uma caravella, chamada *Nossa Senhora do Rosario*, carregada com mercadorias em fardos, vinda da Terceira e com destino a Sergipe; depois de guarnecel-a com a sua gente, ainda deu caça a outra.

No dia 4, foi mandada uma força de cerca de 60 homens, sob o commando de Hans Melchior, sargento do capitão Cloppenburgh, a qual tomou o caminho que vai do Arraial ao Cabo, onde encontrou uma casa, que os soldados saquearam e depois incendiaram, sem encontrar inimigo algum; no dia seguinte, foi novamente para lá uma força, mas essa foi descoberta pelo inimigo, de sorte que voltou sem fazer cousa alguma.

Demos agora um pouco de repouso á nossa gente no Brasil, e passemos da terra ao mar.

No principio deste livro, referimos que o navio *Fama* e alguns outros vasos, sob o commando do *commandeur* Jan Jansz. van Hoorn, tinham sido mandados pelo sr. Mathias van Cculen, director-delegado, no dia 28 de Dezembro do anno findo, para cruzar em frente á Bahia.

O *commandeur* chegou com o seu navio em frente á Bahia no dia 2 de Janeiro deste anno, cruzou por alli, e pelo Morro de S. Paulo, até ao dia 17, e mandou um dos navios espiar quantos barcos estavam dentro da Bahia; esse, voltando no dia 20, referiu-lhe que havia 14 navios, entre grandes e pequenos. No dia 23, tinham o Morro de S. Paulo a tres leguas a noroeste, e, como reinasse completa calmaria, ancoraram a 27 braças, em bom fundo de areia; a terra mais proxima estava cerca de meia legua a oeste. Limparam os navios, fizeram-se novamente á vela á tarde, e ficaram cruzando ahi, sem saber cousa alguma do inimigo; apenas deram caça e fizeram dar á costa uma barca hespanhola, e visitaram a ilhota chamada pelos nossos Paesch-avondt (Vespera de Paschoa), a qual está situada duas leguas ao sul do Morro de S. Paulo, a 14° de latitude sul. E' uma ilhota baixa, com meia legua de circumferencia, cercada por um recife de rochedos, apresentando na base o branco da areia e além o verde dos arvoredos. Encontraram lá alguns ananazes silvestres e uns fructos que pareciam coloquintidas, mas não tão grandes, sendo dentro como os mamões, e de sabor agradável; os portuguezes chamam essa planta mary-conssia (maracujá). Não possue agua doce; mas, em compensação, tem bastante lenha.

Voltaram a Pernambuco, aonde chegaram no ultimo de Fevereiro.

O capitão Jol, que se lhe reunira perto da Bahia, foi mais ao sul, para cruzar em frente a Cabo-Frio.

No dia 22, esteve junto ao Rio de Contas, onde ha uma enseada e, dentro, costa alta; e, quando se tem o rio a oeste, a costa alta tambem está a oeste.

Navegou dahi em deante ao longo da costa, e no dia 27 estava a 22°, 20' de latitude; alli a costa é alta e perigosa. Acharam-se na sondagem, a pouco mais ou menos tres leguas da costa, 28 braças de agua e bom fundo de areia.

No dia 28, estava a 22°, 44' de latitude, e S. Thomé se achava a oeste quarta de noroeste.

Este se lhe apresentou com tres monticulos, um dos quaes se assemelha a um pão de assucar; não são altos, mas a costa e o cabo o são.

Teve elle as ilhas de Santa Anna obra de cinco leguas a oeste quarta de sudoeste, parecendo-lhe a primeira como um pão de assucar, e, depois, viu tres ou quatro enseadas, achando maior a que ficava mais a oeste; á tarde, estava cerca de legua e meia da ilhota de Santa Anna (ha alli cinco ou seis ilhas), e poudo avistar Cabo Frio, parecendo-lhe dous. A costa é alta, e encontraram sempre fundo sob 34 a 40 braças de agua, e era de lama.

No dia 29, ás 12 horas, teve elle a latitude de 23°, 6', e Cabo Frio estava cousa de cinco leguas a oés-sudoeste. No dia 30, tinha o Cabo ao norte; e, no dia seguinte, a noroeste, cerca de quatro leguas, indo a corrente para leste; achou ao meio dia a latitude de 23°, 25', e navegou para oeste ao longo da costa.

A oeste do Cabo a costa é baixa, e, cinco leguas mais a oeste, torna-se outra vez alta e montanhosa. No dia 1º de Fevereiro encontrou a latitude de 23°, 20' e o Rio de Janeiro estava perto de quatro leguas a oes-noroeste; manteve-se ali de cá para lá. No dia 10, ás 12 horas, deparando-se-lhe a latitude de 24°, virou para a costa. No dia 11, estava em frente ao Rio de Janeiro, e teve, ao meio-dia, a latitude de 23°, 40'; navegou ali de um lado para outro. No dia 20, avistou uma véla e capturou-a; mas, vendo que era um navio vindo de Angola com 300 negros, deixou-o seguir, pois não viu meios de leval-o consigo. Ficou cruzando alli até ao dia 19 de Março, e voltou então para Pernambuco, aonde chegou bem no dia 29.

No mez de Abril, o *commandeur* Jan Jansz van Hoorn foi mandado para as Indias Occidentaes com os navios *Fama*, *Middelburgh*, *Gonde-Leeuw*, *Zutphen*, os yachts *Otter*, *Brack*, *Nachtegael* e a chalupa *Gijsselingh*; nesses navios, além das tripulações, iam 250 soldados.

Partiram de Pernambuco no dia 26, duas horas depois do sol. No dia 2 de Maio, a 4°, 40' de latitude sul, foram despachados os yachts *Otter* e *Brack* e a chalupa *Gijsselingh* para o Maranhão, segundo a ordem dada ao *commandeur* pelos snrs. delegados, para ver se estavam alli surtos alguns navios hespanhoes, e tiral-os do porto, se fosse possível. Os outros navios proseguiram na sua viagem, e chegaram, no dia 20, á ilha de Barbados, fundeando ao lado de sudoeste, entre duas pontas de terra, que estão uma da outra á distancia de um grande tiro de colubrina; ficaram alli até ao dia 27, e compraram dos inglezes varios refrescos. No dia seguinte pela manhã, avistaram a ilha de S. Vicente, e fundearam, depois de meio-dia, na bahia de Santo Antonio.

No ultimo de Maio, chegaram alli o yacht *Brack* e a chalupa *Gijsselingh*, e no dia seguinte o yacht *Otter*, os quaes navegaram ao longo de toda a costa norte do Brasil, até ao Maranhão, onde tambem estiveram, mas nada haviam conseguido bem naquella costa e não viram nem falaram com pessoa alguma.

No dia 3 de Junho, dirigiram-se á ilha Bekia, com o bote, para buscar tartarugas; encontraram alli uma boa bahia, na qual se póde entrar pelo lado de oeste, e no lado de leste ha um recife rochoso, a tres, quatro, cinco, seis e sete braças; essa ilha é deshabitada, mas os selvagens de S. Vicente vão lá plantar batatas, crescendo tambem muito algodão no matto. Está situada cerca de cinco leguas a sueste de S. Vicente. Avistaram, no dia 15, a ponta leste de Porto-Rico, com duas pequenas ilhotas, que se assemelhavam um tanto a Mona e Monica, mas não eram tão baixas; tambem a menor estava ao lado do sul, enquanto Monica está ao lado norte de Mona. No dia 18, avistaram a extremidade oeste de Porto-Rico, e pouco depois Mona, e, dous dias depois, Savona, e ficaram cruzando alli até ao dia 25. Navegaram depois para a ilha de Vacca, a qual avistaram no dia 28 pela manhã, e chegaram, depois de meio-dia, ao cabo Tiburon; partiram dalli no dia seguinte, e avistaram no ultimo de Junho a ilha de Navaza.

No dia 5 de Julho, ancoraram junta á pequena Caymão.

No dia 7, chegaram o yacht *Nachtegael* e a chalupa *Gijsselingh*, que estiveram

no cabo de Cruz e trouxeram consigo um naviosinho, que capturaram, carregado com 1.037 couros, tres pequenas caixas de assucar e 144 vasilhas de mel. No dia 10, viram as ilhas S. Milan; são ilhotas baixas e planas, collocadas tão perto umas das outras, que mal se pôde examinal-as. Da ponta oeste da pequena Caymão até estas, ha 56 ou 57 leguas a sudoeste e sudoeste quarta de oeste. Navegaram para oeste dessas ilhotas, e viram muita arrebentação a uma legua da costa.

Tomaram depois o rumo de sudoeste quarta de oeste, e viram terra no dia seguinte á tarde, de sorte que se afastaram até meia-noite e viraram então para a costa.

No dia 12, foram para o sul; mas, chegando á costa, viram que descahiram muito; portanto, quem quizer ir de S. Milan para o cabo de Honduras, tem de ir pelo menos para oeste quarta de sudoeste. Navegaram entre Guanaja e Utila, sendo alli amplo e largo até que se chega junto a sete ilhotas que estão situadas a uma legua do continente. As duas mais orientaes são as maiores e mais soffrivelmente altas, estando situadas junto das outras; as outras cinco não são muito altas e menores do que as precedentes. Da mais occidental salienta-se um recife por meia legua no mar a oes-noroeste da ilha; ellas estão situadas a quatro leguas de Guanaja.

A ponta oriental de Guanaja está cercada de ilhotas até uma legua de Guanagua, da mais oriental das quaes se estende um grande recife a lés-nordeste por meia legua no mar, e da ponta occidental de Guanagua prolonga-se tambem um recife a oes-noroeste, por um terço de legua no mar; de sorte que quem quizer navegar entre ambas, deve conservar-se a maior parte no meio do canal, mais perto de Guanagua.

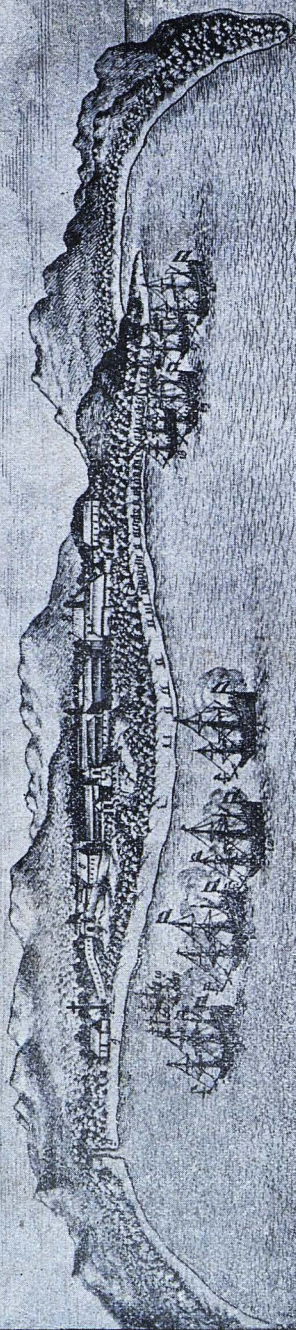
De Guanagua até Punta la Rije o rumo é de norte quarta de noroeste cinco leguas. Punta la Rije é um cabo baixo, onde existe uma casa com uma balisa; esta ponta e a cidade de Truchillo distam uma da outra cerca de duas leguas, a maior parte de sul a norte.

Desse ponto prolonga-se um recife de areia, em cuja sondagem se encontra, em alguns logares, muita e noutros pouca profundidade. Para se entrar no porto de Truchillo, navega-se a sueste, porque a corrente vae para oeste; chegando-se de dia a esse ponto, vê-se a cidade defronte e uma grande bahia, onde se pode ancorar em qualquer parte.

A cidade está num monte, e entrincheirada no lado do mar com uma espessa muralha de cerca de seis pés de altura, pouco mais ou menos; não se pôde chegar bem ao entrincheiramento, por causa dos arbustos que crescem nas encostas do monte. Havia apenas uma porta, soffrivelmente forte contra um ataque e sobre ella dous pedreiros de bronze e, um pouco a oeste da porta, dous canhões de bronze; de sorte que por esse lado não se podia entrar. No dia seguinte, esforçaram-se o mais possivel, bordejando, para chegar lá, mantendo-se tão distante da costa quanto possivel, para não serem vistos de terra, e, fazendo o mesmo no dia seguinte, avistaram então o cabo e reconheceram a balisa.

No dia 15, houve completa calmaria, e passaram os soldados para os

TRVGILLO



16 T. Lucht de Brack
17 T. Lucht de Nachtegaal
18 De Challenge Gysdigh
19 Dry-Spacijf-Bereken

11 De Een Gen. Lantam-Meent
12 Willelmij de Vize Landraad
13 Groot Lantam-Schout by nach
14 T. Lucht-Synthon
15 T. Lucht de Oter

6 De Kerk S. Francij
7 T. Lucht met het Krachtloos
8 De Groot Kerk
9 Twee verrijde Rensieren
10 Nieuw land de Challenge

1 De Cuyt
2 De Willems
3 De Quinacelle
4 Een Lantam-Schout
5 De Poort

yachts e chalupas; por perto das nove horas, tiveram uma aragem e della se aproveitaram tão bem, que ás duas horas da tarde quatro navios grandes surgiram em frente á cidade. Houve então forte canhoneio de ambos os lados, morrendo tres homens do navio *Zutphen*, pelo que este se afastou um pouco, e o *Middelburgh* e o *commandeur* collocaram-se junto ao forte. Nesse interim, navegaram os yachts e as chalupas á distancia de um tiro de canhão a oeste da cidade para o riacho Santo Antonio, onde desembarcaram a gente, que dalli marchou perlongando a praia.

Chegando ás cercanias da cidade, os navios cessaram de atirar, para não causarem damno á nossa gente, e o *commandeur* entrou no bote, dirigindo-se para terra com 20 homens; mas, antes que chegasse á terra, a cidade foi invadida pelos nossos, pois, logo que chegaram ao pé do monte, no qual se achava a fortaleza, galgaram o mesmo sem detença. Os hespanhoes atiraram-lhes violentamente pedras; mas, quando lhes foram lançadas algumas granadas junto á muralha, abandonaram-na immediatamente, e os nossos a escalararam com facilidade.

Assim foi conquistada essa praça forte com pouca resistencia e pequena perda, pois os nossos tiveram, tanto em terra como nos navios, apenas sete mortos; o assalto andou tão rapidamente, que ás quatro horas estavam completamente de posse da cidade.

A cidade está situada a 15°, 45' de latitude norte. No dia seguinte, fizeram o possivel, ao raiar da aurora, para ajuntar as fazendas; levaram-nas para um corpo de guarda dentro do forte, perto da praia.

Mas, pelas nove horas, quando a maior parte do espolio já estava reunido, rebentou repentinamente um incendio na casa mais oriental da cidade (sem que se pudesse saber por quem fôra ateado, apesar de se fazerem indagações rigorosas), e tomou tal incremento, que em pouco tempo duas terças partes da cidade estavam reduzidas a cinzas.

Cada um tinha bastante que fazer em salvar a vida, ardendo tão violentamente as casas, as quaes eram todas cobertas de folhas de palmeiras, com vigas de madeira e rebocadas a cal, que não se poude cuidar do espolio; a casa da polvora incendiou-se, morrendo ali alguns, em consequencia de queimaduras.

No dia seguinte, trouxeram para os navios o que restava, a saber: 239 couros seccos, 6 fardos e meio de anil, 820 libras de salsaparrilha, 7 canhões de bronze, 3 pedreiros de bronze, 3 canhões de ferro, 4 sinos e algumas miudezas. Dous dias depois disso, ajustaram com o governador de Truchillo sobre um resgate de vinte libras de prata pelo resto da cidade, pois elle declarou não terem sido os seus os causadores do incendio. Foram informados pelo mesmo que não soubera da vinda dos nossos até o dia 14, quando foram avisados do Cabo, já tarde.

A cidade estava muito forte do lado do mar; mas, do lado de terra, estava completamente aberta; ao lado de léste, havia uma porta muito forte, em cima da qual havia os pedreiros de bronze; no fortim, que estava quasi

no meio da cidade, existiam sete canhões, dos quaes uns de bronze e outros de ferro, em duas baterias.

Havia na cidade tres egrejas: a maior, chamada Iglesia Major, a léste; S. Francisco, a oeste; e o Hospital, ao sul.

O governador Juan de Miranda declarou que havia entre soldados e burguezes, morando tanto aqui como em S. Pedro, 200 hespanhoes e 400 mulatos e negros. Perto dalli, cultivavam poucos fructos, principalmente laranjeiras; mas havia bois e vaccas em quantidade, no interior. O commercio decahira completamente, pois havia dous annos que não vinham galeões; sómente em Abril proximo passado partira um navio de 100 lastos, carregado de couros e de outras mercadorias, para Havana.

No dia 21, zarparam dalli e navegaram no dia seguinte por entre Guanaja e Guanagua, um pouco mais proximo de Guanagua, e tiveram tempo borrascoso.

No dia 25, avistaram a ilha Cozumel; é baixa e plana, de sorte que não pode ser vista de longe.

Como a corrente vae com força para o norte, acharam fóra de todos os seus calculos, que a latitude era de 22° ao norte da linha, e ganharam pouco para o sul, até que no 1° de Agosto avistaram terra e tiveram a profundidade de 20 braças, e depois ficou pouco a pouco mais raso até 12 braças, a duas leguas e meia distante da côsta; os hespanhoes chamam-lhe Bocca de Canal. Vê-se uma terra completamente baixa, com uma ponta saliente, como se fosse uma ilha, com praia de areia branca; ancoraram á tarde com nove braças de agua.

No dia seguinte, fizeram-se á vela e fundearam á tarde em 12 braças, e navegaram assim para deante.

No dia 5, surprehenderam uma fragata vasia, de cuja tripulação souberam que a esquadra da Hespanha andava por alli e que tomara aos nossos a ilha de S. Martinho.

No dia 11, ás 12 horas, tiveram a latitude de 20°, 8', e foram para sueste avistando novamente terra; de sorte que, á tarde, tinham Campeche a quatro ou cinco leguas a léste quarta de nordeste, e fundearam alli em seis braças de agua. Passaram immediatamente os soldados para os yachts e chalupas, e bordejaram á noite para a costa, deixando nos navios grandes cerca de 80 homens, tanto doentes como sãos; levaram acima de 400 homens, entre soldados e marinheiros, para dar desembarque, tendo os botes grandes mais 12 homens e os pequenos o numero necessario para prestarem serviço onde fosse preciso.

A cidade de Campeche está situada a 20°, 20'.

No dia seguinte, continuaram a bordejar para a cidade, e ancoraram, á tarde, a 15 pés de profundidade, pouco mais ou menos a legua e meia de distancia.

A' meia-noite, dividiram a gente em duas forças, e os barcos navegaram, a remos, para a cidade.

No dia 13, pela manhã, uma hora depois do nascer do sol, desembarcaram a gente meia legua a sudoeste da cidade, em um valle verde, numa praia plana de areia.

S^t FRANCISCO DE CAMPECHE.



VERCLARINGE DER SYFERGETALEN

- | | | | |
|---|---------------------------------------|----|------------------------------------|
| 1 | Klooster van S ^t Francisco | 9 | De Kerk S ^t Roman |
| 2 | Huizen der Indianen | 10 | Batterye met twee Stucken |
| 3 | Een Capelle | 11 | Plaatje daer twee landen |
| 4 | De Nieuwe Kerk de los Remedios | 12 | Syn 22 Spaenjsche pruyen |
| 5 | De Grootte Kerk | 13 | Eenacht de Nachtegaal |
| 6 | Het Raedthuys | 14 | De Chaloupe Gysfelynghe |
| 7 | Het fort ofte Batterye | 15 | De twee Boots varende langs strand |
| 8 | Scheep timmer werven | | |

Tendo-se collocado a gente em ordem, marcharam immediatamente para a frente; os dous botes grandes, cada um com um canhão, remavam perto da tropa, junto á praia, e atiravam sempre que era mister, causando grande damno ao inimigo.

As chalupas *Nachtegaal* e *Gijsselingh* navegavam tambem junto á costa e tambem atiravam.

Antes que a nossa gente estivesse toda desembarcada, o inimigo veio com duas companhias, de infantaria e de cavallaria, para repellir os nossos, mas teve que fugir apressadamente; de sorte que os nossos avançaram até uma trincheira, da qual rapidamente o expelliu, e logo depois de uma outra. O inimigo retirou-se para o seu terceiro reducto, onde tinha tres canhões, e deu uma forte descarga sobre os nossos com as ditas peças e mosquetes; mas os nossos, atacando-o valentemente, tomaram o reducto com grande perda do inimigo, e atiraram os canhões para fóra do baluarte.

Os nossos marcharam em seguida para o mercado, onde o inimigo se fortificara mais, porque a esse vão dar seis ruas, e o encheram com um baluarte de cinco pés de altura e com setteiras; na praça estavam montadas 2 peças de bronze e 10 de ferro.

O inimigo pretendia resistir ali; mas a nossa gente atacou-o com tanto valor, que apenas poudes descarregar uma vez os canhões; manteve-se, entretanto, resistindo, até que foi repellido com piques e espadas, morrendo uma grande parte, e tambem alguns dos nossos, sendo, contudo, de feridos a maior parte da perda soffrida pelos nossos. Alguns dos hespanhoes fugiram para cima de umas casas, que tinham sotéas, assim como para uma egreja que estava no meio da praça, e deram muito que fazer aos nossos, para tiral-os dalli. Segundo a declaração dos prisioneiros, havia na cidade, quando os nossos a atacaram, 350 hespanhoes, 50 mulatos e negros, além de uns 1.000 indios. Os nossos fizeram 20 prisioneiros, um dos quaes mandaram ao governador don Juan de Barros, que fugira da cidade para o convento de S. Francisco, situado fóra da cidade, para saber se queria resgatar a cidade, a fim de que não fosse incendiada; mas elle respondeu—que isso não lhe competia, e que a burguezia podia fazer o que achasse melhor.

Os nossos encontraram em frente á cidade 22 navios, barcas e fragatas, a maior parte vãos e alguns carregados com couro e cacáo; as fazendas encontradas foram reunidas na egreja. No dia seguinte, foi mandado novamente um emissario ao governador, mas não voltou; os nossos trouxeram depressa couros e madeiras para as barcas capturadas, afim de levar-as para bordo, assim como no dia seguinte embarcaram algumas caixas com cera e 11 peças ou colubrinas. No dia 16, enviaram novamente o secretario Jacob Davits ao governador, para tratar do resgate de fogo da cidade e da soltura dos prisioneiros. O governador recebeu-o muito cortezmente, mas respondeu, por missiva, que podiam fazer o que quizessem da cidade; que elle não daria um real, nem pela cidade, nem pelos prisioneiros. Segundo os prisioneiros disseram, havia prohibição, por parte do rei, sob pena de morte, de resgatar cidades, gente ou navios.

Os nossos, achando-se tão fracos de tropas em uma tal praça, e compreendendo que facilmente poderia vir muita gente dos povoados circumvisinhos, sabendo também quão mal tripulados haviam deixado os navios grandes, não acharam prudente demorar-se mais tempo alli, e, conduzindo para bordo o que tinha algum valor, trataram de embarcar-se; no dia seguinte, levaram consigo os prisioneiros e nove dos navios inimigos e incendiaram os restantes; á cidade não fizeram mal algum, nem lhes era facil fazel-o, porque eram casas fortes de pedra. Parece que o governador, notando o pequeno numero da nossa gente, procurava detel-a, até que, recebendo reforço de Merida e dos logares adjacentes, pudesse cahir sobre os nossos na cidade deserta. Foi um dos feitos mais ousados e praticado com tão pouca gente, pois, se os hespanhoes, quando os nossos os atacaram com tanto ardor no mercado, tivessem ido para cima da sotéa da igreja, teriam alli um parapeito de pedra e matariam os nossos atirando-lhes pedras de lá; mas não ousaram enfrentar por mais tempo a coragem dos neerlandezes. Foram, no entretanto, valentes no principio, não exceptuando os padres; quando a nossa gente desembarcou, elles poderiam facilmente repellil-a, mas tres dos seus chefes mais valentes cahiram mortos pelas balas dos canhões das chalupas, e isso produziu confusão e consternação entre elles.

A cidade de S. Francisco de Campeche é bem situada, porque os navios grandes, por ser a costa plana, não ousam approximar-se além de 3 ou 4 leguas; e é também bem construida, como se póde ver pela gravura. Tem tres egrejas, a saber: a igreja grande, a igreja de S. Romão e mais uma nova, que chamam de los Remedios, e fora da cidade um bello convento chamado de S. Francisco, do qual parece que a cidade tirou o nome; chamam-na geralmente de Campeche, por cãusa da madeira de tinturaria, que é agora bastante conhecida na Europa.

A nossa gente poderia ter feito alli mais alguma cousa, se dispuzesse de mais forças; mas faltava-lhe agora o navio *Zutphen*, no qual havia 60 soldados, e que, como já foi dito, se perdera da esquadra.

No dia 18, chegaram aonde estavam os navios grandes, e a gente foi re-embarcada, cada um no seu logar competente, e as fazendas capturadas também foram trasladadas para elles; ahi vieram alguns hespanhoes, para comprar as barcas trazidas, depois que fossem descarregadas, e ficaram com quatro e depois mais uma, e os prisioneiros foram soltos nas outras quatro, resgatadas por ultimo.

No dia 24, pela manhã, fizeram-se á vela, e tomaram o rumo do norte, tendo á noite vento da terra e de dia do mar; viram, ao meio-dia, que a latitude era de 20°, 45', e calcularam estar á tarde em Sisal. Mas, ainda que encontrassem na sondagem cinco e quatro braças de profundidade, não viram terra alguma; porque, segundo a observação dos hespanhoes, de Sisal se estende umas oito leguas pelo mar um reufe, onde ha apenas tres pés de profundidade.

No dia seguinte, acharam-se na latitude de 21°, 11', e seguiram pouco a pouco, encontrando sempre fundo até ao ultimo de Agosto.

No dia 10 de Setembro tinham a latitude de 26°, 20', ganharam depois disso a latitude para o sul, e no dia 15, estando na latitude de 26°, acharam

na sondagem 90 braças, no dia seguinte 60 braças e a latitude de 25°, 40', e no outro dia 40° e 36 braças.

No dia 18, pela manhã, avistaram Pan de Matança, oito ou nove leguas ao sul, e, ainda que desejassem passar em frente de Havana, para ver o que havia por lá, acharam que descahiram muito de lá, arrastados pela corrente. Julgaram prudente, portanto, navegar com os navios grandes para a Republica, pelo canal de Bahama, e mandar somente o yacht *Otter* e as chalupas *Nachtegaal* ao cabo de Santo Antonio, para navegar pelo sul de Cuba para a Tortuga, situada ao norte de Hispaniola, e saber lá ao certo o que havia sobre a tomada da ilha de S. Martinho, como lhes fôra dito por um prisioneiro hespanhol, devendo depois fazer o que conviesse ao serviço da Companhia. A esquadra chegou a Texel, depois de alguma demora, por tempestade e mau tempo, no dia 11 de Novembro.

Voltemos agora ao Brasil. Os srs. directores delegados, julgando certamente que, para fazer perder o credito em que o governador Albuquerque era tido no paiz, retirar-lhe a sympathia dos habitantes e levar a estes o desanimo, era necessario não somente trazer por ataques continuos os soldados em alarma, e por multiplos damnos deixar os habitantes abatidos, mas tambem fazer o inimigo experimentar mais longe as nossas armas, para que finalmente não soubessem onde nos deviam aguardar, ou para onde se voltarem — resolveram fazer uma expedição ao sul e mandaram para ella os seguintes navios e yachts: *Pernambuc*, *Ecndracht* (de Dordrecht), *Naerden*, *Vos*, *Vleer-muys*, *Weseltjen*, *Arara*, *Ceulen*, *Licht-hart* (com uma pequena chalupa a vela) e dous botes grandes; iam embarcados nelles 300 mosqueteiros e outros tantos fuzileiros, contando ao todo 600 cabeças, compondo-se das companhias dos srs. delegados, do major Cloppenburgh, dos capitães Gartsman e Picard, e 100 mosqueteiros, tirados de todas as companhias, sob o commando do capitão Wildt-schut. Com esses navios e força, o sr. Jan Gijsselingh e o coronel, com o conselheiro politico Servaes Carpentier, fizeram-se á vela no dia 11 de Outubro, e, chegando no dia seguinte á Barra Grande, ahi desembarcaram; todavia, não se demoraram, e partiram immediatamente para Porto Calvo, porque souberam que estava alli prompta uma grande partida de assucar. Chegaram á meia-noite á foz do rio, e mandaram forças para todos os lados em busca de assucar, como haviam feito antes; quando começaram a approximar-se do rio, mandaram o major Cloppenburgh com a sua companhia para certo ponto. Encontraram na foz do rio um navio, no qual havia 38 caixas de assucar, e avistaram um pouco mais acima do rio uma barca, á qual não podiam chegar, porque não haviam trazido botes, e os do inimigo estavam do outro lado do rio; mas, como não estivesse longe da margem, collocaram alguns soldados alli, afim de impedirem que o inimigo atravessasse para esse lado, para incendial-a, ou pol-a a pique. Nesse interim, chegou o major Cloppenburgh, o qual encontrara um armazem com 43 caixas de assucar.

Como já amanhecera, o sr. Gijsselingh prometteu algumas canecas de

vinho a uns soldados, que mandou para a barca a nado, levando um sabre pendurado ao pescoço; encontraram lá 44 caixas de assucar.

Os mesmos nadadores foram buscar os botes do inimigo, sem resistencia alguma, porque aquelle fugira antes, e não lhes appareceu ninguem.

Esses botes vieram para os nossos muito a proposito, pois os seus yachts e botes, só tendo partido de manhã da Barra Grande, não poderiam chegar antes da tarde.

Esse rio é chamado pelos portuguezes Porto de Pedras, e cerca de cinco leguas acima delle está a aldeia ou villa a que propriamente chamam Porto Calvo. Com esses botes foi mandada immediatamente alguma gente ao outro lado do rio, para procurar assucar e trazer agua fresca, do que havia falta no lado do norte (onde estava a nossa gente); cavaram, depois, alguns poços, donde tiraram agua regular.

Como pela tarde chegasse o *commandeur* com os pequenos transportes, o coronel e o *commandeur* com alguns soldados, subiram o rio duas ou tres leguas, encontrando um armazem com umas 200 caixas de assucar, segundo calcularam; mas foi incendiado pelo inimigo, de sorte que apenas conseguiram uma caixa, que se achava junto ao porto, para ser embarcada; mais adeante, estava uma barquinha com 11 caixas de assucar, a qual trouxeram comsigo, e voltaram assim, descendo o rio, sem ver inimigo algum.

Embarcaram o mais depressa possivel nos yachts o assucar apresado, e, depois de passarem para o outro lado do rio toda a nossa gente, incendiaram os barcos pequenos e botes, alguma provisão de mastros, lemes para navios e outras cousas mais, que não acharam valer a pena conduzir, assim como atearam fogo a um navio bem grande, que chegara de Angola com 300 negros á Barra Grande, e, vendo de longe os nossos, correram para alli, deixando aquella gente com a maior parte de seus bens. Depois que os nossos passaram ali os tres ou quatro dias acima descriptos, marcharam em seguida para Camaragibe; como, em caminho, tinham de passar o rio Tatona Mansa, ordenaram á chalupa *Duysent-been* que fosse dalli por dentro do recife de pedra, para passar a gente de um lado para o outro e que seguisse no dia immediato os yachts pelo lado de fóra.

Chegando ao rio, viram que a chalupa calava muito e encalhou na vasante; após longa busca, encontraram finalmente o logar onde se podia atravessar a vau, com agua pela cintura.

Ahi passaram para o outro lado o sr. Gijsselingh e o coronel, com duas companhias; o resto da gente, como a maré enchia, devia ficar no mesmo lado, até que a chalupa fluctuasse novamente. Encontraram no outro lado do rio uma pequena egreja e algumas casas, mas os portuguezes haviam fugido, de modo que não conseguiram espolio algum.

Como toda a gente estava agora reunida no outro lado, o sr. Gijsselingh, o major Cloppenburgh e alguns soldados, subiram o rio com a chalupa, por umas quatro leguas, e encontraram lá dous barcos, um vasio e o outro com algumas fazendas que os fugitivos do navio de Angola levaram comsigo,

conforme foi dito acima; este foi saqueado pela tropa, e, como nada mais havia que fazer alli, atearam-lhe fogo.

Voltando ao acampamento, incendiaram o povoado, com excepção da egreja, e partiram dalli para Camaragibe; encontraram em caminho algum gado (mas não viram o inimigo) e levaram-no á frente com cordeiros, até chegarem a Camaragibê, onde foram distribuidos pela tropa.

Mandaram dalli varias forças em busca de assucar, mas não o acharam: por isso, o sr. Gijsselingh, junto com o coronel, e o *commandeur* e Carpentier, com os dous botes grandes e alguns pequenos, levando duas companhias, subiram o rio durante toda a noite por cerca de quatro leguas, até alto dia, e o canal era tão estreito, que não podiam remar por causa dos mangues, e, começando alli a ficar razo, resolveram retroceder.

Sobre isso, digamos agora, uma vez por todas, esses mangues estão na maior parte ás margens de todos os rios do paiz, e são uma especie de arvores ou arbustos, que baixam os seus galhos por terra, tomando novas raizes e extendendo-se para diante, de sorte que uma arvore, sahindo de uma raiz, occupa muito terreno, e impede que qualquer se approxime das margens do rio, as quaes quasi sempre são baixas e a maior parte do anno ficam inundadas, ou que possa passar á vontade de um lado para o outro, a não ser limpando antes, com grande fadiga e despeza, as margens de ambos os lados e cortando os mangues.

Ao regressarem, mataram a tiro muitas rezes para a tropa e destruíram muitas casas dos portuguezes; voltaram ao acampamento á tarde, ao escurecer.

Dous ou tres soldados, que se transviaram da tropa, trouxeram alguns prisioneiros, que declararam que havia em Porto de Francezes uma bôa parti-la de assucar, e os nossos trataram logo de ir vel-a.

Chegaram a Porto de Francezes pela tarde, mas, não sem perigo, porque o Recife, atrás do qual estavam, se estende até ao norte, e o vento era todo do norte, e a corrente seguia com força para fóra, de sorte que os botes á vela não podiam navegar acima da arrebentação, nem os botes a remo puderam atravessar a correnteza; o capitão Maulpas chegou com um bote cheio de gente á arrebentação, e ter-se-ia afogado alli, se o *commandeur* não lhe mandasse um bote em auxilio e não descarregasse um tanto o outro. A chalupa *Duysent-been*, na qual iam o sr. Gijsselingh, o coronel e o conselheiro Carpentier, passou a arrebentação, e della desembarcaram os passageiros em numero de 14, e alli foi ter apenas outro bote, com 10 ou 12 homens. Nessa fraca companhia tiveram de ficar até alta noite, e teriam de estar sempre de pé, se a costa estivesse tão frequentada, como affirmavam; mas não viram pessoa alguma.

Havendo desembarcado o resto da gente, mandaram forças para todos os lados, em busca de assucar, as quaes não longe dalli encontraram um telheiro de palha no matto, no qual havia 74 caixas de assucar. Depois disso, acharam um armazem com 37 caixas e outro com seis; mas, como esses dous eram um tanto distantes, e não tinham carros ou bois para levar-as, preferiram deixar

que os soldados e marinheiros as carregassem em saccos a incendial-as, e compraram da soldadesca os brancos a quatro stuyvers a libra e os mascavados a tres. Gastaram ali alguns dias com varias expedições a diversos logares, como á Alagoa do Sul, Alagoa do Norte e S. Miguel.

✚ Encontraram em Alagoa do Sul, que se estende para o sul, atrás de Porto de Francezes, uma bella villa, chamada Nossa Senhora da Conceição, não tendo menor extensão e bellas construcções do que a villa de Iguarassú, e incendiaram-na completamente, assim como algumas casas aqui e acolá.

Dentro do rio havia um bom navio em construcção, quasi acabado, com todos os seus pertences alli perto, o qual incendiaram, apesar do inimigo, postado atrás de uma forte trincheira, atirar valentemente contra elles.

Na foz de Alagoa, havia certa quantidade de casas, e perto achavam-se osapparelhos e pertences de dous navios, os quaes os nossos reduziram a cinzas; seis caixas de assucar, encontradas perto dalli, foram carregadas em saccos pelos soldados e marinheiros, em beneficio da Companhia (ainda que a gente não o fazia de bôa vontade), assim como 98 tóros de pau-brasil.

Esses logares nunca haviam sido visitados pelos nossos, de fórma que viviam tranquilllos, e foi por isso que os soldados e marinheiros obtiveram lá um bom espolio.

Fizeram tambem alguns prisioneiros, dos quaes se informaram muito curiosamente de tudo; elles declararam que em Caroripo havia uma grande partida de pau-brasil, mas que cerca de um anno antes foi mandado para lá um capitão para enterral-a ou leval-a mais para dentro do matto, e não sabiam o que elle fizera. Essa noticia fez os nossos resolverem navegar para Caroripo, deante do qual chegaram antes do meio-dia; mas começou a ventar tão fortemente, que não se podia confiar a gente nos botes, e tiveram de ancorar, nessa tarde, em mau fundo.

A' noite, tornou-se o vento ainda mais forte, de sorte que a barca *Arara* descarregou duas vezes. De manhã, amainou um pouco; mas o mar estava agitado, e não acharam prudente desembarcar ou ficar ancorados em um fundo aspero; e, havendo incerteza de encontrar o pau-brasil, resolveram regressar a Pernambuco, aonde chegaram bem, no dia 9 de Novembro.

✚ Nessa expedição, os nossos capturaram 150 caixas de assucar e 98 tóros de pau-brasil, que trouxeram consigo; incendiaram juntamente a villa de Alagoa do Sul, muitas casas e vivendas de campo e dez navios e barcas, sem perder nenhuma gente.

No dia 15, chegou o yacht *den Tijgher*, trazendo uma caravella com 132 caixas de assucar e algum tabaco, capturada pelo *Zee-Ridder*; chamava-se *Nossa Senhora da Misericordia*,

✚ O sr. Mathias van Ceulen não esteve parado durante essa expedição; mas deu ordem aos de Itamaracá (lá havia quatro companhias, duas das quaes eram de fuzileiros) para que fizessem, com toda a prudencia, uma expedição ao interior, a um logar chamado Mamanguape, perto do qual se mantinham os

jesuitas e outros padres, havendo-se retirado para alli os soldados que estiveram antes em Iguarassú.

O major Turlon, tendo recebido essa ordem, não se demorou em cumpril-a, e mandou duas companhias, a de Hendrick Hendricksz, e a de Charles Turlon Junior. Essas, comquanto marchassem tão circumspectamente quanto podiam, foram inoportunamente descobertas, e os habitantes tiveram bastante tempo para fugir; os nossos, encontrando o povoado deserto, incendiaram completamente todos os seus vistosos edificios, e voltaram ao acampamento.

O motivo por que praticaram essa severa execução contra aquelle logar, foi porque os jesuitas tinham grande influencia naquella região, e não sómente isso, mas retinham e impediam que os habitantes acceitassem o nosso dominio, de sorte que convinha de todo o modo destruir o seu ninho. Depois disso, os mesmos fizeram uma expedição ao Engenho de Gonsalvo Novo, com a intenção de surprehendel-o e cahir de improviso sobre alguns soldados que Albuquerque mantinha alli de guarda; mas foram descobertos muito cedo, e, chegando lá, viram que o povo fugira e apenas fizeram um prisioneiro.

Voltando de lá, marcharam para o engenho de Philippa Soares, viuva de Gaspar Ximenes, a qual mandou a sua gente ao encontro dos nossos, a quem mostrou o salvo-conducto e prestou bons serviços; nesse engenho, assim como noutros que tinham salvo-conductos, não fizeram damno algum, e voltaram aos quartéis, sem haver feito nada.

O tenente-coronel quiz mostrar o seu zelo e emprehender uma expedição a Santo Amaro, aldeia situada para o sul, além do Arraial, onde, segundo fôra informado, havia um bello engenho e tambem algumas casas, que formo: o projecto de destruir, para causar grande prejuizo ao inimigo, e produzir terror nos habitantes do campo, que imaginavam que aquelle logar estava longe do alcance dos nossos.

Levou comsigo a sua propria companhia, a do capitão Everwijn e 100 mosqueteiros sob o commando do capitão Coenardt Smidt; dirigindo-se da ilha de Antonio Vaz por Afogados, levou ainda dalli 40 mosqueteiros, que eram commandados por Malborgh, tenente do major Mellinck, e Daniel Vilayn, porta-insignia do capitão Mortimer. Partiu do acampamento no dia 21 de Outubro, marchou de Afogados toda a noite, e chegou de manhã cedo á mencionada aldeia, onde encontrou algumas casas, que incendiou; encontrou tambem um engenho excellente e um armazem cheio de assucar, o qual foi incendiado completamente, depois dos soldados retirarem o assucar. Nessa occasião, os nossos foram atacados pelo inimigo, que estava por alli, mas de longe.

Ao retirarem-se, como o inimigo se tornasse mais forte, os nossos eram continuamente obrigados a manter tiroteio com elle, durando isso bastante tempo, até que os nossos chegaram ao riacho, onde os soldados tinham que passar um atrás do outro sobre dous troncos de arvores que serviam de ponte.

Era ahi que estava o grande perigo, porque o inimigo, havendo sido avisado da nossa expedição, mandara 400 homens, os quaes obstruíram o caminho, por onde os nossos tinham que seguir, com arvores derrubadas, e se collocaram

em emboscada deante do riacho. Deixaram que a força transviada o atravessasse e mais cerca de 70 homens da companhia de Everwijn, que iam na vanguarda, e então surgiram e atacaram por todos os lados, com a intenção de aniquilal-os; mas aquelles se collocaram numa posição, onde se defenderam tão bem, que o inimigo se afastou delles e foi atacar de novo a tropa que vinha atrás, a qual estava occupada em atravessar o rio.

Como alguns mosqueteiros do capitão Smidt já houvessem atravessado e se tivessem collocado de emboscada, cahiram sobre o inimigo, que teve de retirar-se e entrar no matto, donde assaltaram a retaguarda do tenente-coronel, o qual os fez dansar.

A nossa gente, achando-se agora no outro lado do rio, reuniu-se numa collina, exceptuando alguns, aos quaes o inimigo cortara a retirada e aprisionara, antes de chegarem á ponte.

Ahi estava o inimigo novamente num alto monte, em certo engenho, deante do qual os nossos deviam passar, e mostrava-se muito furioso, fazendo grande barulho com dous tambores e trombetas, e deu algumas descargas contra os nossos, mas sem lhes fazer damno, porque tiraram vantagem de um pequeno bosque, situado ao pé do monte, tendo atrás um ponto bastante descoberto, onde o inimigo atirava fortemente. O tenente-coronel, para prevenir isso, mandou o porta-insignia Vilain, com os mosqueteiros, para expulsar o inimigo daquelle ponto, mas receberam immediatamente uma grande descarga de cima, morrendo uns cinco ou seis homens, de sorte que os outros se retiraram á tropa.

O tenente-coronel, vendo o mal que o inimigo causava naquella posição, resolveu immediatamente, com os outros officiaes, marchar direito contra o monte e desalojar dalli o inimigo, para o que mandou que os soldados tirassem do pescoço todos os saccos com assucar e outros despojos. Cumprida essa ordem, foram subindo com grande coragem, dando o inimigo nessa occasião uma descarga de cerca de 10 mosquetes e abandonando depois o engenho, no qual os nossos entraram immediatamente e se reuniram, marchando d'ahi em deante até Afogados, sem encontral-o mais.

Perderam 70 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros; mas desses appareceram depois alguns, e o governador Albuquerque enviou no dia 25 de Outubro 15 prisioneiros, que foram trocados por outros. Como o inimigo se portou, póde-se bem calcular, pela lucta palmo a palmo, e tambem estava prevenido, pois alguem o informava de todos os nossos movimentos.

Essa expedição parecerá talvez ter sido muito imprudente; mas deve tomar-se em consideração o bom zelo pelo serviço da patria.

As companhias de fuzileiros, que estavam em Itamaracá, foram até ao Engenho de Gonsalvo Novo, com a intenção de atacar de improviso a gente, que o inimigo collocara alli; mas foram descobertas muito cedo, e tiveram que voltar, ficando assim baldada a viagem.

Vamos agora descrever o que succedeu no mar, por essa época, em tal região.

O *commandeur* Smiendt, com os navios *Overijssel*, *Swol*, *Phenix* e *Canarie-Voghel*, estava de vigia em frente á Parahyba; foram-lhe despachados mais o *Pegasus* e o *Windt-hondt*.

Achando-se o *commandeur* com o *Pegasus* e o *Windt-hondt* abaixo da Parahyba e proximo da Bahia Formosa (onde se podem descarregar as mercadorias dos navios grandes em pequenos barcos e leval-as á Parahyba por dentro do recife, que se estende ahí ao longo da costa), avistou no dia 26 de Outubro depois das 12 horas, um barco, e, havendo feito signal para o *Windt-hondt*, fizeram-se juntamente á vela. Não havendo navegado muito tempo, viram cinco caravellas e dous navios de guerra, uma pinaça, com cerca de 26 canhões, e um flibote, com 18 canhões, sendo a capitania e a vice-almiranta dessa esquadilha, e o *Pegasus* chegou ao sul da barra de Mamanguape.

O yacht *Windt-hondt* só chegou á meia-noite aonde estava o *commandeur*; antes, deu alguns tiros, e fez signal com fogos, de sorte que lá foi ter o *Pegasus*.

No dia seguinte, ao raiar da aurora, viram ainda os dous barcos e foram para junto da Bahia Formosa perto das 10 horas, pois não puderam dobrar com os dous yachts a ponta de Pipa. A vice-almiranta, ou flibote, estava atrás do *Pegasus*, que lhe deu alguns tiros, aos quaes ella respondeu egualmente.

O *Windt-hondt* passou perto, a sotavento, e descarregou-lhe sete canhões, e a vice-almiranta respondeu-lhe com os seus nove e com cerca de 50 ou 60 mosquetes, que não produziram damno; ella, porém, ficou tão damnificada, que tiveram immediatamente de tocar a bomba.

O *Pegasus* navegou novamente entre ambos os navios inimigos, descarregando a sua artilharia, e voltou-se para o *Windt-hondt*; e, como o *Windt-hondt* quizesse passar novamente ao lado do flibote, este tomou o vento em popa, baixou o pavilhão na prôa e na popa, e navegou pela costa até ao canto sul da bahia. Veiu então o capitanea do inimigo, pretendendo passar em frente ao *Windt-hondt*; mas, vendo que não o conseguia, ficou atrás dos nossos dous yachts, e descarregou-lhes duas vezes as suas baterias; atirou tão depressa com os seus canhões, que, antes de descarregar os que estavam atrás, já atirava segunda vez com os da frente, mas pouco mal fez aos nossos. Depois disso, fundeou uma caravella perto da vice-almiranta, outra conseguiu passar pelo *Pegasus*, escapando para dentro de um riacho, desconhecido dos nossos até então, e a terceira passou pelo *Windt-hondt*, collocando-se na arrebentação entre o dito rio e a ponta de Pipa. Os nossos collocaram-se tão perto della quanto puderam, disparando-lhe alguns tiros, e, nada mais podendo fazer, collocaram-se á tarde no meio da bahia. O *commandeur*, vendo que os dous yachts não eram bastante fortes para tomar esses dous navios grandes, partiu em tempo no seu bote, para ir buscar os outros navios da esquadra.

Os dous yachts, fazendo-se á vela no dia seguinte, viram que o flibote navegava com a vela de mezena para a praia, encalhando-o alli. A' noite, os dous yachts, dirigindo-se para a Parahyba, avistaram os outros navios que o *commandeur* fôra buscar, a saber, o *Overijssel* e o *Swol*, cerca de legua e meia ao sul da Bahia Formosa, e, depois de falarem com elles, mantiveram-se de cá para lá, até que amanhecesse.

No dia seguinte, pela manhã, estavam em frente á bahia, e navegaram directamente para o inimigo. Ao ver os nossos, o capitanea do inimigo e a caravella

cortaram as amarras e navegaram até á arrebentação, onde ficaram encalhados, perdendo o capitanea o leme. Os nossos collocaram-se perto e atiraram com a artilharia; o inimigo tambem atirou sobre os nossos, mas não lhes fez mal algum. Entretanto, vendo que aquelles já estavam perdidos, e pouco mal se lhes poderia fazer mais, os nossos tomaram outro rumo; duas caravellas escaparam e chegaram ao Rio Grande.

No dia 28, chegou da Republica o yacht *Campen*, com 79 soldados, e o *Goree*, com 110.

No ultimo de Outubro, chegou o yacht *Windt-hondt*, depois de haver visitado o lugar, onde as duas caravellas mencionadas acima haviam navegado, em frente á Bahia Formosa, e viu que os navios do inimigo descarregaram e que o flibote tirara as vergas e mastaréis e que ambos estavam com os lados livres, mas dali a pouco fizeram-se em pedaços.

Os dous eram navios dunquerquezes, que pretendiam levar, juntamente com as caravellas, cerca de 500 ou 600 homens para alli, e voltaram juntos para a patria.

O inimigo fez um fortim na barra de Conhaú, e empreheendeu a construcção de um navio; falaremos sobre esse ponto mais tarde.

Chegaram : no dia 7, o *Gondt-Vinck*, mandado com 80 caixas de assucar tirado de um armazem em Porto Francez; no dia 8, o *Arara*, com 40 caixas de assucar; e no dia 9, toda a esquadra sahida a 11 de Outubro; capturaram ao todo 210 caixas.

O inimigo, nesse interim, tendo sabido que os seus navios haviam sido destruidos na Parahyba e ancioso de receber as munições que ficaram escondidas, mandou sete barcos ligeiros para trazel-as á Parahyba por dentro do recife.

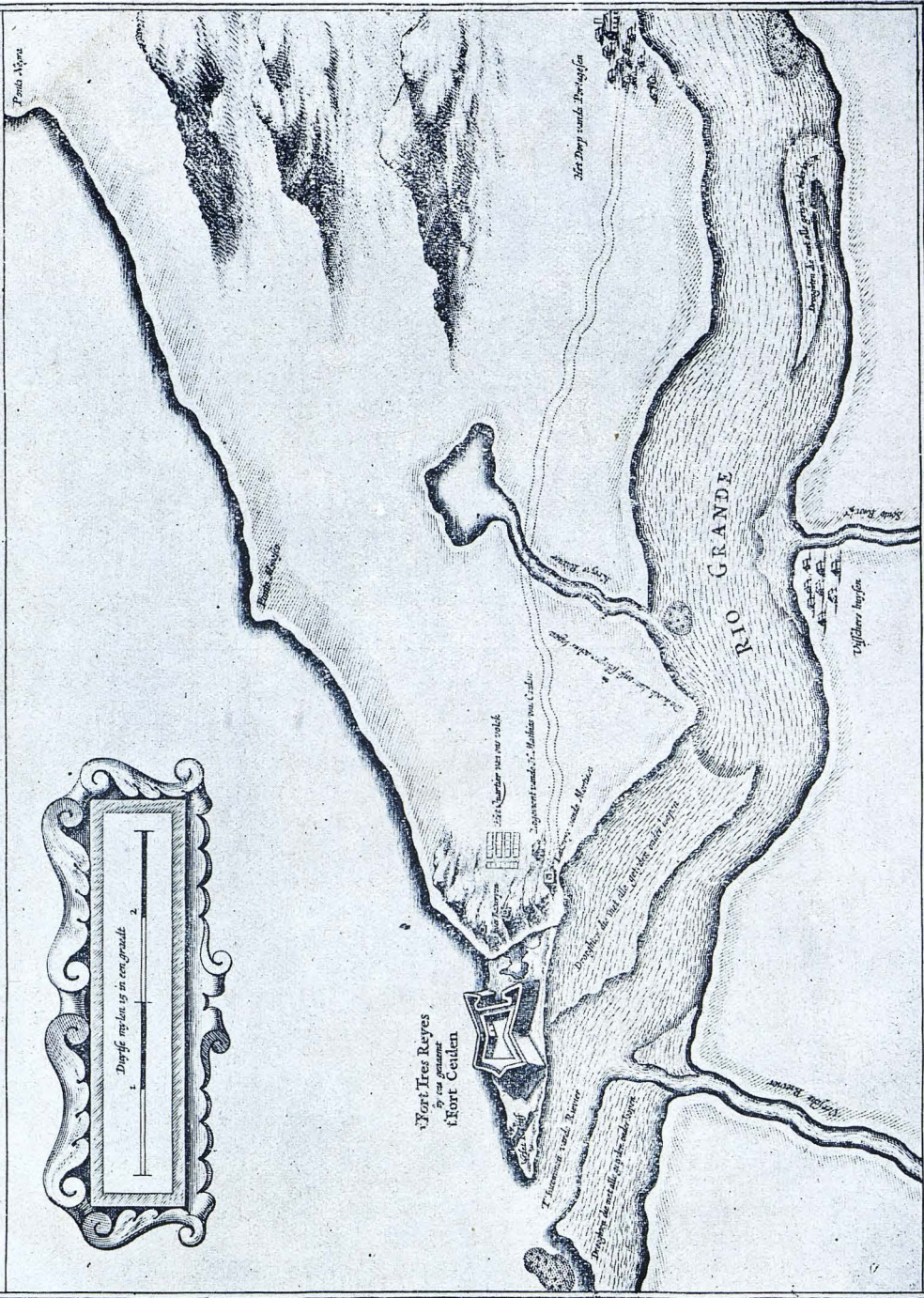
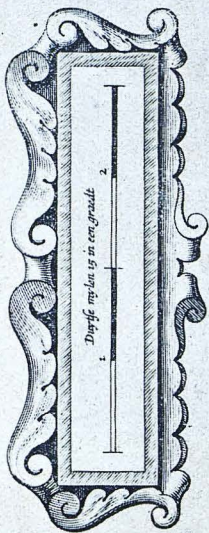
Os srs. delegados, uma vez avisados disso, expediam contra o inimigo, no dia 15 de Novembro, o *commandeur* Licht-hart, com as chaíupas *Ceulen* e *Spieringh*, levando, além da tripulação usual, 30 soldados cada uma.

O *commandeur* Licht-hart chegou no dia 17 em frente á Parahyba, junto á esquadra; tomou ainda dos navios alguns botes com gente, e entrou na bahia, navegando com os mesmos para a barra do rio de Conhaú, onde estavam os sete barcos acima mencionados, promptos para seguirem, em um dia ou dous, para a Parahyba, para o que lhes foram deixados 70 soldados, afim de comboial-os.

O *commandeur* Licht-hart, apesar disso, investiu tão corajosamente contra o inimigo, que este abandonou os barcos e fugiu para terra, através de um matto pantanoso, que fica sempre inundado na enchente. O *commandeur*, no yacht *Ceulen*, approximou-se da costa o mais possivel, e causou grande damno aos fugitivos com mosquetes e dous canhõesinhos de bronze (que tinha a bordo); aquelles estando atolados até aos joelhos no pantano, mal podiam escapar. Depois disso os nossos saquearam os barcos, tirando delles tudo que prestava e que puderam levar, e atearam-lhes fogo, destruindo muita munição e algumas peças.

O *commandeur*, depois de tudo incendiado e depois que a nossa gente obteve bom espolio, navegou para o mar e deu caça a uma caravella, a qual se escapou, por dentro do recife. Elle perseguiu-a até lá e tirou-a, mas já havia descarregado

AFBEELDINGHE VAN TFORT OP RIO GRANDE ENDE BELEGERINGHE.



em Maranguape, de sorte que acharam nella apenas uma pipa de vinho; foi tripulada, para cruzar contra o inimigo. E, tendo deixado Smiendt, com o seu barco, o *Tijger*, o *Pegasus* e o *Campen*, voltou no dia 22 de Novembro ao Recife, trazendo quatro prisioneiros.

No dia 25, á noite, foram collocadas quatro companhias de fuzileiros em emboscada, para apanhar alguns prisioneiros; mas o capitão Cloppenburgh aprisionou apenas um capitão, chamado Stevam Alves e mais dous soldados. No dia 26, chegou da Republica o *Wassende Maen*, com uma companhia de soldados, sob o commando do capitão Petri Jacobus.

Convem dizer aqui, para não deixarmos de lado os feitos dos nossos navios, que o yacht *Vos* trouxe no dia 6 de Outubro uma presa, carregada com pannos em fardo, na maior parte tecidos simples de linho e outros estofos.

No dia 1º de Dezembro, entrou no porto o *Wappen van Hoorn* com 140 caixas de assucar, que capturara numa barca vinda de Alagoas. Os srs. delegados, nessa época, começaram a povoar a ilha de Itamaracá, collocando nella dous francezes, mandados da Republica para se estabelecerem na ilha de Fernando de Noronha, e um soldado casado com uma natural do paiz, e especialmente o indio Mossocara, chefe da aldeia Tabusseram, situada na costa septentrional, o qual viera ter com os nossos, junto com 20 ou mais dos seus subditos; e, para defender esses habitantes contra o inimigo, montou-se um reducto na extremidade norte, o qual foi occupado por 21 homens.

Depois disso, como agora viessem varios navios, trazendo soldados e outras cousas necessarias, assim como o pequeno yacht *Bonte Kraye*, com a noticia de que vinham ainda varios navios, os srs. delegados, para não perder tempo, resolveram emprender a expedição ao Rio Grande, que em varias cartas da Republica diziam ser imprescindivel. Para essa expedição, foram mandados os seguintes navios e yachts: *Overijssel*, como almiranta; *Ter-Veer*, como vice-almiranta; *Vleer-muys*, como sota-almiranta; o *Campen*; o yacht *Pernambuco*, *Naerden*, *Pegasus*, *Leeuwerck*, *Spieringh*, *de Vos*, *Ceulen*; e as seguintes companhias dos srs. delegados, com 100 homens; a do tenente-coronel Bijma, forte de 118 homens; a do major Cloppenburgh, com 100 homens; a do major de Vries, com 80 homens; a do capitão Fredrick Maulpas, forte de 90 homens; a do capitão Taillor, com 100 homens; a do capitão Garstman, com 120 homens; a do capitão Hendrick Fredrick, chamado Monsveldt, com 100 homens. Contava ao todo 808 homens, e, além disso, ia provida de todas as espécies de aprestos e de viveres para 9 semanas, tanto para os marinheiros como para os soldados.

Com essa esquadra e tropas, o sr. director delegado Mathias van Ceulen, bem como o tenente-coronel Bijma, o conselheiro politico Servaes Carpentier e o *commandeur* da costa do Brasil, Jan Cornelisz. Licht-hart, fizeram-se á vela do porto de Pernambuco, no dia 5 de Dezembro, á tarde, levando, além dos referidos navios, tres hotes grandes á vela e a chalupa *Duysent-been*. Encontraram no dia 7, nas proximidades de Mamanguape, o *commandeur* Smient com o *Tijgher*; como esse *commandeur* era muito conhecedor da costa norte do Brasil, levaram-no consigo, e mandaram o *Tijgher* a Mamanguape, para ver o que havia lá dentro. Tendo agora quasi chegado ao seu destino, deliberou-se onde seria melhor

desembarcar a tropa, porque não acharam prudente passar pelo forte, ao forçar a barra com os navios tão cheios de gente, e julgaram mais conveniente desembarcar em Ponto - Negro. Mas, como dalli era muito longe do forte, para se transportarem todas as especies de artigos bellicos e viveres, foi resolvido unanimemente que o *commandeur* Licht-hart, como o *Overijssel*, *Ter-Veer*, de *Vleermuys*, *Campen*, *Pernambuco*, *Leeuwerck*, *Spieringh*, e *Ceulen*, entrasse no rio até acima do forte; e Smient, com o *Vos*, *Naerden* e o seu bote, ficasse fóra, para impedir que o inimigo soccorresse o forte ao longo da costa, com barcas, ou de qualquer outra firma.

Havia ainda uma difficuldade, a saber: que os navios que tiveram ordem de entrar, levaram mais soldados do que podiam desembarcar depressa, porque de Ponto Negro havia ainda duas leguas de navegação até ao rio, e a preamar era ás 10 e $\frac{1}{2}$ da manhã, ao que deviam attender, quando investissem a barra; mas o *Windt-hondt*, vindo ter inesperadamente com elles, fez desaparecer essa difficuldade, e collocaram tanta gente naquella yacht que tinha de ficar fóra, que o resto podia ser transportado numa viagem só. Logo que todos os navios estivessem dentro, os que levavam a companhia do major de Vries deviam ir desembarcal-a ao lado norte do rio, para tomar ao inimigo um riacho de agua doce, que sabiam existir alli e onde os do forte tiravam a agua.

O tenente-coronel Bijma, que commandava as tropas, estabeleceu a ordem em relação ás forças e determinou a fórma em que deviam marchar. No dia seguinte, pela manhã, avistaram Ponto Negro e tomaram o rumo para lá, e, perto das sete horas, depois de feitas as orações, o sr. van Ceulen, o tenente-coronel e o conselheiro politico Carpentier embarcaram-se na chalupa *Duysent-been*, e os navios, que tinham de entrar, passaram as forças para os pequenos transportes. O *commandeur* Licht-hart investiu a barra do Rio Grande, com um vento fresco de léste. Ao avistarem os navios, os do forte começaram a atirar; os nossos, entretanto, avançando e chegando ao alcance do forte, fizeram-lhe um fogo nutrido, não lhe dando tempo de descarregar os canhões tanto quanto desejava.

Abaixo do forte estavam duas caravellas, cujos tripulantes, vendo os nossos entrar tão resolutamente, fugiram, pelo que o *commandeur* Licht-hart mandou immediatamente o *Spieringh* e o *Ceulen* abordal-as e trazel-as; e esses vasos executaram tão depressa a ordem, que as caravellas foram levadas para dentro do rio ao mesmo tempo que os nossos navios. O *commandeur* fôra tambem encarregado de desembarcar a companhia, que estava em seus navios, no ponto mais conveniente do lado do norte; mas, achando-se agora dentro e vendo a situação, achou ser aquillo desnecessario, pois era possivel, com os botes, impedir o inimigo de ir buscar agua. Achou, portanto, mais conveniente desembarcar no lado do sul; mas, como era apenas uma companhia, elle fez armar cerca de 150 marinheiros com mosquetes e arma branca; desembarcando com essa gente, marchou direito para o forte, afim de tomar ao inimigo um poço de agua, existente sob a duna situada em frente daquelle, e impedir que lá entrasse mais pessoa alguma; e postou-se junto ao poço.

Nesse interim, a outra força, desembarcada pelas 11 horas na enseada

atrás do lado norte de Ponto Negro, viu, antes de começar a desembarcar, dous ou tres portuguezes a cavallo, com alguns negros, os quaes immediatamente desapareceram, e depois não viram mais pessoa alguma.

Parece, todavia, que o inimigo receara que os nossos mais cedo ou mais tarde fossem alli, pois tinha montado uma trincheira ao longo de toda a enseada, na qual se havia de desembarcar; e, como a praia é cercada por uma terra elevada de cerca de dous piques de altura, ingreme para escalar-se e ascendendo dalli para os montes mais altos, e a trincheira estava na primeira elevação do terreno, o inimigo, collocando-se alli, poderia causar grande obstaculo ao desembarque dos nossos.

Estando todos desembarcados, avançaram na seguinte ordem: a companhia do tenente-coronel e a do capitão Maulpas iam na vanguarda; as dos srs. delegados e a do capitão Gartsman, no centro; e a do major Cloppenburgh e Taillor, na retaguarda. Mantiveram-se á distancia de dous tiros de mosquete da praia; depois, como o caminho se tornasse estreito e impraticavel na enchente da maré, marcharam mais para o interior, e seguiram por uma estrada onde havia trincheiras. Chegando a uma altura, viram uma véla que vinha do mar e se dirigia para os nossos navios, e calcularam ser o *Pegasus*, com a companhia de Mansveldt, que tinha de vir de Itamaracá, afim de reunir-se á esquadra; mas não esperaram por ella, e marcharam para deante. Era um dia muito quente, o caminho muito fatigante, passando-se por altas dunas de areia e seguindo-se a maior parte por uma planicie, a qual, por ser cercada daquellas, não permittia o refrigerio da brisa. Durante as duas horas de marcha, não encontraram agua dôce, de sorte que alguns, devido á marcha forçada, estavam tão extenuados, que tinham de esperar pela retaguarda; chegaram assim, sem encontrar pessoa alguma, até quasi á pequena cidade. Nesse ponto, havia uma casa numa collina, donde o inimigo, por sua desgraça, deu alguns tiros, pois de outra fórma os nossos seguiriam direito para o forte, sem ir alli; foi mandado, portanto, um sargento, com 20 ou 30 homens, que o expulsaram de lá, e conseguiram bom espolio, o qual, se não fosse atacado, poderia ter sido levado pelo inimigo.

Pelas tres horas da tarde, chegaram á villa chamada Natal, onde o tenente-coronel deixou uma parte da tropa e marchou com o resto para o forte, o qual estava ainda a uma hora de marcha; e seguiram até verem a nossa gente junto á duna perto do forte, e, havendo-a reconhecido, acamparam juntamente por detrás daquella e mandou-se chamar a força que ficara na villa, a qual chegou ao acampamento ao pôr do sol. Nesse interim, o tenente-coronel foi fazer uma exploração do forte e do campo circumvizinho; o acampamento estava á distancia de tiro de arcabuz do forte, mas defendido contra o mesmo pela duna. O inimigo atirou continuamente com canhão e mosquetes, e os nossos responderam-lhe de detrás da collina, com mosquetes; á tarde, o sr. van Ceulen foi ao *Overijssel*. O inimigo deu alguns tiros contra os navios, e do *Overijssel* fizeram alguns disparos, atravessando as casas do forte; o inimigo atirou uma bala, que bateu no castello de popa daquelle navio e num balde de

agua, levantando e atirando estilhaços, que foram lançados sobre o rosto do sr. van Ceulen e de alguns officiaes de marinha, que estavam perto delle, mas sem causar-lhes damno.

Nessa mesma tarde, deram ordem para pôr em terra os morteiros, granadas e bombas, com outras munições de guerra, pois queriam utilizar-se dellas pela manhã. A' noite, avançaram bastante com approxes para o forte, de sorte que no dia seguinte atiraram violentamente com mosquetes contra o inimigo, e este lhes respondeu igualmente com canhão. Os nossos trouxeram duas colubrinhas de bronze para terra, atirando cinco e seis libras de ferro, e deram alguns tiros com ellas da praia contra o forte, sem construir bateria. Já havia oportunidade para os morteiros, de sorte que nesse dia mesmo foram lançadas seis granadas, mas nenhuma cahiu dentro do forte; e, como a duna tinha pouco mais ou menos a altura do forte, mandaram fazer uma bateria sobre a mesma, e, para trabalharem nella mais depressa, desembarcaram á tarde 60 marinheiros. No dia seguinte, o inimigo atirou, ainda mais fortemente, com canhão e mosquetes. Os nossos não tinham trazido canhão, a não ser os que existiam nos navios, mas felizmente foram encontrados nas duas caravellas não sómente dous bons de bronze, atirando 18 libras de ferro, mas também as suas carretas, de sorte que immediatamente se arranjou meio de desembarcal-os e montal-os em uma bateria, proximo aos morteiros; depois do meio-dia, foram atiradas quatro granadas, mas apenas uma cahiu dentro do forte.

A' tarde, foram mandados para sua terra, com alguns presentes, os emissarios dos tapuias, que já estavam a tempo com os nossos, para communicar a sua chegada e convidar os selvagens a vir ter com elles, afim de se juntarem ás forças e expulsarem do paiz os portuguezes.

A' noite, trabalhou-se com ardor nas tres baterias, preparando os gabiões, os quaes ficaram levantados e cheios de terra; foram depois trazidos os canhões, de sorte que pela manhã estavam na maior parte promptas as baterias.

No dia seguinte, fizeram intimação ao forte por um tambor; mas o governador Pedro Mendes de Gouveia respondeu cortezmente — que recêbera o forte do rei seu senhor, e mil vezes preferiria morrer do que entregal-o a outrem.

Depois de meio-dia, começaram os nossos a disparar os canhões das tres baterias, e os artilheiros foram tão activos e certos, que, após tres horas de canhoneio, algumas setteiras do forte ficaram tão arrebetadas, que os seus canhões se achavam descobertos e outros completamente desmontados.

Pararam então um pouco com os tiros, mas ás quatro horas recommçaram a atirar tão a miudo que os parapeitos de dous baluartes principaes estavam em ruinas e a guarnição ficava exposta. De quatro granadas, uma cahiu no meio do forte e viram-se-lhe as pedras e estilhaços subir ao ar; ao escurecer, pararam com o canhoneio. O inimigo, nesse interim, não deu um tiro de canhão e apenas poucos de mosquetes.

A' noite, foram ainda conduzidos para terra dous canhões, atirando 12 libras de ferro, com os seus pertences, para serem collocados noutra duna,

